

PROJETO PEDAGÓGICO DE

CIÊNCIAS BIOLÓGICAS LICENCIATURA



Ciências
BIOLÓGICAS
UNIFAP
LICENCIATURA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
COORDENAÇÃO DO CURSO LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
CAMPUS MARCO ZERO DO EQUADOR**

PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

**MACAPÁ-AP
2024**



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
COORDENAÇÃO DO CURSO LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
CAMPUS MARCO ZERO DO EQUADOR**

CORPO ADMINISTRATIVO

Reitor

Prof. Dr. Júlio César Sá de Oliveira

Vice-Reitora

Profa. Dra. Ana Cristina de Paula Maués Soares

Pró-Reitor de Ensino de Graduação (PROGRAD)

Prof. Dr. Cristiano Ricardo dos Santos

Pró-Reitor de Ensino de Pesquisa e Pós-Graduação (PROPESPG)

Prof. Dr. Carlos Eduardo Costa de Campos

Pró-Reitor de Extensão e Ações Comunitárias (PROEAC)

Prof. Dr. Robert Ronald Maguina Zamora

Pró-Reitora de Gestão de Pessoas (PROGEP)

Emanuelle Silva Barbosa

Pró-Reitora de Planejamento (PROPLAN)

Profa. Dra. Simone de Almeida Delphim Leal

Coordenadoria de Ensino e Graduação (COEG)

Me. Huana da Silva Furtado

Diretora do Departamento de Ciências Biológicas e da Saúde (DCBS)

Me. Sandra Mota Rodrigues

Coordenador do Curso de Ciências Biológicas-Licenciatura

Prof. Esp. Francisco Diego Barros Barata

**MACAPÁ-AP
2024**



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
COORDENAÇÃO DO CURSO LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
CAMPUS MARCO ZERO DO EQUADOR**

COMISSÃO DE ELABORAÇÃO DO PROJETO

Dra. Artemis do Socorro Nascimento Rodrigues

Dra. Andréa Soares de Araújo

Dr. Carlos Eduardo Costa de Campos

Dr. Cleydson Breno Rodrigues dos Santos

Dra. Ledayane Mayana Costa Barbosa

Me. Dayse Maria da Cunha Sá

Esp. Francisco Diego Barros Barata

**MACAPÁ-AP
2024**



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
COORDENAÇÃO DO CURSO LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
CAMPUS MARCO ZERO DO EQUADOR**

INTEGRANTES DO COLEGIADO

Dr. Alexandre Souto Santiago
Dra. Andréa Soares de Araújo
Dra. Artemis do Socorro Nascimento Rodrigues
Dr. Carlos Eduardo Costa de Campos
Dr. Cleydson Breno Rodrigues dos Santos
Me. Dayse Maria da Cunha Sá
Me. Eliane Furtado da Silva
Esp. Francisco Diego Barros Barata
Dra. Elizabeth Viana Moraes da Costa
Dr. Fernando Henrique Garcia
Dr. Júlio César Sá de Oliveira
Dra. Ledayane Mayana Costa Barbosa
Dra. Raphaelle Sousa Borges
Me. Rafael Espíndola do Nascimento
Dr. Raimundo Nonato Picanço Souto
Dr. Tiago Gabriel Correia
Dra. Wegliane Campelo da Silva Aparício

NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE – NDE

Esp. Francisco Diego Barros Barata – Presidente
Dra. Andréa Soares de Araújo – Membro
Dr. Carlos Eduardo Costa de Campos – Membro
Dra. Ledayane Mayana Costa Barbosa – Membro
Me. Dayse Maria da Cunha Sá – Membro

SUMÁRIO

I.	APRESENTAÇÃO.....	1
II.	FUNDAMENTOS LEGAIS DO PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO	2
III.	ELEMENTOS DO PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO	6
1.	PERFIL INSTITUCIONAL	6
2.	JUSTIFICATIVA.....	11
3.	CONTEXTUALIDADE DO CURSO/DADOS DO CURSO	12
4.	ORGANIZAÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA DO CURSO	13
4.1.	OBJETIVO DO CURSO	13
4.1.1	GERAL	13
4.1.2.	ESPECÍFICOS	14
4.2.	PERFIL PROFISSIONAL DO EGRESSO	14
4.3.	COMPETÊNCIAS E HABILIDADES	15
4.4.	FORMA DE ACESSO AO CURSO	16
4.5.	REGIME ACADÊMICO	16
4.6.	ESTRUTURA CURRICULAR/ ORGANIZAÇÃO CURRICULAR.....	17
4.7.	MATRIZ POR NÚCLEO	17
4.7.1.	NÚCLEO I - ESTUDOS DE FORMAÇÃO GERAL - EFG:.....	17
4.7.2.	NÚCLEO II - APRENDIZAGEM E APROFUNDAMENTO DOS CONTEÚDOS ESPECÍFICOS - AACE	18
4.7.3.	TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - TCC	19
4.7.4.	NÚCLEO III - ATIVIDADES ACADÊMICAS DE EXTENSÃO - AAE.....	20
4.7.5.	NÚCLEO IV - ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO - ECS	21
4.7.6.	COMPONENTES OPTATIVOS.....	22
4.8.	MATRIZ CURRICULAR SEMESTRALIZADA	24
4.9.	FLUXOGRAMA DO CURSO (MATRIZ CURRICULAR)	27
4.10.	CONTEÚDOS CURRICULARES/EMENTAS.....	29
4.11.	METODOLOGIA DE ENSINO	29
4.12.	ESTÁGIO SUPERVISIONADO	30
4.13.	ATIVIDADES COMPLEMENTARES	31
4.14.	TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO	32
4.15.	PRÁTICA PEDAGÓGICA	33
4.16.	TEMAS TRANSVERSAIS	33
4.17.	EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E PARA O ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA	34
4.18.	EDUCAÇÃO AMBIENTAL.....	34
4.19.	EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS.....	34

4.20.	TECNOLOGIAS DIGITAIS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TDICS).....	35
4.21.	ATENDIMENTO/APOIO AO DISCENTE	36
4.21.1.	APOIO ACADÊMICO AO DISCENTE	36
4.21.2.	ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL.....	37
4.21.3.	AVALIAÇÃO DO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM.....	38
5.	SISTEMA DE AVALIAÇÃO	39
5.1.	DO PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO	39
5.2.	AUTOAVALIAÇÃO DO CURSO.....	40
5.3.	AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL.....	40
5.4.	EXAME NACIONAL DO ENSINO SUPERIOR (ENADE).....	41
5.5.	AÇÕES DECORRENTES DA AUTOAVALIAÇÃO DO CURSO	42
6.	CORPO DOCENTE E ADMINISTRATIVO.....	43
6.1.	NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE (NDE)	43
6.1.1.	COMPOSIÇÃO DO NDE.....	44
6.2.	COORDENAÇÃO DO CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS – LICENCIATURA	44
6.3.	COLEGIADO DO CURSO / CORPO DOCENTE	44
6.3.1.	FUNCIONAMENTO DO COLEGIADO DO CURSO	44
6.4.	COMPOSIÇÃO DO COLEGIADO DO CURSO: DOCENTES EFETIVOS	45
6.5.	COMPOSIÇÃO DO COLEGIADO DO CURSO: DOCENTES SUBSTITUTOS	47
6.6.	CORPO TÉCNICO DE LABORATÓRIO	47
7.	POLÍTICA DE EXTENSÃO E PESQUISA	48
7.1.	POLÍTICA DE EXTENSÃO	48
7.2.	POLÍTICA DE PESQUISA	49
8.	POLÍTICA DE INCLUSÃO	51
9.	INFRAESTRUTURA.....	52
9.1.	INSTALAÇÕES DE ACESSO ÀS PESSOAS COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS	52
9.2.	INFRAESTRUTURA DE SEGURANÇA	52
9.3.	MANUTENÇÃO E CONSERVAÇÃO DAS INSTALAÇÕES FÍSICAS	53
9.4.	MANUTENÇÃO E CONSERVAÇÃO DE EQUIPAMENTOS	53
9.5.	SALA DA COORDENAÇÃO E PROFESSORES	53
9.6.	SALAS DE AULA.....	54
9.7.	LABORATÓRIOS.....	54
10.	MEDIDAS PARA CONSOLIDAÇÃO DO PROJETO PEDAGÓGICO	65
10.1.	DOS RECURSOS HUMANOS.....	65
10.2.	DOS RECURSOS FÍSICOS E MATERIAIS	65
10.3.	DAS ATIVIDADES	65

11. O CURSO E SUA RELAÇÃO COM AS DEMANDAS REGIONAIS E O PROGRAMA DE INTERIORIZAÇÃO.....	66
12. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	66
13. REFERÊNCIAS.....	68
APÊNDICES	72
APÊNDICE I – REGIMENTO INTERNO DO CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS.....	73
APÊNDICE II – EMENTAS DAS DISCIPLINAS	78
APÊNDICE III – EMENTA DAS DISCIPLINAS OPTATIVAS.....	106
APÊNDICE IV – REGULAMENTO DO ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO	115
APÊNDICE V – REGULAMENTO DAS ATIVIDADES COMPLEMENTARES	154
APÊNDICE VI – REGULAMENTO DA ATIVIDADE ACADÊMICA DE EXTENSÃO	159
APÊNDICE VII – REGULAMENTO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO.....	180
APÊNDICE VIII – DIRETRIZES DE MONITORIA DO CURSO LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS.....	189
APÊNDICE IX - SISTEMA DE AUTOAVALIAÇÃO DO CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS LICENCIATURA- QUESTIONÁRIOS	198
APÊNDICE X – REGIMENTO INTERNO DO NDE.....	200
APÊNDICE XI – ATIVIDADES DE EXTENSÃO	203
APÊNDICE XII – ATIVIDADES DE PESQUISA	204
APÊNDICE XIII – LABORATÓRIOS DO CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS.....	205
APÊNDICE XIV – NORMAS DE SEGURANÇA DOS LABORATÓRIOS DO CURSO LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS.....	208

I. APRESENTAÇÃO

O Colegiado do Curso Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal do Amapá, para orientar as atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão do citado curso, elaborou esta nova versão de Projeto Pedagógico do Curso (PPC). A qual almeja permitir da forma mais abrangente possível os três pilares básicos das atividades de qualquer universidade brasileira, o ensino, a pesquisa e a extensão universitária, possibilitando assim, que ocorra um diálogo multilateral entre a UNIFAP e a Sociedade Amapaense.

O documento que ora é apresentado para direcionar as atividades do Curso Licenciatura em Ciências Biológicas foi fundamentado em pesquisa e discussão dos vários temas pertinentes ao mesmo, entre os membros do Núcleo Docente Estruturante-NDE e Colegiado do Curso. Para assim, de forma ampla e irrestrita, alcançar a todos os que integram o referido Curso de Graduação.

Assim, os objetivos foram definidos com base nos problemas vivenciados e na necessidade de se encaminhar, de forma prática e racional, os procedimentos e as posturas acadêmicas. Tal planejamento visa atender as expectativas do corpo docente, técnico e discente do Curso Licenciatura em Ciências Biológicas da UNIFAP, da comunidade acadêmica, além de toda a sociedade.

O Curso Licenciatura em Ciências Biológicas visa a formação de profissionais capazes de atuar principalmente na área de educação, como professores de Ciências, no ensino fundamental e de Biologia, no ensino médio, para os quais recebem uma formação acadêmica, pedagógica e prática específica. Também estarão habilitados a atuarem em outros setores da Biologia, para a elaboração de estudos, projetos ou pesquisas científicas básicas e aplicadas.

O currículo de formação do Licenciado em Ciências Biológicas da UNIFAP qualifica-o para o trabalho em instituições educativas, escolares e não-escolares, tanto no âmbito do ensino, como professor da educação básica, quanto em outras dimensões do trabalho educacional. Faz parte dessa formação profissional a experiência investigativa, bem como de reflexão acerca de aspectos políticos e culturais da ação educativa.

Sendo assim, os que compõem o Curso Licenciatura em Ciências Biológicas estão conscientes de que integram, juntamente com toda a sociedade, um coletivo que afirma a importância da ética, da capacidade de reflexão e de atuar frente aos inúmeros problemas socioambientais existentes. Isto vem reforçar a compreensão da Universidade, enquanto instituição formadora de mentes críticas e pensantes, de fomentar transformações e assumir responsabilidades na sociedade.

II. FUNDAMENTOS LEGAIS DO PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO

O Projeto Pedagógico a ser apresentado foi construído em consonância com as seguintes normativas:

- **Constituição Federal de 1988;**
- **Decreto nº 4.281/2002, de 25 de junho de 2002**, regulamenta a Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999, que institui a Política Nacional de Educação Ambiental, e dá outras providências;
- **DECRETO Nº 9.235, de 15 de dezembro de 2017** (Dispõe sobre o exercício das funções de regulação, supervisão e avaliação das instituições de educação superior e dos cursos superiores de graduação e de pós-graduação no sistema federal de ensino);
- **Decreto nº. 5.626/2005, 22 de dezembro de 2005**, que regulamenta a Lei nº 10.436 que dispõe sobre Língua Brasileira de Sinais – Libras;
- **Instrumentos de Avaliação dos Cursos de Graduação (presencial e a distância)**, definidos pelo Inep/MEC, disponíveis em <http://portal.inep.gov.br> com atualização em <http://inep.gov.br/instrumentos>;
- **Lei nº 10.639/03, de 09 de janeiro de 2003** que torna obrigatório o estudo da História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena.
- **Lei nº 10.639/03**, que torna obrigatório o estudo da História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena;
- **Lei nº 13.146/2015**, que institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência;
- **Lei nº 9.795/1999, de 27 de março de 1999**, dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências;
- **Lei no 10.861, de 14 de abril de 2004**, que institui o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior – SINAES e dá outras providências;
- **Lei nº. 11.645/2008**, que torna obrigatório o estudo da História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena;
- **Lei nº. 13.005, de 25 de junho de 2014**, que aprova o Plano Nacional de Educação PNE 2014 – 2024;
- **Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996** – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB/1996;
- **Lei nº. 9.795/1999 e o Decreto nº. 4.281/2002**, que instituem a Política Nacional de Educação Ambiental;
- **Parecer CNE/CP nº4/2024, de 12 de março de 2024**, que dispõe sobre Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial em Nível Superior de Profissional do

Magistério da Educação Escolar Básica (cursos de licenciatura, de formação pedagógica para graduados não licenciados e de segunda licenciatura);

- **Parecer N. CNE/CES 1.301/2001-** Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Ciências Biológicas;
- **Portaria MEC nº 40, de 12 de dezembro de 2007**, consolidada em 29 de dezembro de 2010, que institui o e-MEC, sistema eletrônico de fluxo de trabalho e gerenciamento de informações relativas aos processos de regulação, avaliação e supervisão da educação superior no sistema federal de educação, e o Cadastro e-MEC de Instituições e Cursos Superiores e consolida disposições sobre indicadores de qualidade, banco de avaliadores (Basis) e o Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (ENADE) e outras disposições;
- **Portaria nº 257, de 28 de junho de 2024 MEC/INEP** dispõe sobre a Matriz de Referência do componente de Formação Geral Docente, no âmbito do Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (Enade), a partir da edição 2024;
- **Portaria nº 610, de 27 de junho de 2024** institui o Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes para os cursos de licenciatura - Enade das Licenciaturas, altera a Portaria Normativa nº 840, de 24 de agosto de 2018, que dispõe sobre os procedimentos de competência do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - Inep referentes à avaliação de Instituições de Educação Superior, de cursos de graduação e de desempenho acadêmico de estudantes, e institui o novo ciclo avaliativo do Enade.
- **Portaria nº 611, de 27 de junho de 2024 MEC/INEP** dispõe sobre o Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes - Enade 2024;
- **Portaria Normativa nº 23, de 1º de dezembro de 2010**, que altera dispositivos da Portaria Normativa nº 40, de 12 de dezembro de 2007;
- **Portaria Normativa nº 23, de 21 de dezembro de 2017**, que dispõe sobre o fluxo dos processos de credenciamento e reconhecimentos de instituições de educação superior e de autorização, reconhecimento e renovação de reconhecimento de cursos superiores, bem como seus aditamentos.
- **Portaria nº 315, de 04 de abril de 2018**, que dispõe sobre os procedimentos de supervisão e monitoramento de instituições de educação superior integrantes do sistema federal de ensino e de cursos superiores de graduação e de pós-graduação lato sensu, nas modalidades presencial e a distância

- **PORTARIA NORMATIVA Nº 742, de 02 de agosto de 2018** (Altera a Portaria Normativa nº 23, de 21 de dezembro de 2017, que dispõe sobre os fluxos dos processos de credenciamento e recredenciamento de instituições de educação superior e de autorização, reconhecimento e renovação de reconhecimento de cursos superiores, bem como seus aditamentos);
- **Referenciais Curriculares Amapaenses (RCA): Ensino Infantil e Ensino Fundamental 2020;**
- **Referenciais Curriculares Amapaenses (RCA): Ensino Médio 2020.**
- **Referenciais Curriculares Nacionais dos Cursos de Bacharelado e Licenciatura / Secretaria de Educação Superior – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Superior, 2010;**
- **Relatórios do Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (ENADE) e de Avaliação dos Cursos de Graduação;**
- **Resolução CFBio 213/2010, de 24 de março de 2010**, (publicada no Diário Oficial da União de 24/03/2010, Seção 1, p. 100), que “Estabelece os requisitos mínimos para o Biólogo atuar em pesquisa, projetos, análises, perícias, fiscalização, emissão de laudos, pareceres e outros serviços nas áreas de meio ambiente, saúde e biotecnologia e dispõe sobre a carga horária e composição da matriz curricular”;
- **Resolução CNE/CEB nº 4, de 13 de julho de 2010**, que define as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica;
- **Resolução CNE/CES nº 7, de 11 de março de 2002**, Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Ciências Biológicas;
- **Resolução CNE/CES nº 03, de 02 de julho de 2007**, que dispõe sobre procedimentos a serem adotados quanto ao conceito de hora-aula e dá outras providências;
- **Resolução CNE/CES Nº 7, de 18 de dezembro de 2018**, que estabelece as diretrizes para a Extensão da Educação Superior;
- **Resolução CNE/CP nº 1, de 17 de junho de 2004**, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana;
- **Resolução CNE/CP nº. 1, de 30 de maio de 2012**, que institui as Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos, conforme o disposto no Parecer CNE/CP nº. 8, de 6 de março de 2012;
- **Resolução CNE/CP nº. 4, de 29 de maio de 2024**, que dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial em Nível Superior de Profissionais do

Magistério da Educação Escolar Básica (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados não licenciados e cursos de segunda licenciatura);

- **Resolução CONAES nº 1, de 17 de junho de 2010**, que normatiza o Núcleo Docente Estruturante e dá outras providências;
- **Resolução nº 2, de 15 de junho de 2012** que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental;

Resoluções internas

- **Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI/UNIFAP 2020-2026;**
- **Portaria Normativa nº. 001/2016 – PROGRAD/UNIFAP** que normatiza os créditos curriculares e o alinhamento de disciplinas comuns por meio dos procedimentos de revisão dos Projetos Pedagógicos dos Cursos de Graduação e suas respectivas matrizes curriculares, no âmbito da UNIFAP.
- **Portaria Normativa nº. 01/2017 – PROGRAD/UNIFAP** que dispõe sobre a reformulação e atualização trienal de PPC no âmbito da UNIFAP;
- **Resolução 014/2009 – CONSU/UNIFAP** que dispõe sobre a inclusão de LIBRAS, como disciplina curricular obrigatória nos cursos de graduação da UNIFAP;
- **Resolução nº 09/2002 CONSU/UNIFAP -REGIMENTO GERAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ;**
- **Resolução nº. 02/2010 – CONSU/UNIFAP** que regulamenta o Estágio Supervisionado no âmbito da UNIFAP;
- **Resolução nº. 020/2018 – CONSU/UNIFAP** que regulamenta o Núcleo Docente Estruturante no âmbito da UNIFAP.
- **Resolução nº. 024/2008 – CONSU/UNIFAP** que dispõe sobre as diretrizes das Atividades Complementares nos cursos de graduação;
- **Resolução nº. 026/2011 – CONSU/UNIFAP** que regulamenta a nova Sistemática de Avaliação da Aprendizagem no âmbito da UNIFAP;
- **Resolução nº. 032/2008 – CONSU/UNIFAP** que regulamenta o Regimento Interno do Comitê de Ética em Pesquisa da UNIFAP;
- **Resolução nº. 036/2013 – CONSU/UNIFAP** que regulamenta o Regimento Interno do Comitê de Ética em Pesquisa de Seres Humanos na UNIFAP;

- **Resolução nº. 08/2010 – CONSU/UNIFAP** que regulamenta a Prática Pedagógica como componente curricular obrigatório nos cursos de Licenciatura da UNIFAP;
- **Resolução nº. 11/2008 – CONSU/UNIFAP** que estabelece as diretrizes para o Trabalho de Conclusão de Curso em nível de Graduação.

III. ELEMENTOS DO PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO

1. PERFIL INSTITUCIONAL

1.1. Histórico

A Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) foi criada por meio do Decreto nº. 98.977, de 2 de março de 1990, publicado no Diário Oficial da União nº 43, de 5 de março de 1990, nos termos da Lei nº 7.530, de 29 de agosto de 1986, que autoriza o Poder Executivo a instituí-la, tendo seu estatuto aprovado pela Portaria Ministerial nº 868/90, conforme o Parecer nº 649/90-SESU, aprovado em 9 de agosto de 1990 e publicado no Documento MRC nº 35, tornando uma entidade pública destinada à promoção do ensino, pesquisa e extensão, dotada de autonomia didático- científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, em consonância com a legislação vigente.

A Universidade Federal do Amapá funciona no Campus Marco Zero do Equador, Rodovia Josmar Chaves Pinto, km 2, bairro Jardim Marco Zero, na Cidade de Macapá-AP e está localizada numa área de 906.722,45 m².

A UNIFAP vem se consolidando, ao longo dos anos, como uma das principais instituições de ensino superior do estado do Amapá. Desde a sua criação, participa ativamente do contexto histórico amapaense na formação, produção e difusão de conhecimentos. Nos últimos anos, implantou novos cursos de graduação e pós-graduação em nível de mestrado e doutorado, criando linhas de pesquisa, com o objetivo de elucidar problemáticas afetas à sociedade local e ao meio ambiente. A instituição tem buscado ampliar também a sua capilaridade, instalando campus de norte a sul do Estado, considerando o seu potencial fronteiriço e a exuberante biodiversidade que o Amapá possui.

A Universidade, em consonância aos preceitos da administração pública e à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), pauta-se em diversos princípios de ética, moralidade, legalidade, impessoalidade, publicidade e eficiência, democracia social, cultural, política e econômica, com base na justiça, cidadania e bem-estar humano; compromisso com a paz, defesa dos Direitos Humanos e preservação do meio ambiente e sustentabilidade.

De acordo com o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI, 2015-2019; 2020-2026) da UNIFAP, a fase embrionária da UNIFAP ocorreu na década de 1970 com o Núcleo Avançado de Ensino (NEM), vinculado à Universidade Federal do Pará (UFPA), com a oferta de aproximadamente 500 (quinhentas) vagas voltadas para o campo do magistério em várias modalidades (licenciatura curta), tornando-se o marco do ensino superior no então Território Federal do Amapá. Como instituição de direito e de fato, em 1991, a universidade teve seu primeiro reitor pró-tempore e o primeiro vestibular para os cursos de Direito, Secretariado Executivo, Geografia, História, Matemática, Letras, Educação Artística e Enfermagem. Com a demanda crescente por cursos de graduação e pós-graduação advinda da sociedade, a UNIFAP, ao longo dos anos, amplia o número de Cursos. Assim, em 1998 o curso de Licenciatura e Bacharelado em Ciências Sociais; em 1999 o Curso de Licenciatura e Bacharelado em Ciências Biológicas; em 2003 o curso de Licenciatura em Física; Arquitetura e Urbanismo em 2004; Licenciatura Plena em Educação Física em 2005. Somente a partir de 2002 a instituição elege o seu Reitor por meio do processo de consulta prévia, para a formação de lista tríplice.

O crescimento mais significativo foi entre os anos de 2006 a 2017, sobretudo como efeito da Política do Governo Federal de expansão da educação superior que contou com o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI). Entre os cursos implantados nesse período estão Medicina, engenharias Elétrica e Civil, Jornalismo, Farmácia, Ciências Ambientais, Relações Internacionais, Administração, Ciências da Computação, Fisioterapia, Teatro, Letras Português Libras.

Além de ampliar o número de cursos no *Campus* Marco Zero, a UNIFAP expandiu-se a outros *Campi*. No *Campus* Binacional são criados os cursos de Licenciatura Intercultural Indígena, Ciências Biológicas, Direito, Enfermagem, Geografia, História, Letras Português e francês e Pedagogia.

No *Campus* Mazagão criou-se o curso de Educação do Campo, que se altera para Educação do Campo - Ciências Agrárias e Biológicas. No *Campus* Santana, por sua vez, são criados os cursos de Filosofia, Letras Português, Química e Pedagogia. Na modalidade de Educação à distância, por meio da Universidade Aberta do Brasil, são criados os cursos de Administração Pública, Ciências Sociais, Letras Português, Matemática.

Segundo o PDI (2020-2026) da UNIFAP as áreas do conhecimento da UNIFAP constituem-se em Exatas e Tecnológicas, Ciências Biológicas, Ciências da Saúde, Meio Ambiente, Educação, Filosofia e Ciências Humanas. Atualmente a instituição dispõe de 07 (sete) Departamentos Acadêmicos definidos no *Campus* Marco Zero do Equador, em Macapá. A UNIFAP oferece 52 (cinquenta e duas) opções de cursos de graduação, presenciais e a

distância, distribuídas nos 4 (quatro) Campi, assim como, 04 (quatro) Cursos de Doutorado, 13 (treze) Cursos de Mestrado e 19 (dezenove) Cursos de Especialização lato sensu dentre esses 10 (dez) no formato presencial e 09 (nove) no formato a distância.

Como parte importante da sociedade Amapaense na formação de profissional em todos os níveis, a Universidade passa a atuar na Política de Formação de Professores através do Plano Nacional de Formação de Professores (PARFOR). Mais recentemente, a UNIFAP criou o Projeto de Interiorização Quilombola, sendo criados 6 polos: Mazagão velho e Curiaú (Curso de Letras), Abacate da Pedreira (Curso de Ciências Biológicas Licenciatura), Carmo do Maruanum, Torrão do Matapi e Igarapé do Lago (Curso de Pedagogia).

A Universidade, no interior do Estado, tem sido relevante diante de novos fenômenos socioeconômicos e a criação de novas políticas públicas educacionais e de desenvolvimento de grande alcance social pelo Governo Federal. Em 2019, com desdobramentos importantes no mercado de trabalho e inclusão de jovens em idade universitária (18 a 24 anos), detectou-se a urgência da inserção da UNIFAP em todo o estado para maximizar o desenvolvimento socioeconômico, e fortalecer os municípios amapaenses.

A inserção da UNIFAP no interior do estado ocorreu a partir de 1997 com a Resolução nº. 04, de 8 de setembro de 1997-CONSU/UNIFAP, que institucionalizou o processo de interiorização da educação superior, e oportunizou o acesso aos cidadãos das comunidades, celebrando convênios com as prefeituras municipais.

Atualmente, a UNIFAP mantém o processo de interiorização com o orçamento da Matriz OCC (Orçamento de Custeio e Capital), e encontra-se efetivado em 3 (três) municípios: o *Campus* Oiapoque (denominado *Campus* Binacional), que atua com 8 (oito) cursos; o *Campus* Santana, com 3 (três) cursos de licenciatura; e o *Campus* Mazagão, que oferece o curso de Licenciatura em Educação do Campo: Ciências Agrárias e Biologia. Além desses 3 (três) campi, a Universidade possui estrutura física nos municípios de Amapá, Laranjal do Jarí e Tartarugalzinho. E, ainda, áreas nos municípios de Calçoene, Porto Grande e Cutias.

Além de influir diretamente no Estado do Amapá, a UNIFAP contribui, expressivamente, em parte da região norte, especialmente na região do Baixo Amazonas e da Foz, nos municípios paraenses adjacentes ao estado do Amapá, como Almeirim, Monte Alegre, Gurupá, Prainha, Afuá, Anajás, Chaves e Breves. Esses municípios têm mais relações econômicas e sociais com o Amapá do que com a própria sede do Pará, fato este que leva grande parte da população jovem a migrar para o Amapá, com intenções de qualificação profissional, sendo admitidos em vários cursos da UNIFAP. Assim, a UNIFAP cumpre o seu papel de inserção regional.

A UNIFAP tem um papel importante na preparação e execução de Políticas Públicas para todos os grupos populacionais da região do Amapá, assim, o Programa de Interiorização para Comunidades Quilombolas do Amapá, parte de demanda induzida da Secção amapaense da Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ/AP), para a Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) como executora, tornando-se uma ação que vai ao encontro da democratização do acesso à Educação Superior.

A interiorização da UNIFAP está estruturada de acordo com uma hierarquia funcional, inversamente proporcional à complexidade dos serviços e infraestrutura oferecidos, com objetivo de atender a demanda das comunidades e municípios do Estado do Amapá para Ensino Superior de qualidade, por meio de diferentes dimensões, visando a aproximação com o plano local, distante do campus-sede.

A Pró-Reitoria de Extensão e Ações Comunitárias – PROEAC, através do Departamento de Ações Comunitárias e Estudantis – DACE e do Departamento de Extensão – DEX, assume também a tarefa de gerir a política de ações e projetos de assistência estudantil na Universidade Federal do Amapá – UNIFAP. O escopo dessa tarefa concretiza-se na oferta de um conjunto de ações voltadas à emancipação e promoção dos universitários em situação de hipossuficiência financeira, com dificuldades de acesso, permanência e êxito em sua graduação.

Visando a formação de recursos humanos mais qualificados, a UNIFAP oferta cursos de Pós-Graduação em diversas áreas do conhecimento, integrando a pesquisa ao ensino. O ingresso na Pós-Graduação é feito mediante processos seletivos, com políticas de cotas para servidores da instituição, que ocorrem nos Programas de Pós-Graduação nas modalidades previstas pelas agências de regulação e fomento. A UNIFAP adota também a política de cotas sociais e raciais na Pós-Graduação. A política para o ensino de Pós-Graduação na UNIFAP é elaborada e executada pela Pró-reitoria de Pós-Graduação (PROPESPG), alinhada ao Plano Nacional de Pós-Graduação (PNPG) 2011-2020 e aos objetivos estratégicos do PDI 2020-2026.

Atualmente, a Pós-Graduação é composta por 14 (catorze) Programas: Ciências da Saúde, Ciências Farmacêuticas, Inovação Farmacêutica, Desenvolvimento Regional, Biodiversidade Tropical, Letras, História, Matemática em Rede Nacional, Biodiversidade e Biotecnologia, Educação, Estudos de Fronteira, Ciências Ambientais, Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia para a Inovação.

Em termos de atendimento às demandas de formação profissional da sociedade amapaense, a UNIFAP, sempre comprometida com o desenvolvimento do Estado, implantou novos cursos presenciais, destacando aqueles da área de saúde e exatas, fato que levou a UNIFAP ao status de liderança na formação de profissionais para a sociedade amapaense. Além

dos cursos presenciais, cursos de graduação a distância também foram implantados, atingindo um público em localidades fora da sede da instituição. Esta modalidade é hoje uma das principais a serem fortalecidas pelo Ministério da Educação para a formação profissional em todos os níveis.

1.2. Dados Socioeconômicos da Região

O Estado do Amapá - AP está localizado na região norte do país, na porção oriental, limitando-se ao sul e oeste com o Estado do Pará, ao norte com a Guiana Francesa, a noroeste com a República do Suriname e a leste e nordeste com o Oceano Atlântico. Possui 16 municípios e uma população de 733.759 habitantes (IBGE, Censo 2022) distribuídos em uma área territorial de 142.814,585 Km², tendo uma densidade demográfica de 5,15 habitantes por km². O Amapá é uma das mais recentes unidades federativas do país, criado em 5 de outubro de 1988, com a promulgação da nova Constituição Federal.

O censo indica que a população na região norte é a mais jovem do país e o Amapá segue essa tendência, as maiores faixas etárias estão entre as idades de 5 a 9 anos e 20 a 24 anos, representando cerca de 19% do total populacional do Estado (IBGE, 2022). Na base da pirâmide a faixa etária de 0 a 4 anos (4,56%) até a faixa etária de 20 a 24 anos (4,74%) a população masculina é maior, somente a partir da faixa etária entre 25 e 29 anos (4,42%), a população feminina é prevalente, observando assim, maior longevidade entre as mulheres. O estado registrou um crescimento populacional de 9,6% entre 2010 e 2022.

Em relação à escolaridade, considerando as pessoas a partir de 15 anos, 93,5% são alfabetizados e 6,5% não são alfabetizados (IBGE, 2022). Dados do censo anterior mostram que dentro da população economicamente ativa do Amapá, apenas 18 mil trabalhadores possuem carteira assinada, ou 14% do total, têm nível superior completo. No entanto, de 2012 para 2013, houve um crescimento nesse índice de 9,9%. O maior contingente de trabalhadores com carteira assinada no estado é formado por pessoas com ensino médio completo: 79 mil, ou 62% do total. A remuneração média por grau de instrução no estado, para os profissionais com ensino superior completo, se manteve estável de 2012 para 2013, em R\$ 5,1 mil mensais.

Dados sobre a Educação Superior mostram que, no Amapá, em cursos presenciais, a proporção de alunos em instituições públicas é maior do que em instituições privadas (Ministério da Educação, 2021). Sendo que o Estado possui 16 instituições de ensino superior, 13 privadas e classificadas como faculdades. As três únicas universidades são públicas (Universidade Federal do Amapá, Universidade do Estado do Amapá e Instituto Federal do

Amapá). O Estado registra 16.355 matrículas na educação superior, sendo 11.360 na rede privada e apenas 5.769 no sistema público de ensino superior. O número de ingressantes (que iniciam o 1º ano) em cursos presenciais na rede privada, em 2013, cresceu 5,7% no período de 2012 a 2013 (7 mil alunos em 2012 para 7,4 mil em 2013). Na pública houve decréscimo de 18,6% (2,3 mil alunos em 2012 e 1,8 mil em 2013).

A porcentagem de evasão anual dos cursos presenciais no estado chegou a 25,7% na rede privada e 27,5% na rede pública. Outro dado interessante revela que o estado apresenta 18 mil empregados com carteira assinada e ensino superior completo. O Amapá também foi responsável pela formação de 3 mil estudantes universitários (2,8 mil em cursos presenciais e apenas 285 em cursos EAD) e apresentou 38 mil alunos matriculados no ensino médio em 2013. Esse cenário socioeconômico do estado dimensiona a própria responsabilidade da Universidade Federal do Amapá, a qual tem a expertise para desencadear meios de desenvolvimento econômico, criando oportunidades para a população por meio de qualificação tecnológica, científica e profissional (PDI 2020-2026).

2. JUSTIFICATIVA

A Universidade Federal do Amapá-UNIFAP é uma das mais importantes Instituições de Ensino Superior no Estado do Amapá, exercendo sua função ao longo dos seus 30 anos. No *campus* Marco Zero funciona o primeiro Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da UNIFAP, com uma estrutura construída em mais de 20 anos de existência e que já formou, ao longo de sua história, mais de 300 biólogos licenciados para atender a demanda local e regional de professores de Ciências e Biologia. Sabendo do nosso importante papel na formação desse profissional, o Corpo Docente do Curso de Licenciatura, entende que seu papel social, não é apenas o de atender as demandas sociais, mas também travar um diálogo com esta mesma sociedade. Além de desenvolver um papel essencial e estruturado dentro desta sociedade, pois, produz, discute e difunde conhecimentos, contribuindo assim para a efetivação de transformações sociais. Portanto, suas orientações sociais estão ligadas às suas perspectivas de participação ativa e consciente nas mudanças sociais.

Este novo Projeto Pedagógico do Curso (PPC) Licenciatura em Ciências Biológicas, é fruto de estudos e discussões promovidos pela Coordenação, Núcleo Docente Estruturante-NDE e Colegiado do Curso de Ciências Biológicas. Todo trabalho teve como premissa as legislações educacionais específicas e experiências das práticas pedagógicas das salas de aulas, bem como o respeito às tradições do povo amapaense. Para assegurar o processo da elaboração

do novo PPC foram consideradas: as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Superior, o Plano Nacional de Educação (PNE), sem perder de vista os documentos norteadores da Educação Básica, mais especificamente a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), e de um contexto local, o Referencial Curricular Amapaense (RCA): Ensino infantil e Ensino Fundamental e o Referencial Curricular Amapaense (RCA): Ensino Médio.

Preocupou-se com 3 (três) aspectos fundamentais: a) que a proposta pudesse considerar e respeitar a pluralidade política, cultural e social; b) que a nova matriz curricular pudesse construir um documento atual, com um olhar para o futuro, a partir do presente, sem desconsiderar a trajetória pregressa da educação; c) e que atendesse as modalidades de ensino: educação especial, jovens e adultos, quilombola, campo, ribeirinhas entre outras.

Atualmente o curso de licenciatura em Ciências Biológicas integra o Programa de Interiorização de Educação Quilombola, voltada para atender demandas de comunidades quilombolas e o Programa Interiorização de Educação Ribeirinha, para atender demandas de comunidades ribeirinhas com a função de levar conhecimento às demais localidades distantes da cidade de Macapá.

Assim, o curso visa atender aos novos paradigmas de desenvolvimento e conservação do meio ambiente e a formação de licenciados que possam atuar de forma crítica, reflexiva e ética para as transformações da sociedade. Estas transformações representam desafios complexos e solicitam a necessidade de revisão das práticas adotadas na formação de professores, que possam ter uma visão mais ampla de ciência e educação. Considerando a educação como processo formativo onde o ser humano se apropria e integra o conhecimento e saberes disponíveis para a construção de uma educação cidadã, a biologia tem papel fundamental na formação desse educador.

O Curso Licenciatura em Ciências Biológicas da UNIFAP, sabe da sua importância no estado do Amapá e seu comprometido com a formação de professores e Biólogos. Nosso principal desafio, como um Curso de uma universidade pública contemporânea, é acompanhar o dinamismo das mudanças e novas dinâmicas sociais, culturais, econômicas, tecnológicas e políticas regional e nacional.

3. CONTEXTUALIDADE DO CURSO/DADOS DO CURSO

- **Denominação do Curso:** Licenciatura em Ciências Biológicas;
- **Forma de Ingresso:** Anual, via processo seletivo interno. Para casos relacionados ao Programa de Educação Quilombola e Ribeirinhas, a forma de ingresso será

definida conforme resoluções internas da Universidade, respeitando-se diretrizes e orientações do MEC;

- **Número de vagas ofertadas por processo seletivo:** 25 vagas (anual). A esse quantitativo de vagas, com entrada única, adicionam-se 120 (cento e vinte) vagas definidas por demanda da própria Instituição a partir do Projeto de Educação Quilombola e Ribeirinhas, sendo 60 (sessenta) vagas para cada projeto;

- **Grau:** Licenciatura;
- **Turno:** Diurno (Matutino e Vespertino) e Noturno – Entradas Alternadas;
- **Modalidade de Ensino:** Presencial;
- **Regime de Matrícula:** Semestral por sistema de Créditos;
- **Título Acadêmico Conferido:** Licenciado em Ciências Biológicas;
- **Carga Horária Total:** 3.645 horas;
- **Período Mínimo e Máximo de Integralização:** 4 anos e 8 anos;
- **Atos Legais de Criação (CONSU):** Resolução nº. 15 de 3 de novembro de 1998;
- **Renovação de reconhecimento do curso:** Portaria nº. 921, de 27 de dezembro de 2018 (Diário Oficial da União, nº. 249, sexta-feira, 28 de dezembro de 2018);
- **Coordenador do Curso:** Prof. Esp. Francisco Diego Barros, Portaria nº. 0367/2024.
- **E-mail:** biologicalic@unifap.br

4. ORGANIZAÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA DO CURSO

4.1. Objetivo do curso

4.1.1 Geral

- Formar profissionais habilitados na área de Ciências Biológicas, por meio do desenvolvimento de atividades pautadas no princípio da indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão, para atuarem, de forma crítica, ética e reflexiva, como docentes nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio, visando contribuir para o desenvolvimento sustentável da Região Amazônica.

4.1.2. *Específicos*

- Formar professores de Ciências e Biologia comprometidos com as questões da realidade social local, de um modo crítico e transformador para o exercício da docência na educação básica;
- Formar professores que façam uso pedagógico das novas tecnologias e que atuem na interdisciplinaridade, aplicando-as no ensino e na gestão escolar de forma a promover uma aprendizagem efetiva;
- Possibilitar a atuação profissional no ensino, na gestão de processos educativos e na organização e gestão de instituições de educação básica;
- Contribuir para a conservação da natureza, crescimento econômico e melhoria da qualidade de vida das populações;
- Valorizar as peculiaridades regionais, capacitando o aluno a resgatar e apreciar os saberes das comunidades tradicionais;
- Desenvolver uma cultura extensionista orientada à difusão pública do conhecimento científico e pela relação dialética da Educação e das Ciências Biológicas com as demais Ciências e com a sociedade, de modo a contribuir para o desenvolvimento sustentável;
- Possibilitar uma formação sólida de conhecimentos, de modo a capacitá-los a atuarem frente aos problemas locais, regionais e nacionais nas diversas áreas que compõem as Ciências Biológicas, bem como as correlatas, possibilitando aos mesmos aplicarem os conhecimentos adquiridos e produzidos durante o curso, a partir da integração entre ensino, pesquisa e extensão;
- Formar profissionais que atuem com base em princípios democráticos, da pluralidade respeitando a diversidade étnico-racial, de gênero, sexual, religiosa, de faixa geracional e sociocultural, como princípios de equidade para tomada de consciência de seu papel como educador.

4.2. **Perfil Profissional do Egresso**

O curso de licenciatura em Ciências Biológicas visa formar educadores comprometidos com a qualidade da educação, especialmente nas disciplinas de ciência para os anos finais do ensino fundamental e biologia para o ensino médio. O perfil do egresso do Licenciado em Ciências Biológicas da UNIFAP está conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Ciências Biológicas (Resolução CNE/CES N° 7/2002) e pela Resolução CNE/CP N° 4/2024, que trata da Formação Inicial de Professores para a Educação Básica:

- Atuar profissionalmente com base nos princípios de uma sociedade democrática e reconhecer os contextos sociais, culturais, econômicos e políticos das escolas em que atua e, também os contextos de vidas dos estudantes, propiciando assim, aprendizagens efetivas;
- Avaliar criticamente a sua realidade local e participar da tomada de decisões a respeito dos rumos da sociedade local, regional e nacional como um todo, a partir da consciência de seu papel;
- Atuar em diferentes contextos de seu âmbito profissional, fazendo uso dos recursos técnicos, materiais didáticos e metodológicos variados;
- Desenvolver postura investigativa, de forma que se constitua um professor-pesquisador da própria prática pedagógica, mas também dos problemas que afetam sua vida profissional e seu entorno;
- Compreender a emergência de tecnologias digitais da informação e da comunicação, ferramentas essenciais para o ensino;
- Demonstrar conhecimento sobre o desenvolvimento físico, socioemocional e intelectual dos estudantes das etapas da Educação Básica para as quais está habilitado a atuar;
- Identificar questões e problemas socioambientais e educacionais com postura investigativa e propositiva, a fim de contribuir para a superação de exclusões sociais, étnico-raciais, culturais, econômicas, religiosas, sexuais dentre outras;
- Demonstrar conhecimento sobre os mecanismos pelos quais crianças, jovens e adultos aprendem.

4.3. Competências e Habilidades

O curso Licenciatura em Ciências Biológicas está empenhado em formar profissionais com habilidades e competências para atuar nas áreas de ensino, pesquisa e extensão, atendendo a exigência atual da sociedade, onde todo profissional deve ser comprometido com o desenvolvimento técnico, político, social, econômico e científico da área em que atua. Além disso, os educadores devem ser envolvidos em suas aprendizagens, aprender trabalhar em equipe, estar conectados às novas tecnologias e atualizações do conhecimento científico. Com isso o profissional Licenciado em Ciências Biológicas da UNIFAP, em consonância com a Resolução N° CNE/CP 04/2024, Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de Ciências Biológicas (Parecer CNE/CES N° 1.301/2001 e a Resolução CNE/CES N° 7, de 11 de março de 2002) e os Referenciais Curriculares Amapaenses (RCA) devem:

- Atuar como educador consciente de seu papel na formação de cidadãos sob a perspectiva educacional, científica, ambiental e social;
- Conhecer a estrutura e a governança dos sistemas educacionais;
- Promover uma prática educativa que identifique e leve em conta as características de seu meio de atuação, suas necessidades e desejos;
- Envolver-se e envolver a comunidade escolar por meio de ações colaborativas, construindo ambiente de debate e diálogo entre saberes tradicionais e científicos;
- Planejar as ações de ensino que resultem em efetivas aprendizagens;
- Aplicar as ferramentas metodológicas e científicas para a elaboração e planejamento de projetos de ensino e pesquisa, assim como o desenvolvimento e execução deles;
- Pesquisar, analisar e aplicar os resultados de investigação de interesse da área educacional e específica do biólogo.
- Aplicar estratégias de ensino e atividades didáticas diferenciadas que promovam a aprendizagem dos estudantes, incluindo aqueles que compõem a população atendida pela Educação Especial na perspectiva da educação inclusiva, e levando em conta seus diversos contextos culturais, socioeconômicos e linguísticos;

4.4. Forma de Acesso ao Curso

As formas de acesso ao Curso Licenciatura em Ciências Biológicas, conforme determina a Resolução N° 026/2023 – CONSU/UNIFAP em seu Art. 1° “O ingresso nos Cursos de Graduação da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), far-se-á por meio de Processo Seletivo (PS UNIFAP), em conformidade com a legislação vigente e os Editais próprios”. E conforme seu Art. 2° A UNIFAP manterá o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) como instrumento de seleção para ingresso de seu Processo Seletivo aos Cursos de Graduação, observados os critérios e requisitos próprios do Exame, excetuando-se os processos seletivos especiais adotados pela UNIFAP.

4.5. Regime Acadêmico

A oferta dos componentes curriculares deverá ser semestral, por Sistema de Créditos, conforme Regimento Interno do Curso de Ciências Biológicas (Apêndice I). Assim, as ofertas ocorrerão conforme o calendário acadêmico da UNIFAP.

4.6. Estrutura Curricular/ Organização Curricular

A estrutura dos Componentes Curriculares presente neste PPC contempla os seguintes elementos conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Ciências Biológicas (Resolução CNE/CES N° 07/2002), as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial em Nível Superior de Profissionais do Magistério da Educação Escolar Básica (CNE/CP N° 04/2024), Resolução CNE/CP N° 7/2018 (Extensão na Educação Superior Brasileira), e o Referencial Curricular Amapaense (Ensino Infantil, Ensino Fundamental e o Ensino Médio), nesse aspecto a Estrutura da Matriz dos Componentes Curricular do Curso Licenciatura em Ciências Biológicas da UNIFAP, segue os seguintes eixos:

4.7. MATRIZ POR NÚCLEO

4.7.1. Núcleo I - Estudos de Formação Geral - EFG:

Essa base comum, constituída por conhecimentos científicos da educação, da pedagogia e das práticas escolares, proporciona aos futuros professores uma compreensão sólida dos processos de ensino e aprendizagem, unificando os fundamentos de todas as licenciaturas. No Curso Licenciatura em Ciências Biológicas iniciarão a partir do 1^o semestre, totalizando uma carga horária de **885 horas e 59 créditos**. No Quadro 1, são mostrados os componentes de formação pedagógica.

Quadro 1. Núcleo I - Estudos de Formação Geral - EFG /Obrigatória em acordo com a Res. CNE 04/2024, CHT=Carga Horária Total.

COMPONENTES CURRICULARES-NÚCLEO I	CHT	CRÉDITO
História da Educação	60	4
Didática Geral	60	4
Didática do Ensino de Ciências e Biologia	60	4
Educação e Cultura Amapaense	45	3
Fundamentos da Educação Especial e Inclusiva	60	4
Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS	60	4
Metodologia do Ensino de Ciências	60	4
Metodologia do Ensino de Biologia	60	4
Educação Ambiental	60	4
Educação para os Direitos Humanos	60	4
Políticas e Legislação Educacional Brasileira	60	4
Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem	60	4

Sociologia da Educação	60	4
Tecnologias Educacionais Digitais	60	4
Optativa Área de Educação	60	4
Total	885	59

4.7.2. Núcleo II - Aprendizagem e Aprofundamento dos Conteúdos Específicos - AACE

Alinhado às diretrizes curriculares nacionais (Resoluções CNE/CES nº 7/2002 e nº 4/2024) e consoante com as normas estabelecidas pelas Portarias MEC/INEP nº 257 e 259/2024, o curso de Ciências Biológicas oferece uma formação especializada. A partir do 1º semestre, os estudantes aprofundam seus conhecimentos em diversas áreas da Biologia, **totalizando 1.815 horas e 121 créditos**, contemplando os conteúdos básicos a seguir:

Fundamentos das Ciências Exatas e da Terra

Conhecimentos matemáticos, físicos, químicos, estatísticos e geológicos, os quais são fundamentais para o entendimento dos processos e padrões biológicos.

Conhecimentos de Morfologia, Biologia Molecular e Evolução dos Seres Vivos

Visão ampla da organização e das interações biológicas, construídas a partir de estudos envolvendo a estrutura molecular e celular, funções e mecanismos fisiológicos da regulação em modelos eucariontes, procariontes e de partículas virais, fundamentados pela informação bioquímica, biofísica, genética e imunológica.

Conhecimentos da Diversidade Biológica

Classificação, filogenia, organização, biogeografia, etologia, fisiologia e estratégias adaptativas e morfofuncionais dos seres vivos.

Conhecimentos de Ecologia

Relações entre os seres vivos e destes com o ambiente ao longo do tempo geológico. Compreensão da dinâmica das populações, comunidades e ecossistemas, da conservação e manejo da biodiversidade e da relação educação, saúde e ambiente.

Conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores, o Núcleo II estrutura os conteúdos específicos de cada área, componentes e unidades temáticas, os quais são demonstrados no Quadro 2.

Quadro 2. Componentes do Núcleo II - Aprendizagem e Aprofundamento dos Conteúdos Específicos das áreas de atuação profissional – ACCE em acordo com a Res. CNE 04/2024. CHT=Carga Horária Total.

COMPONENTES CURRICULARES DO NÚCLEO II	CHT	CRÉDITO
Antropologia Biológica e Cultural	30	2
Física Geral e Experimental para Ciências Biológicas	30	2
Língua Portuguesa e Comunicação – LPC	30	2
Geologia Básica	30	2
Matemática para Ciências Biológicas	30	2
Metodologia e Redação Científica	30	2
Microbiologia Básica	60	4
Imunologia Básica	45	3
Biologia Celular	60	4
Embriologia Comparada	45	3
Físico Química	60	4
Histologia Comparada	60	4
Paleontologia	60	4
Biofísica	45	3
Anatomofisiologia Humana	75	5
Parasitologia Geral	60	4
Química Geral	60	4
Química Orgânica	60	4
Bioquímica Geral	60	4
Ecologia Geral	60	4
Anatomia Vegetal	45	3
Fisiologia Vegetal	60	4
Morfologia Vegetal	60	4
Sistemática Vegetal	60	4
Evolução	60	4
Genética Básica	60	4
Biologia Molecular Básica	45	3
Anatomia Comparada	75	5
Zoologia de Invertebrados I	60	4
Zoologia de Invertebrados II	60	4
Zoologia de Cordados I	60	4
Zoologia de Cordados II	60	4
Optativa Área Ciências Biológicas	60	4
TCC 1	30	2
TCC 2	30	2
Total	1.815	121

4.7.3. Trabalho de Conclusão de Curso - TCC

O Trabalho de Conclusão de Curso é uma atividade que apresenta um conjunto de conhecimentos sobre um ou mais temas de estudo, prática de ensino, pesquisa e extensão relevantes para a formação do licenciado em Ciências Biológicas.

O trabalho poderá ser desenvolvido em qualquer área do conhecimento, tema ou conceito que se relacione com a docência em Ciências Biológicas. Atendendo às demandas de formação de professores na contemporaneidade, além do caráter didático-pedagógico, poderá ter caráter de pesquisa, de ensino ou de extensão, ampliando, assim, os formatos possíveis a serem aceitos.

O curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da UNIFAP inclui o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) como componente curricular obrigatório do Núcleo II, com carga horária total de **60 horas**. O TCC é dividido em duas etapas: a primeira, com 30 horas no 6º semestre, visa à qualificação do projeto de pesquisa; a segunda, com 30 horas como atividade livre, também conhecida como módulo livre, é destinada à defesa do projeto final. Para avançar para a defesa do TCC II, é necessário que o projeto tenha sido aprovado na etapa de qualificação. O regulamento do TCC, detalhado no Apêndice VII, prevê opções de defesa adaptadas para pessoa com deficiência.

4.7.4. Núcleo III - Atividades Acadêmicas de Extensão - AAE

O Núcleo III - Atividades Acadêmicas de Extensão (AAE) é estruturado para promover a formação integral dos futuros professores, integrando teoria e prática de forma indissociável. As AAE's são obrigatoriamente desenvolvidas em instituições de Educação Básica, permitindo que os licenciandos vivenciem diretamente a realidade escolar e apliquem práticas pedagógicas em contextos reais de ensino. Essas atividades visam fomentar a participação ativa dos futuros docentes em projetos que impactam diretamente a comunidade escolar, fortalecendo a relação entre universidade e escola.

As práticas pedagógicas serão desenvolvidas na organização das AAE's que irá incentivar o desenvolvimento de práticas pedagógicas inovadoras, com foco no uso de metodologias ativas, ensino colaborativo e produção de materiais didáticos inclusivos, adaptados às necessidades e diversidades dos estudantes da Educação Básica. Essa abordagem permite que os licenciandos não apenas experimentem diferentes estratégias de ensino, mas também criem, testem e avaliem essas metodologias em sala de aula, promovendo uma aprendizagem significativa e inclusiva.

No Quadro 3, são apresentados os componentes obrigatórios deste núcleo, Atividade Acadêmica de Extensão I, II e III que incluem atividades práticas como a produção de materiais didáticos, a promoção da inclusão e a análise do contexto escolar, totalizando 330 horas e 22 créditos. Estes componentes curriculares devem ser associados a projetos de extensão, devidamente registrados no Departamento de Extensão-DEX. A realização dessas atividades em instituições de Educação Básica proporciona aos licenciandos uma experiência imersiva e colaborativa com outros profissionais da educação, possibilitando a construção de redes de trabalho e contribuindo para a melhoria contínua da qualidade do ensino. O regulamento das Atividades Acadêmicas de Extensão está detalhado no Apêndice IV.

Quadro 3. Núcleo III - Atividades Acadêmicas de Extensão – AAE consoante a Res. CNE 04/2024. CHT=Carga Horária Total.

ATIVIDADES ACADÊMICAS DE EXTENSÃO - NÚCLEO III	CHT	CRÉDITO	SEMESTRE
Atividades Acadêmicas de Extensão I	105	7	2
Atividades Acadêmicas de Extensão II	120	8	3
Atividades Acadêmicas de Extensão III	105	7	5
TOTAL	330	22	

4.7.5. Núcleo IV - Estágio Curricular Supervisionado - ECS

O Estágio Curricular Supervisionado (ECS) do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da UNIFAP é um componente fundamental na formação de professores, promovendo a articulação entre a teoria e a prática docente. Com uma **carga horária total de 405 horas e 27 créditos**, distribuídas em cinco componentes ao longo da graduação. O ECS será ofertado como atividade livre, também conhecida como módulo livre, e oferecerá aos futuros professores a oportunidade de vivenciar diferentes etapas da prática docente, desde a observação de aulas até a assunção completa da responsabilidade por turmas.

A organização do ECS, como demonstrado no Quadro 4, é pensada para garantir uma progressão gradual na formação dos licenciandos. Iniciando no primeiro semestre, o estágio proporciona aos estudantes uma imersão precoce no ambiente escolar, permitindo a observação e a compreensão das dinâmicas de ensino e aprendizagem. Conforme avançam nos semestres, os futuros professores assumem responsabilidades crescentes, como o planejamento de aulas, regência, aplicação de atividades e a avaliação dos alunos.

Como estabelece o regulamento do Estágio Curricular Supervisionado, Apêndice IV, o acompanhamento do ECS é realizado por um orientador da UNIFAP e um supervisor da escola de educação básica, que atuam em conjunto para garantir a qualidade do processo formativo. Essa dupla orientação oferece aos estagiários o suporte necessário para superar os desafios e desenvolver as competências essenciais para a atuação docente.

O ECS conta ainda com uma comissão, composta por docentes da área e tem como função acompanhar o desenvolvimento dos estagiários, analisar os relatórios e portfólios, promover encontros de discussão e fornecer orientações gerais sobre o estágio. A atuação da comissão garante a padronização dos procedimentos, a avaliação sistemática do processo e a identificação de possíveis ajustes a serem realizados. Ao final do estágio, os futuros professores estarão preparados para enfrentar os desafios da profissão, contribuindo para a melhoria da qualidade do ensino de Ciências Biológicas.

Quadro 4. Núcleo IV - Estágio Curricular Supervisionado – ECS e em conformidade com a Res. CNE 04/2024. CHT=Carga Horária Total.

Estágio Curricular Supervisionado - ECS (Núcleo IV)	CHT	CRÉDITO	SEMESTRE	OBJETIVO
Estágio Curricular Supervisionado - ECS I	60	4	1	Observar e compreender o funcionamento e a organização de uma Instituição de educação básica nos anos finais do ensino fundamental e EJA-Etapa II.
Estágio Curricular Supervisionado - ECS II	60	4	2	Observar e compreender o funcionamento e a organização de uma Instituição de educação básica do Ensino Médio e EJA-Ensino Médio.
Estágio Curricular Supervisionado - ECS III	90	6	4	Regência e intervenção pedagógica no 6º e 7º anos do ensino fundamental e EJA-Etapa II.
Estágio Curricular Supervisionado - ECS IV	90	6	5	Regência e intervenção pedagógica no 8º e 9º anos do ensino fundamental e EJA-Etapa II.
Estágio Curricular Supervisionado - ECS V	105	7	7	Desenvolver habilidades e competências no ensino de biologia através da regência e intervenção pedagógica no ensino médio e EJA-Ensino Médio.
TOTAL	405	27		

4.7.6. Componentes Optativos

O curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da UNIFAP, visando enriquecer a formação dos futuros professores, oferece aos estudantes a oportunidade de aprofundar seus

conhecimentos em áreas específicas através de componentes optativos. Com 18 disciplinas, os discentes têm a flexibilidade de escolher disciplinas que mais se alinhem aos seus interesses e objetivos profissionais.

Para integralizar o curso, é obrigatório que os estudantes completem, no mínimo, 120 horas (8 créditos) em componentes optativos, sendo obrigatório um componente de 60 horas na área de Educação e um componente de 60 horas na área de Ciências Biológicas. Essa exigência visa garantir uma formação equilibrada, tanto na área específica da Biologia quanto na área da Educação. A lista completa dos componentes optativos e suas ementas detalhadas estão disponíveis no Quadro 5 e Apêndice III, respectivamente.

Quadro 5. Componentes Optativos do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. CHT=Carga Horária Total.

COMPONENTES CURRICULARES OPTATIVOS	CHT	CRÉDITO
Área da Educação		
Educação em Saúde	60	4
Oficina Didática de Ecologia	60	4
Genética Prática para a Educação Básica	60	4
Biologia Molecular para a Licenciatura	60	4
Prática de Ensino em Botânica	60	4
Práticas Pedagógicas em Zoologia	60	4
Princípios de Fisiologia Comparativa: Instrumentação para o Ensino de Ciências e Biologia	60	4
Introdução à Astronomia para o Ensino de Ciências	60	4
Técnicas de Comunicação Oral	60	4
Introdução à Bioinformática Aplicada ao Ensino	60	4
TOTAL	600	40
Área das Ciências Biológicas		
Biossegurança e Bioética	60	4
Bioestatística	60	4
Bioquímica Metabólica	60	4
Oceanografia e Limnologia	60	4
Ecologia de Populações e Comunidades	60	4
Herpetologia: Introdução aos Anfíbios e répteis	60	4
Fundamentos e Práticas da Interprofissionalidade	60	4
Biogeografia	60	4
TOTAL	480	32

4.8. MATRIZ CURRICULAR SEMESTRALIZADA

Confira abaixo a matriz curricular organizada em níveis e semestres:

Quadro 6. Matriz Curricular Semestral do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. CHT=Carga Horária Teórica, CHP=Carga Horária Prática, AAE = Atividade Acadêmica de Extensão.

SEMESTRE/ NÍVEL	COMPONENTE CURRICULAR	CH T	CH P	AA E	CH TOTAL	CRÉDITOS	PRÉ- REQUISITOS
1º	Biologia Celular	45	15	-	60	4	Não
	Evolução	45	15	-	60	4	Não
	Metodologia do Ensino de Ciências	30	30	-	60	4	Não
	Língua Portuguesa e Comunicação – LPC	30	-	-	30	2	Não
	Matemática para Ciências Biológicas	30	-	-	30	2	Não
	Química Geral	45	15	-	60	4	Não
	Políticas e Legislação Educacional Brasileira	45	15	-	60	4	Não
	Total	270	90	0	360	24	

	COMPONENTE CURRICULAR	CH T	CH P	AA E	CH TOTAL	CRÉDITOS	PRÉ- REQUISITOS
2º	Físico-Química	45	15	-	60	4	Não
	Anatomia Comparada	45	30	-	75	5	Não
	Histologia Comparada	40	20	-	60	4	Não
	História da Educação	45	15	-	60	4	Não
	Metodologia e Redação Científica	30	-	-	30	2	Não
	Didática Geral	60	-	-	60	4	Não
	Física Geral e Experimental para Ciências Biológicas	30	-	-	30	2	Não
	Atividade Acadêmica de Extensão I	-	-	105	105	7	Não
	Total	295	80	105	480	32	

	COMPONENTE CURRICULAR	CH T	CH P	AA E	CH TOTAL	CRÉDITOS	PRÉ- REQUISITOS
3º	Didática do Ensino de Ciências e Biologia	60	-	-	60	4	Não
	Embriologia Comparada	30	15	-	45	3	Não
	Morfologia Vegetal	30	30	-	60	4	Não
	Zoologia de Invertebrados I	45	15	-	60	4	Não

	Química Orgânica	45	15	-	60	4	Não
	Atividade Acadêmica de Extensão II	-	-	120	120	8	Não
	TOTAL	210	75	120	405	27	

	COMPONENTE CURRICULAR	CH T	CH P	AA E	CH TOTAL	CRÉDITOS	PRÉ-REQUISITOS
4°	Sociologia da Educação	60	-	-	60	4	Não
	Anatomia Vegetal	30	15	-	45	3	Não
	Paleontologia	40	20	-	60	4	Não
	Zoologia de Invertebrados II	30	30	-	60	4	Não
	Bioquímica Geral	45	15	-	60	4	Não
	Fundamentos da Educação Especial e Inclusiva	45	15	-	60	4	Não
	Total	250	95	0	345	23	

	COMPONENTE CURRICULAR	CH T	CH P	AA E	CH TOTAL	CRÉDITOS	PRÉ-REQUISITOS
5°	Metodologia do Ensino de Biologia	30	30	-	60	4	Não
	Fisiologia Vegetal	45	15	-	60	4	Não
	Parasitologia Geral	30	30	-	60	4	Não
	Zoologia de Cordados I	40	20	-	60	4	Não
	Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem	60	-	-	60	4	Não
	Atividade Acadêmica de Extensão III	-	-	105	105	7	Não
	Total	205	95	105	405	27	

	COMPONENTE CURRICULAR	CH T	CH P	AA E	CH TOTAL	CRÉDITOS	PRÉ-REQUISITOS
6°	Zoologia de Cordados II	40	20	-	60	4	Não
	Anatomofisiologia Humana	60	15	-	75	5	Não
	Genética Básica	45	15	-	60	4	Não
	Sistemática Vegetal	45	15	-	60	4	Não
	Microbiologia Básica	45	15	-	60	4	Não
	TCC I	-	30	-	30	2	Não
	Total	235	110	0	345	23	

7°	COMPONENTE CURRICULAR	CH T	CH P	AA E	CH TOTAL	CRÉDITOS	PRÉ-REQUISITOS
----	------------------------------	-------------	-------------	-------------	-----------------	-----------------	-----------------------

	Geologia Básica	30	-	-	30	2	Não
	Imunologia Básica	30	15	-	45	3	Não
	Biologia Molecular Básica	30	15	-	45	3	Não
	Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS	60	-	-	60	4	Não
	Educação e Cultura Amapaense	30	15	-	45	3	Não
	Biofísica	40	5	-	45	3	Não
	Optativa - Área das C. Biológicas	45	15	-	60	4	Não
	TOTAL	265	65	0	330	22	

8º	COMPONENTE CURRICULAR	CH T	CH P	AA E	CH TOTAL	CRÉDITOS	PRÉ-REQUISITOS
	Antropologia Biológica e Cultural	30	-	-	30	2	Não
	Educação para os Direitos Humanos	45	15	-	60	4	Não
	Tecnologias Educacionais e Digitais	45	15	-	60	4	Não
	Educação Ambiental	45	15	-	60	4	Não
	Ecologia Geral	45	15	-	60	4	Não
	Optativa - Área da Educação	45	15	-	60	4	Não
	TOTAL	255	75	0	330	22	

NOTAS RELEVANTES

* Para integralização deste currículo exige-se:

Cursar o TCC II, com 30 horas, ofertado em atividade livre, com objetivo de apresentação e defesa do projeto de pesquisa qualificado no TCC I. **Cursar 02 disciplinas optativas**, 1 disciplina optativa na área de Educação e 1 disciplina optativa na área de Ciências Biológicas, totalizando 120 horas. O cumprimento mínimo de **210 horas de Atividades Complementares**, as quais devem ser efetivadas pelo acadêmico no decorrer do curso em módulo livre. Integralizar 405 horas de Estágio Supervisionado a ser ofertado a partir do 1º semestre, nos ECS I, II, III, IV e V como atividade livre.

Integra ainda este currículo o **Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE), o qual, de acordo com o § 5º, do Art. 5º, da Lei 10.861, de 14/04/2004, é componente curricular obrigatório dos cursos de Graduação.

Quadro 5: QUADRO RESUMO DO CURSO

QUADRO RESUMO	CH	CRED
Carga horária das disciplinas específicas obrigatórias (Núcleo I e II)	2580	172
Carga horária das disciplinas Optativas	120	8
Estágio Curricular Supervisionado - ECS	405	27
Atividades Complementares	210	14
Atividades Acadêmicas de Extensão - AAE	330	22
CARGA HORÁRIA TOTAL (em horas/relógio)	3.645	243
Carga horária total (em horas/aula)	4.374	

4.9. Fluxograma do Curso (Matriz Curricular)

CURSO GRADUAÇÃO LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS	DE EM	INTEG. CURRICULAR	DISC. OBRIGATÓRIAS	DISC. OPTATIVAS	ESTÁGIO SUPERVISIONAD O	ATIV. ACAD. DE EXTENSÃO	ATIVIDADES COMPLEMENTAR ES	TOTAL
		CARGA HORÁRIA: (3.645H./Relógio)	2.580	120	405	330	210	3645
		CRÉDITOS: 243	172	8	27	22	14	243

1° SEMESTRE	2° SEMESTRE	3° SEMESTRE	4° SEMESTRE	5° SEMESTRE	6° SEMESTRE	7° SEMESTRE	8° SEMESTRE
Biologia Celular 60h	Físico-Química 60h	Química Orgânica 60h	Bioquímica Geral 60h	Parasitologia Geral 60h	Anatomofisiologia Humana 75h	Geologia Básica 30h	Antropologia Biológica e Cultural 30h
Evolução 60h	Anatomia Comparada 75h	Embriologia Comparada 45h	Anatomia Vegetal 45h	Fisiologia Vegetal 60h	Genética Básica 60h	Imunologia Básica 45h	Educação para os Direitos Humanos 60h
Química Geral 60h	Histologia Comparada 60h	Morfologia Vegetal 60h	Paleontologia 60h	Zoologia de Cordados I 60h	Sistemática Vegetal 60h	Biologia Molecular Básica 45h	Educação Ambiental 60h
Metodologia do Ensino de Ciências 60h	História da Educação 60h	Zoologia de Invertebrados I 60h	Zoologia de Invertebrados II 60h	Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem 60h	Zoologia de Cordados II 60h	Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS 60h	Ecologia Geral 60h
Matemática para Ciências Biológicas 30h	Metodologia e Redação Científica 30h	Didática do Ensino de Ciências e Biologia 60h	Fundamentos da Educação Especial e Inclusiva 60h	Metodologia do Ensino de Biologia 60h	Microbiologia Básica 60h	Educação e Cultura Amapaense 45h	Tecnologias Educativas e Digitais 60h

Língua Portuguesa e Comunicação 30h	Didática Geral 60h		Sociologia da Educação 60h		TCC I 30h	Biofísica 45h	Optativa - Área da Educação 60h
Políticas e Legislação Educacional Brasileira 60h	Física Geral e Experimental para Ciências Biológicas 30h	Atividade Acadêmica de Extensão II 120h		Atividade Acadêmica de Extensão III 105h		Optativa - Área das C. Biológicas 60h	
	Atividade Acadêmica de Extensão I 105h						
CH TOTAL DOS SEMESTRE							
360h	480h	405h	345h	405h	345h	330h	330h

NOTAS RELEVANTES

* Para integralização deste currículo exige-se:

Cursar o TCC II, com 30 horas, ofertado em atividade livre, com objetivo de apresentação e defesa do projeto de pesquisa qualificado no TCC I. Cursar **02 disciplinas optativas**, 1 disciplina optativa na área de Educação e 1 disciplina optativa na área de Ciências Biológicas, totalizando 120 horas. O cumprimento mínimo de **210 horas de Atividades Complementares**, as quais devem ser efetivadas pelo acadêmico no decorrer do curso em módulo livre. Integralizar 405 horas de Estágio Supervisionado a ser ofertado a partir do 1º semestre, nos ECS I, II, III, IV e V como atividade livre.

Integra ainda este currículo o **Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE), o qual, de acordo com o § 5º, do Art. 5º, da Lei 10.861, de 14/04/2004, é componente curricular obrigatório dos cursos de Graduação.

4.10. Conteúdos Curriculares/Ementas

As competências básicas do currículo estão fundamentadas na capacidade de aprender, na organização de conhecimentos e habilidades, na capacidade de relacionar a teoria com a prática e na preparação para o trabalho e cidadania. Os componentes curriculares devem ser entendidos como meios para estabelecer competências cognitivas e sociais.

O currículo é estruturado na interdisciplinaridade e contextualização, mantendo uma ligação com outros conhecimentos. Além disso, realizar relações entre o conhecimento empírico e o conhecimento científico demanda a concretização dos conteúdos curriculares em situações que envolvam o cotidiano do acadêmico e de um ensino com situações da vida profissional (Apêndice II).

Muitos temas e abordagens tratados nos componentes obrigatórios são retomados nos componentes optativos que procuram dar aos discentes a oportunidade de se aprofundar ou de direcionar seu estudo na área temática de seu interesse (Apêndice III).

4.11. Metodologia de Ensino

O Curso de Licenciatura prioriza a qualidade do ensino, sendo o professor-formador um facilitador da aprendizagem, através do uso de metodologias variadas. Compreendida como um conjunto de processos utilizados para alcançar um determinado fim, as metodologias de ensino se respaldam em concepções e princípios pedagógicos que auxiliam o professor, com vistas à aprendizagem dos discentes.

A metodologia de ensino apresentada no PPC resulta na elaboração dos planos de ensino dos componentes que compõem a Matriz Curricular do Curso. Os docentes promovem atividades que propiciam a construção de novos conhecimentos, por meio de práticas pedagógicas inovadoras, em particular as aulas práticas dos componentes da área da Biologia. Essas atividades são realizadas através de aulas práticas nos Laboratórios de Zoologia de Invertebrados e Vertebrados, Botânica, Parasitologia, Bioquímica e Química, Paleontologia, Anatomia, Biologia Molecular, Prática de Ensino, além de atividades de campo, palestras, minicursos, e práticas investigativas e extensionistas.

As estratégias metodológicas adotadas no Curso pautam-se numa abordagem interdisciplinar e sistêmica, estabelecendo os caminhos que indicam as propostas e alternativas adequadas para a concretização da formação pretendida, visto que o êxito das mesmas busca a

construção progressiva das habilidades e competências a partir da interdependência existente entre o que se aprende e como se aprende.

Nos últimos anos, os métodos de ensino estão sendo adotados de caráter inovador e diversificado, como por exemplo: pesquisa como princípio educativo; temas geradores; seminários; debates; aula expositiva e dialogada e metodologias ativas. Os docentes promovem atividades que propiciam a construção de novos conhecimentos, por meio de práticas pedagógicas inovadoras.

Nesse contexto, o processo metodológico prevê articulação do ensino, da pesquisa e da extensão por meio de atividades e ações que possibilitam uma formação contextualizada e domínio de instrumentos capazes de responder às constantes mudanças no campo de formação, possibilitando não só a produção de conhecimento e prestação de serviços, como também a consolidação da necessidade do profissional na sociedade, ampliando-se as possibilidades de inserção no mundo do trabalho. Os docentes, em suas disciplinas buscam sempre a articulação da teoria com a prática no desenvolvimento dos conteúdos, não devendo, portanto, a prática, limitar-se aos estágios supervisionados.

4.12. Estágio Supervisionado

O Estágio Curricular Supervisionado - ECS em conformidade com Res. nº 04/2024 CNE/CP visa o aprendizado de competências próprias da atividade profissional e à contextualização curricular, objetivando o desenvolvimento do educando para a vida cidadã e para o trabalho. Portanto, o Estágio Curricular Supervisionado oportuniza ao discente vivenciar a realidade escolar e correlacioná-la com as teorias que fundamentam sua formação acadêmica, propiciando o contato com o ambiente escolar e o exercício inicial à docência.

A Resolução nº 02/2010 – CONSU regulamenta o Estágio Supervisionado, no âmbito da UNIFAP. De acordo com o Art. 3º, o estágio pode ser de duas naturezas: o obrigatório e o não obrigatório. O estágio obrigatório é aquele previsto no Projeto Pedagógico do Curso de Graduação, como componente indispensável para a integralização do currículo; o não obrigatório é desenvolvido como atividade opcional acrescida à carga horária obrigatória do curso de graduação.

No curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da UNIFAP, o Estágio Curricular Supervisionado é obrigatório, ofertado como atividade livre, também conhecida como módulo livre e está organizado em 5 (cinco) componentes: **ECS I e II** ofertados no 1º e 2º semestres com objetivo observar e compreender o funcionamento e a organização de uma Instituição de

educação básica dos nos anos finais do ensino fundamental e ensino médio, como 60h cada, respectivamente; **ECS III e IV** a serem ofertados no semestres 4º e 5º nos quais o discente terá a oportunidade de desenvolver atividades de regências nas diferentes séries nos anos finais do ensino fundamental, com 90h cada; **ECS V** a ser ofertado no 7º semestre para o aluno desenvolver habilidades e competências no ensino de biologia no ensino médio, com 105h. O discente do curso, ainda será incentivado a desenvolver as atividades de estágio em instituições de educação básica inseridas em comunidades tradicionais/campo, Educação Inclusiva e Educação de Jovens e Adultos para permitir ao discente desenvolver conhecimento prático pedagógico focado em ambientes específicos de ensino, no planejamento de materiais, adaptação destes para docência, proporcionando a ampliação nas áreas de atuação e para preparar o discente para atender a diversidade do público da educação básica.

O estágio supervisionado do curso desenvolve-se nas escolas da rede pública estadual e Municipal de Macapá e particular. A UNIFAP tem convênio com a Secretária Estadual de Educação do Amapá, e do Município, que proporciona aos discentes a oportunidade de estagiar em diversas escolas e assim, vivenciar a realidade escolar de forma integral da região. Os discentes ao iniciar o estágio recebem um seguro de vida, da UNIFAP para ampará-lo em qualquer eventual acidente ocorrido durante o estágio, em conformidade com o Regulamento Estágio Curricular Supervisionado do Curso Licenciatura em Ciências Biológicas (Apêndice IV).

4.13. Atividades Complementares

As atividades complementares ampliam a formação acadêmica do estudante, permitindo de forma mais efetiva a interdisciplinaridade e multidisciplinaridade necessárias ao profissional. A possibilidade de frequentar cursos, seminários, e outros eventos viabiliza a comunicação entre as diversas áreas do conhecimento, cuja importância é evidente quando se deseja fazer uma leitura profissional não só no contexto global, mas, sobretudo, no contexto social. A proposta também permite ao discente a participação na formação do seu currículo, atendendo à crescente demanda do conhecimento no tempo de conclusão do curso.

O crédito nas atividades complementares será obtido quando o acadêmico apresentar comprovantes de atividades que perfaçam o total de carga horária 210h, podendo ser integralizada a partir do 4º semestre, como atividade livre, também conhecido como módulo livre.

Consoante com a Resolução N. 24/2008-CONSU/UNIFAP, as Atividades Complementares devem ser desenvolvidas durante a trajetória acadêmica do aluno e estão organizadas em 7 grupos: Atividade de Ensino, Atividades de Pesquisa, Atividade de Extensão, Participação em eventos de natureza artística, científica ou cultural, Produções diversas, Ações Comunitárias e Representação Estudantil.

Dentre tais atividades, o aproveitamento do estágio não-obrigatório também poderá ser creditado como ACC. Enquanto as Atividades Acadêmicas de Extensão não poderão ser validadas como Atividades complementares, para evitar duplicidade de integralização de carga horária, conforme estabelecido no Regulamento das Atividades Complementares do Curso Licenciatura em Ciências Biológicas (Apêndice V).

4.14. Trabalho de Conclusão de Curso

O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é de grande importância para a vida acadêmica do discente e permite que o graduando demonstre todo o conhecimento adquirido ao longo do curso, aplicando-o a um tema de seu interesse. Trata-se de um componente que prepara o discente para a pesquisa, desenvolve o seu senso crítico, direciona para a interdisciplinaridade, aumenta a sua capacidade de análise e proporciona uma inserção mais confiante no mercado de trabalho, quando estes elementos chaves são priorizados.

De acordo com a abrangência e especificidade de cada curso, o trabalho acadêmico técnico-científico pode ser desenvolvido na forma de monografias ou produções diversas como: artigos científicos, relatórios técnicos, portfólios, projetos e/ou planos técnicos, produção de vídeos, criação e/ou exposição de arte, filmes, protótipos, inventos e similares.

Em todas essas modalidades, deverão ser indicados os pressupostos teórico-metodológicos norteadores do processo de construção, devidamente respaldados nas normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). Após a definição da natureza do TCC a ser desenvolvido, os acadêmicos deverão seguir as diretrizes estabelecidas nos regulamentos específicos de cada curso e em seus respectivos Projetos Pedagógicos, em conformidade com a Resolução nº 11/2008-CONSU/UNIFAP.

No Curso Licenciatura em Ciências Biológicas da UNIFAP este componente curricular integrará a carga-horária do Núcleo II, relacionado a Aprendizagem e Aprofundamento de Conteúdos Específicos e possui a carga horária total de **60 horas**, organizado em TCC I, com 30 horas a ser ofertado no 6º semestre, com o objetivo de permitir a qualificação dos projetos e TCC II, com 30 horas, em módulo livre e com o objetivo de defesa do projeto final. Para a

defesa no TCC II o discente deverá ter qualificado o projeto no TCC I, conforme o regulamento do TCC que está detalhado no Apêndice VII.

O trabalho poderá ser desenvolvido em qualquer área do conhecimento, tema ou conceito que se relacione com a docência em Ciências Biológicas. Atendendo às demandas de formação de professores na contemporaneidade, além do caráter didático-pedagógico, poderá ter caráter de pesquisa, de ensino ou de extensão. Para o Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, são aceitos apenas os formatos de Monografia e Artigo Científico, conforme estabelecido no Regulamento do TCC no Apêndice VII.

4.15. Prática Pedagógica

A formação do licenciado em Ciências Biológicas na UNIFAP é permeada por uma forte componente prática. Nesse contexto, a prática pedagógica não se configura como uma atividade isolada, mas sim como um eixo integrador que articula teoria e prática, conectando os conhecimentos adquiridos em sala de aula com as experiências vivenciadas em diferentes ambientes educativos.

Ao longo do curso, os futuros professores têm a oportunidade de participar de diversas atividades práticas, que vão desde a observação de aulas e a elaboração de materiais didáticos até a realização de projetos de ensino e a regência em escolas. Essas experiências proporcionam aos estudantes a oportunidade de desenvolver habilidades como planejamento, execução e avaliação de atividades pedagógicas, além de fortalecer sua identidade profissional.

As práticas pedagógicas do curso integrarão as Atividades Acadêmicas de Extensão que irão permitir que os licenciandos estabeleçam conexões significativas entre os diferentes conteúdos estudados, compreendendo a complexidade do processo de ensino e aprendizagem. Além disso, a articulação entre a universidade, as escolas e a comunidade promovem a formação de profissionais críticos, reflexivos e capazes de atuar em diferentes contextos educativos.

4.16. Temas Transversais

A estrutura e organização curricular do Curso Licenciatura em Ciências Biológicas ainda contempla a abordagem das temáticas Educação Ambiental, Educação das Relações Étnico-Raciais e Direitos Humanos, no que diz respeito à legislação educacional, prevista na Resolução CNE/CP nº 2, de 20 de dezembro de 2019.

4.17. Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana

Tem-se instituído no Brasil, nos últimos anos, políticas públicas de ações afirmativas para valorização da diversidade étnico-racial como forma de superar situações de preconceito e discriminações. Para tanto, as instituições de ensino, em todos os níveis, ocupam papel central na adoção de políticas educacionais e de estratégias pedagógicas de valorização da diversidade, a fim de superar a desigualdade étnico-racial.

Nos componentes de formação específico e pedagógico temos componentes como: Antropologia Biológica e Cultural, Evolução, Genética Básica, Fundamentos da Educação Especial e Inclusiva, Educação e Cultura Amapaense, Políticas e Legislações Educacionais Brasileira e Sociologia da Educação que incluem temas como inclusão social, de colonialidade na educação, conceito de raça, preconceito, etnocentrismo, dimensões culturais da diversidade e diversidade sociocultural das comunidades tradicionais. Esses componentes serão ofertados a partir do 1º semestre como uma forma de transmitir a importância desses temas, logo no início da vida acadêmica.

4.18. Educação Ambiental

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica em todas as suas etapas e modalidades reconhecem a relevância e a obrigatoriedade da Educação Ambiental. No presente projeto pedagógico, a Educação Ambiental é contemplada como um dos componentes curriculares obrigatórios e a temática também é presente na Ecologia Geral e Ecologia de Populações e Comunidades, de modo interdisciplinar, transversal em componentes obrigatórios e não obrigatórios, atividades complementares e em projetos de extensão desenvolvidos pelos professores do curso a partir do 6º semestre. O discente do curso ainda poderá ter contato com práticas em educação ambiental dentro de projetos de pesquisa e extensão desenvolvidos no curso ou na UNIFAP.

4.19. Educação em Direitos Humanos

De acordo com a Resolução CNE/CP nº 01, de 30 de maio de 2012, em seu Art. 8º, “A Educação em Direitos Humanos deverá orientar a formação inicial e continuada de todos (as) os(as) profissionais da educação, sendo componente curricular obrigatório nos cursos

destinados a esses profissionais.” No curso Licenciatura em Ciências Biológicas da UNIFAP, pretende-se trabalhar a temática de forma transversal, estimulando a participação dos discentes em debates junto à comunidade, em eventos promovidos pela instituição, como os promovido nos cursos de graduação e programas de pós-graduação e por instituição regional.

Disciplinarmente, os componentes curriculares que contêm tópicos em Direitos Humanos, no componente de formação específico, são: Língua Brasileira de Sinais, Metodologia e Redação Científica, Antropologia Biológica e Cultural, Fundamentos da Educação Especial e Inclusiva, Sociologia da Educação e o componente Educação para os Direitos Humanos, ofertadas ao longo do Curso.

4.20. Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs)

As Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) têm sido cada vez mais utilizadas no processo ensino-aprendizagem. Sua importância não está restrita apenas aos cursos não presenciais ou semipresenciais, já tendo ocupado um espaço importante também como mediador em cursos presenciais. As TDICs podem ser definidas como um conjunto de recursos tecnológicos, utilizados de forma integrada, com um objetivo comum e a sua utilização na educação presencial vem potencializando os processos de ensino-aprendizagem.

Nessa perspectiva, os alunos do Curso Licenciatura em Ciências Biológicas da UNIFAP têm a oportunidade de, desde o 1^o semestre, vivenciarem a utilização de ferramentas tecnológicas digitais de informação e comunicação, no processo de ensino-aprendizagem, de modo a desenvolver de modo interativo sua autonomia nos estudos acadêmicos, através de práticas pedagógicas. Há ainda o componente curricular Tecnologias Educacionais e Digitais, que será ofertada no 8^o semestre, objetiva introduzir e aprofundar o discente nas modalidades de ensino tecnológico, habilidades necessárias para contemporaneidade da sua vida profissional.

Para os docentes e discentes da UNIFAP é disponibilizando o Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA/UNIFAP) que oferece ferramentas aos docentes e discentes tais como postagem de avisos, material didático, fórum, chat postados pelos docentes dos componentes presenciais do curso, propiciando maior comunicação e, conseqüentemente melhoria do processo de ensino e aprendizagem. O SIGAA possibilita ainda ao discente acompanhar o Plano Integrado de Trabalho do professor, as notas e frequência de modo a permitir a transparência das ações acadêmicas e pedagógicas no curso.

Outra ferramenta que os docentes e discentes possuem é o acesso a biblioteca on-line, podendo realizar pesquisa em livros ou periódicos acerca de assuntos sobre sua área de formação e/ou de interesses diversos através de *e-books*. Os discentes também podem utilizar *Totens* localizados em várias áreas comuns do *Campus Marco Zero* do Equador para acesso à internet, consulta de matrícula e histórico escolar, cardápio do Restaurante Universitário e consulta ao acervo de livros/periódicos da biblioteca.

Além disso, são constantemente utilizados pelos docentes do Curso Licenciatura em Ciências Biológicas ferramentas como Datashow, Lousa Interativa e mídias eletrônicas, a exemplo de aulas nos Laboratórios de Informática com a utilização de *softwares*. Desse modo, as várias formas de atualização do conhecimento são oportunizadas aos discentes do Curso por meio das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação, relevantes para a atualização e sua atuação no mercado de trabalho.

4.21. Atendimento/Apoio ao Discente

O apoio ao discente no curso Licenciatura em Ciências Biológicas é caracterizado pelo atendimento dos alunos que estão apresentando dificuldades circunstanciais no processo de aprendizagem. Esse serviço é feito pelos professores que realizam o atendimento em horário extraclasse, presencial assim como nas orientações de TCC, Estágio Supervisionado e Atividades Complementares. A Secretaria do Curso funciona nos dois turnos para melhor atendimento ao discente.

O Curso, juntamente com os setores específicos da UNIFAP, proporciona ao discente apoio do ponto de vista pedagógico, psicológico e financeiro. A seguir, destacamos ações que objetivam oferecer apoio acadêmico ao discente.

4.21.1. Apoio Acadêmico ao Discente

Do ponto de vista acadêmico, destaca-se:

O apoio ao discente ocorre a partir do primeiro ano do curso com orientação acadêmica referentes às atividades de acompanhamento e de orientação pedagógica. Assim, a orientação acadêmica aos discentes de graduação efetivada por um professor/orientador sempre que necessário.

Programa de Monitoria: as monitorias são realizadas por estudantes de graduação, em colaboração com professores, e oferecem suporte aos demais discentes na realização de suas

atividades acadêmicas. As monitorias são definidas a partir de demandas dos professores, apresentada ao Departamento de Ciências Biológicas e da Saúde (DCBS), ao qual o Curso Licenciatura em Ciências Biológicas está vinculado, e leva em consideração o índice de reprovação na disciplina, a carga horária e o número de matriculados na disciplina. Regulamento de Monitoria do Curso Licenciatura em Ciências Biológicas (Apêndice VIII).

Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID: O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID é uma iniciativa para aperfeiçoamento e valorização da formação de professores para a educação básica.

O programa concede bolsas a alunos de licenciatura participantes de projetos de iniciação à docência, desenvolvidos por IES's, em parceria com escolas de educação básica da rede pública de ensino. Os projetos devem promover a inserção dos discentes no contexto das escolas públicas, desde o início da sua formação acadêmica, para que desenvolvam atividades didático-pedagógicas sob orientação de um docente da graduação e de um professor da escola. O Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da UNIFAP *Campus Marco Zero* participa ativamente das edições do PIBID.

4.21.2. Assistência Estudantil

A Política de Assistência Estudantil estabelecida na Resolução nº 014/2017-CONSU /UNIFAP é concebida, de forma ampliada, para atender a todos os alunos matriculados na instituição, mas com prioridade e de maneira proporcional os discentes que se encontram dentre os 3 níveis de vulnerabilidade estabelecido na política do Plano Nacional de Assistência Estudantil (PNAES). O programa de assistência estudantil pró-estudante UNIFAP, que sistematiza dentro da instituição os auxílios estudantis financiados pelo (PNAES) é coordenado pela Pró-reitoria de Extensão e Ações Comunitárias-PROEAC.

As ações de assistência do Pró-estudante UNIFAP são desenvolvidas por meio de bolsas e auxílios que são acessados por meio da publicação de editais a assistência para concessão das bolsas e auxílios: Alimentação; Auxílio Transporte; Auxílio Moradia; Auxílio Fotocópia; Auxílio Atleta; Bolsa Permanência do PNAES; Bolsa Permanência do MEC; Auxílio Emergencial; Auxílio Mobilidade; Apoio financeiro à participação em eventos acadêmicos, culturais e desportivos. A seguir são descritos alguns destes serviços:

- O Restaurante Universitário integra o Programa de Assistência Estudantil, desenvolvido pela PROEAC/UNIFAP e oferece à comunidade universitária refeições nutricionalmente equilibradas a baixo custo. Para discentes com benefício socioeconômico são

ofertadas, gratuitamente, três refeições diárias. O objetivo dessa política é a permanência do aluno na educação superior;

- **Serviço Psicossocial:** o atendimento psicossocial ao discente tem como objetivo elaborar e promover ações, junto à demanda acadêmica, através de orientações e encaminhamentos. Este serviço volta-se para o objetivo mais amplo da construção da cidadania nos diversos segmentos que compõem a comunidade discente. Desenvolve subsídios de assistência a partir da proposta preconizada pela Política de Assistência Estudantil na Universidade Federal do Amapá (UNIFAP).

- **Política de Inclusão a Pessoa com Deficiência:** A UNIFAP dispõe ainda de um núcleo de atendimento aos acadêmicos que necessitam de algum tipo de atendimento especial, o Núcleo de Acessibilidade e Inclusão (NAI). O NAI é um setor da Pró-Reitoria de Extensão e Ações Comunitárias-PROEAC, atende alunos com algum tipo de limitação motora, visual e auditiva, com distúrbios psicológicos (dificuldade de relacionamento, depressão, esclerose múltipla, gagueira, esquizofrenia, transtorno bipolar, déficit de atenção, ansiedade, entre outros). O NAI visa “atuar como órgão suplementar da PROEAC para sistematizar as ações institucionais relativas à política de educação inclusiva na educação superior; realizar atendimento individual ou grupal aos acadêmicos com deficiência e/ou mobilidade reduzida; prestar informações a respeito da referida política a fim de estabelecer parcerias com outras instâncias da UNIFAP e organizações externas; além de zelar pelo cumprimento da legislação vigente relativa a acessibilidade na educação superior.”

4.21.3. Avaliação do Processo Ensino-Aprendizagem

A avaliação do processo ensino-aprendizagem no Curso Licenciatura em Ciências Biológicas possui caráter processual, ocorrendo de forma contínua e cumulativa, de maneira a favorecer o exercício da reflexão permanente sobre a prática docente bem como a formação do acadêmico. Tal processo deve estar de acordo com o perfil proposto do egresso, contemplando aspectos cognitivos, habilidades e competências a serem adquiridas. Para tanto, é importante que os instrumentos avaliativos sejam diversificados e não se concentrem apenas em uma única prova, incluindo nos procedimentos de avaliação do processo ensino-aprendizagem, atividades como: provas (teórico e práticas); seminários; trabalhos; e outros.

O processo de avaliação na UNIFAP é regido pela Resolução nº 026/2011-CONSU, em seu Art. 1º cita que: "a avaliação da aprendizagem na Universidade Federal do Amapá é concebida como um fazer pedagógico processual, contínuo, sistemático, reflexivo e

multidimensional. Ele sustenta o processo de ensino e aprendizagem, visando o sucesso do trabalho de professores e discentes na construção e reconstrução permanente dos conhecimentos, das habilidades e das competências estabelecidos no plano de ensino dos componentes curriculares"

Considerando a normativa descrita acima, é dado especial zelo em relação à apresentação e aprovação dos respectivos planos de ensino pertencentes a cada componente curricular que deve ser apresentado pelos docentes no início do período letivo, onde são detalhados os procedimentos e critérios de avaliação a serem adotados no desenvolvimento da disciplina.

A avaliação do rendimento será expressa em grau numérico de zero a dez (10) pontos, permitindo-se o fracionamento em décimos.

O discente será considerado aprovado nas disciplinas mediante a obtenção de:

I. Mínimo de 75% (setenta e cinco por cento) de frequência às aulas previstas;

II. Média igual ou superior a cinco (5) nas avaliações parciais, computando-se a mesma como grau final.

O discente será considerado reprovado quando:

I. Não obtiver frequência mínima de 75% (setenta e cinco por cento) das aulas da disciplina;

II. Não obtiver, na disciplina, média final de verificação da aprendizagem igual ou superior a cinco (5);

5. SISTEMA DE AVALIAÇÃO

O processo de avaliação do Curso é responsabilidade do Núcleo Docente Estruturante-NDE, envolvendo a participação do Colegiado, da Comissão Própria de Avaliação-CPA, demais setores administrativo-pedagógico e discentes do curso, mediante reuniões, oficinas, relatórios e encontros para aprimorar e integrar o processo de avaliação.

5.1. Do Projeto Pedagógico do Curso

Aspectos diversos relacionados com o curso são objetos de avaliação, abrangendo o próprio Projeto Pedagógico, os docentes, discentes e técnicos envolvidos. O Projeto Pedagógico do Curso é dinâmico e requer avaliação permanente dos resultados de sua própria organização.

Essa avaliação fornece informações necessárias para a manutenção do processo educativo ou para reformulação de metas e objetivos, conduzindo necessariamente à reformulação de ações e estratégias.

5.2. Autoavaliação do Curso

As avaliações internas do curso são realizadas semestralmente pela Coordenação do Curso e pelo Núcleo Docente Estruturante (NDE). A qualidade de ensino será avaliada através de índices que reflitam o rendimento dos discentes (aprovação, evasão, reprovação, trancamento dos componentes), bem como através de questionários aplicados a professores e discentes para avaliação qualitativa por meio de instrumentos como: questionários, reuniões, discussões promovidas com os pares e relatórios de desempenho dos discentes disponíveis no sistema acadêmico (Apêndice IX). Após a análise dos resultados o NDE convocará o Colegiado do Curso para discussão e solução dos problemas detectados, em conformidade com as atribuições do NDE.

5.3. Avaliação Institucional

Do ponto de vista institucional, o processo de avaliação é coordenado pela Comissão Própria de Avaliação da UNIFAP- CPA/UNIFAP, que conta com a participação de representantes de todos os segmentos da comunidade acadêmica e da comunidade civil organizada a partir das diretrizes do SINAES. Como ação estratégica para fortalecimento da Avaliação Institucional Interna, a CPA propõe a institucionalização de Núcleos de Avaliação Institucional nas Unidades Acadêmicas e Unidades fora de sede, com o propósito de apreender aspectos da vivência institucional não alcançados pela avaliação institucional promovida de maneira mais global. A mencionada comissão foi regulamentada através da Resolução nº. 025/CONSU, de 27 de setembro de 2006, que aprova o seu Regimento, e está ligada administrativamente à Pró-reitoria de Graduação. Ademais, visando garantir o seu funcionamento, é necessário assegurar estrutura física adequada, bem como a atualização de suas normativas. Neste contexto os objetivos específicos da CPA/UNIFAP são:

- Consolidar a eleger os atores institucionais para auxiliar no processo de avaliação, principalmente nos *campi* da instituição;
- Aplicar anualmente o instrumento de avaliação institucional via Módulo de Avaliação;
- Institucional no SIGAA/UNIFAP considerando todas as dimensões do Sinaes;

- Elaboração da cartilha orientadora para elaboração do relatório de Autoavaliação Institucional;
- Elaborar e subsidiar seminários anuais sobre o Enade e Avaliação institucional;
- Implementar o Fórum de Avaliação e Planejamento Institucional para discussão.

5.4. Exame Nacional do Ensino Superior (ENADE)

O ENADE é um dos procedimentos de avaliação do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior-SINAES, que é realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira-INEP, autarquia vinculada ao Ministério da Educação, segundo diretrizes estabelecidas pela Comissão Nacional de Avaliação da Educação Superior – CONAES, órgão colegiado de coordenação e supervisão do SINAES.

O ENADE avalia o rendimento dos discentes dos cursos de graduação, ingressantes e concluintes, em relação aos conteúdos programáticos dos cursos em que estão matriculados. O exame é obrigatório para os discentes selecionados e condição indispensável para a emissão do histórico escolar. A primeira aplicação ocorreu em 2004 e a periodicidade máxima com que cada área do conhecimento é avaliada é trienal.

É objetivo do ENADE acompanhar o processo de aprendizagem e o desempenho acadêmico dos estudantes em relação aos conteúdos programáticos previstos nas diretrizes curriculares do respectivo curso de graduação, suas habilidades para ajustamento às exigências decorrentes da evolução do conhecimento e suas competências para compreender temas exteriores ao âmbito específico de sua profissão, ligados à realidade brasileira e mundial e a outras áreas do conhecimento. Seus resultados poderão produzir dados por instituição de educação superior, categoria administrativa, organização acadêmica, município, estado e região. Assim, serão constituídos referenciais que permitam a definição de ações voltadas para a melhoria da qualidade dos cursos de graduação, por parte de professores, técnicos, dirigentes e autoridades educacionais.

O ENADE é componente curricular obrigatório nos cursos de graduação conforme determina a Lei nº. 10.861, de 14 de abril de 2004, Art. 5º, §5º, sendo inscrita no histórico escolar do estudante sua situação, conforme Portaria Normativa nº. 40 de 12 de dezembro de 2007, em sua atual redação, e Portaria Normativa nº. 6 de 15 de março de 2012.

O desempenho dos estudantes no ENADE é um dos componentes do Conceito Preliminar de Curso (CPC). Também compõem a nota o Índice de Diferença de Desempenho

(IDD), que é a média entre a nota do discente no ingresso e no fim do curso, além da opinião dos estudantes sobre a IES's com relação à infraestrutura, instalações físicas, recursos didático-pedagógicos, titulação dos professores, e o questionário do estudante, preenchido pelos participantes do ENADE naquele ciclo avaliativo.

O Conceito Preliminar de Curso (CPC), indicador de qualidade dos cursos de graduação (que varia de 1 a 5) é utilizado pelo Ministério da Educação para subsidiar as ações de regulação da educação superior. Cursos com conceitos 1 ou 2 (insatisfatório) são submetidos às visitas de comissão de especialistas formadas por docentes da educação superior na área do curso avaliado designadas pelo INEP e podem sofrer sanções, como a redução do número de vagas para ingressantes ou até mesmo o encerramento da oferta dessas vagas. Quem recebe conceito 3, 4 ou 5 (satisfatório), pode ser dispensado da avaliação *in loco*.

A média dos CPCs dos cursos avaliados no ciclo avaliativo compõe o Índice Geral de Cursos (IGC), indicador de qualidade das instituições de educação superior. O outro componente desse indicador é a Nota Capes, que avalia os cursos de pós-graduação. As notas também variam de 1 a 5 e as IES's com indicador 1 e 2 precisam sanar suas deficiências sob pena de serem descredenciadas do MEC.

O Curso Licenciatura em Ciências Biológicas juntamente com a Pró-Reitoria de Ensino de Graduação (PROGRAD), Coordenadoria de Ensino de Graduação (COEG), Departamento de Avaliação Institucional (DEAVI) e Comissão Própria de Avaliação (CPA) realizam reuniões com os acadêmicos do curso prestarão o ENADE. Estas reuniões dispõem de orientações sobre a importância do ENADE, preenchimento do questionário e atribuições gerais.

O NDE juntamente com os docentes do Colegiado realiza simulados ao final de cada semestre acerca da prova do ENADE, com questões abordadas em exames anteriores. Antes da realização do exame, são realizadas Oficinas de Resolução de Questões.

5.5. Ações decorrentes da autoavaliação do curso

A avaliação produzirá os elementos necessários e fundamentais para a tomada de decisões e efetivação de ações para a melhoria do curso. Para realizar essa avaliação, serão adotadas ações acadêmico-administrativas, como reuniões, oficinas, encontros e palestras, com a participação de docentes, técnicos e discentes.

Com os resultados obtidos na avaliação do Projeto Pedagógico do Curso (PPC) e na autoavaliação do curso, será elaborada uma planilha contendo, no mínimo, os seguintes elementos:

- Dimensão e item avaliado
- Fragilidades identificadas
- Ações corretivas propostas
- Responsabilidade pela implementação
- Prazo para execução

Essa planilha executiva será submetida à apreciação e aprovação do Colegiado do Curso. Além disso, ela servirá como instrumento orientador das ações de melhoria a serem adotadas pelos responsáveis. A planilha também será amplamente divulgada para toda a comunidade acadêmica e para os atores interessados interna e externamente à UNIFAP.

Após a homologação da planilha de resultados do processo de autoavaliação do curso, será realizada uma oficina com a participação de membros da comunidade acadêmica do curso e representantes de outros órgãos da UNIFAP. Essa oficina tem como objetivo viabilizar as ações corretivas propostas no documento. O Núcleo Docente Estruturante acompanhará a implementação dessas ações, cobrando dos responsáveis os prazos e a qualidade das soluções propostas

6. CORPO DOCENTE E ADMINISTRATIVO

6.1. Núcleo Docente Estruturante (NDE)

O Núcleo Docente Estruturante (NDE) do Curso Licenciatura em Ciências Biológicas tem por finalidade a criação, implantação, atualização periódica e consolidação do Projeto Pedagógico do Curso (Regimento do NDE Apêndice X). O NDE-Licenciatura CB é constituído por cinco (5) docentes do curso, dos quais 100% possuem titulação obtida em Programa de Pós-Graduação *Strictu Sensu* e possui regime de trabalho em tempo integral na IES e tem o Coordenador do Curso como membro integrante. O NDE-Licenciatura CB de se reunir ordinariamente, no mínimo, 1 (uma) vez a cada mês, dentro do semestre letivo ou sempre que convocado para discutir as demandas do Curso e propor estratégias de melhoria no ensino e demais situações, juntamente com o Colegiado. A nomeação do NDE é realizada pela Reitoria para executar suas atribuições e atender a seus fins, tendo o coordenador do Curso como presidente. O NDE é normatizado pela Resolução CONAES nº. 1, de 17 de junho de 2010 e Resolução N. 20-2018-CONSU-UNIFAP, normativa interna que regulamenta o Núcleo Docente Estruturante no âmbito da UNIFAP.

6.1.1. Composição do NDE

Quadro 7. Docentes do NDE

DOCENTES DO CURSO	TITULAÇÃO	R.T	LOTAÇÃO
Francisco Diego Barros Barata (Presidente)	Especialista	DE	CCBIO
Andréa Soares de Araújo	Doutor	DE	CCBIO
Carlos Eduardo Costa Campos	Doutor	DE	CCBIO
Dayse Maria da Cunha Sá	Mestre	DE	CCBIO
Ledayane Mayana Costa Barbosa	Doutor	DE	CCBIO

Portaria de Nomeação: 0897/2024 UNIFAP.

6.2. Coordenação do Curso de Ciências Biológicas – Licenciatura

A coordenação do curso é composta pelo coordenador(a) e pelo vice-coordenador(a), ambos eleitos por meio de votação secreta, com a participação de professores, alunos e técnicos vinculados à Coordenação do Curso. O mandato é de dois anos, sendo permitida uma única reeleição, conforme a legislação vigente.

Informação da Coordenação:

- **Coordenador(a):** Esp. Francisco Diego Barros Barata;
- **Portaria de designação:** nº. 0367/2024;
- **Formação acadêmica:** Graduação em Ciências Biológicas (Licenciatura) – Universidade Federal do Amapá;
- **Titulação:** Especialista (Docência do Ensino Superior, Faculdade META);
- **Regime de Trabalho:** 40 horas – Dedicção Exclusiva (DE);
- **Ingresso na IES:** 03/2014
- **Experiência:** 10 anos de experiência no Magistério Superior.

6.3. Colegiado do Curso / Corpo Docente

O Colegiado do Curso é uma instância consultiva e deliberativa, composta por docentes, técnicos e discentes. O Coordenador do Curso é o responsável por presidir o colegiado, podendo ser substituído pelo vice-coordenador quando necessário.

6.3.1. Funcionamento do Colegiado do Curso

As reuniões do Colegiado do Curso de Ciências Biológicas ocorrem mensalmente ou sempre que necessário, convocadas pelo coordenador, para discutir questões pertinentes ao curso.

Ao Colegiado de Curso compete:

- I. Deliberar sobre as políticas e diretrizes de cada coordenação, em consonância com as políticas e orientações do conselho departamental e dos conselhos superiores;
- II. Deliberar sobre os projetos pedagógicos e científicos do pessoal docente e técnico-administrativo lotado na coordenação de curso;
- III. Deliberar sobre as atribuições e encargos de ensino, pesquisa e extensão do pessoal docente e técnico-administrativo da coordenação de curso;
- IV. Deliberar sobre a indicação de professor para ministrar disciplina diversa daquela para a qual foi concursado;
- V. Deliberar, em seu nível, sobre questões referentes à vida funcional dos docentes;
- VI. Declarar vago o cargo de coordenador de curso;
- VII. Deliberar sobre propostas e normas relativas à monitoria;
- VIII. Propor ações para a melhoria da qualidade de ensino;
- IX. Estabelecer medidas de acompanhamento e avaliação da execução dos planos de trabalho das coordenações de cursos;
- X. Desenvolver outras atribuições que lhe couberem por força da legislação vigente.

As atas dessas reuniões são registradas e disponibilizadas no site do curso. Atualmente, os membros que representam o corpo docente e técnico são:

6.4. Composição do Colegiado do Curso: Docentes Efetivos

Quadro 8. *Corpo docente, titulação e experiência profissional.*

ID.	DOCENTE/REGIME DE TRABALHO	FORMAÇÃO ACADÊMICA/TITULAÇÃO	DISCIPLINAS	EXP. PROFISSIONAL
01	ALEXANDRE SOUTO SANTIAGO DE http://lattes.cnpq.br/921698994026819	Graduação em Ciências Biológicas (Bacharelado) Doutor	Zoologia de Invertebrados II; Metodologia e Redação Científica	17 anos
02	ANDREA SOARES DE ARAÚJO / DE	Graduação em Ciências Biológicas (Licenciatura) Doutora	Zoologia de Cordados I; Paleontologia	20 anos

	http://lattes.cnpq.br/5048457116350799			
03	ARTEMIS SOCORRO DO NASCIMENTO RODRIGUES / DE http://lattes.cnpq.br/6975309310411597	Graduação em Ciências Biológicas (Modalidade Médica) / Doutora	Biologia Molecular Básica; Genética Básica	13 anos
04	CARLOS EDUARDO COSTA CAMPOS / DE http://lattes.cnpq.br/8543904614534592	Graduação em Ciências Biológicas (Licenciatura) / Doutor	Anatomia Comparada; Histologia Comparada; Metodologia e Redação Científica	20 anos
05	CLEYDSON BRENO RODRIGUES DOS SANTOS / DE http://lattes.cnpq.br/4851715640991871	Graduação em Química / Doutor	Química Geral; Química Orgânica; Físico-Química	13 anos
06	DAYSE MARIA DA CUNHA SÁ / DE http://lattes.cnpq.br/5953378811855712	Graduação em Ciência Biológicas (Licenciatura) / Mestre	Estágio Supervisionado, Metodologia do Ensino de Ciências e Biologia; Biologia da Educação, Fundamentos em Educação Especial e Inclusiva	10 anos
07	ELIZABETH VIANA MORAES DA COSTA / DE http://lattes.cnpq.br/5901998146948506	Graduação em Ciências Farmacêuticas / Doutora	Química Geral; Bioquímica Geral; Química Orgânica	19 anos
08	ELIANE FURTADO DA SILVA/DE	Graduação em Ciências Biológicas (Bacharelado)/Mestre	Zoologia de Cordados II Evolução; Biogeografia	10 anos
09	FRANCISCO DIEGO BARROS BARATA/DE	Graduação em Ciências Biológicas (Licenciatura)/Especialista	Metodologia do Ensino de Ciências e Biologia; Estágio Supervisionado, Educação Ambiental e Biogeografia	10 anos
09	FERNANDO HENRIQUE SILVA GARCIA / DE http://lattes.cnpq.br/4097839141045120	Graduação em Agronomia / Doutor	Anatomia Vegetal Fisiologia Vegetal	1 ano
10	JÚLIO CÉSAR SÁ DE OLIVEIRA / DE http://lattes.cnpq.br/4239001732722008	Graduação em Ciências Biológicas (Bacharelado) / Doutor	Biologia Celular; Bioestatística	26 anos
11	LEDAYANE MAYANA COSTA BARBOSA / DE http://lattes.cnpq.br/7951292773388681	Graduação em Ciências Biológicas (Licenciatura) / Doutora	Atividades Acadêmicas de Extensão I, II e III Trabalho de Conclusão de Curso	17 anos
12	RAIMUNDO NONATO PICANÇO SOUTO http://lattes.cnpq.br/1661932002902797	Graduação em Ciências Biológicas (Bacharelado e Licenciatura) / Pós-Doutor e Professor Titular	Zoologia de Invertebrados I; Parasitologia; Metodologia e Redação Científica	17 anos

			Trabalho de Conclusão de Curso	
13	RAFAEL ESPÍNDOLA DO NASCIMENTO / DE http://lattes.cnpq.br/9421848500951697	Graduação em Biomedicina / Mestre	Imunologia Básica; Microbiologia Básica; Bioética	10 anos
14	RAPHAELLE SOUSA BORGES / DE http://lattes.cnpq.br/5967765732055568	Graduação em Biomedicina / Doutora	Embriologia Comparada; Anatomia Humana; Histologia Comparada	10 anos
15	TIAGO GABRIEL CORREIA/DE	Graduação em Ciências Biológicas (Bacharelado e Licenciatura)/Doutor	AnatomoFisiologia Humana; Biofísica	9
16	WEGLIANE CAMPELO DA SILVA DE http://lattes.cnpq.br/1838246896243202	Graduação em Engenharia Florestal / Doutora	Morfologia Vegetal; Sistemática Vegetal	12 anos

O corpo docente do Curso ainda dispõe atualmente de 2 (dois) professores substitutos que atuam diretamente no ensino nos componentes básico específico e pedagógico. A seguir os nomes dos professores que compõem o corpo docente substitutos.

6.5. Composição do Colegiado do Curso: Docentes Substitutos

Quadro 9. Docentes substitutos.

ID	DOCENTE/REGIME DE TRABALHO	FORMAÇÃO ACADÊMICA/TITULAÇÃO	DISCIPLINAS	EXP. PROFISSIONAL
01	ADERALDO VIEGAS DA SILVA / Substituto http://lattes.cnpq.br/1038793751358383	Graduação em Ciências Biológicas (Bacharelado) / Mestre	Biologia Molecular; Genética; Biologia Celular	2 anos
02	PAOLA MARIA FEIO SANTOS / Substituto http://lattes.cnpq.br/2488148913708755	Graduação em Ciências Biológicas (Licenciatura) / Mestre	Prática Pedagógica I, II III; Estágio Supervisionado no ensino de Ciências; Estágio Supervisionado no Ensino de Biologia; Metodologia do Ensino de Ciências e Biologia; Biologia da Educação	2 anos

6.6. Corpo Técnico de Laboratório

O Curso de Ciências Biológicas possui em seu Corpo Técnico de Laboratório um quadro com: dois (2) biólogos bacharéis, uma (1) biomédica, uma (1) farmacêutica e um (1) licenciado com Especialidade em Saúde. Todos os Técnicos de Laboratório auxiliam nas aulas práticas, juntamente com o docente responsável pela disciplina (Quadro 10).

Quadro 10. *Corpo Técnico do Curso, formação acadêmica e experiência profissional.*

ID	TÉCNICO/REGIME DE TRABALHO	FORMAÇÃO ACADÊMICA/ TITULAÇÃO	EXP. PROFISSIONAL
01	DÉBORA CRISTINA DAMASCENO D SOUZA http://lattes.cnpq.br/8215943629083985	Graduação em Ciências Biológica (Bacharelado) / Mestre	3 anos
02	FRANCY MENDES NOGUEIRA CARDOS http://lattes.cnpq.br/2973634574419381	Graduação em Biomedicina Doutoranda	20 anos
03	HUANN CARLLO GENTII VASCONCELOS http://lattes.cnpq.br/5658103045618349	Graduação em Ciências Biológica (Bacharelado) / Doutorando	14 anos
04	JAQUELINE SANTOS GOMES	Graduada em Farmácia/Especialista	6 anos
05	KAREN CARMO DOS SANTOS http://lattes.cnpq.br/0638647618118313	Graduação em Matemática (Licenciatura) / Especialista	6 anos

7. POLÍTICA DE EXTENSÃO E PESQUISA

As políticas de extensão e pesquisa, juntamente com a política de ensino, integram o trinômio responsável por promover a formação profissional nos termos assumidos ao longo deste PPC, cuja articulação entre teoria e prática assentada nos conhecimentos científicos e didáticos é fundamental. O Curso Licenciatura em Ciências Biológicas participa de programas de pesquisa e extensão, por meio das modalidades Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica para a Graduação (PIBIC/CNPq e PROBIC/UNIFAP), Programa Institucional de Bolsas de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação (PIBITI/CNPq-UNIFAP) e Programa Voluntário de Iniciação Científica (PROVIC-UNIFAP) que visa despertar a vocação científica e incentivar talentos potenciais entre estudantes de graduação, mediante participação em projetos de pesquisa desenvolvidos na Instituição, possibilitando ao iniciante a aprendizagem de técnicas e métodos e o desenvolvimento do pensar e do criar cientificamente.

7.1. Política de Extensão

A extensão na UNIFAP está alinhada às Diretrizes Nacionais da Extensão Universitária previstas na Política Nacional de Extensão (2012) e Resolução nº 07/2018 do Conselho Nacional de Educação e prevista no PDI/UNIFAP 2020-2026. Em decorrência desse vínculo, a extensão é assumida como atividade que se integra à matriz curricular e à organização da pesquisa, constituindo-se em processo interdisciplinar, político educacional, cultural, científico, tecnológico, que promove a interação transformadora entre a instituição e os outros setores da

sociedade, por meio da produção e da aplicação do conhecimento, em articulação permanente com o ensino e a pesquisa.

As atividades de extensão na UNIFAP serão norteadas e sistematizadas a partir de oito áreas temáticas, correspondentes a grandes focos de política social. São elas: Comunicação; Cultura; Direitos humanos e Justiça; Educação; Meio Ambiente; Saúde; Tecnologia e Produção; e Trabalho.

No curso Licenciatura em Ciências Biológicas da UNIFAP, *Campus Marco Zero*, as atividades de extensão ocorrem no âmbito do curso vinculadas a Projetos, Programas, Cursos ou Eventos de Extensão listadas no Apêndice XI. Estas atividades são inerentes ao ensino de graduação e, voltadas para a promoção de oportunidades de aprendizagem alinhadas ao perfil do egresso, constituindo-se em processo interdisciplinar, político educacional, cultural, científico, tecnológico, que promove a interação transformadora entre a instituição e os outros setores da sociedade, por meio da produção e da aplicação do conhecimento, em articulação permanente com o ensino e a pesquisa.

7.2. Política de Pesquisa

A política de pesquisa da UNIFAP tem como objetivo precípua promover pela pesquisa o progresso da ciência (avançar na fronteira do conhecimento), em todas as áreas, com incentivos a pesquisa básica aplicada de inovação por meio das seguintes ações:

I. Fortalecimento da infraestrutura de pesquisa, do programa de bolsas (iniciação científica, desenvolvimento tecnológico, produtivo, intercâmbio, entre outros), de áreas emergentes de pesquisa, e criação do programa de incentivo a pesquisa;

II. Fomento da interação interinstitucional no âmbito da pesquisa científica; incentivo ao processo de cooperação por meio de parcerias públicas e privadas; apoio a publicação qualificada; apoio a grupos de pesquisa.

A UNIFAP também possui o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. A missão do CEP é salvaguardar os direitos e a dignidade dos participantes da pesquisa. Este papel está baseado nas diretrizes éticas internacionais (Declaração de Helsinque, Diretrizes Internacionais para Pesquisas Biomédicas envolvendo Seres Humanos – CIOMS) e brasileiras (Resolução CNS 466/2012 e complementares). De acordo com estas diretrizes: “toda pesquisa envolvendo seres humanos deverá ser submetida à apreciação de um CEP”.

O CEP da UNIFAP é um colegiado multidisciplinar e independente que recebe e avalia projetos de pesquisa envolvendo seres humanos. Possui membros das áreas da saúde, ciências exatas, sociais e humanas, que avaliam projetos de suas respectivas áreas de conhecimento de acordo com as diretrizes e normas estabelecidas pelo Conselho Nacional de Saúde. Foi criado para defender os interesses dos participantes em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa em padrões éticos e científicos (Resolução 466/2012 Conselho Nacional de Saúde).

O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Amapá – CEP/UNIFAP, foi criado pela Resolução 16/2005 do Conselho Superior da Universidade Federal do Amapá e tem por finalidade a avaliação de pesquisa com seres humanos em nossa Instituição, em conformidade com a legislação brasileira regulamentada pela CONEP. Esta missão é dividida em duas ações principais: a orientação aos pesquisadores e a análise dos projetos encaminhados.

Os projetos do colegiado de Ciências Biológicas que realizam atividades de pesquisa com seres humanos, como, por exemplo, em escolas com professores e alunos, ou mesmo com a comunidade em geral, que não utilizam métodos invasivos, como coletas de hemoderivados e outros, mas que se utilizam exclusivamente de instrumentos de coletas de dados como questionários, formulários ou entrevistas, necessitam garantir o anonimato dos informantes e minimamente inserir no projeto o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido), o qual deve ser assinado pelo indivíduo maior de idade ou por seu responsável legal, bem como podem, a seu critério, submeter ao comitê de ética em pesquisa com seres humanos. A lista com os projetos, atualmente, em execução no curso está listada no Apêndice XII.

A Universidade possui também um Comitê de ética em pesquisas com animais, o CEUA-UNIFAP, que é um órgão deliberativo e de assessoramento da administração da universidade em matéria normativa e consultiva referente à utilização de animais para o ensino e pesquisa, considerando a preconização do CONCEA (Conselho Nacional de Controle e Experimentação Animal) que nacionalmente é responsável por formular e zelar pelo cumprimento de normas relativas à utilização humanitária de animais com finalidade de ensino ou pesquisa científica. O CEUA-UNIFAP, pauta-se, dentre outros documentos oficiais, na Resolução Normativa Nº 20, de 30 de dezembro de 2014.

A UNIFAP contribui com o crescimento científico do Estado através das seguintes iniciativas:

I. Criação de cursos de pós-graduação nos níveis *lato sensu* e *stricto sensu*;

II. Participação de projetos de pesquisa de âmbitos local, regional, nacional e internacional, cujas pesquisas sejam de interesse do Estado e da Sociedade Local;

III. Participação de cursos de pós-graduação integrados com outras instituições de interesse local;

IV. Criação de cursos de pós-graduação direcionados à formação profissional para o mercado de trabalho, tais como especialização, mestrado e doutorado profissionalizante;

V. Criação de um programa de iniciação científica com o objetivo de engajar acadêmicos na atividade de pesquisa;

VI. Definição de áreas programáticas para captação de recursos para a pesquisa nas áreas de recursos naturais, sociedade e cultura e na área tecnológica, visando a inovação de processos e produtos;

VII. Criar mecanismos de difusão e transferência de conhecimentos e tecnologias de interesse da população do Amapá;

VIII. Criar condições e apoiar as diversas formas de divulgação científica, promovendo a relação entre a instituição, os docentes, pesquisadores, os estudantes e a população em geral que deve ser, em última instância, a beneficiária dos conhecimentos gerados pela Universidade.

Os acadêmicos vinculam-se aos projetos de pesquisa de professores a partir do desenvolvimento dos seus trabalhos de conclusão de curso.

8. POLÍTICA DE INCLUSÃO

A Política de Acessibilidade e Inclusão está orientada por meio da Política de Educação Inclusiva (CONEB/2008 e CONAE/2010); Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva; e de demais políticas correlatas e normativos correspondentes.

O Núcleo de Acessibilidade e Inclusão (NAI) é vinculado à PROEAC, da UNIFAP, com objetivo de atender aos acadêmicos com necessidades especiais dos *campi*. O NAI foi instituído por meio da Resolução N^o 9/2010 CONSU/UNIFAP. Suas atividades estão distribuídas da seguinte forma: adaptação de materiais didáticos, com entrega do material adaptado às necessidades do discente; orientação quanto ao uso de tecnologias assistivas disponíveis no núcleo; apoio aos acadêmicos que necessitem de serviço psicopedagógico ou psicológico, em parceria com o Projeto SAPE - Serviço de Atendimento Psicopedagógico; Ações institucionais que visam promover o debate sobre a acessibilidade atitudinal, pedagógica e comunicacional; demandas relativas ao apoio em interpretação de LIBRAS.

Como resultados, o NAI busca promover a melhoria na qualidade das relações interpessoais e a inclusão plena da pessoa com necessidades específicas. Proporcionar

atendimento público de qualidade ao maior número de acadêmicos dessa Instituição Federal de Ensino e inseri-los no contexto social produtivo constitui a primazia do Serviço de Atendimento Psicopedagógico vinculado ao Núcleo de Acessibilidade.

9. INFRAESTRUTURA

O Campus possui uma área administrativa específica, onde funcionam as Pró-Reitorias e Departamentos da Instituição. As salas destinadas aos colegiados de cursos, localizadas em instalações próprias, são climatizadas e dispõem de material de apoio compatível às necessidades de cada coordenação. O Departamento de Controle Acadêmico funciona juntamente com a Prefeitura no bloco administrativo (860 m²). O campus possui também um conjunto de pós-graduação, Auditório, Ginásio de Esportes, Almoxarifado Central, Centro de Lazer e Vivência, Unidade de Saúde, Departamento de Informática, Cantina, Restaurante Universitário, Cabine de Medição, Reitoria e laboratórios.

9.1. Instalações de acesso às pessoas com necessidades educacionais especiais

De acordo com o PDI 2020-2026 o plano de acessibilidade da rede física foi elaborado com o apoio da comissão para desenvolver os projetos de adaptação de acessibilidade das edificações e encontra-se em processo de aprovação no CONSU. Após a consolidação do plano, a Prefeitura colocará em prática as ações corretivas nas áreas previamente identificadas, com vistas a consolidar a política estabelecida na Lei nº 10.098/2000, que instituiu os critérios básicos para promover a acessibilidade de pessoas com deficiência.

9.2. Infraestrutura de segurança

A infraestrutura de segurança pessoal e patrimonial da Universidade Federal do Amapá ocorre através da terceirização de empresa de Segurança Privada, objetivando garantir a ordem e a segurança no campus da UNIFAP.

A Prevenção de Incêndio é composta por Projeto de Prevenção e Combate a Incêndios, executado a partir da instalação de rede de hidrantes, extintores, central de alarme contra incêndio e ainda pela formação do Corpo de Brigada de Incêndio, construído e treinado pelo Corpo de Bombeiros da Cidade de Macapá, visando assegurar a devida utilização dos meios de combate a incêndios oferecidos pela universidade.

A infraestrutura de Prevenção de Acidentes de Trabalho é representada pela Comissão Interna de Prevenção de Acidentes (CIPA) permitindo assim a formação de consciência preventiva e corretiva de nossos funcionários com o propósito de manter um ambiente de trabalho hígido e produtivo.

9.3. Manutenção e conservação das instalações físicas

A manutenção e conservação das instalações físicas da UNIFAP são realizadas através de empresa terceirizada, constituída por serventes que atendem todo o Campus. A conservação e limpeza da Universidade são realizadas diariamente através de escalas e divisão de trabalho por área.

Alguns serviços de manutenção são realizados por servidores da própria Instituição. Diariamente, são feitas manutenções corretivas que ocorrem imediatamente após a quebra ou paralisação das instalações físicas. É importante ressaltar também que periodicamente são feitas manutenções preventivas assegurando assim a qualidade do serviço e das instalações físicas da instituição, atendendo os padrões e normas necessários. A solicitação de manutenção, consertos de equipamentos, reposição de garrafões de água mineral, ocorre *on-line*, através do Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas – SIGAA.

9.4. Manutenção e conservação de equipamentos

A manutenção e conservação básica dos equipamentos da UNIFAP são realizadas pelos próprios servidores da Instituição, de acordo com áreas de qualificação específica.

9.5. Sala da Coordenação e Professores

A sala dos professores situa-se junto à Coordenação do Curso, que é dividida em 04 (quatro) salas, 01 (uma) sala de arquivo, 01 (uma) para sala de reunião e professores, 01 (uma) destinada à Coordenação da Licenciatura e 01 (um) funciona como sala de recepção de documentos, possuindo mobiliário para os estagiários e técnicos da coordenação, computadores, impressoras e pontos telefônico e para acesso à internet, situada no bloco G, totalizando 736 m².

9.6. Salas de aula

O Curso de Ciências Biológicas Licenciatura possui um bloco de salas de aula (Bloco F) contendo 05 (cinco) salas. Cada sala possui pontos para acesso à internet, Datashow com caixas de som instalados, central de ar, quadro de aviso, quadro magnético e cadeiras para os alunos.

Quadro 11. Estrutura de salas de aula do Curso.

DISCRIMINAÇÃO	ÁREA EM m ²	ESTADO
Bloco de Salas de Aulas	400	Implantado
Salas de Aula (individual)	62	Implantado
Salas de Aula (total)	248	Implantado
Banheiros (feminino e masculino)	38	Implantado

9.7. Laboratórios

O Departamento de Ciências Biológicas e da Saúde (DCBS) foi criado em 2011, tendo como atual diretora Sandra Mota Rodrigues. O DCBS engloba os cursos de Ciências Biológicas, Medicina, Fisioterapia, Ciências Farmacêuticas, Enfermagem e Psicologia. Os laboratórios vinculados aos cursos são de uso comum e estão listados no Apêndice XIII e Quadro 6. Contudo, o Curso de Ciências Biológicas possui 12 (doze) laboratórios didático-científicos em funcionamento (Quadro 5), onde são realizadas as aulas práticas, além de uma sala de Coleção Biológica e Insetário (todas as instalações com pontos de internet). O curso apresenta suas Normas Básicas de Segurança de Laboratório (Apêndice XIV).

Quadro 12. Relação de laboratórios vinculados ao Curso.

LABORATÓRIO	ÁREA (m2)	FINALIDADE	OBJETIVO	UTILIZAÇÃO	SERVIÇOS	ACESSIBILIDADE	ESTADO
1. Laboratório de Artrópodes – ARTROLAB	59	O Laboratório de Arthropoda tem como finalidade atender as aulas práticas das disciplinas Zoologia II, Parasitologia Geral, Entomologia Médica nos cursos de graduação em Licenciatura e Bacharelado em Ciências Biológicas e Tópicos Especiais em Biodiversidade, Entomologia Médica e Forense nos programas de Pós-graduação em Biodiversidade Tropical (PPGBIO), Ciências da Saúde (PPGCS), Ciências Farmacêuticas (PPGCF) e Bionorte. Os conteúdos ministrados são Morfologia Externa e Interna e Identificação Taxonômica de Arthropoda. Além das atividades de docência o Laboratório	Dar apoio as atividades de docência dos cursos de graduação e pós-graduação; Desenvolver projetos científicos de TCC, Dissertação, Teses e Estágios de pós-doutoramento; Apoiar as Secretarias Municipais de Saúde do estado do Amapá, no âmbito de estudos de vetores de malária, doença de Chagas, arboviroses e Leishmanioses; Realizar projetos de extensão que atenda as comunidades discentes, de docentes e comunidade em geral.	O laboratório é utilizado no âmbito da pesquisa científica, ensino e extensão.	- Realização de estudos sobre a taxonomia, biogeografia e bioecologia de Arthropoda; - Capacitação de professores de ensino fundamental e médio sobre o uso de coleções biológicas de Arthropoda no ensino de ciências e biologia; - Realização de bioensaios de suscetibilidade a inseticidas e repelentes em insetos vetores.	As estruturas físicas que compõem o Laboratório de Arthropoda são de fáceis acessos.	Implantado e ativo

		dar aporte a projetos científicos de trabalho de conclusão de curso (TCC) do ensino de Graduação, de dissertação, tese e estágios de pós-doutoramento dos programas de Pós-graduação de Biodiversidade tropical, Ciências da Saúde, Ciências Farmacêuticas e da Bionorte da Universidade Federal do Amapá.					
2. Laboratório Biologia molecular – LABBIOMOL	100	1) Ensino das práticas das disciplinas Biologia molecular, Introdução a Biotecnologia e Genética. 2) Desenvolver projeto de pesquisa, ensino e extensão.	1. Ensinar aos acadêmicos as práticas das áreas de Biologia molecular, Introdução a Biotecnologia e Genética; 2. Contribuir para o conhecimento entre teoria e prática; 3. Publicar artigos científicos, resumo de congresso na área de genética molecular humana e de microrganismo através dos projetos desenvolvidos no laboratório.	1. Aulas Práticas das disciplinas Biologia molecular, Introdução a Biotecnologia e Genética. 2. Pesquisas na área de genética molecular de humanos e microrganismos	Produção de artigos científicos e outros trabalhos acadêmicos através de projetos na área de genética molecular humana e de microrganismos desenvolvidos no laboratório.	O laboratório possui uma rampa na entrada para atender pessoas com necessidades especiais.	Implantado e ativo
3. Laboratório de Botânica Estrutural – LABOT	100	Ensino: Ministrando aulas práticas de botânica, apresentando habilitação para análises fisiológicas de plantas sob estresse e	1) Desmistificar as dificuldades na aprendizagem de botânica por meio de aulas dinâmicas, práticas, tecnológicas e digitais, que facilitem a compreensão das	1) Realização de aulas práticas de botânica de componentes curriculares obrigatórios e optativos	1) Durante as aulas de Botânica: Propõe a participação dos alunos entrelaçando as vivências pessoais e	O LABOT apresenta rampa de entrada e espaço largo entre bancadas, multimídia com caixa de som e protocolo de uso	Implantado e ativo e ativo

		identificação taxonômica vegetal. 2) Pesquisa: Atua nas áreas de Anatomia Vegetal, Morfologia vegetal, Fisiologia Vegetal, Classificação, Sistemática e Taxonomia Vegetal, Etnobotânica, Dendrologia e Ecologia Vegetal.	plantas como parte de um todo, visando auxiliar no processo de construção do conhecimento científico. 2) Realizar o estudo científico de plantas sob a perspectiva da fisiologia, morfologia, ecologia vegetal e taxonomia, ou seja, todas as características, interações e funcionamento das plantas e produzir resultados que possam contribuir para o conhecimento da flora amazônica.	de forma dinâmica e tecnológica. 2) Realizar Pesquisas nas áreas de Anatomia Vegetal, Morfologia vegetal, Fisiologia Vegetal, Classificação, Sistemática e Taxonomia Vegetal, Etnobotânica, Dendrologia e Ecologia Vegetal.	experiências com o conteúdo, produzindo informações que possam ser transmitidas a sociedade. 2) Na pesquisa, visa gerar produtos que auxiliem a utilização correta de plantas medicinais, que instruem e facilitem o cultivo de plantas e que possam contribuir para o conhecimento da flora amazônica.	adaptado para atender a Pessoas com Deficiência (PcD).	
4. Laboratório de Histologia – HISTOBIO	50	O espaço físico foi construído e está equipado com instrumentos próprios para a realização de aulas práticas e experimentos relacionados à pesquisas científicas.	O laboratório tem como objetivo a realização de aulas práticas das disciplinas Embriologia Comparada e Histologia Comparada e a confecção de lâminas histológicas para fins acadêmicos e científicos, visando à segurança dos usuários e à preservação dos equipamentos e materiais disponíveis.	O uso do laboratório é voltado exclusivamente para os fins científicos e educacionais previstos.	- Fixação de tecidos animais; - Processamento de tecidos; - Inclusão em parafina; - Corte em micrótomo; - Coloração; - Leitura de lâminas histológicas.	Não há adequações no espaço interno do laboratório.	Implantado e ativo
5. Laboratório de Ictiologia e Limnologia – LABLIMNO	100						Implantado e ativo
6. Laboratório de Zoologia de Invertebrados – LABINVERT	59	1) Promover a formação acadêmica em Ciências Biológicas com foco nos conhecimentos acerca	1) Estudar a biodiversidade de invertebrados, terrestres e aquáticos, ocorrentes tanto no estado do Amapá, como em	1) Realização de aulas práticas das disciplinas de: Zoologia 1; Oceanografia e	1) Desenvolvimento de estudos como parte obrigatória para o crédito de Estágios,	1) No momento no LABINVERT não há adequações do espaço, equipamentos, móveis, utensílios voltados a	Implantado e ativo

		<p>da Zoologia, Ecologia, Possibilidades de aplicações em relação aos animais</p> <p>2) Auxiliar no desenvolvimento das pesquisas, básicas ou aplicadas, relativas à Zoologia, à Biologia, ao Comportamento, às Interações ecológicas, entre outras, relacionadas aos invertebrados em geral</p> <p>3) Desenvolver as pesquisas e Elaboração dos Trabalhos de Conclusão de Curso dos alunos de graduação em Ciências Biológicas, bem como de pós-graduação;</p> <p>4) Elaborar estudos sobre as comunidades de invertebrados, terrestres e aquáticos, ocorrentes no estado do Amapá, e quando necessário, também fora do estado;</p> <p>5) Buscar respostas à interação entre os invertebrados, terrestre ou aquáticos, frente aos impactos e mudanças nos ambientes naturais do estado do Amapá.</p>	<p>outros estados do Brasil, ou até fora do país;</p> <p>2) Apoiar as atividades relacionadas com as pesquisas básicas, como instrumento de melhoria na formação dos alunos de graduação em Ciências Biológicas, ou até de pós-graduação;</p> <p>3) Desenvolver estudos que possam gerar produtos por meio de pesquisas aplicadas;</p> <p>4) Capacitar os alunos, tanto de graduação quanto de pós-graduação, em desenvolverem pesquisas, básicas ou aplicadas, com o uso ou presença de invertebrados em geral, terrestres ou aquáticos;</p> <p>5) Realizar atividades de apoio ao ensino, fundamental, médio e superior;</p> <p>6) Firmar parcerias com outros laboratórios da UNIFAP ou outras instituições de Ensino e Pesquisa, no Brasil ou até fora do país, para a realização de estudos com o uso ou aplicação dos invertebrados em geral.</p>	<p>Limnologia; Ecologia Geral e de Campo;</p> <p>2) Orientação de estágios, voluntários e curriculares, de alunos de graduação em Ciências Biológicas, ou outros cursos;</p> <p>3) Orientação das Pesquisas relacionadas à Elaboração dos Trabalhos de Conclusão de Curso, de alunos da graduação em Ciências Biológicas e outros cursos, além da elaboração de dissertações de mestrados;</p> <p>4) Desenvolvimento de pesquisas voltadas ao enriquecimento dos conhecimentos sobre a fauna de invertebrados terrestres ou aquáticos, ocorrentes no estado do Amapá, ou outros estados do Brasil;</p>	<p>voluntários e obrigatórios;</p> <p>2) Desenvolvimento de estudos para a elaboração de Trabalhos de Conclusão de Curso, tanto da graduação em Ciências Biológicas, como de outros cursos, e da pós-graduação também;</p> <p>3) Desenvolvimento de estudos sobre a composição e estado da fauna, de invertebrados, ocorrentes em áreas específicas do Amapá para a elaboração de Estudos de Caso, Relatórios Ambientais, entre outros;</p> <p>4) Realização de pesquisas relacionadas à Manutenção e Integridade de ambientes naturais do estado do Amapá e relacionar os resultados com possíveis danos causados ao meio ambiente por atividades antrópicas;</p> <p>5) Exposição dos organismos pertencentes a nossa</p>	<p>facilitar o acesso, uso e permanência de pessoas com alguma limitação de movimentação, audição ou visão.</p> <p>2) Sugere-se que sejam realizados estudos para que se descubram quais as adequações deverão ser realizadas no espaço do LABINVERT a fim de possibilitar o acesso às pessoas que tenham alguma limitação ao ambiente do laboratório</p>
--	--	---	---	--	--	---

					fauna de invertebrados, bem como a realização de palestras, como formas de desenvolve a educação ambiental entre a população do Amapá; 6) Divulgação de conhecimentos relacionados à fauna de invertebrados ocorrentes no Amapá, tanto para a comunidade acadêmica como para a população local.		
7. Laboratório de Zoologia de Vertebrados – LABZOO	100						Implantado e ativo
8. Laboratório de Modelagem e Química Computacional – LMQC	40						Implantado e ativo
9. Laboratório de Química e Bioquímica – LABQUIM	100	O Laboratório de Química e Bioquímica (LABQUIO&BIO) têm como finalidade desenvolver atividades de aulas práticas das disciplinas referentes a ciências Bioquímicas (Química Geral, Química orgânica, Físico-Química, Bioquímica I e Bioquímica II), bem como atividades de	-1 Proporcionar, prioritariamente, o desenvolvimento de aulas práticas, dos cursos de graduação de Ciências Biológicas Bacharelado e Licenciatura da UNIFAP. - 2 Possibilitar aos cursos de graduação de Ciências Biológicas Bacharelado e Licenciatura o aumento da quantidade e qualidade de trabalhos de conclusão de	aulas da graduação e pós-graduação. Atividades de pesquisas nas áreas de química e bioquímica.	o laboratório ainda não presta serviços externos.	ainda não possui.	Implantado e ativo

		pesquisa e extensão que estejam relacionadas, dando suporte aos cursos de graduação e pós-graduação da UNIFAP.	curso, monografias, dissertações e teses. - 3 Realizar parcerias com professores/pesquisadores e instituições de ensino e/ou pesquisa vinculados e/ou externos a UNIFAP, para desenvolvimento de pesquisas relacionadas a área de Ciências Bioquímicas. - 4 Disponibilizar a infraestrutura do laboratório para cursos e/ou outras atividades que estejam vinculadas a área de Ciências Bioquímicas				
10. Laboratório de Paleontologia – PALEOLAB	50						Implantado e ativo
11. Laboratório de Prática de Ensino – LAPE	50	Subsidiar cientificamente a prática do ensino de Ciências Biológicas, através de metodologias alternativas e/ou diferenciadas.	1.Instrumentar acadêmicos de licenciatura para a prática profissional. 2.Produzir materiais didáticos como elementos facilitadores ao processo de inclusão.	O laboratório é utilizado nas disciplinas didático pedagógicas do curso de licenciatura e todo e qualquer acadêmico pode se voluntariar para fazer parte dele.	Produção de materiais didático pedagógicos que serão utilizados nas Instituições de ensino, nas disciplinas práticas pedagógicas. Apoio ao desenvolvimento de práticas pedagógicas inclusivas e acessíveis.	O laboratório tem como principal caminho metodológico, a busca, na maioria das suas atividades, da adaptação para o ensino inclusivo, tais como a inserção do Braille nas atividades ou a estimulação tátil das alternativas metodológicas, ainda propõe a acessibilidade no exercício da adaptação de materiais para alunos autistas. Propiciando ao acadêmico aprender o sentido verdadeiro da cooperação,	Implantado e ativo

						desenvolvendo os materiais e descobrir meios e processos para se trabalhar e respeitar os valores do pluralismo.	
12. Laboratório de Herpetologia – HERPETOLAB	50	Aulas práticas, desenvolvimento de projetos de pesquisa, ensino e extensão.	O Laboratório de Herpetologia (HerpetoLab) tem como objetivo obter informações sobre a história natural da herpetofauna visando preencher uma lacuna de conhecimento que existe sobre a biologia e ecologia das espécies presentes na porção oriental da Amazônia, e em especial no Amapá, e mostrar à sociedade a sua importância com a finalidade de despertar o interesse em relação a sua conservação.	As pesquisas realizadas integram colaboradores de diversas instituições de ensino e pesquisa, envolvendo a orientação de bolsistas e/ou voluntários dos Programas de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq, PROVIC/UNIFAP e PIBITI/CNPq), além do estágio supervisionado de graduação, trabalhos de conclusão de curso e estudantes de Programas de Pós-Graduação em Ciências da Saúde (PPGCS) e Rede de Biodiversidade e Biotecnologia da Amazônia Legal (BIONORTE).	A indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão é uma das finalidades do Laboratório de Herpetologia, que visa integrar e desenvolver atividades de extensão e pesquisa para a geração de conhecimento acerca da herpetofauna e sua conservação. Ao HerpetoLab integra a Coleção Científica de Anfíbios e Répteis, utilizados como material testemunho e atividades de extensão.	Adaptado para acessibilidade	Implantado e ativo
13. Laboratório de Microbiologia e Imunologia- LABMICRO	50	o laboratório de Microbiologia e Imunologia possui o intuito de desenvolver aulas práticas e pesquisas científicas abrangendo as áreas de bacteriologia,	- desenvolver atividades práticas cumprindo a ementa das disciplinas do colegiado de ciências biológicas - fazer pesquisas científicas com ênfase na área virológica - orientação de discentes em atividades científicas,	o laboratório de Microbiologia e Imunologia será utilizado por docentes, técnicos, discentes, pesquisadores e colaboradores autorizados pela	Serão ofertadas aulas práticas e desenvolvimento de pesquisas científicas.	Adaptado parcialmente.	Em Implantação

		micologia, Imunologia com ênfase em virologia, dessa forma atender a demanda na formação dos discentes de ciências biológicas.		coordenação do laboratório.			
14. Laboratório de Fisiologia/Biofísica-LABIOFISIO	50	atender os discentes dos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Ciências Biológicas, proporcionando um ambiente para a realização de pesquisa teórica e experimental, bem como oficinas pedagógicas inerentes ao treinamento de novos professores.	incluem proporcionar um ambiente de aprofundamento do conhecimento no âmbito da Fisiologia Comparativa, Ecofisiologia Animal e Biofísica para Ciências Biológicas, abrangendo o tripé ensino-pesquisa-extensão.	dentre as suas expertises pode oferecer consultoria em assuntos que envolvam impactos ambientais que resultem em efeitos deletérios, principalmente em ecossistemas aquáticos impactados por metais pesados, tais como Hg, Mn, Cu, além de demais compostos orgânicos antropogênicos, por meio de uma abordagem ecotoxicológica na aplicação de biomarcadores bioquímicos e fisiológicos.	Aulas práticas e desenvolver projetos de pesquisa e extensão.	Até o presente momento não está disponível nenhuma infraestrutura capaz de atender a pessoas com necessidades especiais, além disso, o BioFisio necessita urgentemente de adequações de segurança, tais como a instalação de uma capela exaustora de gases, extintor de incêndio e de um chuveiro e lava olhos. A ausência destes itens torna o ambiente insalubre e inseguro para todos os seus frequentadores.	Em Implantação
15. Laboratório Multidisciplinar de Ensino- LAMEN	100	visa ser um espaço para o desenvolvimento de atividades de ensino, pesquisa e extensão, especialmente nas áreas de Biologia Geral, Anatomia Comparada, Metodologia do Ensino de Biologia e Ciências, Biogeografia e Educação Ambiental.	1. Incluem disponibilizar ambiente e recursos para ensino, pesquisa e extensão; 2. apoiar a elaboração de materiais científicos e didáticos; fomentar a multidisciplinaridade; 3. proporcionar formação em ciências biológicas; 4. prestar assessoria à comunidade; 5. publicar trabalhos e criar um	O laboratório é utilizado prioritariamente por docentes e discentes do Curso de Ciências Biológicas, mas também está disponível para outros cursos que desenvolvam atividades relacionadas	O LAMEN oferece suporte para atividades de ensino, pesquisa e extensão, incluindo preparação de materiais, manutenção de equipamentos, gestão de estoque e apoio técnico.	o LAMEN estabelece uma política de acessibilidade, garantindo instalações acessíveis, equipamentos adaptados, treinamento para equipe, suporte personalizado e um canal para feedback sobre acessibilidade.	Em Implantação

			acervo de materiais produzidos no laboratório.	às áreas de foco do laboratório.			
16. Laboratório de Pesquisa Fitoquímica Doenças Endêmicas-LPPD	100	O Laboratório de Pesquisa em Fitoquímica e Doenças Endêmicas (LPDF) tem como finalidade desenvolver atividades na área de Fitoquímica e Doenças Endêmicas, dando suporte aos cursos de graduação e pós-graduação da UNIFAP.	<p>1- Proporcionar, prioritariamente, o desenvolvimento de projetos de pesquisa relacionados a área de Fitoquímica e Doenças Endêmicas, dos cursos de graduação e pós-graduação da UNIFAP.</p> <p>-2 Possibilitar aos cursos de graduação e pós-graduação da UNIFAP o aumento da quantidade e qualidade de trabalhos de conclusão de curso, monografias, dissertações e teses nas áreas de saúde e meio ambiente.</p> <p>-3 Realizar parcerias com professores/pesquisadores e instituições de ensino e/ou pesquisa vinculados e/ou externos a UNIFAP, para desenvolvimento de pesquisas relacionadas a área de saúde e meio ambiente.</p> <p>- 4 Apoiar as atividades de pesquisa, ensino e extensão nas áreas de Fitoquímica e doenças endêmicas.</p> <p>- 5 Disponibilizar a infraestrutura do laboratório para cursos e/ou outras atividades que estejam vinculadas a área de Fitoquímica e doenças endêmicas</p>	Aulas da graduação e pós-graduação. Atividades de pesquisas nas áreas de Fitoquímica e doenças endêmicas. Cursos e/ou outras atividades vinculadas a área de Fitoquímica e doenças endêmicas	o laboratório ainda não presta serviços externos.	ainda não possui.	Em Implantação

10. MEDIDAS PARA CONSOLIDAÇÃO DO PROJETO PEDAGÓGICO

Para que o proposto Projeto Pedagógico possa ser consolidado, algumas necessidades são elencadas nos itens abaixo:

10.1. Dos recursos humanos

I. Contratação de professores competentes e titulados;

II. Desenvolvimento pessoal e profissional dos professores em programas de formação permanente, objetivando a reflexão do ato educativo, seja no âmbito do ensino, da pesquisa ou da extensão;

III. Investimento na gestão colegiada do curso, com incentivo à participação discente e valorização das contribuições do pessoal técnico-administrativo em encontros sistemáticos para deliberação diversas, estudos e planejamentos de atividades.

10.2. Dos recursos físicos e materiais

I. Continuar a atualização do acervo bibliográfico específico da área de conhecimento de Ciências Biológicas;

II. Ofertar aos discentes e professores, mediante projetos para aquisição institucional e/ou do curso, recursos tecnológicos atualizados, facilitando o uso da informática como instrumento de ensino, pesquisa e extensão;

III. Disponibilidade de meios de transporte, mediante planejamento prévio, para atividades de campo, visitas técnicas e de estudo;

IV. Montar e disponibilizar laboratórios de ensino, pesquisa e extensão com material permanente para as atividades propostas no PPC do Curso.

10.3. Das atividades

I. Criação de núcleos de estudos, de pesquisas e atividades extensionistas com a participação de discentes, docentes e pessoal técnico-administrativo ligados ao curso;

II. Fortalecimento de uma vivência universitária plena, com incentivo à participação e atividades científicas, culturais, esportivas e sociais;

III. Promoção de atividades de observação direta, permitindo aos discentes e docentes a vivência de investigação, de observação e de pesquisa;

IV. Estímulo à participação de docentes e discentes nos programas de Iniciação Científica, monitorias, extensão, reuniões científicas como congressos, simpósios, encontros, entre outros;

V. Estímulo aos docentes e discentes para a participação em eventos científicos, na própria Universidade e em outros espaços, incentivando a realização de pesquisas científicas, bibliográficas, de campo e a elaboração de textos e artigos para publicação.

11. O CURSO E SUA RELAÇÃO COM AS DEMANDAS REGIONAIS E O PROGRAMA DE INTERIORIZAÇÃO.

O curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da UNIFAP, comprometido com a formação de professores qualificados e sensíveis às particularidades regionais, tem desempenhado um papel fundamental na promoção da educação de qualidade e na valorização da diversidade cultural.

Ao longo de sua trajetória, o curso tem direcionado seus esforços para atender às demandas específicas de diferentes regiões do Estado do Amapá e proximidades, como as comunidades quilombolas, ribeirinhas, rurais e urbanas. Através de programas como o Parfor, Programa Interiorização de Educação Quilombola e o Programa de Graduação de Interiorização Ribeirinha o curso tem contribuído para a formação de professores capazes de atuar em contextos socioculturais diversos, promovendo a inclusão e a valorização das identidades locais com uma matriz curricular que atenda as demandas.

Assim, o curso demonstra um forte compromisso com a política de interiorização, buscando garantir o acesso e a permanência de estudantes provenientes de grupos historicamente marginalizados, bem como contribuir para a diversificação da comunidade acadêmica e para a construção de um futuro mais equânime.

12. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente PPC constitui uma iniciativa para aperfeiçoamento do currículo do Curso de Ciências Biológicas Licenciatura da UNIFAP, cuja responsabilidade de prestar assistência técnico-pedagógica às coordenações de curso de graduação na elaboração ou revisão de seus

currículos e Projetos Pedagógicos é da Coordenação de Ensino de Graduação, da Divisão de Currículos e Programas e do Departamento de Ciências Biológicas e da Saúde.

Nesse sentido, considerando a legislação educacional vigente, procurou-se introduzir a curricularização da extensão, dentre outras atividades interdisciplinares, buscando reforçar a articulação da tríade ensino-pesquisa-extensão, e possibilitar a sólida formação de profissionais com uma visão global, capacitados a trabalhar em áreas específicas do conhecimento biológico e áreas afins.

Ademais, a proposta curricular do curso permitirá um desenvolvimento integrado do conhecimento biológico em relação às questões atuais colocadas pela sociedade, além de possibilitar maior integração do conteúdo pedagógico necessário para a formação do professor. Desta forma, espera-se que o Curso Licenciatura em Ciências Biológicas ora proposto traga uma grande contribuição para a formação e capacitação de biólogos para atuarem como professores da rede de educação básica, bem como uma maior integração da Universidade com a sociedade.

Por fim, este Projeto Pedagógico do Curso será continuamente revisado, a cada 3 (três) anos, de acordo com Portaria 1/2017 PROGRAD/UNIFAP, tendo em vista a necessidade de melhoria e reestruturação do curso, em consonância às Diretrizes Curriculares Nacionais específicas do Curso de Ciências Biológicas e às Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial de professores para a educação básica, e, ainda, considerando as novas demandas do perfil profissional do egresso almejado pela sociedade e pelo mundo do trabalho.

13. REFERÊNCIAS

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução CNE/CP nº 4, de 29 de maio de 2024**. Dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial em Nível Superior de Profissionais do Magistério da Educação Escolar Básica. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=258171-rcp004-24&category_slug=junho-2024&Itemid=30192.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1998.

BRASIL. Governo Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília: 1996.

BRASIL. Governo Federal. **Plano Nacional de Educação**. Brasília: 2000.

BRASIL. Governo Federal. **Política Nacional de Educação Ambiental**. Lei n. 9.795, de 28 de abril de 1999. Brasília: 1999.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Graduação em Ciências Biológicas**. Parecer CES/CNE 1.301/2001, homologação publicada no DOU 07/12/2001, Seção 1, p. 25. Resolução CES/CNE 07/2002, publicada no DOU 26/03/2002, Seção 1, p. 13.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Parecer CNE/CP 3/2004, homologação publicada no DOU 19/05/2004, Seção 1, p. 19. Resolução CNE/CP 1/2004, publicada no DOU 22/06/2004, Seção 1, p. 11.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena**. Parecer CP/CNE 04/2004, homologação publicada no DOU 12/08/2004, Seção 1, p. 17. Parecer CP/CNE 09/2001, homologação publicada no DOU 18/01/2002, Seção 1, p. 31. Parecer CP/CNE 28/2001, homologação publicada no DOU 18/01/2002, Seção 1, p. 31. Resolução CP/CNE 01/2002, publicada no DOU 04/03/2002, Seção 1, p. 8. Resolução CP/CNE 02/2002, publicada no DOU 04/03/2002, Seção 1, p. 09. Resolução CP_SN 2002, publicada no DOU 09/04/2002, Seção 1, p. 31. Resolução CNE 02/ 2004, publicada no DOU 01/09/2004, Seção 1, p. 17.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica**. Parecer CEB/CNE 17/2001, homologação publicada no DOU 17/08/2001, Seção 1, p. 46. Resolução CNE/CEB 02/2001, publicada no DOU 14/09/2001, Seção 1, p. 39.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos**. Parecer CNE/CP 8/2012, homologação publicada no DOU 30/05/2012, Seção 1, p. 8. Resolução CNE/CP 1/2012, publicada no DOU 31/05/2012, Seção 1, p. 48.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Portaria nº 611, de 27 de junho de 2024. **Dispõe sobre o Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes - Enade 2024**.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Portaria nº 257, de 28 de junho de 2024. **Dispõe sobre a Matriz de Referência do componente de Formação Geral Docente, no âmbito do Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (Enade)**, a partir da edição 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Portaria nº 610, de 27 de junho de 2024. **Institui o Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes para os cursos de licenciatura - Enade das Licenciaturas**, altera a Portaria Normativa nº 840, de 24 de agosto de 2018.

CACHAPUZ, A.; CARVALHO, A. M. P.; PRAIA, J.; VILCHES, A. **A necessária renovação do ensino de ciências**. 2 ed. São Paulo: Cortez, p. 100. 2011.

CACHAPUZ, A.; PRAIA, J.; JORGE, M. da Educação em ciências às orientações para o ensino das ciências: um repensar epistemológico. **Ciência & Educação**, v 10, n. 3, p. 363-381. 2004.

CARVALHO, A. M. P. **Os estágios nos cursos de licenciatura**. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

CONSELHO FEDERAL DE BIOLOGIA. **Atuação do Biólogo na Gestão Ambiental**. Resolução CFBio Nº 374, DE 12 DE JUNHO DE 2015, publicada no DOU, Seção 1, de 17/06/2015.

CONSELHO FEDERAL DE BIOLOGIA. **Código de Ética do Profissional Biólogo**. Resolução CFBio Nº 2, de 5 de março de 2002, publicada no DOU, Seção I de 21/03/2002. Pág.137.

CONSELHO FEDERAL DE BIOLOGIA. **Diretrizes para a atuação do Biólogo em Licenciamento Ambiental**. Resolução CFBio Nº 350 de 10 de outubro de 2014, publicada no DOU, Seção 1, de 20/10/2014.

CONSELHO FEDERAL DE BIOLOGIA. **PARECER CFBio Nº 01/2010** . GT Revisão das Áreas de Atuação - Proposta de Requisitos Mínimos para o Biólogo atuar em Pesquisa, Projetos, Análises, Perícias, Fiscalização, Emissão de Laudos, Pareceres e outros

Serviços nas Áreas de Meio Ambiente, Saúde e Biotecnologia. Publicada no DOU, Seção 1, de 24/03/2010.

DELIZOICOV, D.; ANGOTTI, J. A. **Metodologia do Ensino de Ciências**. 2ª, São Paulo: Cortez, 1992.

DELIZOICOV, D.; ANGOTTI, J. A.; PERNAMBUCO. **Ensino de ciências: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2002.

FELÍCIO, H. M.; OLIVEIRA, R. A. A. **A formação prática de professores no estágio curricular**. Educar, Curitiba, n.32, p.215-232, 2008.

FRACALANZA, H. **O Ensino de Ciências**. São Paulo: Atual, 1986.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA . **Censo Brasileiro de 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.

KRASILCHICK, M. **Prática de Ensino em Biologia**, 3ªed, São Paulo: Herbra, 1996.

MARANDINO, M.; SELLES, S. E.; FERREIRA, M. S. **Ensino de Biologia: histórias e práticas em diferentes espaços educativos**. São Paulo: Cortez. 215p. 2009.

MOURA, E. **Biologia Educacional**. São Paulo: Ed. Moderna. 1993.

SANTOS, M. A. **Biologia Educacional**. 17ª ed. São Paulo: Ed. Ática.1999.

UNESCO. **Educação: um tesouro a descobrir**. Relatório da UNESCO para a Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. Brasília: UNESCO, 2010.43p.

UNESCO. **Ensino de ciências: o futuro em risco**. Brasília: UNESCO, ABIPTI, 2008.

UNIFAP. **Diretrizes das Atividades Complementares nos cursos de Graduação**. Resolução nº 24/2008-CONSU/UNIFAP, publicada em 22/10/2008.

UNIFAP. Diretrizes para o Trabalho de Conclusão de Curso em nível de Graduação. Resolução nº 010/2008- CONSU/UNIFAP, publicada em 16/05/2008.

UNIFAP. **Regulamento da Prática Pedagógica como componente curricular obrigatório nos cursos de Licenciatura da UNIFAP**. Resolução nº 08/2010-CONSU/UNIFAP, publicado em 25/06/2010.

UNIFAP. **Regulamento do Estágio Supervisionado no âmbito da UNIFAP**. Resolução nº 02/2010- CONSU/UNIFAP, publicado em 26/02/2010.

VASCONCELOS, C.S. **Planejamento: projeto de ensino-aprendizagem e projeto político-pedagógico – elementos metodológicos para elaboração e realização**. 21ªed. São Paulo: Libertad Editora (cadernos pedagógicos, v1). 2010.

VEIGA, I. P. A. **Projeto Político Pedagógico da Escola**. 2ª ed. Campinas, Papirus, 1996.

VIVEIRO, A. A.; DINIZ, R. E. S. **Atividades de campo no ensino das ciências e na educação ambiental: refletindo sobre as potencialidades desta estratégia na prática escolar.** Ciência em Tela, Ensaio, Volume 2, número 1, p. 1-12. 2009.

APÊNDICES

- I.Regimento Interno do Curso de Ciências Biológicas;
- II.Ementas das Disciplinas Obrigatórias;
- III.Ementas das Disciplinas Optativas;
- IV.Regimento do Estágio Supervisionado;
- V.Regimento das Atividades Complementares;
- VI.Regulamento das Atividades Acadêmicas de Extensão
- VII.Regimento do Trabalho de Conclusão de Curso;
- VIII.Programa de Monitoria do Curso de Ciências Biológicas Licenciatura da Universidade Federal do Amapá;
- IX.Sistema de Autoavaliação do curso de Ciências Biológicas Licenciatura-Questionários;
- X.Regimento Interno do NDE;
- XI.Atividade de Extensão;
- XII.Atividade de Pesquisa;
- XIII.Laboratórios do Curso de Ciências Biológicas;
- XIV.Normas Básicas de Segurança no Laboratório.

APÊNDICE I – REGIMENTO INTERNO DO CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

REGIMENTO INTERNO DO CURSO LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS / UNIFAP

CAPÍTULO I

DISPOSIÇÕES PRELIMINARES

Art. 1 O Curso Licenciatura em Ciências Biológicas apresenta uma carga horária total de **3.645** horas/relógio.

Parágrafo Único - O discente graduado pelo Curso receberá o título de Licenciado em Ciências Biológicas.

Art. 2 O Curso será ofertado em regime semestral, por sistema de créditos em período Diurno (Matutino ou Vespertino) e Noturno, com entradas alternadas.

Art. 3 Os interessados em ingressar no Curso Licenciatura em Ciências Biológicas da UNIFAP será por processo de seleção.

Art. 4 A integralização do Currículo deverá ocorrer no máximo em 10 semestres.

Art. 5 O Colegiado do Curso promoverá palestras que expliquem o funcionamento do Curso aos ingressantes, orientando-os inclusive, para a leitura do Regimento Interno e PPC no período da semana acadêmica.

CAPÍTULO II

DAS HABILITAÇÕES

Art. 6 Para a obtenção do grau de Licenciado em Ciências Biológicas o discente deverá obter:

- a) 121 créditos distribuídos nos componentes do Núcleo II, dentre os quais estão incluídos 4 créditos de disciplina optativa — Área das Ciências Biológicas e 4 créditos do componente TCC;
- b) 59 créditos distribuídos nos componentes do Núcleo I, dentre os quais estão incluídos 4 créditos de disciplina optativa — área educação;
- c) 22 créditos distribuídos nos componentes Atividades Acadêmicas de Extensão (Núcleo III);

- d) 27 créditos distribuídos nos Estágio Supervisionado (Núcleo IV);
- e) 14 créditos distribuídos em Atividades Complementares (Módulo Livre).

CAPÍTULO III

PONTUAÇÃO EM AC

Art. 7 A participação do discente nas Atividades Complementares (AC), constitui um dos requisitos para obtenção do título de Licenciado.

Art. 8 As normas de AC seguem a Resolução N^o. 024/2008 CONSU/UNIFAP e a Normatização das Atividades Complementares do Curso Licenciatura em Ciências Biológicas. Todas as atividades só poderão ser computadas se devidamente comprovadas através das cópias dos certificados ou declarações assinadas, devidamente conferidas com o original pelo docente responsável do componente.

Art. 9. O discente entregará às 210 horas a partir do 4^o semestre, durante o módulo vigente e encaminhará ao docente do componente, seus comprovantes referentes aos pontos para validação.

CAPÍTULO IV

DO REINGRESSO

Art. 10. Os discentes formados na UNIFAP em Licenciatura em Ciências Biológicas poderão reingressar através do Vestibulinho em Bacharelado, devendo cumprir a estrutura curricular exigida para a habilitação.

CAPÍTULO V

DA AVALIAÇÃO DO CURRÍCULO E DO CURSO

Art. 11. O Curso e o Currículo em vigor serão avaliados ao término de cada semestre pelo NDE.

Parágrafo 1^o A qualidade de ensino será avaliada através de índices que reflitam o rendimento dos discentes (aprovação, evasão, reprovação, trancamento dos componentes), bem como através de questionários aplicados a professores e discentes para avaliação qualitativa.

Parágrafo 2^o O questionário deverá abordar aspectos referentes à metodologia de ensino, atualização dos conteúdos ministrados, relação professor-aluno, contribuição da

estrutura do Curso para o desempenho de atividades profissionais, infraestrutura do Curso e outros aspectos considerados relevantes pelo NDE.

Parágrafo 3º Após a avaliação semestral, os resultados serão expostos em uma reunião de Colegiado de Curso, para discussão e solução dos problemas detectados.

CAPÍTULO VI

MATRÍCULAS PARA DISCIPLINAS EM REGIME DE DEPENDÊNCIA

Art. 12. A oferta dos componentes em regime de dependência ocorrerá no período integral.

Parágrafo 1º A inscrição no componente em regime de dependência, deverá ser efetuada pelo discente via SIGAA de acordo com as ofertas, no período estipulado em Calendário Acadêmico.

Parágrafo 2º A inscrição no componente em regime de dependência, deverá ser homologada pelo Coordenador do Curso em data prevista no Calendário acadêmico.

CAPÍTULO VII

REALIZAÇÃO DE SEGUNDA CHAMADA AVALIATIVA

Art. 13. O discente que faltar a qualquer avaliação parcial em um ou mais componentes poderá requerer segunda chamada, desde que apresente requerimento em tempo hábil, acompanhado de comprovante da ocorrência a Coordenação do Curso (de acordo com Critérios da Resolução 026/2011-CONSU) Doenças comprovada por atestado médico infectocontagiosas, serviço público imperioso; serviço público militar; falecimento; casamento; gestação¹; viagem imperiosa, expedição científica; licença à maternidade ou paternidade, participação em cursos, treinamentos e/ou eventos científicos referentes à sua formação.

Parágrafo 1º O requerimento para a 2ª chamada deve ser protocolado a Coordenação do Curso – em até dois (02) dias úteis (48h) após a realização da avaliação em primeira chamada, devidamente instruído com indicação do professor/componente/turma/avaliação/comprovante de ausência. O aceite e a sua realização ficaram a critério do professor.

¹ Em caso de gravidez de risco.

Parágrafo 2º Mediante deferimento, a avaliação deverá ser realizada em até cinco (05) dias úteis da decisão a favor do discente no período vigente do componente.

CAPÍTULO VIII

ABONO DE FALTA

Art. 14. A frequência às atividades escolares programadas é obrigatória e permitida somente aos discentes matriculados na UNIFAP. A aprovação em qualquer componente é condicionada à frequência mínima de 75% das aulas teóricas e/ou práticas, verificadas separadamente, ao final de cada período letivo;

Parágrafo 1º Não será permitido o abono de falta, excetuando-se os casos específicos, mediante o preenchimento do requerimento do benefício e mediante a comprovação do fato, desde que solicitado até dois dias do acontecimento;

Parágrafo 2º No Decreto-Lei nº 715, de 30.06.1969, que altera dispositivo da Lei nº 4.375, de 17.08.1964 (Lei do Serviço Militar): dispõe que todo convocado matriculado em Órgão de Formação da Reserva, que esteja obrigado a faltar a suas atividades civis, por força do exercício ou manobras ou reservista, que seja chamado para fins de exercício de apresentação das reservas ou cerimônia cívica do Dia do Reservista terá suas faltas abonadas para todos os efeitos;

Parágrafo 3º No Art. 77 do Regulamento do Corpo de Oficiais da Reserva do Exército (R/68-RCORE), aprovado pelo Decreto nº 85.587, de 29.12.1980, in verbis: "O Oficial ou Aspirante a Oficial da Reserva, convocado para o Serviço Ativo, que for discente de estabelecimento de ensino superior, terá justificadas as faltas às aulas e trabalhos escolares, durante esse período, desde que apresente o devido comprovante" (Cf. Parecer CFE nº 1.077/75 - Documenta nº 173, p. 29);

Parágrafo 4º Os discentes Amparados pelo Decreto - Lei 1.044/69 que por motivo de doença, tais como: afecções congênicas ou adquiridas, infecções, traumatismo ou outras condições mórbidas, determinando distúrbios agudos ou agonizados, mas que permaneça com suas condições (faculdades) mentais normais poderá requerer recuperação de aulas, anexando o Atestado Médico;

Parágrafo 5º As discentes gestantes amparadas pela Lei nº 6.202/75 terão um regime de atendimento acadêmico especial a partir do oitavo mês de gestação, por um período de três meses. Caso a discente, no semestre subsequente, continue impedida de comparecer, deverá renovar o seu pedido.

CAPÍTULO IX

RECURSO PARA REVISÃO DE NOTA

Art. 15. Segundo a Resolução N^o. 026/2011-CONSU, que trata do sistema de avaliação da UNIFAP, o prazo para abertura de protocolo será de dois (02) dias úteis após a divulgação do resultado da avaliação (VIA SIGAA). Devendo o requerimento ser encaminhado à Coordenação devidamente instruído (Nome do professor/componente/Turma/Avaliação/Argumento).

Parágrafo 1^o As avaliações serão arquivadas pelo professor responsável por um período de 8 semestres, sendo no término de prazo podendo ser descartado pelo professor.

Parágrafo 2^o A análise do mérito será emitida pelo professor, que deverá responder em até 05 dias úteis a contar do protocolo do recurso.

Parágrafo 3^o Se o discente não se achar satisfeito com a revisão, poderá solicitar até dois (02) dias úteis após o resultado, um novo pedido de revisão de notas devidamente justificado.

Os casos omissos no presente Regimento serão resolvidos pelo Colegiado do Curso de Ciências Biológicas.

Este Regimento atualizado entra em vigor a partir da data de sua aprovação.

APÊNDICE II — EMENTAS DAS DISCIPLINAS

1º SEMESTRE

BIOLOGIA CELULAR						
CÓDIGO	SEMESTRE	CRÉDITO	CARGA HORÁRIA			
			TEÓRICA	PRÁTICA	EXTENSÃO	TOTAL
-	1º	4	45h	15h		60h
EMENTA						
Organização morfofuncional da membrana plasmática e das organelas citoplasmáticas da célula eucariótica. O núcleo interfásico: estrutura e função da cromatina. Citoesqueleto e movimentos celulares. A célula em divisão: ciclo celular e mitose, meiose. Processos de diferenciação e morte celular.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
ALBERTS, B.; BRAY, D.; JOHNSON, A.; LEWIS, J.; RAFF, M.; ROBERTS, K.; WALTER, P. Fundamentos de Biologia Celular. 3a Ed. Artes Médicas. 2011. ALBERTS, B.; BRAY, D.; LEWIS, J.; RAFF, M.; ROBERTS, K.; WATSON, J. D. Biologia Molecular da Célula. 5a. Ed. Artes Médicas. 2010. JUNQUEIRA, L.C.; CARNEIRO, J. Biologia Celular e Molecular. 9a. Ed. Guanabara e Koogan. 2012.						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR						
DE ROBERTIS, E.M.F.; HIB, J. Bases da Biologia Celular e Molecular. 4a. Ed. Guanabara e Koogan. 2006. JUNQUEIRA, L.C.; CARNEIRO, J. Biologia Celular e Molecular. 8a. Ed. Guanabara e Koogan. 2011. CARVALHO F. H.. Pimentel – Recco M. S., A célula. 2001. Ed Manole, 2011 ALBERTS, B. Fundamentos da biologia celular. Porto Alegre: Artmed. 2011. LODISH, H. ; BERK, A.; ZIPURSKY, S.L.; MATSUDAIRA, P.; BALTIMORE, D.; DARNELL, J. Molecular Cell Biology. 7a ed. New York: Freeman, 2014.						

EVOLUÇÃO						
CÓDIGO	SEMESTRE	CRÉDITO	CARGA HORÁRIA			
			TEÓRICA	PRÁTICA	EXTENSÃO	TOTAL
-	1	4	45	15		60
EMENTA						
Caracterização das principais teorias que explicam a evolução. As evidências da evolução. Os mecanismos que direcionam as alterações genotípicas e fenotípicas ao longo das gerações. A seleção natural. A origem da vida e sua expansão. A origem de espécies e os processos que resultam na diversidade biológica. A evolução humana. Metodologias de Ensino e Ações de extensão.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
FUTUYMA, D.J. Biologia evolutiva. 3a. edição. Ribeirão Preto. Editora: FUNPEC, 1992 RIDLEY, M. Evolução. Editora Artmed. 2008 MATIOLI, S. R.; FERNANDES, F. M. C. Biologia molecular e evolução.; São Paulo: Holos, 2012. E-book de livre acesso, disponível em: https://srmatioli.ib.usp.br/biolumolevol/index.html						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR						
STEARNS, S.C. e HOEKSTRA, R.F. Evolução, uma introdução. 1a ed. São Paulo: Atheneu Editora, 2003. 392p MENCK, C. F. M. A Evolução é fato. 1ª Edição, Rio de Janeiro. Academia Brasileira de Ciências, 2024, 222 p. Livre acesso, disponível em: http://www.abc.org.br/wp-content/uploads/2024/09/ABC_Evolucao_redux.pdf VIEIRA, G. C. E ARAÚJO, L. A. L. Ensino de Biologia: uma perspectiva evolutiva/ Volume II:						

Biodiversidade & Evolução. – Porto Alegre: Instituto de Biociências da UFRGS, 2021. 407p. Livre acesso disponível em: <https://www.pensamentoevolutivo.com/publicacoes>
 KARDONG, K.V. Vertebrados - Anatomia Comparada, Função e Evolução. 7a. Ed. ROCA. 2016.
 AMORIM, D.S. Fundamentos de Sistemática Filogenética. Holos Editora. 2002.
 PURVES, W.K.; SADAVA, D.; ORIAN, G.H.; HELLER, H.C. Vida. A Ciência da Biologia. Vol. II. Evolução, Diversidade e Ecologia. 6a. Ed. Artmed Editora. 2005.

METODOLOGIA DO ENSINO DE CIÊNCIAS						
CÓDIGO	SEMESTRE	CRÉDITO	CARGA HORÁRIA			
			TEÓRICA	PRÁTICA	EXTENSÃO	TOTAL
-	1º	04	30	30		60
EMENTA						
Contextualização e perspectivas do ensino de ciências. As principais concepções de ciências: Empirismo, racionalismo e construtivismo. O letramento científico; Aspectos do ensino de ciências na modalidade EJA; Planejamento e execução de atividades didáticas concernentes ao professor, destinados ao ensino de ciências com base nas competências específicas e habilidades da área de Ciências da Natureza e suas Tecnologias da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Análise e produção de materiais institucionais. Educomunicação. Recursos e instrumentos de avaliação da aprendizagem; Desafios para o ensino de Ciências.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
ANTUNES, C. Como desenvolver as competências em sala de aula . 10 ed. Petrópolis: Vozes, 2014. GANDIN, D. Planejamento como prática educativa . São Paulo: Loyola, 2014. MENEGOLLA, M; SANT'ANNA, I. M. Por que planejar? Como planejar? Currículo – área - aula. 22. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR						
BRASIL, Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular . Brasília: Mec, 2018. CORDEIRO, J. Didática . 2.ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015. SACRISTÁN, J. G.; GOMEZ, A. I. P. Compreender e transformar o ensino. 4. ed. São Paulo: Artmed, 2007. DELIZOICOV, D.; ANGOTTI, J.A; PERNAMBUCO, M.A. Ensino de Ciências: fundamentos e métodos . São Paulo: Cortez, 2018. VASCONCELLOS, C. S. Planejamento: projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político-Pedagógico – elementos metodológicos para elaboração e realização . 23ª ed. São Paulo: Libertad Editora, 2012 (Cadernos Pedagógicos do Libertad; v.1)						

LÍNGUA PORTUGUESA E COMUNICAÇÃO						
CÓDIGO	SEMESTRE	CRÉDITO	CARGA HORÁRIA			
			TEÓRICA	PRÁTICA	EXTENSÃO	TOTAL
-	1º	2	30			30
EMENTA						
A relação entre linguagem oral e escrita. Os gêneros textuais orais e escritos e as tipologias. Intergenericidade e hibridismos dos gêneros. Leitura e produção de textos teóricos (da esfera científica) na academia.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
ANTUNES, I. 2010. Análise de Textos: fundamentos e práticas . São Paulo: Parábola Editorial. ANTUNES, I. 2006. Lutar com Palavras. Coesão e Coerência . São Paulo: Parábola Editorial. KOCH, I.; ELIAS, V. 2010. Ler e Escrever: estratégias de produção textual . 2a Ed. São Paulo: Contexto.						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR						
ANTUNES, I. 2003. Aula de Português: encontro & interação . São Paulo: Parábola Editorial. BRANDÃO, H.N. 2000. Gêneros do discurso na escola . São Paulo: Cortez. DIONISIO, A.P.D.; MACHADO, A.R.; BEZERRA, M.A. 2002. Gêneros Textuais e Ensino . Rio de Janeiro: Lucerna. KOCH, I.; ELIAS, V. 2009. Ler e Compreender: os sentidos do texto . 3 ed. São Paulo: Contexto. BLIKSTEIN, Izidoro. Como falar em público: técnicas de comunicação para apresentações . São Paulo: Ática,						

2010.

MATEMÁTICA PARA CIÊNCIAS BIOLÓGICAS						
CÓDIGO	SEMESTRE	CRÉDITO	CARGA HORÁRIA			
			TEÓRICA	PRÁTICA	EXTENSÃO	TOTAL
-	1º	02	30			30
EMENTA						
Introdução a matemática aplicada em biologia; Números reais; Conjuntos numéricos e operações; Equações e gráficos; Funções matemáticas; Limites e continuidade; Derivada; integral; Modelos matemáticos aplicados aos fenômenos biológicos.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
ÁVILA, GERALDO. Cálculo I (Funções de uma Variável). LTC. 7ª ED. 2003. BASSANEZI, R.C. Ensino-aprendizagem com modelagem matemática. Editora Contexto. 3a. Ed. 2006. STEWART, J. Cálculo: Volume I. 5. ed. São Paulo: Thomson Learning, 2008.						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR						
FRANCO, N.B. Cálculo Numérico. 1a. Ed. Editoria Prentice Hall. 2006. RUGGIERO, M.A.; LOPES, V.L. da R. Cálculo Numérico: Aspectos Teóricos e Computacionais, Livro Técnico, McGraw-Hill do Brasil, 1988. SPERANDIO, D.; MENDES, J.T.; SILVA, L.H.M. Cálculo Numérico: Características Matemáticas e Computacionais dos Métodos Numéricos. 1a. Ed. Editora Prentice-Hall. 2003. SHOWARD A.; BIVENS, I.R.L.; DAVIS, S. Cálculo. Volume I. 8 a Ed. Editora: Bookman. 2005. DANTE, L. R. Matemática: contexto e aplicações. 5 ed., vol. 2. São Paulo: Ática, 2011. 440 p.						

QUÍMICA GERAL						
CÓDIGO	SEMESTRE	CRÉDITO	CARGA HORÁRIA			
			TEÓRICA	PRÁTICA	EXTENSÃO	TOTAL
-	1	4	45	15		60
EMENTA						
A relação entre a química e a biologia; Teoria Atômica Moderna; Origem da Teoria Quântica; Tabela Periódica; Propriedades Periódicas; Propriedades dos Materiais Metálicos e Não Metálicos e os Modelos de Ligações Químicas; Número de Oxidação; Conceitos Modernos de Ácidos e Bases; Funções Inorgânicas e reações da Química Inorgânica; Instrumentação didático-pedagógica referente ao conteúdo pertinente aos ensinos fundamental e médio e metodologias de ensino e ações de extensão em ciências bioquímicas.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
BRADY, J. E.; HUMISTON, G. E. Química Geral. Rio de Janeiro, Vols. 1 e 2, LTC, 1996. MAHAN, B. H. & MYERS, R. J. Química: Um Curso Universitário. Trad. da 4ª ed. Americana, Ed. Edgard Blucher, 1993. MAIA, D. J. Química Geral – Fundamentos. 1ed. Rio de Janeiro: Prentice Hall Brasil, 2007. RUSSEL, J. B. Química Geral. 2 ed. São Paulo: Mc Graw Hill Ltd ,1994.						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR						
OLIVEIRA, O. M. M.; SCHLÜNZEN-JUNIOR, F. K.; SCHLÜNZEN, E. T. M. Química: Coleção Temas de Formação. Vol. 3, São Paulo, UNESP. Disponível para Acesso Livre em: https://acervodigital.unesp.br/bitstream/unesp/141296/1/redefor_qui_ebook_temasformacao.pdf MAIA, D.J.; BIANCHI, J.C. de A. Química Geral - Fundamentos. Editora Pearson. 2007. KOTZ, J.C.; TREICHEL, P.M.; TOWNSEND, J.R.; TREICHEL, D.A. Química Geral e Reações Químicas. 2a. Ed. Cengage Learning. 2015. LEE, J. D. Química Inorgânica. São Paulo: Edgard Blucher, 1980. S. ANALOGIAS E METÁFORAS NO ENSINO DE QUÍMICA: Uma abordagem interdisciplinar. 1. ed.						

Belém-PA: Home Editora, 2023. v. 01. 65p. ISBN 978-65-85712-39-2.

POLÍTICAS E LEGISLAÇÃO EDUCACIONAL BRASILEIRA						
CÓDIGO	SEMESTRE	CRÉDITO	CARGA HORÁRIA			
			TEÓRICA	PRÁTICA	EXTENSÃO	TOTAL
-	1º	04	45	15		60
EMENTA						
<p>Estudo da organização da educação básica no Brasil, legislação e diretrizes educacionais. Planejamento, avaliação e financiamento da educação básica pública. O Plano Nacional de Educação (PNE) e suas metas. Gestão dos sistemas de ensino e da unidade escolar. O professor como sujeito da gestão escolar. Elaboração do Projeto Político Pedagógico. Discussão da diversidade cultural, as relações étnico-raciais e as questões indígenas.</p>						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
<p>CURY, Carlos Roberto Jamil. A educação nas constituições brasileiras. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara (Orgs.). Histórias e memórias da educação no Brasil. Vol III - Século xx. Rio de Janeiro: Vozes, 2005. pp 19-29.</p> <p>SAVIANI, Dermeval. A política educacional no Brasil. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara (Orgs.). Histórias e memórias da educação no Brasil. Vol III - Século XX. Rio de Janeiro: Vozes, 2005. Pp 30-39.</p> <p>PINO, Ivany. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação: a ruptura do espaço social e a organização da educação nacional. In: BREZEZINSKI, Iria (Org.). LDB dez anos depois: reinterpretação sob diversos olhares. São Paulo: Cortéz, 2008. pp 17-39.</p>						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR						
<p>MÉSZÁROS, István. A Educação para além do capital. São Paulo: Boitempo, 2005.</p> <p>MORAES, Reginaldo Carmello Corrêa de. Globalização e políticas públicas: vida, paixão e morte do Estado nacional? EDUCAÇÃO & SOCIEDADE. Campinas. y.25, N° 87, maio/agosto 2004, p.309 – 333.</p> <p>LIBÂNEO, José Carlos; OLIVEIRA, João Ferreira de; TOSCHI, Mirza Seabra. Educação Escolar: políticas, estrutura e organização. 10 ed. revista e ampliada. São Paulo: Cortez, 2012.</p> <p>NEVES, Lúcia Maria W. O empresariamento da educação - novos contornos no ensino superior no Brasil dos anos 1990. São Paulo: Xamã, 2002.</p> <p>TOMMASI, Livia de. WARDE, Mirian Jorge. HADDAD, Sérgio (Orgs.). O Banco Mundial e as Políticas Educacionais. São Paulo: Cortez, 2009.</p>						

2º SEMESTRE

FÍSICO-QUÍMICA						
CÓDIGO	SEMESTRE	CRÉDITO	CARGA HORÁRIA			
			TEÓRICA	PRÁTICA	EXTENSÃO	TOTAL
-	2	4	45	15		60
EMENTA						
<p>Soluções; Termoquímica; Termodinâmica; Cinética Química; Equilíbrio Químico; Instrumentação didático-pedagógica referente ao conteúdo pertinente aos ensinamentos fundamental e médio e metodologias de ensino e ações de extensão em ciências bioquímicas.</p>						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
<p>ATKINS, P.; PAULA, J. de. Físico-química. 7ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 2003.</p> <p>CASTELLAN, G. W. Fundamentos de físico-química. Rio de Janeiro: LTC, 2003.</p> <p>MOORE, W. J. Traduzido por Tibor Rabockai. Físico-química. São Paulo: Blücher, 2000.</p>						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR						
<p>SMITH, J. M.; V. N.; H. C.; ABBOTT, M. M. Introdução a Termodinâmica da Engenharia Química. São</p>						

Paulo: McGraw-Hill, 2005.
 MARON, S. H.; PRUTTON, C. F. Principles of Physical Chemistry. 4 ed. Nova Iorque: Collier-MacMillan International Editions, 1965.
 MAHAN, B.M.; MYERS, R. J. Química um Curso Universitário. Blucher Ltda, 1995.
 SANTOS, C.B.R.; OLIVEIRA, E. J. M.; ALMEIDA, O. S.; VIDAL, L. M. A.; COSTA, K. S. L.; COSTA, J. S. ANALOGIAS E METÁFORAS NO ENSINO DE QUÍMICA: Uma abordagem interdisciplinar. 1. ed. Belém-PA: Home Editora, 2023. v. 01. 65p. ISBN 978-65-85712-39-2.
 COSTA, J. S.; RAMOS, R. S.; SANTOS, C. B. R. Análogos da Cafeína com Potencial Antioxidante e Anticâncer Epitelial. 1. ed. Republic of Moldova: OmniScriptum, 2022. v. 1. 120p.
 COSTA, J. S.; SANTOS, C. B. R.; VIDAL, L. M. A. Análise de aprendizagem no ensino de química: acessando as concepções alternativas. 1. ed. Saarbrücken (Alemanha): Novas Edições Acadêmicas - OmniScriptum GmbH & Co. KG, 2016. v. 1. 92p.

ANATOMIA COMPARADA						
CÓDIGO	SEMESTRE	CRÉDITO	CARGA HORÁRIA			
			TEÓRICA	PRÁTICA	EXTENSÃO	TOTAL
-	2º	05	45	30		75
EMENTA						
Antecedentes históricos, planos e eixos de coordenadas, metameria, filogenia e ontogenia, homologia e analogia, anatomia comparada de órgãos e sistemas. Investigar e descrever as estruturas anatômicas dos vertebrados em nível de órgãos e sistemas. Descrever todas as estruturas dentro da nomenclatura anatômica e estimular o conhecimento através da análise de peças anatômicas dissecadas.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
HILDEBRAND, M.; GOSLOW, G. Análise da estrutura dos vertebrados. 2. ed. São Paulo: Atheneu, 2006. KARDONG, K. V. Vertebrados: anatomia comparada, função e evolução. 7. ed. São Paulo: Roca, 2016. WARREN, F. W. Jr.; WILLIAM, E. B.; LIEM, K. F.; GRANDE, L. Anatomia funcional dos vertebrados. 3. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2013.						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR						
D'ANGELO, J. G.; FATTINI, C. A. Anatomia humana básica. 2. ed. São Paulo: Atheneu, 2002. MENESES, M. S. Neuroanatomia aplicada. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. NETTER, F. H. Atlas de anatomia humana. 5. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011. ORR, R. T. Biologia dos vertebrados. 5. ed. São Paulo: Roca, 1986. POUGH, F. H.; HEISER, J. B.; McFARLAND, W. N. A vida dos vertebrados. 3. ed. São Paulo: Atheneu, 2003.						

HISTOLOGIA COMPARADA						
CÓDIGO	SEMESTRE	CRÉDITO	CARGA HORÁRIA			
			TEÓRICA	PRÁTICA	EXTENSÃO	TOTAL
-	2	04	40	20		60
EMENTA						
Introdução e Métodos de Estudo em Histologia. Estudo morfofuncional dos Tecidos básicos: epitelial, conjuntivos, muscular e nervoso. Organização histológica dos órgãos e sistemas: Circulatório, Respiratório, Digestório, Urinário, Reprodutor Masculino e Feminino. Fundamentos teórico-práticos para o ensino de Histologia.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
JUNQUEIRA, L. C.; CARNEIRO, J. Histologia básica. 12. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2013. GEORGE, L. L.; CASTRO, R. R. L. Histologia comparada. 2. ed. São Paulo: Roca, 1985. ROSS, M. H.; PAWLINA, W. Histologia: texto e atlas. 6. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012.						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR						
GARTNER, L. P.; HIATT, J. L. Histologia essencial. 1. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. CORMACK, D. Fundamentos de histologia. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003. LEBOFFE, M. J. Atlas fotográfico de histologia. 1. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.						

KARDONG, K. V. Vertebrados: anatomia comparada, função e evolução. 5. ed. São Paulo: Roca, 2011.
 HOLDEN, J. A.; LAYFIELD, L. L.; MATTHEWS, J. L. The zebrafish: atlas of macroscopic and microscopic anatomy. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO						
CÓDIGO	SEMESTRE	CRÉDITO	CARGA HORÁRIA			
			TEÓRICA	PRÁTICA	EXTENSÃO	TOTAL
-	2º	4	45	15		60
EMENTA						
História da ciência para o ensino de Ciências. Perspectivas Históricas das histórias das Ciências (Biologia, Química, Física e Geologia). Os principais nomes da História e Filosofia das Ciências. O nascimento da Ciência Moderna, o método científico e contexto histórico. Paradigmas da Ciência. Ensino de Ciências no 6º e 9º anos.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
DELIZOICOV, D., ANGOTTI, J.A.; PERNAMBUCO, M.M. Ensino de Ciências: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2007. KRASILCHIK, M. Prática de Ensino de Biologia. 4. ed. São Paulo: FTD. 2004. CHASSOT, A. Alfabetização científica: questões e desafios para a educação. Ijuí: Ed. Unijuí, 2000.						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR						
BRASIL. Secretaria de Educação Média e Tecnologia. Parâmetros Curriculares Nacionais: primeiro e segundo ciclos do ensino fundamental – Ciências Naturais. Brasília. MEC/SEMTEC. LEITE, M.A. Formação docente: Ciências e Biologia. Bauru: EDUSC. 2004. LUCKESI, C.C. Avaliação da aprendizagem na escola: reelaborando conceitos e recriando a prática. 2. Ed. Salvador: Malabares. 2005. MEIRIEU, P. O cotidiano da escola e da sala de aula: o fazer e o compreender. Porto Alegre: Artmed. 2008. SACRISTAN, J.G. Compreender e transformar o ensino. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.						

METODOLOGIA E REDAÇÃO CIENTÍFICA						
CÓDIGO	SEMESTRE	CRÉDITO	CARGA HORÁRIA			
			TEÓRICA	PRÁTICA	EXTENSÃO	TOTAL
-	2º	02	30			30
EMENTA						
Ciência, conhecimento e abordagem científica; Ciência e método; Estrutura e elaboração da pesquisa científica; Produção de textos científicos. Normas da ABNT.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
ANDRADE, Maria Margarida de. Introdução à metodologia do trabalho científico. 10 ed. São Paulo: Atlas, 2010. APPOLINARIO, Fabio. Metodologia da ciência: filosofia e prática da pesquisa. 2 ed. São Paulo: Thomson, 2012. MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Técnicas de pesquisa. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2013.						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR						
MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Fundamentos de metodologia científica. 7ª Ed. São Paulo: Atlas, 2010. MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Metodologia do trabalho científico. 7ª Ed. São Paulo: Atlas, 2014. MATTOS, Mauro; ROSSETO, Adriano; BLECKER, Shelly. Metodologia da pesquisa em educação física. 3ª Ed. São Paulo: Phorte, 2008. MEDEIROS, João Bosco de. Redação científica: a prática de fichamento, resumos e resenhas. 11ª Ed. São Paulo: Atlas, 2012. VOLPATO, Gilson Luiz. Bases teóricas para redação científica: por que seu artigo foi negado. Vinhedo: Scripta, 2007. 125 p.						

DIDÁTICA GERAL						
CÓDIGO	SEMESTRE	CRÉDITO	CARGA HORÁRIA			
			TEÓRICA	PRÁTICA	EXTENSÃO	TOTAL
-	2º	04	60	-		60
EMENTA						
Didática, histórico e conceitos. As concepções pedagógicas sobre o processo de ensino e aprendizagem. A multidirecional do processo educativo. A Didática e a formação de profissionais para atuar na Educação Básica. Os princípios norteadores da elaboração do Planejamento e Avaliação Educacional.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
MENEGOLLA, Maximiliano; SANT' ANNA, Ilza Martins. Por que planejar? Como planejar? Currículo - Área - Aula. 1ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes. 2001. Veiga, Ilma Passos Alencastro. A prática pedagógica do professor de didática. Campinas: Papyrus, 2013. LIBÂNEO, J. C. Didática. São Paulo: Cortez, 2013.						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR						
ALVES, Rubens. Histórias de quem gosta de ensinar. São Paulo: Cortez. 1993. CANDAU, Vera Maria (org.). Rumo a uma nova Didática. 8ª ed. São Paulo: Vozes. 1996. GIROUX, Henry. Escola crítica e política cultural. São Paulo: Cortez. 1988. PADILHA, Paulo Roberto. Planejamento Dialógico: Como construir o Projeto Político Pedagógico da escola. São Paulo: Cortez. 2001. FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 43.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.						

FÍSICA GERAL E EXPERIMENTAL PARA CIÊNCIAS BIOLÓGICAS						
CÓDIGO	SEMESTRE	CRÉDITO	CARGA HORÁRIA			
			TEÓRICA	PRÁTICA	EXTENSÃO	TOTAL
-	2º	2	30			30
EMENTA						
Física das Radiações; Proteção Radiológica; Modelos Atômicos; Trabalho; Produção de Energia nos Seres Vivos; Conceitos Básicos de Termodinâmica; Física Ondulatória; Óptica e Fenômenos Elétricos Celulares.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
CAMPOS, A. A., ALVES, E. S.; SPEZIALI, N. S. Física Experimental Básica na Universidade, Belo Horizonte: UFMG, 2007. CHESMAN, C.; ANDRÉ, C.; MACÊDO, A. Física moderna experimental e aplicada. 2004. NUSSENZVEIG, H.M. Curso de Física Básica: Mecânica. 4ª ed. São Paulo: Edgard Blücher, 2005.						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR						
RESNICK, R.; HALLIDAY, D. Física. Livros Técnicos e Científicos. Ed. S. A.1984 TIPLER, P.A. Física para cientistas e engenheiros. Ed. Guanabara Dois. 2009 YOUNG, H.D.; FREEDMAN, R.A. Física I. Pearson. 2008. TIPLER, Paul A.; MOSCA, Gene. Physics for Scientists and Engineers with Modern Physics. 6. ed. W.H. Freeman and Company, New York, 2014. COTTA, Tathiana Moreira; MELLO, José Luiz Nunes de. Introdução à física experimental. 2019. Disponível em: http://repositorioinstitucional.uea.edu.br/handle/riuea/1562 .						

ATIVIDADES ACADÊMICAS DE EXTENSÃO I						
CÓDIGO	SEMESTRE	CRÉDITO	CARGA HORÁRIA			
			TEÓRICA	PRÁTICA	EXTENSÃO	TOTAL
-	2º	07			105	105
EMENTA						

A extensão acadêmica se desenvolverá associando teoria à prática com a construção de material de apoio à aprendizagem para o ensino de Ciências e Biologia realizando a relação da ludicidade no ensino. Ocorrerá a articulação entre as bases teóricas do processo formativo das disciplinas pedagógicas já cursadas pelos discentes com a realidade educacional, através da construção de material didático de apoio e a integralização com o ambiente escolar. Os materiais didáticos também serão produzidos a partir de unidades temáticas e objetos de conhecimento da Base Nacional Comum Curricular.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

RIOS, David Ramos da Silva; CAPUTO, Maria Constantina (org.). *Extensão universitária na América Latina: conceitos, experiências e perspectivas*. Salvador, BA: EdUFBA, 2019. 567 p. ISBN 9788523218959.
 CARVALHO, DJ. *A educação está no gibi*. São Paulo: Papirus, 2006.
 PIMENTA, S. G. (org). *Saberes pedagógicos e atividade docente*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CONTRERAS, J. *A autonomia de professores*. São Paulo: Cortez, 2002.
 FAZENDA, I. C. A. *Práticas interdisciplinares na escola*. São Paulo: Cortez, 2001.
 KRASILCHIK, M. *Prática de ensino de biologia*. 4 ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2004.
 MIZUKAMI, M. G. N. *Ensino: as abordagens do processo*. São Paulo: EPU, 1986.
 SOUSSAN, G. *Como ensinar as ciências experimentais? Didática e formação*. Brasília: UNESCO, OREALC, 2003.

3º SEMESTRE

DIDÁTICA DO ENSINO DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA						
CÓDIGO	SEMESTRE	CRÉDITO	CARGA HORÁRIA			
			TEÓRICA	PRÁTICA	EXTENSÃO	TOTAL
-	3º	04	60	-		60
EMENTA						
Abordagem do processo ensino-aprendizagem sob o enfoque da relação triádica professor-aluno-conhecimento. Comunicação professor e aluno, Educomunicação. O pensamento didático de teóricos da educação. Classificação dos conteúdos (factual, conceitual, procedimental e atitudinal). Estratégias e recursos didáticos para o ensino e aprendizagem em Ciências e biologia. Saúde vocal docente e técnicas de oratória.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
CACHAPUZ, A. et al. <i>A necessária renovação do ensino das ciências</i> . São Paulo: Cortez, 2000. CALDEIRA, A. M. A.; ARAUJO, E. S.; NICOLINI, N. (Orgs.). <i>Introdução à didática da biologia</i> . São Paulo: Escrituras, 2009. KRASILCHIK, M. <i>Prática de ensino de biologia</i> . São Paulo: Edusp, 2011.						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR						
BRANSFORD, J. D.; BROWN, A. L.; COCKING, R. R. <i>Como as pessoas aprendem: cérebro, mente, experiências e escola</i> . São Paulo: Senac, 2007. MARANDINO, M. et al. (Orgs.) <i>Ensino de biologia: conhecimentos e valores em disputa</i> . Niterói: EduFF, 2005. NARDI, R. (Org.). <i>Questões atuais no ensino de ciências</i> . São Paulo: Escrituras, 2009. PEDRINI, A. G.; SAITO, C. H. (Orgs.). <i>Paradigmas metodológicos em educação ambiental</i> . Petrópolis: Vozes, 2014. TRIVELATO, S. F.; SILVAR, L. F. <i>Ensino de ciências: coleção ideias em ação</i> . São Paulo: Cengage, 2011.						

EMBRIOLOGIA COMPARADA						
CÓDIGO	SEMESTRE	CRÉDITO	CARGA HORÁRIA			
			TEÓRICA	PRÁTICA	EXTENSÃO	TOTAL
-	3	03	30H	15H	-	45H

EMENTA	
Gametogênese. Padrões de desenvolvimento: fertilização, clivagem, gastrulação e neurulação. Diferenciação celular e destino dos folhetos embrionários. Desenvolvimento comparado em animais vertebrados. Fundamentos teórico-práticos para o ensino de Embriologia.	
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	
GARCIA, S.M.L. & FERNANDEZ, C.G. 2011. Embriologia . 3ª Edição. Editora Artmed.	
MOORE, K.L. & PERSAUD, T.V.N. 2008. Embriologia clínica . 8ª Edição. Editora Elsevier.	
SADLER, T.W. 2010. Embriologia Médica . 8ª Edição. Editora Guanabara Koogan.	
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	
GILBERT, S. F. Biologia do Desenvolvimento . 1 ed. Ribeirão Preto: Sociedade Brasileira de Genética, 1994.	
MAIA, G. D., Embriologia Humana . Texto básico para os Cursos de Ciências da Saúde. 1 ed., São Paulo: Editora Atheneu, 1998.	
MELLO, R. A. Embriologia Humana . São Paulo: Editora Atheneu, 2000.	
WOLPERT, L. Princípios de Biologia do Desenvolvimento . 3 ed. Porto Alegre: Artmed Editora, 2008.	
KARDONG, K. V. 2011. Vertebrados: Anatomia Comparada, Função e Evolução . 5ª ed. São Paulo: Roca.	

MORFOLOGIA VEGETAL						
CÓDIGO	SEMESTRE	CRÉDITO	CARGA HORÁRIA			
			TEÓRICA	PRÁTICA	EXTENSÃO	TOTAL
-	3º	04	30	30		60
EMENTA						
Estudo das estruturas morfológicas externas (organografia) dos órgãos vegetativos e reprodutivos da planta: raiz, caule, folha, flor, fruto e semente. conceito; origem; classificação, formação função e localização, adaptações e estratégias reprodutivas evolutivas, fecundação das plantas superiores e sua relação com os diversos habitats, germinação, polinização e dispersão. Instrumentação didático-pedagógica referente ao conteúdo teórico pertinente aos ensinamentos médio e fundamental. Aspectos gerais que podem alterar caracteres fenotípicos relacionados a mudanças climáticas, nutrição mineral e hormônios vegetais.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
CARNEIRO, D. Ilustração Botânica: Princípios e Métodos, Editora UFPR; 2ª edição 2023. 288p.						
SOUSA, V. C.; FLORES, T. B.; LORENZI, H. Introdução a Botânica. Plantarum. 1ª edição. 2013. 300p.						
VIDAL, W.N.; VIDAL;M.R.R. PAULA, C.C. Botânica – Organografia. 5ed. Viçosa: UFV, 2021. 113p.						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR						
ESAU, K. Anatomia das plantas com sementes. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1974. 293p.						
LORENZI, H. Árvores brasileiras. Ed. Plantarum, Vol 1 e 2, 1997.						
LORENZI, H.; SOUZA, M. H.; TORRES, M. A. V.; BACHER, L. B. Árvores Exóticas do Brasil. Madeireiras, ornamentais e aromáticas. Instituto Plantarum de Estudos da Flora Ltda. 2003. 368p.						
RAVEN, P.H.; EVERT, R.F.; CURTIS, H. Biologia vegetal. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 8ª edição. 2014. 876p.						
SILVA M. F. , LISBOA, P. L. B. - LISBOA, R. C. L. , Nomes Vulgares de Plantas Amazônicas. INPA - 1977.						

ZOOLOGIA DE INVERTEBRADOS I						
CÓDIGO	SEMESTRE	CRÉDITO	CARGA HORÁRIA			
			TEÓRICA	PRÁTICA	EXTENSÃO	TOTAL
-	3º	04	45	15		60
EMENTA						
Introdução geral a zoologia (Definição, fundamentos e importância da Zoologia, conceitos e tipos de simetria, classificação e nomenclatura zoológica). Origem e evolução dos metazoários (Definição, níveis de organização, ontogenia, padrões de organização, formação e importância do celoma e metameria). Evolução, biologia, anatomia e classificação dos Protozoa, Porifera, Placozoa, Cnidaria, Ctenophora, Entoprocta, Brachiopoda, Briozoa, Phoronida, Platyhelminthes, Aschelminthes, Mollusca, Annelida, Echiura e Sipuncula.						

BIBLIOGRAFIA BÁSICA
BARNES, R. S.K, CALOW, P., OLIVE, P. J. W. Os Invertebrados: uma nova síntese. São Paulo: Atheneu, 1995, 488p.
BRUSCA, RICHARD C.; BRUSCA, GARY J. Invertebrados. Fábio Lang da Silveira (Coord. Trad.); Álvaro Esteves Migotto et al. (Trad.). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007. 2 ed. II.
HICKMAN, C.P., ROBERTS, L.S & ALLAN Larson. Princípios integrados de Zoologia. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003. 11 ed. 848p.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR
PAPAVERO N. (Org.) Fundamentos práticos de taxonomia zoológica: coleção, bibliografia e nomenclatura. 2 ed. ver. e ampl. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1994. 285p. il.
STORER, T. I & USINGER, R. L. 1979. Zoologia Geral. Companhia Editora Nacional, São Paulo. 757p.
RUPPERT, E. E.; BARNES, R. D. 1996. Zoologia dos Invertebrados. Editora Roca, São Paulo, 1129p.
RIBEIRO-COSTA, C.S.; ROSANA Moreira da Rocha. Invertebrados – Manual de aulas práticas. Ribeirão Preto: Holos, 2006. 217p.
RUPPERT, E. E; FOX, R. S. & BARNES, R. D. Zoologia dos Invertebrados, uma abordagem funcional e evolutiva. 7 ed. Roca Ltda, São Paulo – SP. 2005.

QUÍMICA ORGÂNICA						
CÓDIGO	SEMESTRE	CRÉDITO	CARGA HORÁRIA			
			TEÓRICA	PRÁTICA	EXTENSÃO	TOTAL
-	3	4	45	15		60
EMENTA						
A importância da química orgânica para biologia; Hidrocarbonetos; Compostos Hidroxilados (álcoois e fenóis); Compostos Carbonilados (Aldeídos e Cetonas); Compostos Carboxilados (ácidos Carboxílicos); Compostos Nitrogenados (aminas) e Nitroxigenados (amidas e aminoácidos); Estereoquímica; Instrumentação didático-pedagógica referente ao conteúdo pertinente aos ensinos fundamental e médio e metodologias de ensino e ações de extensão em ciências bioquímicas.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
SOLOMONS, T. W. G.; FRYHLE, C. B. 2005. Química Orgânica. 8. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos.						
MORRISON, R.T. 2011. Química orgânica. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.						
SOLOMONS, T. W. G. 2012. Química orgânica, v. 1 /Rio de Janeiro: LTC.						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR						
VOLLHARDT, K.P.C.; SCHORE, N.E. Química Orgânica: estrutura e função. 4ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.						
MCMURRY, J. 2005. Química orgânica, v. 1, São Paulo: Pioneira Thomson Learning.						
MANO, E.B. 1987. Práticas de química orgânica. São Paulo: Edgard Blucher.						
VOLLHARDT, P. 2009. Organic Chemistry. New York, Freeman and Company.						
ROBERTS, John D. and CASERIO, Marjorie C.: Basic Principles of Organic Chemistry. New York: W. A. Benjamin, 1964. 1315p.						

ATIVIDADES ACADÊMICAS DE EXTENSÃO II						
CÓDIGO	SEMESTRE	CRÉDITO	CARGA HORÁRIA			
			TEÓRICA	PRÁTICA	EXTENSÃO	TOTAL
-	3º	08			120	120
EMENTA						
Apresentação do conteúdo e motivação do componente. Extensão como educação e prática social em biodiversidade, metodologias e recursos de extensão em Biodiversidade e Educação. Elaboração, execução e apresentação de resultados.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
DEUS, Sandra De. Extensão universitária: trajetórias e desafios. 2020. Disponível em: http://repositorio.ufsm.br/handle/1/26144						

CASADEI, Eliza Bachega (org.). A extensão universitária em comunicação para a formação da cidadania. São Paulo: Editora UNESP, 2016. 132 p. eISBN 9788579837463. DOI: <https://doi.org/10.7476/9788579837463>.
 TRASPADINI, Roberta; ANDRADE, Ana Carolina Costa (orgs). Movimentações: a Educação Popular e a Extensão Universitária entre pontes e muros. Rio Grande: Ed. da FURG, 2021, 246 disponível em: <http://repositorio.furg.br/handle/1/9569>

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

LISBÔA FILHO, Flavi Ferreira. Extensão universitária: gestão, comunicação e desenvolvimento regional. [dissertação ou tese]. Universidade Federal de Santa Maria, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/23643>.

FARIA, Thais Regina Sales. Educação inclusiva de jovens moradores de comunidades vulneráveis: explorando a potência da pré-iniciação científica para pensar o enfrentamento de problemas locais a partir dos objetivos do desenvolvimento sustentável. 2022. Disponível em: <https://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/826/766/2808>.

PEREIRA, Laura Francisconi. Co-escola: práticas colaborativas para qualificação de espaços de escolas públicas. 2022. Disponível em: <https://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/826/766/2808>.

PAIVA, Irene Alves; RIBEIRO, Karina (orgs.). A universidade e as comunidades populares: experiências dos alunos do grupo PET/Conexões de Saberes. 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/48482>.

LEONARDI, Fabrício Gobetti [UNIFESP]; et al. Metodologias participativas para a construção de uma educação em direitos humanos. 2021. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/handle/11600/61841>.

4º SEMESTRE

SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO						
CÓDIGO	SEMESTRE	CRÉDITO	CARGA HORÁRIA			
			TEÓRICA	PRÁTICA	EXTENSÃO	TOTAL
-	4º	04	60			60
EMENTA						
A visão da educação nas teorias sociológicas e na política da educação; Sociologia da Educação no Brasil; Os desafios da educação ante a cidadania, democracia, participação, trabalho e mercado; análise da relação entre ideologia e conhecimento, cultura e movimentos sociais.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
ARON, Raymond. As etapas do pensamento sociológico. 6. ed. São sociológico. Paulo: Martinho Fontes, 2003.						
DURKHEIM, E. Lições de sociologia. São Paulo: Martins Fontes, 2002.						
DURKHEIM, E. Sociologia, educação e moral. Porto: Rés Editora, 1984.						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR						
FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade I: a vontade de saber. São Paulo: Graal, 2005						
FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.						
GADOTTI, Moacir. História das ideias pedagógicas. São Paulo: Ática, 2001.						
GADOTTI, Moacir. (Org.). Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria querer. BH: Autêntica, 2004.						
SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.						

ANATOMIA VEGETAL						
CÓDIGO	SEMESTRE	CRÉDITO	CARGA HORÁRIA			
			TEÓRICA	PRÁTICA	EXTENSÃO	TOTAL
-	4º	03	30	15		45

EMENTA
Origem e organização do corpo da planta: meristemas primários e secundários. Sistemas de tecidos e a organização interna dos órgãos vegetativos das Angiospermas: estrutura primária e secundária; influência do ambiente sobre os diferentes tecidos e órgãos vegetativos: relação das estruturas com a função e fatores ambientais.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA
APPEZZATO-DA-GLÓRIA, B.; CARMELLO-GUERREIRO, S.M. Anatomia vegetal. 3a ed. Viçosa: Editora UFV, 2012. CUTTER, E. G. Anatomia vegetal: experimentos e interpretação; segunda parte; órgãos. São Paulo: Roca, 1987. ESAU, K. Anatomia das plantas com sementes. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1974. 293p. NEVES, Amanda; BÜNDCHEN, Márcia; LISBOA, Cassiano Pamplona. Cegueira botânica: é possível superá-la a partir da Educação?. Ciência & Educação (Bauru), v. 25, p. 745-762, 2019.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR
BECK, C. B. An Introduction to Plant Structure and Development - Plant Anatomy for the Twenty-First Century. Ed. Cambridge University Press, 2010. EVERT, R.F. Anatomia das plantas de Esau: meristemas, célula e tecidos do corpo da planta: sua estrutura e função e desenvolvimento. São Paulo: Blucher, 2013. RAVEN, P.H.; EVERT, R.F.; CURTIS, H. Biologia Vegetal. 8ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2014. 826p. SALATINO, Antonio; BUCKERIDGE, Marcos. Mas de que te serve saber botânica?. Estudos avançados, v. 30, p. 177-196, 2016. CUTLER; D. F.; BOTHA, T.; STEVENSON, D. W. M. Anatomia Vegetal. 1 ed. Artmed. Porto Alegre. 2011.

PALEONTOLOGIA						
CÓDIGO	SEMESTRE	CRÉDITO	CARGA HORÁRIA			
			TEÓRICA	PRÁTICA	EXTENSÃO	TOTAL
-	4	4	40	20		60
EMENTA						
Conceitos fundamentais e divisões da paleontologia. Importância dos Fósseis; Histórico das Pesquisas Paleontológicas no Brasil; Tafonomia: Processos e Ambientes de Fossilização; Fossilização; Tempo geológico; Icnofósseis; Estromatólitos; Fósseis: Coleta e Métodos de Estudo; Educação e a Paleontologia. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) será abordada fazendo uso de tecnologias da informação, narrativas orais e escritas de professores, produção dos alunos, situações simuladas, estudos de caso e produção de material didático e práticas educacionais para a paleontologia voltada para os ensinos fundamental e médio. Metodologias de Ensino e Ações de extensão.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
Anelli, L.E ; Lacerda, J . Novo guia completo dos dinossauros do Brasil.1ª edição. Editora Peirópolis. 364p. 2023. Carvalho, I.S. Paleontologia: Conceitos e Métodos . 3ª edição. Editora Interciência. Volume 1. 734p. 2010. Carvalho, I.S. Paleovertebrados e Paleobotânica . 3ª edição. Editora Interciência. Volume 3. 448p. 2010. Corecco, L. Paleontologia do Brasil: paleoecologia e paleoambientes. 1ª edição. Editora Interciência. 690p. 2023.						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR						
E-book Luís Ricardo Fernandes da Costa. Paleontologia Contemporânea: Diferentes Técnicas e Análises. Ebook. Editora Atenas. 2020. Veja, C.S; Silva, D.C; Kurzawe, F; Carvalho Pietsch, J.P.C, Oliveira Fontanelli, R.C.O. Paleontologia evolução geológica e biológica da Terra. 1ª edição. Editora InterSaberes. 392p. 2021. Soares, M.B. A Paleontologia na Sala de Aula. Ribeirão Preto: Sociedade Brasileira de Paleontologia, 2015, 714p. Carvalho, I.S. Microfósseis e Paleoinvertebrados . 3ª edição. Editora Interciência. Volume 2. 532p. 2010 Soares, M.B. A Paleontologia na Sala de Aula. Ribeirão Preto: Sociedade Brasileira de Paleontologia, 2015, 714p.						

ZOOLOGIA DE INVERTEBRADOS II						
CÓDIGO	SEMESTRE	CRÉDITO	CARGA HORÁRIA			
			TEÓRICA	PRÁTICA	EXTENSÃO	TOTAL
-	4	4	30	30		60
EMENTA						
Superfilo Panarthropoda. Caracterização morfofisiológica. Bioecologia. Biogeográfica, Importância Biológica, Ecológica, Econômica e de Saúde Pública. Classificação Taxonômica, Sistemática, Filogenia e Evolução dos Filo Onychophora, Tardigrada e Arthropoda.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
<ol style="list-style-type: none"> 1. BARNES, R. S. K.; CALOW, P.; OLIVE, P. J. W.; GOLDING, D. W & SPICER, J. I. Invertebrados: uma síntese. 2a Edição. Editora Atheneu. 2008. 2. RUPPERT, E.E.; R.S. FOX & R.D. BARNES, 2005. Zoologia dos Invertebrados. 7ª edição. Editora Roca, São Paulo. 1145p 3. BRUSCA, R.C. & G.J. BRUSCA, 2007. Invertebrados. 2ª edição. Editora Guanabara-Koogan, Rio de Janeiro. 968p. 						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR						
<ol style="list-style-type: none"> 1. STORER, T.; USINGER, R. L.; STEBBINS, R. C.; NYBAKKEN, J. W. Zoologia Geral. 6ª Edição. São Paulo: Nacional, 2000. 2. HICKMAN, Cl. P. Princípios integrados de zoologia. 11ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan , 2012. 846 p. 3. PAPAVERO, Nelson (coord.). Fundamentos práticos de taxonomia zoológica: coleções, bibliografia, nomenclatura. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1994. 4. COSTA, C.; IDE, S. & SIMONKA, C. E., 2006. Insetos Imaturos. Metamorfose e Identificação. Editores, Cleide Costa, Sergio Ide, Carlos Estevão Simonka. Ribeirão Preto: Holos, Editora. 249 p. 5. CARDOSO, J. L. C.; FRANÇA, F. O DE S.; WEN, F. H.; MÁLAQUE, C. M. S.; HADDAD JR. V. 2003. Animais Peçonhentos no Brasil: Biologia, Clínica e terapêutica dos Acidentes. São Paulo: Sarvier. 468p. 						

BIOQUÍMICA GERAL						
CÓDIGO	SEMESTRE	CRÉDITO	CARGA HORÁRIA			
			TEÓRICA	PRÁTICA	EXTENSÃO	TOTAL
-	4	4	45	15		60
EMENTA						
Introdução à bioquímica; Água e sua importância biológica; Estrutura, função e metabolismo de carboidratos, lipídeos, proteínas e enzimas; Vitaminas; Integração Metabólica; Instrumentação didático-pedagógica referente ao conteúdo pertinente aos ensinos fundamental e médio e metodologias de ensino e ações de extensão em ciências bioquímicas.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
<p>LEHNINGER, A. L. <i>Princípios da Bioquímica</i>. 2ª edição. Ed. Livros Médicos Sarvier S.A. São Paulo. 1995</p> <p>MARZZOCO, A.; TORRES, B.B. <i>Bioquímica Básica</i>. Rio de Janeiro. 3ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011.</p> <p>VOET, D.; VOET, J.G.; PRATT, C.W. <i>Fundamentos de Bioquímica</i>. Porto Alegre: Artes médicas Sul, 2008.</p> <p>RICHARD A. H., FERRIER D. R. <i>Bioquímica Ilustrada</i>. 5ª Edição. Editora Artmed, 2012.</p>						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR						
<p>BERG, J.M.; Tymoczko, J.L.; STRYER, L. <i>Bioquímica</i>. 5ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.</p> <p>MURRAY, R.K... et al. Harper: <i>Bioquímica</i>. 9ª ed. São Paulo: Atheneu Editora, 2002.</p> <p>VIEIRA, E.C.; Gazzinelli, G. Mares-Guia, M. <i>Bioquímica Celular e Molecular</i>. 2ª Ed. São Paulo: Editora Atheneu, 2002</p> <p>BERG, J.M., TYMOCZKO, J.L., STRYER, L. <i>Bioquímica</i>, 6a Edição, Editora Guanabara Koogan S.A. 2008.</p> <p>CHAMPE, P.C. & HARVEY, R.A. <i>Bioquímica Ilustrada</i>. <i>Bioquímica Ilustrada – 3a Edição</i>, Artmed Editora.</p>						

2006.

FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA						
CÓDIGO	SEMESTRE	CRÉDITO	CARGA HORÁRIA			
			TEÓRICA	PRÁTICA	EXTENSÃO	TOTAL
-	4	04	45	15		60
EMENTA						
Introdução à educação especial e inclusiva: concepções históricas e legislações aplicadas à inclusão. Acessibilidade. A dimensão neurobiológica na compreensão do processo ensino-aprendizagem. Interferências de drogas no crescimento e desenvolvimento humano e suas implicações educacionais. Distúrbios, transtornos e deficiências. Adequações curriculares.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
DROUET, R. C. R. Distúrbios da Aprendizagem. São Paulo, SP: Editora Ática, 2003. FERREIRA CAPUTO, M. E; GUIMARÃES, M. Educação inclusiva. Rio de Janeiro: DP & A. 2003. GAMA, M. C. S. S. 2006. Educação de Superdotados: teoria e prática. São Paulo, SP: Editora E.P.U, 2006.						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR						
MANTOAN, M. T. E. Inclusão escolar: O que é? Por que? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2003. PLETSCH, M. D.; BRAUN, P. A inclusão de pessoas com deficiência mental: um processo em construção. Democratizar. v. 2, n. 2, mai./ago. 2008. QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos. Porto Alegre/RS: Editora Artmed, 2004. SCHIRMER, C. R. BROWNING, N.; BERSCH, R.; MACHADO, R. Atendimento educacional especializado em deficiência física. Curitiba: Cromos. 2007. LIMA, P. A. Educação inclusiva: indagações e ações nas áreas da educação e da saúde. São Paulo: Avercamp, 2010. 158p. ISBN: 9788589311595.						

5º SEMESTRE

METODOLOGIA DO ENSINO DE BIOLOGIA						
CÓDIGO	SEMESTRE	CRÉDITO	CARGA HORÁRIA			
			TEÓRICA	PRÁTICA	EXTENSÃO	TOTAL
-	5º	4	30	30		60
EMENTA						
Ensino e aprendizagem em Biologia; O ambiente de ensino: segurança nas aulas práticas; organização do trabalho no laboratório e ambientes extraescolares de ensino. Aspectos do ensino de biologia na modalidade EJA. Planejamento e execução de atividades didáticas concernentes ao professor, destinados ao ensino de biologia com base nas competências específicas e habilidades da área de Ciências da Natureza e suas Tecnologias da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Desafios para o ensino de Biologia.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
ANTUNES, C. Como desenvolver as competências em sala de aula. 10 ed. Petrópolis: Vozes, 2014. CORDEIRO, J. Didática. 2.ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015. GANDIN, D. Planejamento como prática educativa. São Paulo: Loyola, 2014.						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR						
VASCONCELLOS, C. S. Planejamento: projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político-Pedagógico – elementos metodológicos para elaboração e realização. 23ª ed. São Paulo: Libertad Editora, 2012 (Cadernos Pedagógicos do Libertad ; v.1) DELIZOICOV, D.; ANGOTTI, J.A; PERNAMBUCO, M.A. Ensino de Ciências: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2018. MENEGOLLA, M; SANT´ANNA, I. M. Por que planejar? Como planejar?: Currículo – área - aula. 22. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014						

SACRISTÁN, J. G.; GOMEZ, A. I. P. Compreender e transformar o ensino. 4. ed. São Paulo: Artmed, 2007.
SANTAROSA L. M. C., CONFORTO, D., SCHNEIDER, F. C. Caderno Pedagógico: curso de formação de professores em tecnologias da informação e comunicação acessíveis. Porto Alegre: Evangraf, 2013.

FISIOLOGIA VEGETAL						
CÓDIGO	SEMESTRE	CRÉDITO	CARGA HORÁRIA			
			TEÓRICA	PRÁTICA	EXTENSÃO	TOTAL
-	5º	04	45	15		60
EMENTA						
Introdução à fisiologia vegetal. Crescimento e desenvolvimento vegetal. Balanço de carbono e transporte de fotoassimilados. Relações hídricas. Estado nutricional da planta.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
KERBAUY, G.B., FISIOLOGIA VEGETAL. ED. GUANABARA KOOGAN, RIO DE JANEIRO. 2004 NEVES, Amanda; BÜNDCHEN, Márcia; LISBOA, Cassiano Pamplona. Cegueira botânica: é possível superá-la a partir da Educação?. Ciência & Educação (Bauru), v. 25, p. 745-762, 2019. RAVEN, P.H.; EVERT, R.F.; CURTIS, H. Biologia vegetal. Rio de Janeiro: Guanabara Dois, 1992. 724p.						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR						
APPEZZATO-DA-GLÓRIA, B.; CARMELLO-GUERREIRO, S. M. Anatomia vegetal. 3a ed. Viçosa: Editora UFV, 2012. BUCHANAN, B. B.; GRUISSEM, W.; JONES, R. L. Biochemistry & molecular biology of plants. Rockville: American Society of Plant Physiologists, 2015. 1280 p. URSI, Suzana; SALATINO, Antonio. Nota Científica-É tempo de superar termos capacitistas no ensino de Biologia: impercepção botânica como alternativa paracegueira botânica. Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo, v. 39, p. 1-4, 2022. TAIZ, L. & ZEIGER, E. Fisiologia Vegetal .3a edição. Artmed, Porto Alegre. 2004. SALATINO, Antonio; BUCKERIDGE, Marcos. Mas de que te serve saber botânica?. Estudos avançados, v. 30, p. 177-196, 2016.						

PARASITOLOGIA GERAL						
CÓDIGO	SEMESTRE	CRÉDITO	CARGA HORÁRIA			
			TEÓRICA	PRÁTICA	EXTENSÃO	TOTAL
-	5	4	30	30		60
EMENTA						
Introdução ao estudo da Parasitologia Geral. Origem e evolução das relações parasitos e hospedeiros. Taxonomia, Sistemática e Filogenia de parasitos e hospedeiros. Estudos teóricos e práticos dos principais grupos de protistas, helmintos e artrópodos causadores e transmissores de Parasitoses ao homem, animais domésticos e silvestres. Coleta e Identificação de Parasitos e aplicação de técnicas de preservação de material biológico para a identificação dos parasitos.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
CIMERMAM, B. Parasitologia Humana e seus Fundamentos Gerais, 2a Ed. São Paulo: Atheneu. 2010. NEVES, D.P. Parasitologia Humana. 12a Edição. Editora Atheneu, 2011. NEVES, D.P. Parasitologia Básica. 2a Edição. Editora Atheneu, 2010.						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR						
PESSOA, S.B. & MARTINS, A.V. Parasitologia Médica. Editora Guanabara Koogan, 11a ed., 1986. 872 pp REY, L. Parasitologia. 4º edição, Editora Guanabara Koogan, 2008. CIMERMAN, B; FRANCO, M. A. Atlas de parasitologia: artrópodes, protozoários e helmintos. 1a Ed. São Paulo: Atheneu. 2002. NEVES, D.P. Atlas didático de parasitologia. 2a Edição. 2009. FREITAS, M.G. (1976). Helminologia Veterinária. Editora Nobel.Freitas, M.G.; Costa, H.M.A.; Cortz, J.O. & Lide, P. (1978). Entomologia e Acarologia Médica e Veterinária. 4ª ed., Editora Nobel. FOREYT, W.J. (2005). Parasitologia Veterinária. Tradução da 5a edição. Editora Roca.						

ZOOLOGIA DE CORDADOS I						
CÓDIGO	SEMESTRE	CRÉDITO	CARGA HORÁRIA			
			TEÓRICA	PRÁTICA	EXTENSÃO	TOTAL
-	5	4	40	20		60
EMENTA						
<p>Introdução geral a zoologia. Evolução, biologia, anatomia e classificação dos Hemichordata. Estudo da evolução, biologia, anatomia, fisiologia, biodiversidade e ecologia dos Protocordados (Urocordados e Cefalocordados) e dos Cordados (Monorhina, Diphorhina, Placodermi, Acanthodii, Chondrichthyes, Osteichthyes, Amphibia). Processos evolutivos relacionados à formação da coluna vertebral e da crista neural. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) será abordada fazendo uso de tecnologias da informação, narrativas orais e escritas de professores, produção dos alunos, situações simuladas, estudos de caso e produção de material didático e práticas educacionais para a zoologia dos cordados I voltada para os ensinamentos fundamental e médio.</p>						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
<p>HICKMAN JR., Cleveland P.; ROBERTS, Larry S.; LARSON, Allan. Princípios integrados de zoologia. 18. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2022. 888 p. KARDONG, K.V. Vertebrados: anatomia comparada, função e evolução. 7. ed. São Paulo: Roca, 2022. 787 p. HILDEBRAND, M.; GOSLOW JR., G.E. Análise da estrutura dos vertebrados. 2. ed. São Paulo: Atheneu, 2006. 637 p.</p>						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR						
<p>POUGH, F. Harvey; JANIS, Christine M.; HEISER, John B. A vida dos vertebrados. 4. ed. São Paulo: Atheneu, 2008. STORER, Tracy I. Zoologia geral. 6. ed. São Paulo: Nacional, 2003. 816 p. (Biblioteca Universitária. Série 3. Ciências puras, v. 8) ARMIÑANA-GARCÍA, R.; CASTILLO-FLEITES, Y.; MESA-CARPIO, N.; FIMIA-DUARTE, R.; LEYVA-HAZA, J.; IANNACONE, J.; DURÁN-FONSECA, Y.; FÁBREGA-OBREGÓN, G. Nova concepção didática para o processo de ensino-aprendizagem da zoologia dos cordados. Paideia XXI, v. 10, n. 1, p. 33-57, 2020. Disponível em: https://doi.org/10.31381/paideia.v10i1.2978. OLIVEIRA-JUNIOR, José Max Barbosa; CALVÃO, Lenize Batista. Zoologia: panorama atual e desafios futuros. Atena, 2022. Disponível em: https://www.unirio.br/ccbs/ibio/pdf/ZoologiaPanoramaAtualDesafiosFuturos.pdf. OLIVEIRA-JUNIOR, José Max Barbosa; CALVÃO, Lenize Batista. Zoologia: organismos e suas contribuições ao ecossistema. Atena, 2022. Disponível em: https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/701027/1/Zoologia.pdf.</p>						

PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO E DA APRENDIZAGEM						
CÓDIGO	SEMESTRE	CRÉDITO	CARGA HORÁRIA			
			TEÓRICA	PRÁTICA	EXTENSÃO	TOTAL
-	5º	4	60			60
EMENTA						
<p>A constituição histórica da Psicologia enquanto ciência. Seu objeto de estudo e da Psicologia da Educação e suas principais contribuições às ciências pedagógicas. Desenvolvimento cognitivo, desenvolvimento socio-emocional, cultura e aprendizagem. Concepções acerca do fracasso escolar Transtornos da aprendizagem. Educação inclusiva. Psicologia da Educação e tendências contemporâneas.</p>						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
<p>KUPFER, M.C.M. Freud e a Educação. Scipione. 1995. VASCONCELOS, V.M.R. de; VALSINER, J. Perspectiva Co-Constructiva na Psicologia e na Educação. Porto Alegre: Artes Médicas. 1995. DAVIDOFF, J.M. Introdução à Psicologia. Mc. Graw. Hill. 1983.</p>						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR						
<p>ANGERMEIER, W.F. Psicologia para o dia-a-dia. Petrópolis: Vozes. 1993.</p>						

BARROS, C.S.G. Pontos de Psicologia do Desenvolvimento. São Paulo: Ática. 1993.
 BARROS, C.S.G. Pontos de Psicologia Escolar. São Paulo: Ática. 1995.
 BIAGGIO, A.M.B. Psicologia do Desenvolvimento. Petrópolis: Vozes. 1993.
 COUTINHO, M.T.; MOREIRA, M. Psicologia da Educação: um estudo dos processos psicológicos de desenvolvimento e aprendizagem, voltados para a educação – ênfase na abordagem construtivista. Belo Horizonte: Editora Lê. 1993.

ATIVIDADE ACADÊMICA DE EXTENSÃO III						
CÓDIGO	SEMESTRE	CRÉDITO	CARGA HORÁRIA			
			TEÓRICA	PRÁTICA	EXTENSÃO	TOTAL
-	5º	7			105	105
EMENTA						
A extensão acadêmica focará na construção de material adaptado e readequação de recurso didático para o ensino de ciências e biologia no atendimento de estudantes com deficiência para a promoção da educação inclusiva, e para a formação de professores mais atuantes no processo de inclusão educacional. A construção de material adaptado e readequação de recurso didático para o ensino inclusivo desenvolverá competências e habilidades didáticas, estimulando a criatividade pela aplicação diversificada de material de apoio na formação de profissionais mais críticos e reflexivos.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
CONTRERAS, J. A autonomia de professores. São Paulo: Cortez, 2002. FAZENDA, I; SEVERINO, A. J. (orgs). Conhecimento, pesquisa e educação. São Paulo: Papyrus, 2001. - (Série cidade educativa) ZABALA, A. A prática educativa: como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 2010.						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR						
ANTUNES, C. Jogos para a estimulação das múltiplas inteligências. Petrópolis: Vozes, 2014. DELIZOICOV, D.; ANGOTI, J, A.; PERNAMBUCO, M. M. Ensino de ciências: fundamentos e métodos. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2011 (Coleção docência em formação. Ensino fundamental). LIPPE, E. M. O. Metodologia do Ensino da Ciência. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2016. PIMENTA, S. G. (org). Saberes pedagógicos e atividade docente. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2012. TEIXEIRA, E. As três metodologias: acadêmica, da ciência e da pesquisa. Petrópolis: Vozes, 2013.						

6º SEMESTRE

ZOOLOGIA DE CORDADOS II						
CÓDIGO	SEMESTRE	CRÉDITO	CARGA HORÁRIA			
			TEÓRICA	PRÁTICA	EXTENSÃO	TOTAL
-	6	4	40	20		60
EMENTA						
Origem e relações filogenéticas dos Tetrapoda Amniota. Morfologia e reconhecimento das principais linhagens de Amniota, incluindo fósseis. Relações filogenéticas de Sauropsida. Testudines. Diversificação de Diapsida: Lepidosauromorpha e Archosauromorpha. Crocodylia. Aves. Relações filogenéticas de Synapsida. Mammalia. Aulas práticas sobre morfologia externa, osteologia e reconhecimento dos principais grupos viventes de Amniota. Metodologias de Ensino e Ações de extensão.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
HILDEBRAND, M.; GOSLOW Jr., G.E. 2006. Análise da Estrutura dos Vertebrados . 2.ed. São Paulo: Atheneu Editora São Paulo. KARDONG, K.V. 2016. Vertebrados: Anatomia Comparada, função e evolução. 7a Edição. Editora Roca. POUGH, F.H.; HEISER, J.B.; MCFARLAND, W.N. 2008. A vida dos Vertebrados . 4a Edição. Atheneu Editora.						

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR
<p>SANCHES, P. R.; CAMPOS, C. E. C.; SÁ, D. M. C.; VASCONCELOS, H. C. G. 2023. Percepção ambiental nas escolas do Estado do Amapá, Brasil: anfíbios e répteis. Amapá, Editora da Universidade Federal do Amapá. Disponível para Livre Acesso em: https://www2.unifap.br/editora/files/2023/11/PERCEPCAO-AMBIENTAL-NAS-ESCOLAS-DO-ESTADO-DO-AMAPA-anfíbios-e-repteis.pdf</p> <p>OLIVEIRA-JUNIOR, José Max Barbosa; Calvão, Lenize Batista. Zoologia: Panorama atual e desafios futuros. Editora; Atena; 2022. E-book. 106p. Disponível para Livre Acesso em: http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/703579</p> <p>OLIVEIRA-JUNIOR, José Max Barbosa; Calvão, Lenize Batista. Zoologia: Organismos e suas contribuições ao ecossistema. Editora: Atena; 2022. R-book.101p. Disponível para Livre Acesso em: https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/701027/1/Zoologia.pdf</p> <p>REIS, N.R.; PERACCHI, A.L.; PEDRO, W.A.; LIMA, I.P. 2011. Mamíferos do Brasil. 2.ed. Londrina.</p> <p>ORR, R.T. 1986. Biologia dos Vertebrados. São Paulo: Editora Roca</p>

ANATOMOFISIOLOGIA HUMANA						
CÓDIGO	SEMESTRE	CRÉDITO	CARGA HORÁRIA			
			TEÓRICA	PRÁTICA	EXTENSÃO	TOTAL
-	6	5	60	15		75
EMENTA						
Panorama sobre a estrutura organizacional e morfológica dos seguintes órgãos e sistemas do corpo humano: Nervoso, Endócrino, Digestório, Respiratório, Reprodutor, Cardiovascular e Renal, bem como seus mecanismos específicos e processos bioquímicos de funcionamento.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
1 – GUYTON, A. C.; HALL, J. E. Tratado de Fisiologia Médica. 13ª ed. Editora Elsevier. 2017.						
2 – TORTORA, G, J.; DERRICKSON, B. Princípios de Anatomia e Fisiologia. 16ª ed. Editora Guanabara Koogan. 2023.						
3 – SILVERTHORN, D. U. Fisiologia Humana. Uma Abordagem Integrada. 7ª ed. Editora ArtMed - São Paulo, 2017.						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR						
1 - DANGELO, J.G.; FATTINI, C.A. Anatomia Humana Sistêmica e Segmentar. 2ª Edição. Editora Atheneu, São Paulo. 2007.						
2 - ALBERTS, B.; BRAY, D.; LEWIS, J.; RAFF, M.; ROBERTS, K.; WATSON, J. D. Biologia Molecular da Célula. 5a. Edição. Editora Artes Médicas. 2010.						
3 - MENESES, M.S. Neuroanatomia aplicada. 2ª Edição. Editora Guanabara Koogan. 2006.						
4 – SOBOTTA, J. Atlas de Anatomia Humana. Volumes I, II e III. 25ª ed. Editora Guanabara Koogan, Rio de Janeiro.2023.						
5 - Netter, Frank. H. Atlas de anatomia humana. Elsevier, 7ª ed. 2019.						

GENÉTICA BÁSICA						
CÓDIGO	SEMESTRE	CRÉDITO	CARGA HORÁRIA			
			TEÓRICA	PRÁTICA	EXTENSÃO	TOTAL
-	6	4	45	15		60
EMENTA						
Introdução à genética. Genes e cromossomos. Genética mendeliana: 1ª e 2ª Leis de Mendel: conceitos, terminologia, proporções e probabilidades. Extensões da genética mendeliana: ausência de dominância, polialelia, penetrância e expressividade, interações gênicas e pleiotropia, herança ligada ao sexo, herança extranuclear. Ligação gênica e mapeamento genético. Alterações cromossômicas em estrutura e número.						

Genética quantitativa: herança poligênica, variação fenotípica contínua, herdabilidade. Genética de populações: frequência de alelos, equilíbrio de Hardy-Weinberg.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA
<p>GRIFFITHS, A. J. F.; MILLER, J. H.; LEWONTIN, R. C. Introdução à Genética. Rio de Janeiro. Editora Guanabara Koogan. 9ª Edição. 2011.</p> <p>HARTL, D. L. & A. G. CLARK. 2010. Princípios de Genética de Populações. 4ª Edição. ArtMed Editora.</p> <p>KLUG, W. S., M. R. CUMMINGS, C. A. SPENCER & M. A. PALLADINO. 2010. Conceitos de Genética. 9ª Edição. Tradução: M. R. Borges-Osório & R. Fischer. ArtMed Editora.</p>
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR
<p>KREUZER H; MASSEY, A. Engenharia Genética e Biotecnologia. 2ª ed. ArtMed, Porto Alegre, 2002.</p> <p>LEWIS, R. Genética Humana: Conceitos e Aplicações. Rio de Janeiro. Ed. Guanabara Koogan. 5ª Edição. 2004.</p> <p>PASSARGE, E. Genética: texto e atlas. [Color atlas of genetics]. Tradução de: Maria Regina Borges-Osório e Wanyce Miriam Robinson. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.</p> <p>THOMPSON & THOMPSON. Genética Médica. Rio de Janeiro. Editora Guanabara Koogan. 7ª Edição. 2002.</p> <p>SNUSTAD, D.P.; SIMMONS, M.J. Fundamentos de Genética. São Paulo. Editora Guanabara Koogan. 4ª ed. 903p. 2008.</p>

SISTEMÁTICA VEGETAL						
CÓDIGO	SEMESTRE	CRÉDITO	CARGA HORÁRIA			
			TEÓRICA	PRÁTICA	EXTENSÃO	TOTAL
-	6º	4	45	15		60
EMENTA						
Aspectos da taxonomia, classificação, identificação e aspectos reprodutivos dos principais grupos de vegetais existentes. Nomenclatura binomial. Importância econômica e ecológica das espécies vegetais com ênfase nas ocorrentes no Estado do Amapá. Instrumentação didático-pedagógica referente ao conteúdo teórico pertinente aos ensinos médio e fundamental. Atividades em laboratório e uso de estereoscópicos: observação e descrição de diferentes grupos taxonômicos: Briófitas, Pteridófitas, Gimnospermas e Angiospermas; coleta e/ou montagem de coleções didáticas. Descrição das principais famílias fanerogamas. Chave analítica e dicotômica. Práticas de identificação de plantas da flora local e técnicas de campo.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
<p>BARROSO, G.M.; PEIXOTO, A.L.; COSTA, C.G.; ICHASO, C.L.F. & GUIMARÃES. Sistemática de angiospermas do Brasil. Vol 3. Viçosa: UFV, 358 p. 1988</p> <p>MARGULIS; SCHWARTZ. Cinco Reinos – Um guia ilustrado dos filós da vida na Terra. 3ªed. Guanabara Koogan: Rio de Janeiro. 497 p. 2001.</p> <p>LORENZI, H. Árvores brasileiras. Ed. Plantarum, Vol 1 e 2, 1997.</p>						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR						
<p>RAVEN, P.H.; EVERT, R.F.; CURTIS, H. Biologia vegetal. Guanabara Dois: Rio de Janeiro. 724p. 2014.</p> <p>Vidal, V.N.; Vidal, M.R.R. Botânica – Organografia. 3ed. Viçosa: UFV, 1986. 114p.</p> <p>BARROSO, G.M.; PEIXOTO, A.L.; COSTA, C.G.; ICHASO, C.L.F. & GUIMARÃES. Sistemática de angiospermas do Brasil. Vol 1. Viçosa: UFV, 255 p. 1978.</p> <p>BARROSO, G.M.; PEIXOTO, A.L.; COSTA, C.G.; ICHASO, C.L.F. & GUIMARÃES. Sistemática de angiospermas do Brasil. Vol 2. Viçosa: UFV, 337 p. 1984.</p> <p>CARNEIRO, D. Ilustração Botânica: Princípios e Métodos, Editora UFPR; 2ª edição 2023. 288p.</p> <p>LEMOS, J. R.; ANDRADE, I. M. Glossário ilustrado de botânica. Editora: Oficina de Textos, USP: São Paulo, 2022. 88p.</p> <p>SOUSA, V. C.; FLORES, T. B.; LORENZI, H. Introdução a Botânica. Plantarum. 1ª edição. 2013. 300p.</p>						

MICROBIOLOGIA BÁSICA			
CÓDIGO	SEMESTRE	CRÉDITO	CARGA HORÁRIA

			TEÓRICA	PRÁTICA	EXTENSÃO	TOTAL
-	6º	3	45	15		60
EMENTA						
Aspectos gerais dos microrganismos, morfologia e ultra-estrutura, replicação e identificação; relações entre os microrganismos e o organismo hospedeiro; aspectos da biologia dos microrganismos agressores e microbiota.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
TORTORA, GERARD J. 2012. Microbiologia. 8ª edição, Artmed-Porto Alegre. LEVINSON, WARREN. 2010. Microbiologia Médica e imunologia. Artmed-Porto Alegre. BLACK, JACQUELYN G. 2002. Microbiologia. Guanabara Koogan – Rio de Janeiro.						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR						
BARBOSA, F. H. P. 2014. Probióticos. UNIFAP – Macapá. FORSYTHE, STEPHEN J. 2013. Microbiologia da segurança dos alimentos. Artmed-Porto Alegre. RIBEIRO, HELOIZA RAMOS. 1998. Microbiologia básica. Atheneu – São Paulo. TRABULSI, L. R.; ALTERTHUM, F. Microbiologia. 5 ed. São Paulo: Atheneu, 2008. 760p. TORTORA, Gerard J.; FUNKE, Berdell R.; CASE, Christine L. Microbiologia. Porto Alegre: Artmed, 10º ed., 2012.						

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO I (TCC I)						
CÓDIGO	SEMESTRE	CRÉDITO	CARGA HORÁRIA			
			TEÓRICA	PRÁTICA	EXTENSÃO	TOTAL
-	6º	2		30		30
EMENTA						
Elaboração do projeto do Trabalho de Conclusão de Curso, segundo as Normas vigentes da ABNT e da Resolução No. 11/2008 da UNIFAP sobre as modalidades de Trabalho de Conclusão de Curso. Qualificação do Projeto de Pesquisa.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
BARKER, K. Na bancada: manual de iniciação científica em laboratórios de pesquisas biomédicas. Porto Alegre: Artmed, 2002. Vi, 474 p. GONSALVES, E.P. Conversas sobre iniciação à pesquisa científica. 5.ed. Campinas: Alinea, 2011. 101 p. RATTON, E.; WAYDZIK, F.A.; MACHADO, V. Manual de normalização de relatórios técnicos e/ou científicos: de acordo com as normas da ABNT. Curitiba: UFPR/ITTI, 2019. 93 p.						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR						
CARVALHO, R.R.P.; ROSANELI, C. Bioética: meio ambiente, saúde e pesquisa. São Paulo: Iátria, 2006. 203.p. CONSELHO FEDERAL DE BIOLOGIA. Código de Ética do Profissional Biólogo. Disponível em: < http://crbio-7.gov.br/index . CULLEN, L. et al. Métodos de estudos em biologia da conservação e manejo da vida silvestre. 2.ed. Curitiba: Ed. UFPR, 2006. GHEDIN, E. Estágio com pesquisa. São Paulo: Cortez, 2015. 279 p. MACHADO, A.R.; LOUSADA, E.; ABREU_TARDELLI, L.S. Planejar gêneros acadêmicos: escrita científica, texto acadêmico, diário de pesquisa, metodologia. São Paulo: Parábola, 2005. 116 p.						

7º SEMESTRE

GEOLOGIA BÁSICA						
CÓDIGO	SEMESTRE	CRÉDITO	CARGA HORÁRIA			
			TEÓRICA	PRÁTICA	EXTENSÃO	TOTAL
-	7º	2	30			30
EMENTA						
Conceitos e métodos de estudo da ciência geológica. A geologia no contexto das Geociências. A importância da geologia no estudo dos fenômenos da natureza. Análise da litosfera, destacando os fenômenos formadores						

das rochas. Os processos geológicos e seus produtos. A exploração dos recursos minerais e suas conseqüências ambientais.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

OLIVEIRA, C. 1995. Vocabulário Inglês-Português de Geociências. IBGE. Rio de Janeiro.
 PRESS, F; SIEVER, R.; GROETZINGER, J.; JORDAN, T. 2006. Para Entender a Terra. Editora Artmed. 4ª Edição. Bookman.
 TEIXEIRA, W; TOLEDO, M.C.M.; FAIRCHILD, T.R.; TAIOLI, F. 2003. Decifrando a Terra. São Paulo. Editora Universidade de São Paulo e Oficina de Textos.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ALMEIDA, FERNANDO, F.M.; HASUI, YOCITERU. O Pré-Cambriano no Brasil. São Paulo: Edgard, 1984.
 BIGARELLA, J.J., LEPREVOST, A., BOLSANELLO, A. Rochas do Brasil. Livros Técnicos e Científicos S.A.
 BRANCO, P.M. Dicionário de Mineralogia. 2ª ed. Porto Alegre: UFRS, 1982.
 RUSSEL, J. B. Química Geral. 2ª, Ed. Vol. I e II. São Paulo: Ed. Mc Graw Hill Ltda., 1994. SKINNER, B.J. Physical Geology – John Wiley and Sons Inc. Porter, S. C.-1995.
 GROTZINGER, J.; JORDAN, T. H. Para Entender a Terra. Porto Alegre: Bookman, 2013. 738p

IMUNOLOGIA BÁSICA

CÓDIGO	SEMESTRE	CRÉDITO	CARGA HORÁRIA			
			TEÓRICA	PRÁTICA	EXTENSÃO	TOTAL
-	7º	3	30	15		45

EMENTA

Fundamentos do sistema imune. Evolução do sistema imune. Identificação e função das células do sistema imune. Imunidade Inata e Imunidade Específica. Mecanismos efetores das respostas imunes. Imunidade na defesa e na doença.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CALICH & VAZ. 2001. Imunologia. Revinter.
 ROITT, IVAN M. 2013. Fundamentos de Imunologia, 12ª Edição. Guanabara Koogan.
 ABBAS, ABUL K. 2013. Imunologia básica, Elsevier.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BIER, O.G.; MOTA, I. SILVA, W.D. da. Imunologia básica e aplicada. 5a Ed. 2003.
 FORTE, W.C.N. Imunologia. 2a Ed. 2007. Guanabara Koogan.
 HELBERT, M. Imunologia essencial. Tradução de Edda Palmeiro. 2007.
 MADIGAN, M. T.; MARTINKO, J. M.; PARKER, J. Microbiologia de Brock. 10a Ed. 2004.
 ROITT, I.; RABSON, A. 2015. Imunologia básica. Tradução de Adriana Marcos Vivoni.

BIOLOGIA MOLECULAR BÁSICA

CÓDIGO	SEMESTRE	CRÉDITO	CARGA HORÁRIA			
			TEÓRICA	PRÁTICA	EXTENSÃO	TOTAL
-	7	3	30	15	-	45

EMENTA

Introdução à Biologia Molecular. Estrutura, organização, propriedades e função de ácidos nucleicos e proteínas. Replicação, Transcrição e Tradução. Princípio e aplicações das principais metodologias de Biologia Molecular. Mutação e reparo de DNA. Controle da expressão gênica em procariontes e eucariontes. Recombinação gênica e elementos de transposição. Silenciamento gênico pós-transcricional.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

1. ROBERTIS, E.; HIB, J. Bases da biologia celular e molecular. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 4ed., 2006.
2. MALACINSKI, G. M. Fundamentos de Biologia Molecular. 4a Ed. Rio de Janeiro. Guanabara Koogan. 2003.
3. JUNQUEIRA, L.C.; CARNEIRO, J. Biologia Celular e Molecular. 9a. Ed. Guanabara e Koogan. 2012.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	
1.	FERREIRA, H. B. et al. Biologia molecular básica. Porto Alegre. Mercado Aberto. 2003.
2.	THOMPSON, M.W.; MCINNES, R.R.; WILLARD, H.F. Genética Médica. 6ª ed. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 2002. 387p.
3.	DE ROBERTIS, E.M.F.; HIB, J. Bases da Biologia Celular e Molecular. 4a. Ed. Guanabara e Koogan. 2006.
4.	LEHNINGER, A. L.; NELSON, D. L.; COX, M. M. Princípios da bioquímica. São Paulo: Sarvier, 5a Ed. 2011.
5.	CARVALHO, C.V; RICCI, G.; AFFONSO, R. Guia de práticas em Biologia molecular. Yendis.2010.

LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS - LIBRAS						
CÓDIGO	SEMESTRE	CRÉDITO	CARGA HORÁRIA			
			TEÓRICA	PRÁTICA	EXTENSÃO	TOTAL
-	7º	4	60			60
EMENTA						
Fundamentos da Educação de surdos; Pressupostos teórico-históricos, filosóficos, sociológicos, pedagógicos e técnicos da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS; História da Língua de sinais Brasileira; Aspectos metodológicos acerca da educação de surdos; Estrutura Gramatical; Parâmetros da LIBRAS; Sinais básicos.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
FERNANDEZ, E. Surdez e Bilingüismo. São Paulo/SP: Editora Cortez, 2003.						
GESSER, Audrei. Libras? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo/SP: Editora Parábola, 2009.						
QUADROS, Ronice Muller de; KARNOPP, Lodenir Becker. Língua de Sinais Brasileira: estudos lingüísticos. Porto Alegre/RS: Editora Artmed, 2004.						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR						
BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Decreto 5626/2005.						
CARVALHO, R.É. Removendo barreiras para a aprendizagem. 2ed. Porto Alegre/RS: Mediação, 2002.						
FERNANDEZ, E. Surdez e Bilingüismo. São Paulo/SP: Editora Cortez, 2003.						
QUADROS, R.M. de; KARNOPP, L.B. Educação de Surdos: a aquisição da linguagem. Porto Alegre/RS: Artmed, 2004.						
PEREIRA, R. de C. Surdez: aquisição da linguagem e inclusão social. Rio de Janeiro. Revinter, 2008.						
SANTANA, A.P. Surdez e Linguagem: aspectos e implicações neurolinguísticas – São Paulo, Plexus,2007.						

EDUCAÇÃO E CULTURA AMAPAENSE						
CÓDIGO	SEMESTRE	CRÉDITO	CARGA HORÁRIA			
			TEÓRICA	PRÁTICA	EXTENSÃO	TOTAL
-	7º	3	30	15		45
EMENTA						
Conceito de cultura e sociedade. Educação e cultura. Identidades e Interculturalidade. Diversidade, espaço e relações étnico-raciais. A cultura e a diversidade sociocultural na Amazônia. A educação em comunidades quilombolas, ribeirinhas e indígenas, do campo na perspectiva das Diretrizes Curriculares Nacionais, dos Parâmetros Curriculares Nacionais e dos Referenciais Curriculares Amapaense. A formação de professores para as escolas urbana e rural, para a diversidade étnica e de gênero na Educação Básica. A história do Currículo. Currículo e política cultural. Currículo e disciplinas escolares.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
DURKHEIM, Emile. Educação e sociologia. 5. ed Petrópolis: Vozes, 2014.						
ADAMS, Cristina (Org.). Sociedades Cablocas Amazônicas: modernidade e invisibilidade. São Paulo: Annablume, 2006.						
ANTUNES-ROCHA, Maria Isabel; HAGE, Salomão Mufarej. Escola de Direito: reinventando a escola multisseriada. Belo Horizonte-MG, Autêntica, 2010.						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR						

CORTELLA, Mario Sergio. A escola e o conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos. 15. ed São Paulo: Cortez, 2016.
 FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
 SAVIANI, Dermeval. Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações. 11.ed. rev Campinas, SP: Autores Associados, 2011.
 SANTOS, Renato Emerson Nascimento (Org.) Diversidade, Espaço e Relações Étnicoraciais: o negro na geografia do Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. (Coleção Cultura Negra e Identidades).
 CORTELLA, Mario Sergio. A escola e a construção do conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos. 10 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

BIOFÍSICA						
CÓDIGO	SEMESTRE	CRÉDITO	CARGA HORÁRIA			
			TEÓRICA	PRÁTICA	EXTENSÃO	TOTAL
-	7	3	40	5		45
EMENTA						
Fundamentação dos fenômenos físicos e processos biológicos em seus aspectos elétricos, térmicos, mecânicos, atômicos e moleculares inerentes a compreensão da biofísica no corpo humano.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
1- DURÁN, J. E. R. Biofísica: conceitos e aplicações. 2ª Edição. 2011. 2- GARCIA, E. A. C. Biofísica. 2ª Edição. Editora Sarvier. 2015. 3- HENEINE, I. F. Biofísica básica. 2ª Edição. 2003.						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR						
1- MOURÃO JR, C. A., ABRAMOV, D. M. Biofísica Essencial. 1ª Edição. Editora Guanabara Koogan. 2012. 2- OKUNO, E., CALDAS, I. L., CHOW, C. Física para Ciências Biológicas e Biomédicas. Editora Harbra. 1986. 3 - Guyton, A. C. E Hall, J. E. Tratado de fisiologia médica. Editora Elsevier. 14ª ed., 2024. 4 - Stryer, J.M.; Tymoczko, J.L. ; Berg L.. Bioquímica., 6a edição, Ed. Guanabara Koogan, 2008. 5 – Ucko, D. A. Química para as ciências da saúde: uma introdução à química geral, orgânica e biológica. Editora Manole Saúde., 2ª edição. 1992.						

8º SEMESTRE

ANTROPOLOGIA BIOLÓGICA E CULTURAL						
CÓDIGO	SEMESTRE	CRÉDITO	CARGA HORÁRIA			
			TEÓRICA	PRÁTICA	EXTENSÃO	TOTAL
-	8º	2	30			30
EMENTA						
Evolução Humana na Perspectiva de Antropologia; O Objeto de Estudo da Antropologia Social: a Diversidade e o seu Significado. Tópicos da História Afro-brasileira e dos Povos Indígenas. As Questões Afro-Indígenas no Brasil Contemporâneo. A contribuição Africana e Indígena na formação da diversidade cultural brasileira. As Relações étnico-raciais no cotidiano escolar. Desafios e Perspectivas para o ensino das culturas afro-brasileiras e indígenas.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
LAPLANTINE, François. Aprender Antropologia. São Paulo, Editora Brasiliense, 2003. MATTOS, R. A. História e Cultura Afro-brasileira. São Paulo: Contexto/UNESCO, 2007. SERRANO, C.; WALDMAN, M. Memória da África: A temática Africana em sala de Aula. São Paulo: Cortez, 2007.						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR						
CUNHA, M. C. (org). História dos Índios no Brasil. 2a ed. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2002. COSTA, L. G. (org.). História e Cultura Afro-brasileira: Subsídios para a prática da educação sobre as relações étnico-raciais. Maringá: EUEM, 2010. FUNARI, P. P.; PIÑÓN, A. A Temática Indígena na Escola: Subsídios para os professores. São Paulo: Contexto, 2011.						

OAERER, Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-raciais. Brasília: MEC/SECAD, 2010.
 SOUZA, M. M. África e Brasil Africano. São Paulo: Ática, 2006.

EDUCAÇÃO PARA OS DIREITOS HUMANOS						
CÓDIGO	SEMESTRE	CRÉDITO	CARGA HORÁRIA			
			TEÓRICA	PRÁTICA	EXTENSÃO	TOTAL
-	8º	4	45	15		60
EMENTA						
Educação, direitos humanos e formação para cidadania. História dos direitos humanos e suas implicações para o campo da educação. Documentos nacionais e internacionais sobre educação e direitos humanos. Preconceito, discriminação e prática educativa em situação de cumprimento de medidas socioeducativas.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
CANDAUI, Vera Maria Ferrão. Direito à Educação, Diversidade e Educação em Direitos Humanos. Educ. Soc., Campinas, v. 33, n. 120, p. 715-726, jul.-set. 2012 Disponível em: https://www.cedes.unicamp.br/ FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. PAIVA, Angela Randolpho. (Org.). Direitos Humanos em seus desafios contemporâneos; Rio de Janeiro: Pallas, 2012.						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR						
GOMES, Nilma Lino. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. Currículo sem fronteiras, vol.12, n.1, pp. 98-109, jan/abr 2012. Disponível em http://www.curriculosemfronteiras.org/vol12iss1articles/gomes.pdf . JULIÃO, Elionaldo Fernandes. Uma visão socioeducativa da educação como programa de reinserção social na política de execução penal. Repositório UFSJ, São João Del-Rei p. 01-18, 2010. TRINDADE, Antônio Augusto Caçado e LEAL, César Barros (coord.). Direitos Humanos e Meio Ambiente. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2017. PIOVESAN, F. Temas de direitos humanos. São Paulo, Editora Saraiva, 6ª Edição, 2013. ANDRADE, Marcelo. É a educação um direito humano? Em busca de razões suficientes para se justificar o direito de formar-se como humano. Revista de Educação, v. 36, p. 21-27; Rio Grande do Sul: PUC-RS, 2013.						

TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS E DIGITAIS						
CÓDIGO	SEMESTRE	CRÉDITO	CARGA HORÁRIA			
			TEÓRICA	PRÁTICA	EXTENSÃO	TOTAL
-	8º	4	45	15		60
EMENTA						
Tecnologia e educação: conceitos e contexto histórico. Fundamentos das tecnologias educacionais. Tecnologias Independentes e Dependentes. As mudanças no ensino brasileiro devido a presença da tecnologia da informação. Estudo das políticas e programas educacionais voltados para o uso das tecnologias. Tecnologias na formação do professor. Recursos tecnológicos presentes na escola. Informática na Educação. Mídias e educação. Educação a distância.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
GRINSPUM, Mírian P. S. Zippin (Org). Educação tecnológica: desafios e perspectivas. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001. KENSKI, Vani Moreira. Tecnologias e ensino presencial e a distância. 4 ed. Campinas: Papirus, 2006. LEITE, Lígia Silva. (Coord.). Tecnologia educacional: descubra suas possibilidades na sala de aula. Colaboração de Cláudia Lopes Pocho, Márcia de Medeiros Aguiar, Marisa Narcizo Sampaio. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2004. MORAN, José; MASETTO, Marcos T; BEHRENS, Marilda Aparecida. Novas tecnologias e mediação pedagógica. Campinas, SP: Papirus, 2000.						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR						
PAPERT, S. A máquina das crianças: repensando a escola na era da informática. Porto Alegre: Artemed, 2008. OLIVEIRA, R. Informática Educativa: dos planos e discursos à sala de aula. 10ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2006. GIORDAN, M. CUNHA, M. B. Divulgação Científica na sala de aula: perspectivas e possibilidades. Injuf: Ed.						

Unijuí, 2015. 360p.
 MERCADO, L. P. L.; VIANA, M. A. P.; PIMENTEL, F. S. C. (Org.). Estratégias didáticas e as TIC: ressignificando as práticas na sala de aula. Maceió: EDUFAL, 2018. 376p.
 MATTAR, J. Games em Educação: Como os nativos digitais aprendem. São Paulo: Pearson, 2010.

EDUCAÇÃO AMBIENTAL						
CÓDIGO	SEMESTRE	CRÉDITO	CARGA HORÁRIA			
			TEÓRICA	PRÁTICA	EXTENSÃO	TOTAL
-	8º	4	45	15		60
EMENTA						
Fundamentos da educação ambiental como área do conhecimento teórico, científico-metodológico e aplicado às ciências educacionais e ambientais. histórico e perspectivas. diferentes tipos de abordagens e metodologias em educação ambiental. O tratamento dos conteúdos programáticos de ciências e biologia para ensino fundamental e médio através da educação ambiental.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
ABRANTES, J.S. Bio(sócio)diversidade e empreendedorismo ambiental na Amazônia. Rio de Janeiro: Garamond, 148 p. 2002.						
AMAPÁ. Código Ambiental do Estado do Amapá. Macapá: Secretaria de Estado de Meio Ambiente, 147 p. 1999.						
DIAS, G.F. Educação Ambiental: princípios e práticas, 8 ed. São Paulo: GAIA, 551p. 2003.						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR						
MACHADO, C.; SANCHEZ C.; ANASTÁSIO FILHO, S.; CARVALHO, V.S.; DIAS Z.P. Educação Ambiental Consciente. Série Educação Consciente. Rio de Janeiro: WAK 116 p. 2003.						
MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. Identidade da educação ambiental brasileira. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 156 p. 2004.						
MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. Centro de educação ambiental: manual de orientação. Brasília: Ministério do Meio Ambiente. 25 p. 2004.						
PEDRINI, A.G. Educação Ambiental: reflexão e práticas contemporâneas. 2 ed. Petrópolis: VOZES, 294 p. 1998.						
QUINTAS, J.S. Pensando e praticando a educação no processo de gestão ambiental: uma concepção pedagógica e metodológica para a prática da educação ambiental no licenciamento. Brasília: IBAMA, 46 p. 2005.						

ECOLOGIA GERAL						
CÓDIGO	SEMESTRE	CRÉDITO	CARGA HORÁRIA			
			TEÓRICA	PRÁTICA	EXTENSÃO	TOTAL
-	8º	4	45	15		60
EMENTA						
Biosfera e suas divisões, habitat, nicho ecológico, noção de estabilidade dentro de uma comunidade. Ciclagem de nutrientes - ciclos biogeoquímicos; Fluxo de energia e produtividade no ecossistema; Níveis tróficos e teia alimentar; Biomassa; Fatores bióticos e abióticos; Riquezas de espécies, diversidade, Populações e comunidades: Conceito e Importância; Densidade, natalidade, mortalidade e migrações; pirâmides de idade; Interações entre populações - simbioses; Competição: Intra e interespecífica; Predação. Polinização e Dispersão. Ecologia Fisiológica. Populações: conceitos, parâmetros demográficos, fatores limitantes da distribuição e abundância dos organismos vivos, modelos de crescimento e regulação, estatísticas vitais. Relações entre os seres vivos. Comunidades: conceitos, componentes estruturais e funcionais, diferenciação de nichos, influência e evolução da competição, predação e perturbação na estrutura de comunidades. Padrões globais de diversidade de espécies. Sucessão Ecológica.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
BEGON, M; TOWNSEND, C R; HARPER, J L. Ecologia: de indivíduos a ecossistemas [Ecology]. Tradução de: Adriano Sanches Melo, Júlio César Bicca-Marques, Paulo Luiz de Oliveira, Sandra Maria Hartz. 4.ed. Porto Alegre: Artmed, 2007. 740 p.						
TOWNSEND, C.R.; BEGON, M.; HARPER, J.L. Fundamentos de Ecologia. Tradução de Leandro da Silva						

Duarte. 3a Edição. 2010.
ODUM, E.P. Fundamentos de Ecologia. Guanabara, Rio de Janeiro. 2008.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR
DAJOZ, R. Princípios de ecologia. Tradução de Fátima Murad. 7a Edição. 2005
GOTELLI, N. J. Ecologia. Londrina, Editora Planta, 2007. 280pp
ODUM, E. P. Ecologia. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara. 434 p. 1983/1985.
RICKLEFS, R.E. A Economia da Natureza. 5ª Edição, Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.
RICKLEFS, R. E. A Economia da Natureza. Ed. Guanabara Koogan S.A. Rio de Janeiro. 7a. Edição. 2013.

ATIVIDADES LIVRES

ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO I (ECS I)						
CÓDIGO	SEMESTRE	CRÉDITO	CARGA HORÁRIA			
			TEÓRICA	PRÁTICA	EXTENSÃO	TOTAL
-	1	4		60		60
EMENTA						
Estágio observacional no ensino fundamental II e Educação de Jovens e Adultos – EJA Etapa II, com reflexões acerca das interações professor-aluno-conhecimento, do planejamento docente e institucional, através da abordagem do PPP, processo avaliativo, programas e projetos educacionais, como elementos constitutivos do processo ensino-aprendizagem, além de observação das práticas para educação especial e inclusiva e de relatos de experiências de docência.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
PICONEZ, S. C. B. (coord.). A prática de ensino e o estágio supervisionado. 24. ed. São Paulo: Papyrus, 2012.						
SILVA, L. C.; MIRANDA, M. I. (orgs). Estágio supervisionado e prática de ensino: desafios e possibilidades. Belo Horizonte: FAPEMIG, 2008.						
ZABALA, A. A prática educativa: como ensinar. São Paulo: Artmed, 1998.						
ZABALA, A. Como aprender e ensinar competências. Porto Alegre: Artmed, 2010.						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR						
ANTUNES, C. Como desenvolver as competências em sala de aula. Petrópolis: Vozes, 2001.						
ANTUNES, C. O jogo e a educação infantil. Petrópolis: Vozes, 2014.						
CARVALHO, A. M. P. Os estágios nos cursos de licenciatura. São Paulo: Cengage Learning, 2012.						
FERREIRA CAPUTO, M. E; GUIMARÃES, M. Educação inclusiva. Rio de Janeiro: DP & A. 2003.						
MANTOAN, M. T. E. Inclusão escolar: O que é? Por que? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.						

ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO II (ECS II)						
CÓDIGO	SEMESTRE	CRÉDITO	CARGA HORÁRIA			
			TEÓRICA	PRÁTICA	EXTENSÃO	TOTAL
-	2	4		60		60
EMENTA						
Estágio observacional no ensino médio e EJA-Ensino Médio, com reflexões acerca das interações professor-aluno-conhecimento, do planejamento docente e institucional, através da abordagem do PPP e do processo avaliativo, como elementos constitutivos do processo ensino-aprendizagem, além de observação das práticas para educação especial e inclusiva e de relatos de experiências de docência. Fundamentos para o ensino de Biologia.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
CANDAU, V. M. (org.). A didática em questão. 36.ed. - Petrópolis: Vozes, 2014.						
LINHARES, C. Os professores e a reinvenção da escola: Brasil e Espanha. São Paulo: Cortez, 2001.						
PICONEZ, S. C. B. (coord.). A prática de ensino e o estágio supervisionado. 24. ed. São Paulo: Papyrus, 2012.						
ZABALA, A. A prática educativa: como ensinar. São Paulo: Artmed, 1998.						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR						
ANTUNES, C. Como desenvolver as competências em sala de aula. Petrópolis: Vozes, 2001.						

CARVALHO, A. M. P. Os estágios nos cursos de licenciatura. São Paulo: Cengage Learning, 2012.
 DELIZOICOV, D.; ANGOTI, J. A.; PERNAMBUCO, M. M. Ensino de ciências: fundamentos e métodos. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2011 (Coleção docência em formação. Ensino fundamental).
 MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica. 21ª ed. Campinas: Papirus, 2013
 GARDNER, Howard. Estruturas da Mente: A Teoria das Inteligências Múltiplas. Porto Alegre: Artmed, 1994.

ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO III (ECS III)						
CÓDIGO	SEMESTRE	CRÉDITO	CARGA HORÁRIA			
			TEÓRICA	PRÁTICA	EXTENSÃO	TOTAL
-	4	6		90		90
EMENTA						
O estágio de regência enfatizará o desenvolvimento de habilidades e experiências práticas para o ensino de Ciências no 6º e 7º ano do ensino fundamental e EJA Etapa II. Incluirá o planejamento de aulas e materiais didáticos que serão utilizados na regência de classe, com ênfase em metodologias interativas e inovadoras.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
FAZENDA, I. C. A. Práticas interdisciplinares na escola. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2013. LINHARES, C. Os professores e a reinvenção da escola: Brasil e Espanha. São Paulo: Cortez, 2001. PICONEZ, S. C. B. (coord.). A prática de ensino e o estágio supervisionado. 24. ed. São Paulo: Papirus, 2012.						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR						
ANTUNES, C. Como desenvolver as competências em sala de aula. Petrópolis: Vozes, 2001. ANTUNES, C. O jogo e a educação infantil. Petrópolis: Vozes, 2014. CARVALHO, A. M. P. Os estágios nos cursos de licenciatura. São Paulo: Cengage Learning, 2012. DELIZOICOV, D.; ANGOTI, J.A.; PERNAMBUCO, M. M. Ensino de ciências: fundamentos e métodos. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2011 (Coleção docência em formação. Ensino fundamental). DELIZOICOV, D.; ANGOTI, J.A. Metodologia do ensino de ciências. São Paulo: Cortez, 2000 (Coleção magistério. 2º grau. Série formação do professor).						

ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO IV (ECS IV)						
CÓDIGO	SEMESTRE	CRÉDITO	CARGA HORÁRIA			
			TEÓRICA	PRÁTICA	EXTENSÃO	TOTAL
-	5	6		90		90
EMENTA						
Este estágio de regência direciona-se ao aprimoramento de práticas educativas no ensino de Ciências no 8º e 9º anos do ensino fundamental e EJA Etapa II. Enfatiza a aplicação de métodos de ensino avançados, incluindo projetos interdisciplinares e/ou tecnologias educacionais.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
ARROYO, Miguel e FERNANDES, Bernardo Mançano. Por uma educação básica do campo: a educação básica e o movimento social no campo. V.2. Brasília, 1999. BENJAMIN, César e CALDART, Roseli Salette. Por uma educação básica do campo: projeto popular e escolas do campo. V.3. Brasília, 1999. FAZENDA, I. C. A. Práticas interdisciplinares na escola. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2013. GADOTTI, M. e ROMÃO, J. E. Educação de Jovens e Adultos: teoria, prática e proposta. São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire, 2000 SKLIAR, C. (org.) Educação & exclusão: abordagens socioantropológicas em educação especial. 7. ed. São Paulo: Mediação, 2013.						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR						
DELIZOICOV, D.; ANGOTI, J.A. Metodologia do ensino de ciências. São Paulo: Cortez, 2000 (Coleção magistério. 2º grau. Série formação do professor). DROUET, R. C. R. Distúrbios da Aprendizagem. São Paulo, SP: Editora Ática, 2003. FERREIRA CAPUTO, M. E; GUIMARÃES, M. Educação inclusiva. Rio de Janeiro: DP & A. 2003. MANTOAN, M. T. E. Inclusão escolar: O que é? Por que? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.						

SOEK, Ana Maria. Fundamentos e Metodologia da Educação de Jovens e Adultos. Curitiba: Editora Fael, 2010. 145 p

ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO V (ECS V)						
CÓDIGO	SEMESTRE	CRÉDITO	CARGA HORÁRIA			
			TEÓRICA	PRÁTICA	EXTENSÃO	TOTAL
-	7	7		105		105
EMENTA						
O estágio se desenvolverá em termos de aprendizagem de noções teóricas e práticas. Desenvolvimento de habilidades e competências em regência de classe no ensino médio na disciplina biologia (1ª a 3ª séries) e EJA-Ensino Médio.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
FAZENDA, I. C. A. Práticas interdisciplinares na escola. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2013. LINHARES, C. Os professores e a reinvenção da escola: Brasil e Espanha. São Paulo: Cortez, 2001. PICONEZ, S. C. B. (coord.). A prática de ensino e o estágio supervisionado. 24. ed. São Paulo: Papirus, 2012. ZABALA, A. Como aprender e ensinar competências. Porto Alegre: Artmed, 2010.						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR						
ANTUNES, C. Como desenvolver as competências em sala de aula. Petrópolis: Vozes, 2001. ANTUNES, C. O jogo e a educação infantil. Petrópolis: Vozes, 2014. CARVALHO, A. M. P. Os estágios nos cursos de licenciatura. São Paulo: Cengage Learning, 2012. DELIZOICOV, D.; ANGOTI, J.A.; PERNAMBUCO, M. M. Ensino de ciências: fundamentos e métodos. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2011 (Coleção docência em formação. Ensino fundamental). DELIZOICOV, D.; ANGOTI, J.A. Metodologia do ensino de ciências. São Paulo: Cortez, 2000 (Coleção magistério. 2º grau. Série formação do professor).						

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II (TCC II)						
CÓDIGO	SEMESTRE	CRÉDITO	CARGA HORÁRIA			
			TEÓRICA	PRÁTICA	EXTENSÃO	TOTAL
-	Módulo Livre	2		30		30
EMENTA						
Apresentação e defesa do Trabalho de Conclusão de Curso qualificado no componente TCC I, segundo as Normas vigentes da ABNT e da Resolução N0. 11/2008 da UNIFAP sobre as modalidades de Trabalho de Conclusão de Curso.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
BARKER, K. Na bancada: manual de iniciação científica em laboratórios de pesquisas biomédicas. Porto Alegre: Artmed, 2002. vi, 474 p. GONSALVES, E.P. Conversas sobre iniciação à pesquisa científica. 5.ed. Campinas: Alinea, 2011. 101 p. RATTON, E.; WAYDZIK, F.A.; MACHADO, V. Manual de normalização de relatórios técnicos e/ou científicos: de acordo com as normas da ABNT. Curitiba: UFPR/ITTI, 2019. 93 p.						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR						
CARVALHO, R.R.P.; ROSANELI, C. Bioética: meio ambiente, saúde e pesquisa. São Paulo: Iátria, 2006. 203.p. CONSELHO FEDERAL DE BIOLOGIA. Código de Ética do Profissional Biólogo. Disponível em: < http://crbio-7.gov.br/index . CULLEN, L. et al. Métodos de estudos em biologia da conservação e manejo da vida silvestre. 2.ed. Curitiba: Ed. UFPR, 2006. GHEDIN, E. Estágio com pesquisa. São Paulo: Cortez, 2015. 279 p. MACHADO, A.R.; LOUSADA, E.; ABREU_TARDELLI, L.S. Planejar gêneros acadêmicos: escrita científica, texto acadêmico, diário de pesquisa, metodologia. São Paulo: Parábola, 2005. 116 p.						

APÊNDICE III — EMENTA DAS DISCIPLINAS OPTATIVAS

DISCIPLINAS OPTATIVAS – ÁREA DA EDUCAÇÃO

EDUCAÇÃO EM SAÚDE						
CÓDIGO	SEMESTRE	CRÉDITO	CARGA HORÁRIA			
			TEÓRICA	PRÁTICA	EXTENSÃO	TOTAL
-		4	60			60
EMENTA						
Educação e saúde na dinâmica social. Políticas públicas de educação em saúde. Abrangência e limites da educação em saúde. Promoção da saúde e prevenção de agravos em ambientes formais e não formais de ensino e ambientes de saúde.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
BARROS, C. M. S. MARTORELLI, R. C. G.; FREITAS, V. V. Modelo da Atividade Educação em Saúde. Serviço Social do Comércio. DN, DPD, GEP, 2006.						
BRASIL, Ministério da saúde. Escolas promotoras de saúde: experiências do Brasil. Organização Panamericana da Saúde. Brasília: Ministério da saúde, 2007. 304 p.						
FILHO, J. P. J. Em busca da saúde ideal: manual para uma vida saudável. Belo horizonte: Leitura, 2001.						
FILHO, N. A.; BARRETO, M. L. Epidemiologia e saúde: fundamentos, métodos e aplicações. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2013.						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR						
BRASIL, Ministério da saúde. Secretaria de Atenção a Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher. 1 ed. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2011. 82 p. (Série C, Projetos, Programas e Relatórios).						
COUTINHO, M. Estética e saúde: a linha tênue entre beleza e saúde. São Paulo: Phorte, 2011. 192 p.						
CZERESNIA, D.; FREITAS, C. M. Promoção da saúde: conceitos, reflexões, tendências. 2 ed. rev. e amp. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2009. 229 p.						
PENA, F. P. S.; ALMEIDA, A. N. F.; FAVACHO, V. B. C. Qualidade de vida e condições crônicas no meio do mundo. 1 ed. Curitiba: Appris, 2019. 357 p.						
SCHOR, N., MOTA, M. S. F. T.; BRANCO, V. C.(orgs). Cadernos juventude, saúde e desenvolvimento. Brasília: Ministério da Saúde, Secretaria de políticas de saúde, 1999.						
SILVA, R. M.; RAMALHO, E. R. F. M; FERNANDES, A. F. C. Desafios na assistência à saúde da mulher e temas emergentes. Fortaleza: edições UFC, 2012. 330 p.						

OFICINA DIDÁTICA DE ECOLOGIA						
CÓDIGO	SEMESTRE	CRÉDITO	CARGA HORÁRIA			
			TEÓRICA	PRÁTICA	EXTENSÃO	TOTAL
-		4	60			60
EMENTA						
Desenvolvimento de projetos, jogos e outras metodologias ativas relacionados ao ensino de Ecologia para ensino fundamental, médio e/ou adulto, seja no âmbito escolar ou informal. A base conceitual é sobre as disciplinas de ecologia trabalhadas anteriormente pelo discente e propondo uma aplicação prática integrativa de conceitos.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
SCHOEREDER, J. H. et al. Educação ambiental para a conservação da biodiversidade: animais de topo de cadeia. São Carlos: Diagrama, 2016. 200 p., il. Inclui referências. ISBN 9788565527163.						
SCHOEREDER, J. H. et al. Práticas em ecologia: incentivando a aprendizagem ativa. Ribeirão Preto: Holos Editora, 2012.						
RICKLEFS, R. E. A economia da natureza. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1996.						

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	
BEGON, M.; TOWNSEND, C. R.; HARPER, J. L. Ecologia: de indivíduos a ecossistemas . 4. ed. Porto Alegre: ArtMed, 2007.	
GOTELLI, N. J. Ecologia . 4. ed. [Londrina]: Planta, [2009]. 287 p., il.; gráfs. Inclui bibliografia, notas, glossário e índice. ISBN 8599144049 (broch.).MILLER, G. T.; SPOOLMAN, S. E. Ciência ambiental . São Paulo: Cengage Learning, 2012.	
PRIMACK, R. B.; RODRIGUES, E. Ecologia e sustentabilidade . São Paulo: Cengage Learning, 2001.	
MILLER, G. T. Ecologia . 4. ed. [Londrina]: Planta, 2009. 287 p. ISBN 8599144049.	
PRIMACK, R. B.; RODRIGUES, E. 2007. Biologia da conservação . Londrina: Editora Planta	

GENÉTICA PRÁTICA PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA						
CÓDIGO	SEMESTRE	CRÉDITO	CARGA HORÁRIA			
			TEÓRICA	PRÁTICA	EXTENSÃO	TOTAL
-	-	4	50	10		60
EMENTA						
Esta disciplina é baseada no desenvolvimento de projetos ligados à temática do ensino de Genética no ensino fundamental, médio e/ou adulto, seja no âmbito escolar ou informal.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
PIERCE, B.A. Genética: um enfoque conceitual . Editora Guanabara-Koogan SA, 2004. 758p.						
MICKLOS, D.A.; FREYER, G.A. & CROTTY, D.A. A Ciência do DNA . Editora Artmed, 2º edição, 2005.						
GRIFFITHS, A.J.F.; WESSLER, S.R.; LEWONTIN, R.C.; GELBART, W.M.; SUZUKI, D.T.; MILLER, J.H. Introdução à Genética . 8º edição, Rio de Janeiro: Editora Guanabara-Koogan SA, 2006. 743p.						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR						
KLUG, W.S.; CUMMINGS, M.R.; SPENCER, C.A.; PALLADINO, M.A. Conceitos de Genética . 9º edição, Porto Alegre, Artmed, 2010. 896p.						
CARVALHO, C.V; RICCI, G.; AFFONSO, R. Guia de Práticas em Biologia Molecular . Editora Yendis, 2010.						
ROBINSON, T.R. Genética para leigos . 2º edição, Rio de Janeiro, 2015. 364p.						
LORETO, S.P.; SEPEL, L.M.N. Atividades experimentais e didáticas de Biologia Molecular e Celular . Sociedade Brasileira de Genética. RiMa Artes e Textos, 2002. 71p. RAMALHO, M.A.P. Genética na Agropecuária . 2º edição, 1990.						
SNUSTAD, D. P.; SIMMONS, M. J. Fundamentos de genética . 4. ed. Editora Guanabara Koogan: Rio de Janeiro, 2008.						
KARP, G. Biologia celular e molecular – conceitos e experimentos . Manole: São Paulo, 2005. 786p.						

BIOLOGIA MOLECULAR PARA A LICENCIATURA						
CÓDIGO	SEMESTRE	CRÉDITO	CARGA HORÁRIA			
			TEÓRICA	PRÁTICA	EXTENSÃO	TOTAL
-	-	4	50	10		60
EMENTA						
A prática da Biologia Molecular em sala de aula. Discussão de tópicos avançados do uso de recursos pedagógicos.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
ROBERTIS, E.; HIB, J. Bases da biologia celular e molecular . Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 4 ed., 2006.						
MALACINSKI, G. M. Fundamentos de Biologia Molecular . 4a Ed. Rio de Janeiro. Guanabara Koogan. 2003.						
JUNQUEIRA, L.C.; CARNEIRO, J. Biologia Celular e Molecular . 9a. Ed. Guanabara e Koogan. 2012.						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR						
FERREIRA, H. B. et al. Biologia molecular básica . Porto Alegre. Mercado Aberto. 2003.						
CARVALHO, C.V; RICCI, G.; AFFONSO, R. Guia de Práticas em Biologia Molecular . Editora Yendis, 2010.						
ROBINSON, T.R. Genética para leigos . 2º edição, Rio de Janeiro, 2015. 364p.						
LORETO, S.P.; SEPEL, L.M.N. Atividades experimentais e didáticas de Biologia Molecular e Celular .						

Sociedade Brasileira de Genética. RiMa Artes e Textos, 2002. 71p. RAMALHO, M.A.P. Genética na Agropecuária. 2º edição, 1990.
 KARP, G. Biologia celular e molecular – conceitos e experimentos. Manole: São Paulo, 2005. 786p.
 MARANDINO, M.; SELLES, S. E.; FERREIRA, M. S. Ensino de Biologia: histórias e práticas em diferentes espaços educativos. São Paulo: Cortez, 2009.

PRÁTICA DE ENSINO EM BOTÂNICA						
CÓDIGO	SEMESTRE	CRÉDITO	CARGA HORÁRIA			
			TEÓRICA	PRÁTICA	EXTENSÃO	TOTAL
-		4	60			60
EMENTA						
Estudo, elaboração e implementação de métodos, técnicas e recursos práticos para o ensino de Botânica, nas suas mais diversas formas, contribuindo para a transposição didática ao longo da formação de professores do Curso de Ciências Biológicas.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
DELIZOICOV, D., ANGOTTI, J. A.; PERNAMBUCO, M. M. Ensino de Ciências: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2007. RAVEN, P.H.; EVERT, R.F.; CURTIS, H. Biologia vegetal. 8ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2014. 826p. TAIZ, L., ZEIGER, E. Fisiologia Vegetal. 4ª ed., Porto Alegre: Artmed. 2009. 819p.						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR						
ESAU, K. Anatomia das plantas com sementes. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1974. 293 p. KERBAUY, G. B. Fisiologia vegetal. São Paulo: Guanabara, 2008. 452 p. KRASILCHIK, Myriam. Prática de ensino de biologia. 4. ed. São Paulo: EDUSP/Harbra, 2004. 200 p. LARCHER, W. Ecofisiologia vegetal. São Carlos: RiMa, 2000. 531 p. REICHARDT, K.; TIMM, L. C. Solo, planta e atmosfera: conceitos, processos e aplicações. Barueri, SP: Manole, 2004. 478 p.						

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM ZOOLOGIA						
CÓDIGO	SEMESTRE	CRÉDITO	CARGA HORÁRIA			
			TEÓRICA	PRÁTICA	EXTENSÃO	TOTAL
-		4	60			60
EMENTA						
A disciplina articula o conteúdo pedagógico com o conteúdo específico na área de Zoologia para a formação do Professor de Ciências (ensino fundamental) e Biologia (ensino médio) e promove o desenvolvimento de mecanismos de transformação do conhecimento científico e tecnológico em materiais diversos destinados ao ensino.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
DELIZOICOV, D., ANGOTTI, J. A. & PERNAMBUCO, M. M. Ensino de Ciências: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2007. HICKMAN Jr., CLEVELAND P.; ROBERTS, LARRY S.; LARSON, A. Princípios Integrados de Zoologia. Editora: Guanabara Koogan. 16ª Edição, 2016. KARDONG, K.V. Vertebrados- Anatomia Comparada, função e evolução. Editora Roca. 7ª Edição, 2016. 788p						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR						
AURICHIO, P & SALOMÃO, M.G. 2002. Técnicas de coleta e preparação de vertebrados para fins científicos e didáticos. Instituto Pau-Brasil de História Natural. KRASILCHIK, Myriam. Prática de ensino de biologia. 4ª Edição. 200 págs. Editora EDUSP/Harbra. 2004. AMORIM, D.S. 1997. Elementos básicos de sistemática filogenética (2ª Edição revista e ampliada). São Paulo, Holos Editora e Sociedade Brasileira de Entomologia. 276p. HOFLING, E; SOUZA-OLIVEIRA. A.M, RODRIGUES, M. T; TRAJANO, E; ROCHA, P.L.B. 1995. Chordata: Manual para um curso prático. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo.						

POUGH, F.H.; HEISER, J.B.; MCFARLAND, W.N. 2008. A vida dos Vertebrados. 7a Edição. Atheneu Editora.

PRINCÍPIOS DE FIOLOGIA COMPARATIVA: INSTRUMENTAÇÃO PARA O ENSINO DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA						
CÓDIGO	SEMESTRE	CRÉDITO	CARGA HORÁRIA			
			TEÓRICA	PRÁTICA	EXTENSÃO	TOTAL
-	-	4	30	30		60
EMENTA						
Características gerais dos processos fisiológicos e mecanismos bioquímicos na perspectiva da fisiologia animal e comparativa: homeostase, alostase, sistemas neural e endócrino, obtenção de energia, metabolismo, termorregulação, sangue, circulação, osmorregulação, excreção e equilíbrios osmótico e ácido-base.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
1. RANDALL, D. J.; BURGGREN, W. W.; FRENCH, K. ECKERT - Fisiologia Animal - Mecanismos e Adaptações. 4ª Edição. Editora Guanabara Koogan. 2011. 2. SCHMIDT-NIELSEN, K. Fisiologia Animal: Adaptação e Meio Ambiente. 6ª Edição. Editora Santos. 1996. 3. POUGH, F. H.; JANIS, C. M.; HEISER, J. B. A vida dos vertebrados. 3a Edição. Editora Atheneu. 2008.						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR						
1- GUYTON, A. C.; Hall, J. E. Tratado de Fisiologia Médica. 13ª Edição. Editora Elsevier. 2017. 2- SILVERTHORN, D. U. Fisiologia Humana. Uma Abordagem Integrada. 7ª ed. Editora Manole - São Paulo, 2017. 3- MOURÃO, C. A. J.; ABRAMOV, D. M. Curso de biofísica. Editora Guanabara Koogan. 2009. 4. POUGH, F.H.; JANIS, C.M.; HEISER, J.B. Vertebrate Life. Prentice Hall, 7ª ed. 2004. 5. Bacich, Lilian; Moran, José. Metodologias Ativas para uma Educação Inovadora: Uma Abordagem Teórico-Prática. Penso. Porto Alegre. 2018..						

INTRODUÇÃO À ASTRONOMIA PARA O ENSINO DE CIÊNCIAS						
CÓDIGO	SEMESTRE	CRÉDITO	CARGA HORÁRIA			
			TEÓRICA	PRÁTICA	EXTENSÃO	TOTAL
-	-	4	50	10		60
EMENTA						
Compreensão das principais características dos corpos celestes e os fenômenos naturais relacionados.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
1- CANIATO, R. O que é astronomia. Editora Brasiliense. 1984. 2- SOUZA, E. R. Introdução à Cosmologia, EDUSP. 2004. 3- FILHO, K. S. O.; SARAIVA, M. F. O. Astronomia e Astrofísica. Editora Livraria da Física. 2017.						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR						
1- PRATHER, E. E.; RUDOLPH, A. L.; BRISSENDEN, G.; Physics Today. 2009. 2 - GOBARA. S. T.; GARCIA J. R. B. As licenciaturas em física das universidades brasileiras: um diagnóstico da formação inicial de professores de física. Revista Brasileira de Ensino de Física. 2007. 3 - BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Média e Tecnológica. Parâmetros Curriculares Nacionais + (PCN+) - Ciências da Natureza e suas Tecnologias. Brasília: MEC, 2002. 4 - GOBARA. S. T.; GARCIA J. R.B. As licenciaturas em física das universidades brasileiras: um diagnóstico da formação inicial de professores de física. Revista Brasileira de Ensino de Física. 2007. 5 - OLIVEIRA FILHO, K.S., Oliveira Saraiva, M.F. Fundamentos de Astronomia e Astrofísica, Departamento de Astronomia, Instituto de Física, UFRGS. 1999.						

INTRODUÇÃO À BIOINFORMÁTICA APLICADA AO ENSINO						
CÓDIGO	SEMESTRE	CRÉDITO	CARGA HORÁRIA			
			TEÓRICA	PRÁTICA	EXTENSÃO	TOTAL

-	4	60	60
EMENTA			
Por em prática todo conhecimento adquirido de biologia e informática, na elaboração e execução de projetos para análise de dados biológicos. Práticas em aplicativos para análise de Genomas. Práticas em aplicativos para análise de Proteomas.			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA			
GENTLEMENT, R. R.; Programming for Bioinformatics. New York: Chapman & Hall-CRC Press, 2009. GENTLEMENT, R.; CAREY, V.; HUBER, W.; IRIZARRY, R.; DUDDOIT, S.; Bioinformatics and Computational Biology Solutions using R and Bioconductor. New York: Springer, 2005. HAHNE, F.; HUBER, W.; GENTLEMENT, R.; FALCON, S.; Bioconductor Case Studies. 1ed. Berlim: Springer, 2008.			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR			
BAXEVANIS, A.; OUELLETTE, B. F. F.; CUELLETTE, B. F.; Bioinformatics: a practical guide to the analysis of genes and proteins. New York: John Wiley & Sons, 1998. BERGERON, B. P.; Bioinformatics Computing. New York: Prentice Hall PTR, 2002. GRANT, G. R.; EWENS, W. J.; Statistical Methods in Bioinformatics. New York: Springer Verlag, 2001. MOUNT, D. W.; Bioinformatics: sequence and genome analysis. New York: Cold Spring Harbor Laboratory, 2001. THEODORIDIS, S.; KOUTROUMBAS, K.; SMITH, R.; Pattern Recognition. New York: Academic Press, 1999. TISDALL, J.; Beginning Perl for Bioinformatics. New York: O'Reilly & Associates, 2001. WATERMAN, M. S.; Introduction to Computational Biology: maps, sequences and genomes. New York: CRC Press, 1995. WILSON, R. J.; Introduction to Graph Theory. New York: Addison-Wesley Co, 1997.			

TÉCNICAS DE COMUNICAÇÃO ORAL						
CÓDIGO	SEMESTRE	CRÉDITO	CARGA HORÁRIA			
			TEÓRICA	PRÁTICA	EXTENSÃO	TOTAL
-	-	4	35	25	-	60
EMENTA						
Fundamentos da comunicação para conversação e apresentação em público. Técnicas e estratégias de comunicação oral. Estratégias: planejamento e elaboração de reuniões e seminários. A comunicação nos trabalhos de grupo. Problemas e soluções na comunicação oral. Emprego da norma culta na comunicação oral.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
BRANDÃO, H.N. 2000. Gêneros do discurso na escola. São Paulo: Cortez. POLITO, Reinaldo. Como falar corretamente e sem inibições. São Paulo: Saraiva. 2003. POLITO, Reinaldo. Assim é que se fala: como organizar a fala e transmitir idéias. 28. ed. São Paulo, SP: Saraiva, 2005. 239 p.						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR						
ALEIXO, Fernando. Corporeidade da voz: voz do ator; Campinas/SP: Komedi, 2007. BEHLAU, Mara. Voz o livro do especialista. Vol. 1. 2.; Rio de Janeiro: Revinter, 2004. BLOCH, Pedro. Você quer falar melhor?; Rio de Janeiro: Revinter, 2002. DIONISIO, A.P.D.; MACHADO, A.R.; BEZERRA, M.A. 2002. Gêneros Textuais e Ensino. Rio de Janeiro: Lucerna. FERREIRA, Leslie Piccolotto (org.). Trabalhando a voz; São Paulo: Summus, 1988.						

BIOSSEGURANÇA E BIOÉTICA						
CÓDIGO	SEMESTRE	CRÉDITO	CARGA HORÁRIA			
			TEÓRICA	PRÁTICA	EXTENSÃO	TOTAL
-		4	60			60
EMENTA						
Histórico, Conceito e Legislação em Biossegurança; Biossegurança em Laboratórios; Segurança Biológica e Doenças Adquiridas em Laboratório; Níveis de Segurança Biológica; EPI e EPC; Detecção de OGMs; Geração, Manuseio, Transporte e Descarte de Resíduos de Serviços de Saúde; Segurança Química; Mapa de Risco; Conceitos Gerais de Ética e Bioética; Comites de Ética em Pesquisa com Seres Humanos e Animais.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
Ministério da Saúde - Fundação Nacional de Saúde (FUNASA). Biossegurança em Laboratórios Biomédicos e de Microbiologia. Brasília, DF, 2001, 273 pp. TEIXEIRA, P, & VALLE, S. Biossegurança. Uma abordagem multidisciplinar. Editora FIOCRUZ, Rio de Janeiro, RJ, 2010, 442 pp. 3- COSTA, M. A. F. Biossegurança – Segurança química						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR						
VIEIRA, T. R. Bioética e Biodireito. Editora Jurídica Brasileira. São Paulo, SP, 1999, 158 pp. DINIZ, M.H. O Estado Atual do Biodireito. Editora Saraiva. São Paulo, SP, 2001, 792 pp. Sacred Cows and Golden Geese – The Human Cost of Experiments on Animals. C. Ray Greek & Jean Swingle Greek. Ed. Continuum, London, 2000, 256pp. MASTREIA M.F. Biossegurança Aplicada a Laboratórios e Serviços de Saúde. Ed. Atheneu, 2006, 334 pp. SANTOS FEIJÓ A.G. Animais na pesquisa e ensino: aspectos éticos e técnicos. EdIPUCRS, 2010, 421pp. 12- Martins,C. Tópicos de Bioética. DPL Editora, 2001 86pp.						

BIOESTATÍSTICA						
CÓDIGO	SEMESTRE	CRÉDITO	CARGA HORÁRIA			
			TEÓRICA	PRÁTICA	EXTENSÃO	TOTAL
-		4	60			60
EMENTA						
Introdução a Natureza e Fundamento do Método Estatístico; Técnicas de Amostragem; Série Distribuição de Frequência; Medidas de Tendência Central; Medidas de Posição (Separatrizes); Medidas de Dispersão (Variabilidade).						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
BUSSAB, W. O.; MORETTIN P. A. Estatística básica. 5ª edição, São Paulo, Saraiva Editora, 2002. CALLEGARI-JACQUES, S. M. Bioestatística – princípios e aplicações. Artmed, Porto Alegre, 2003. MAGALHÃES, M.N.; LIMA, A.C.P. Noções de probabilidade e estatística. 6ª edição, São Paulo: Edusp, 2004.						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR						
SOARES, J.F.; SIQUEIRA, A.L. Introdução à estatística médica. Belo Horizonte, UFMG: Coopmed Editora Médica, 1999. TRIOLA, M.F. 2008. Introdução à estatística. 10ª ed. Rio de Janeiro: LTC. RIUS DÍAZ, F; BARÓN L, FRANCISCO J. Bioestatística. [Bioestadística]. Tradução de: Pegasus. São Paulo: Thomson Learning, 2005. BERQUÓ, E. S.; GOTLIEB, S. L. D.; SOUZA, J. M. P. de. Bioestatística. 2. ed. São Paulo: EPU, 2014. 350 p. ISBN 9788512402802. FURLANETO, I. P.; AYRES, M.; SANTOS, B. A. A escolha do teste estatístico. Belém: Ponto Press, 2013. 65 p. ISBN 9788563312433.						

BIOQUÍMICA METABÓLICA			
CÓDIGO	SEMESTRE	CRÉDITO	CARGA HORÁRIA

			TEÓRICA	PRÁTICA	EXTENSÃO	TOTAL
-		4	60			60
EMENTA						
Metabolismo dos Carboidratos, Lipídeos, Proteínas e Ácidos Nucléicos; Ciclo de Krebs e Cadeia Respiratória; Doenças decorrentes do Metabolismo das biomoléculas; Integração e Regulação Metabólica.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
DEVLIN, Thomas.M. Manual de bioquímica com correlações clínicas. 7ª ed. Traduzida. São Paulo: Blucher, 2011. 1252 p.						
NELSON, David L. Princípios de bioquímica de Lehninger. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. 1298 p.						
HARPER, Harold A. Bioquímica ilustrada de Harper. 30. ed Porto Alegre: AMGH, 2017. 817 p.						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR						
VOET, Donald. Fundamentos de bioquímica: a vida em nível molecular. 4.ed Porto Alegre: Artmed, 2014. 1167p.						
MARZZOCO, A.; TORRES, B. B. Bioquímica básica. 3. ed Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007. 386 p.						
HARPER, Harold A; MURRAY, Robert K. Harper: bioquímica. 7. ed. São Paulo: Atheneu, 1994. 763p.						
DEVLIN, T. M. Manual de bioquímica: com correlações clínicas. São Paulo: Blucher, 1998. 1007p.						
SMITH, E. L. Bioquímica: mamíferos. 7. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988. 620p.						

OCEANOGRAFIA E LIMNOLOGIA						
CÓDIGO	SEMESTRE	CRÉDITO	CARGA HORÁRIA			
			TEÓRICA	PRÁTICA	EXTENSÃO	TOTAL
-		4	60			60
EMENTA						
Introdução à oceanografia; Relevo submarino e evolução dos oceanos; Propriedades físico-químicas das águas oceânicas; Dinâmica marinha; Oceanografia biológica; Ambientes costeiros e gerenciamento costeiro; Definição e histórico de limnologia. Áreas de atuação; Estruturas e funcionamento dos ecossistemas aquáticos; Radiação e seus múltiplos efeitos na água. Parâmetros físico-químicos da água; Comunidades de macrófitas, perifíton, fitoplâncton; zooplânctônicas e bentônicas; Eutrofização; Recuperação e manejo de ecossistemas aquáticos; Estruturas e funcionamento de reservatórios artificiais.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
BICUDO, C. M.; BICUDO, D. C. Amostragem em Limnologia. São Carlos: Editora Rima, 2004.						
PUGIALLI, R. 2000. Glossário oceanográfico ilustrado. Âmbito Cultura, Rio de Janeiro.						
TESSLER, M. G. ; MAHIQUES, M. M. 2001. Processos oceânicos e fisiografia dos fundos marinhos. In:						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR						
BAPTISTA NETO, J. A.; PONZI, V. R. A.; SICHEL, S. E. (orgs.). 2004. Introdução à Geologia Marinha. Ed. Interciência, Rio de Janeiro.						
COMISSÃO MUNDIAL INDEPENDENTE SOBRE OS OCEANOS. 1999. O oceano, nosso futuro. Relatório da Comissão Mundial Independente sobre os Oceanos.						
ESPÍDOLA, E. L. G.; BOTTA-PASCHOAL, C. M. R.; ROCHA, O.; BOHER, M. B. C.; OLIVEIRA-NETO, A. L. de (editores). Ecotoxicologia: Perspectivas para o Século Xxi. São Carlos: Rima, 2000.						
PEREIRA, R. C.; SOARES-GOMES, A. 2002. (orgs.). Biologia Marinha. Ed. Interciência, Rio de Janeiro.						
HARARI, Joseph; UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Instituto Oceanográfico. Noções de oceanografia. 2023. Disponível em: https://www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/1086 .						

ECOLOGIA POPULAÇÕES E COMUNIDADES						
CÓDIGO	SEMESTRE	CRÉDITO	CARGA HORÁRIA			
			TEÓRICA	PRÁTICA	EXTENSÃO	TOTAL
-		4	60			60
EMENTA						
Ementa: Auto ecologia (ecologia dos indivíduos e populações); Sinecologia (ecologia das comunidades e ecossistemas)						

BIBLIOGRAFIA BÁSICA
BEGON, M.; TOWNSEND, C R; HARPER, J L. Ecologia: de indivíduos a ecossistemas [Ecology]. Tradução de: Adriano Sanches Melo, Júlio César Bicca-Marques, Paulo Luiz de Oliveira, Sandra Maria Hartz. 4.ed. Porto Alegre: Artmed, 2007. 740 p. TOWNSEND, C.R.; BEGON, M.; HARPER, J.L. Fundamentos de Ecologia. Tradução de Leandro da Silva Duarte. 3a Edição. 2010. CAIN, M. L. Ecologia. 2011.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR
DAJOZ, R. Princípios de ecologia. Tradução de Fátima Murad. 7a Edição. 2005 GOTELLI, N. J. Ecologia. Londrina, Editora Planta, 2007. 280pp GOTELLI, N. J. Princípios de estatística em ecologia. 2011. ODUM, E. P. Ecologia. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara. 434 p. 1983/1985. ODUM, E.P. Fundamentos de Ecologia. Guanabara, Rio de Janeiro. 2008. RICKLEFS, R. E. A Economia da Natureza. Ed. Guanabara Koogan S.A. Rio de Janeiro. 7a. Edição. 2013.

HERPETOLOGIA: INTRODUÇÃO AOS ANFÍBIOS E RÉPTEIS						
CÓDIGO	SEMESTRE	CRÉDITO	CARGA HORÁRIA			
			TEÓRICA	PRÁTICA	EXTENSÃO	TOTAL
-		4	60			60
EMENTA						
Discutir aspectos filogenéticos e evolutivos, morfofisiológicos, adaptativos, ecológicos e ecologia comportamental dos anfíbios e répteis, assim como os métodos de amostragem, marcação e importância, com ênfase na Herpetofauna da Amazônia Oriental.						
BIBLIOGRAFIA BÁSICA						
BERNARDE, P. S. 2012. Anfíbios e Répteis: Introdução ao estudo da Herpetofauna brasileira. 1a Edição. Editora Anolis Books. KARDONG, K.V. 2010. Vertebrados: Anatomia comparada, função e evolução. 5a Edição. Editora Roca. POUGH, F.H., HEISER, J.B., McFARLAND, W.N. 2003. A vida dos vertebrados. 3a Edição. Editora Atheneu WARREN, F.W.JR.; WILLIAM, E.B.; LIEM, K.F. & GRANDE, L. 2013. Anatomia Funcional dos Vertebrados. 3a Edição. Editora Cengage Learning.						
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR						
DUELLMAN, W. E. & TRUEB, L. 1994. Biology of Amphibians. Johns Hopkins University Press. HILDEBRAND, M. & GOSLOW, G. 2006. Análise da estrutura dos vertebrados. 2a Edição. Editora Atheneu. ORR, R.T. 1986. Biologia dos Vertebrados. 5a Edição. Editora Roca. MORATO, S.A. A., FERREIRA, G. N., SCUPINO, M. R. C. Herpetofauna da Amazônia Central. ed.; Curitiba, Porto Trombetas, PA, 2018. Disponível para Livre Acesso em: https://dn790009.ca.archive.org/0/items/MoratoEtAl2018HerpetofaunaFLONASaracTaqueraAmazniaCentral/Morato%20et%20al%2018%20Herpetofauna%20FLONA%20Sarac%20C3%A1%20Taquera%20C2%20Amaz%20C3%B4nia%20Central.pdf SANCHES, P. R.; CAMPOS, C. E. C.; SÁ, D. M. C.; VASCONCELOS, H. C. G. 2023. Percepção ambiental nas escolas do Estado do Amapá, Brasil: anfíbios e répteis. Amapá, Editora da Universidade Federal do Amapá. Disponível para Livre Acesso em: https://www2.unifap.br/editora/files/2023/11/PERCEPCAO-AMBIENTAL-NAS-ESCOLAS-DO-ESTADO-DO-AMAPA-anfibios-e-repteis.pdf						

FUNDAMENTOS E PRÁTICAS DA INTERPROFISSIONALIDADE						
CÓDIGO	SEMESTRE	CRÉDITO	CARGA HORÁRIA			
			TEÓRICA	PRÁTICA	EXTENSÃO	TOTAL
-		4	60			60
EMENTA						
Prática e fundamentos da interprofissionalidade na formação do futuro profissional de Ciências Biológicas e da Saúde. O desenvolvimento de competências colaborativas por meio da dinâmica do trabalho em equipe e dos princípios de colaboração e empatia. Conceitualização e compreensão da tríade ensino-serviço-						

comunidade e importância de seu fortalecimento frente as necessidades complexas e dinâmicas da área de Ciências Biológicas e da Saúde.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

AGRELI, H. F.; PEDUZZI, M.; SILVA, M. C. Atenção centrada no paciente na prática interprofissional colaborativa. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, v. 20, p. 905-916, 2016.

BRASIL. Resolução CNE/CES nº 3, de 20 de junho de 2014. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação em Medicina e dá outras providências. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2014. p. 8-11.

COSTA, M. V.; PEDUZZI, M.; SILVA, R. J. G. FILHO. Educação interprofissional em saúde. Natal: CEDISUFRN, 2018.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. Sistemas de saúde com base na atenção primária em saúde: estratégias para o desenvolvimento de equipes de atenção primária em saúde. Brasília, DF, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Ensino Superior. Resolução CNE/CES nº 3, de 20 de junho de 2014. Diretrizes curriculares do curso de graduação em Medicina. Brasília, 2014. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=15874-rces003-14&category_slug=junho2014-pdf&Itemid=30192.

BATISTA, N. A. Educação interprofissional em saúde: concepções e práticas. *Cadernos FNEPAS*, v. 2, p. 25-28, 2012. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile>.

TRONCON, L. E. A. Estruturação de sistemas para avaliação programática do estudante de medicina. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v. 40, n. 1, p. 30-42, 2016.

COSTA, M. V.; AZEVEDO, G. D.; VILAR, M. J. P. Aspectos institucionais para a adoção da educação interprofissional na formação em enfermagem e medicina. *Revista Saúde em Debate*, Rio de Janeiro, v. 43, n. especial 1, p. 64-76, ago. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/sdeb/v43nspe1/0103-1104-sdeb-43-spe01-0064.pdf>.

BIOGEOGRAFIA

CÓDIGO	SEMESTRE	CRÉDITO	CARGA HORÁRIA			
			TEÓRICA	PRÁTICA	EXTENSÃO	TOTAL
-		4	60			60

EMENTA

Introdução à Biogeografia: conceitos, histórico e aplicações; A Vida: origem e evolução; Sistemática e Biogeografia: classificação taxonômica e sistemática dos seres vivos; Biosfera: o ambiente de vida - distribuição, adaptação, expansão e associação das plantas e animais; A Biosfera: Zoogeografia e Fitogeografia; Ecologia Básica: nicho ecológico e habitat, inter-relação entre organismos, sucessão ecológica - dinamismo das comunidades e biogeografia de ilhas; Biogeografia e conservação: interferência humana na distribuição e diversidade dos organismos.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BROWN, J. H.; LOMOLINO, M. V. 2006. Biogeografia. 2ª ed. Ribeirão Preto: Funpec Editora.

FUTUYMA, D. J. 1992. Biologia Evolutiva. 2ª ed. Ribeirão Preto: SBG.

MARTINS, C. 1985. Biogeografia e Ecologia. 5ª Ed. São Paulo: Nobel.

PRIMACK, R. B.; RODRIGUES, E. 2007. Biologia da conservação. Londrina: Editora Planta.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

SIOLI, H. 1985. Amazônia - Fundamentos da Ecologia da Maior região de Florestas Tropicais. Petrópolis: Editora Vozes.

TOWNSEND, C. R., BEGON, M.; HARPER, J. L. 2006. Fundamentos em Ecologia. Porto Alegre: Artmed.

WILSON, E. O. 1997. Biodiversidade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

COX, C. B.; MOORE, P. D. 2010. Biogeography: An Ecological and Evolutionary Approach. 8ª ed. Chichester: Wiley-Blackwell.

RICKLEFS, R. E.; RELYEA, R. 2018. Ecology: The Economy of Nature. 8ª ed. New York: W.H. Freeman and Company.

APÊNDICE IV — REGULAMENTO DO ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO

REGULAMENTO DO ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO DO CURSO LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Estabelece
regulamento para o Estágio
Curricular Supervisionado do
Curso Licenciatura em
Ciências Biológicas da
Universidade Federal do
Amapá.

A Coordenação do Curso Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal do Amapá, no uso de suas atribuições legais, estatutárias e regimentais, amparadas pela Portaria Nº. 346/2015 - UNIFAP torna públicas as Normas que regulamentam o Estágio Supervisionado do Curso.

CAPÍTULO I Da definição

Art. 1º. O Estágio Supervisionado em Docência é obrigatório, componente indispensável para a integralização do currículo, conforme a resolução CNE/CES N. 04/2024 e resolução nº 02/2010 CONSU/UNIFAP. Poderá ser desenvolvido em Instituições de Ensino Públicas e/ou Privadas de qualquer dos poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios.

§ 1º Os Estágios Supervisionados serão realizados em Módulo Livre, não caracterizados como disciplina, de acordo com as normas e resoluções da UNIFAP.

§ 2º Em hipótese alguma há criação de vínculo empregatício nos Estágios Obrigatório e Não-Obrigatório.

CAPÍTULO II Dos objetivos

Art. 2º. O Estágio tem os seguintes objetivos:

- a) Estabelecer conexões reais entre a formação acadêmica e o desenvolvimento profissional;
- b) Associar os conhecimentos adquiridos durante o Curso de Graduação às habilidades que o profissional precisa desenvolver para “saber-fazer” frente às exigências educacionais;
- c) Propiciar aos acadêmicos espaços e experiências profissionais, para o desenvolvimento de competências voltadas as atividades de docência;

d) Complementar o processo ensino-aprendizagem promovido pelo Curso de Graduação, mediante o fortalecimento das potencialidades do aluno e de seu aprimoramento profissional e pessoal;

e) Desenvolver, avaliar e aplicar metodologias na prática pedagógica;

f) Articular o contexto escolar e o trabalho docente na Educação Básica como eixos formativos do Ensino de Ciências e Biologia, bem como:

- Obter domínio dos conteúdos da disciplina Ciências e Biologia e as respectivas metodologias a fim de construir e administrar situações de aprendizagem e de ensino;

- Contribuir com o desenvolvimento do projeto político-pedagógico da instituição em que atua, realizando trabalho coletivo e solidário, interdisciplinar e investigativo.

CAPÍTULO III

Da Carga Horária do Estágio Supervisionado

Art. 3º. Para o Curso Licenciatura em Ciências Biológicas, a carga horária total do Estágio será de 405 (quatrocentos e cinco) horas, distribuídas em cinco componentes de Estágio Supervisionado, conforme quadro abaixo:

Estágio Curricular Supervisionado - ECS (Núcleo IV)	CH	CRÉDITO	SEMESTRE	OBJETIVO
Estágio Curricular Supervisionado - ECS I	60	4	1	Observar e compreender o funcionamento e a organização de uma Instituição de educação básica dos anos finais do ensino fundamental e EJA-Etapa II.
Estágio Curricular Supervisionado - ECS II	60	4	2	Observar e compreender o funcionamento e a organização de uma Instituição de educação básica do Ensino Médio e EJA-Ensino Médio.
Estágio Curricular Supervisionado - ECS III	90	6	4	Regência e intervenção pedagógica no 6º e 7º anos do ensino fundamental e EJA-Etapa II.
Estágio Curricular Supervisionado - ECS IV	90	6	5	Regência e intervenção pedagógica no 8º e 9º anos do ensino fundamental e EJA-Etapa II.
Estágio Curricular Supervisionado - ECS V	105	7	7	Desenvolver habilidades e competências no ensino de biologia através da regência e intervenção pedagógica no ensino médio e EJA-Ensino Médio.
TOTAL	405	27		

§ 2º O Professor-Orientador ministrará 10 horas de orientação sobre: a documentação, atividades que serão desenvolvidas durante o estágio na escola-campo e processo avaliativo.

A carga horária dos estágios será distribuída:

Estágio supervisionado I (60h):

- 10 horas de orientação com o Professor-Orientador sobre o estágio;
- 35 horas de observação e investigação do desenvolvimento da prática docente e do funcionamento e caracterização da Instituição de ensino fundamental II;
- 15 horas para confecção do relatório final de estágio e socialização.

Estágio supervisionado II (60h):

- 10 horas de orientação com o Professor-Orientador sobre o estágio;
- 35 horas de observação e investigação do desenvolvimento da prática docente e do funcionamento e caracterização da Instituição de ensino médio;
- 15 horas para confecção do relatório final de estágio e socialização.

Estágio supervisionado III (90h):

- 10 horas de orientação com o Professor-Orientador sobre o estágio;
- 65 horas em sala de aula, confecção dos planos de aula e material didático, regência e coparticipação em regência na escola campo;
- 15 horas para confecção do relatório final de estágio e socialização.

Estágio supervisionado IV (90h):

- 10 horas de orientação com o Professor-Orientador sobre o estágio;
- 65 horas em sala de aula, confecção dos planos de aula e material didático, regência e coparticipação em regência na escola campo;
- 15 horas para confecção do relatório final de estágio e socialização.

Estágio supervisionado V (105h):

- 10 horas de orientação com o Professor-Orientador sobre o estágio;
- 80 horas em sala de aula, planejamento, confecção dos planos de aula e material didático, regência e coparticipação em regência na escola campo;
- 15 horas para confecção do relatório final de estágio e socialização.

CAPÍTULO IV

Da Formalização do Estágio

Art. 4º. Cabe à Divisão de Controle dos Recursos de Apoio ao Ensino (DCRAE), na condição de órgão da UNIFAP responsável pela coordenação administrativa do estágio, promover cadastramento, firmar convênio, atualizar apólice, assinar termo de compromisso junto às instituições-campo e observar se atendem às exigências da lei do estágio, da legislação relacionada à saúde e segurança do trabalho para os contratos de estágio, e ainda, à legislação educacional vigente.

Art. 5º. A formalização do estágio está assentada em três (03) ferramentas:

a) Cadastramento: que representa o levantamento prévio, feito em favor da composição de um banco de instituições, com potencial para campo de estágio.

b) Convênio: instrumento jurídico que formaliza o campo de estágio, devendo ser assinado pela conveniente (UNIFAP) e pela conveniada (concedente do estágio).

c) Termo de compromisso: que é o acordo tripartite celebrado entre a conveniente (UNIFAP), a conveniada (concedente do estágio) e o Aluno-Estagiário (aluno da graduação

do curso de Ciências Biológicas), e que os vincula a um conjunto de responsabilidades que deverão ser atendidas durante a realização do estágio.

§ 1º Fica vedado ao acadêmico do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas antecipar qualquer componente de Estágio sem passar pelo Estágio anterior.

§ 2º Somente cursará o componente de Estágio Supervisionado III, o aluno que estiver no 5º semestre ou 5º nível de formação.

CAPÍTULO V

Do Acompanhamento e da Avaliação do Estágio

Art. 6º. A atividade de estágio supervisionado obrigatório será acompanhada pelo menos 1 (um) docente membro do Colegiado do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, designado pela Comissão de Estágio Supervisionado e por um profissional ligado ao Campo de Estágio, designado pela Instituição Concedente, intitulado de Professor-Supervisor.

Art. 7º. O Aluno-Estagiário será acompanhado e avaliado sistematicamente pelo Professor-Orientador, cabendo obrigatoriamente, ao Aluno-Estagiário, a construção de relatório de todas as atividades desenvolvidas por ele na unidade de ensino em que estiver lotado. O aluno terá que entregar ao término da disciplina de Estágio um relatório final, enquanto Aluno-Estagiário, de seu percurso formativo, que conterà registro de todas as etapas, sua autoavaliação, bem como a avaliação de seu Professor-Supervisor de Estágio Supervisionado.

CAPÍTULO VI

Da Metodologia de Estágio Supervisionado

Art. 8º O Estágio, como componente curricular do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, será composto das etapas abaixo relacionadas e cada estágio terá sua especificidade, conforme o objetivo do seu componente:

a) Orientações Gerais: O Professor-Orientador apresentará o Plano de ensino e a documentação necessária para o acompanhamento do estágio, tais como: ficha de avaliação do Professor-Supervisor e ficha de horários na escola campo, roteiro de estágio.

b) Desenvolvimento de atividades docentes na escola campo: em consonância com os objetivos do estágio supervisionado, o acadêmico será encaminhado para uma Instituição de ensino e realizará as atividades docentes, inicialmente de observação, seguida de participação e posteriormente regência.

c) Confecção do Modelo de relatório de estágio: no qual constarão as atividades de investigação sobre processos educativos, organizacionais e de gestão na área educacional ou regência de conhecimentos, criação e uso de textos, materiais didáticos, avaliação e outros instrumentos de aprendizagem que contemplem a diversidade social e cultural da sociedade, tais como da educação inclusiva.

CAPÍTULO VII

Documentação de Estágio

Art. 9º O componente curricular de estágio será regido pelos seguintes documentos:

a) Ofício endereçado à escola: documento que a escola fornece a anuência da aceitação do Aluno-Estagiário na escola.

b) Plano de Estágio: documento que detalha as atividades que serão desenvolvidas no decorrer do estágio na escola campo. (Anexo I).

c) Termo de Compromisso de Estágio: documento para formalizar as condições de realização de estágio de estudantes e particularizar a relação jurídica especial existente entre Aluno-Estagiário, a concedente e a Instituição de ensino superior caracterizando a não vinculação empregatícia, nos termos da legislação vigente. (Anexo II).

CAPÍTULO VIII

Do Acompanhamento e da Avaliação do Estágio

Art. 10º O Estágio deve ser acompanhado por um Professor-Orientador, indicado pela Comissão de Estágio do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas.

§ 1º O acompanhamento do Estágio Supervisionado será contínuo e alcançará todas as etapas, sejam elas desenvolvidas no campo de Estágio ou na própria UNIFAP.

Art. 11º A avaliação do Estágio Supervisionado deve obedecer aos critérios a serem considerados pelo Curso tais como:

I. Elaboração do Relatório de estágio (Obrigatório);

II. Entrega do diário de frequência integral na realização da atividade-campo do estágio comprovada mediante assinatura do Professor-Supervisor da escola campo. Declaração da escola com o cumprimento da carga horária mediante assinatura do diretor da escola-campo;

III. Avaliação do Aluno-Estagiário pelo Professor-Orientador do estágio.

§ 1º A normatização dos documentos de avaliação de estágio seguirá o padrão da ABNT vigente.

§ 2º Será de acordo com a sistemática de avaliação da UNIFAP, ou seja, duas Avaliações parciais e uma Avaliação final, considerando as atividades desenvolvidas durante o processo e concluída com a apresentação de um relatório final construído pelo acadêmico, sendo esta atividade também somatória na avaliação.

Art. 12º Os/as alunos/as estagiários/as deverão entregar e apresentar o relatório final dos Estágios, em datas estabelecidas pelos/as professores/as orientadores/as da Comissão de Estágio Supervisionado.

Art. 13º O relatório consiste no processo de sistematização das ações desenvolvidas no estágio e pode ser desenvolvido na forma de relatório final.

Parágrafo único: o não cumprimento destas ações acarreta a reprovação do/a aluno/a estagiário/a.

Art. 14º. Será considerado aprovado o aluno que obtiver Média Final igual ou superior a 5,0 (cinco) pontos e, no mínimo, 75% (setenta e cinco por cento) de frequência às orientações de estágio;

CAPÍTULO IX

Das Atribuições dos Envolvidos no Estágio

Art. 15º. Compete à Comissão de Estágio Supervisionado:

I Promover o ajustamento do Projeto Pedagógico do Curso a estas Diretrizes, submetendo-o à apreciação do Colegiado para homologação;

II Elaborar Modelo-Referência, disciplinador do Estágio Curricular no âmbito do Curso, observando as peculiaridades do itinerário formativo;

III Coordenar e avaliar, em nível macro, o desenvolvimento dos Estágios previstos para o semestre letivo, sejam eles Obrigatórios ou Não-Obrigatórios;

IV Indicar à Divisão de Estágio nome de instituições com potencial para Campo de Estágio;

V Visitar, avaliar e selecionar, juntamente com os Professores-Orientadores de Estágio, e quando possível ouvindo os alunos, as entidades previstas como Instituições-Campo para os Estágios Obrigatórios, sempre na observância dos critérios básicos de seleção previstos nos Incisos I e II, do Artigo 6º da Resolução N. 02/2010 – CONSU/UNIFAP;

VI Apresentar e encaminhar, oficialmente, aos respectivos Campos de Estágios, os Professores-Supervisores;

VII Formalizar ao Colegiado de Curso toda e qualquer situação-problema configurada durante a execução do Estágio e que esteja fora de sua competência, visando à correção de rumos;

VIII Encaminhar, semestralmente, à Coordenação do Curso, Relatório Consolidado das ações relativas ao Estágio;

IX Estimular, valorizar e divulgar, intra e extra Universidade, experiências inovadoras de Estágio, tanto dos Professores-Orientadores, quanto dos Alunos-Estagiários;

X Participar, juntamente com a Coordenação do Curso, das avaliações periódicas sobre os Estágios, a serem promovidas pela Divisão de Estágio.

Art. 16º. A Comissão de Estágio Supervisionado será indicada pelo respectivo colegiado para um mandato de dois anos, permitida a recondução.

Art. 17º. A Comissão de Estágio Supervisionado deverá ser composta por professores/as do seu respectivo colegiado.

Art. 18º. São atribuições do Professor-Orientador:

i. Visitar, avaliar e selecionar, e quando possível ouvindo os alunos, as entidades previstas como Instituições-Campo para os Estágios;

ii. Apresentar e encaminhar, oficialmente, os Alunos-Estagiários aos respectivos Campos de Estágios;

iii. Orientar, supervisionar e avaliar, pontualmente, o desenvolvimento do Estágio que esteja sob sua responsabilidade dentro do semestre letivo;

iv. Formalizar a coordenação do curso toda e qualquer situação-problema configurada durante a execução do Estágio e que esteja fora de sua competência;

v. Encaminhar todo o material produzido pelo Aluno-Estagiário para arquivamento no banco de dados da coordenação;

vi. Estimular e valorizar, intra e extra Universidade, experiências inovadoras de Estágio desenvolvidas pelos Alunos-Estagiários.

Art. 19º. São atribuições do Aluno-Estagiário:

- I. Cumprir o Plano de Estágio Supervisionado, em todas as suas etapas constitutivas;
- II. Demonstrar responsabilidade e organização no desenvolvimento do Estágio;
- III. Atender às normas da Instituição Concedente;
- IV. Participar das avaliações de desempenho individual e coletivo, sempre que solicitado;
- V. Manter atitude ético-profissional no desempenho de todas as atividades do Estágio.

Art. 20º São atribuições da Instituição concedente:

- I. Celebrar Termo de Compromisso com a UNIFAP e com Aluno que comprovadamente esteja matriculado e tenha frequência regular às aulas, firmando num acordo tripartite um conjunto de responsabilidades que deverão ser cumpridas durante a realização do Estágio;
- II. Zelar pelo cumprimento da Lei do Estágio, da legislação relacionada à saúde e segurança do trabalho para os Contratos de Estágio, do Termo de Compromisso e do Projeto de Estágio;
- III. Garantir que as atividades desenvolvidas no Estágio sejam compatíveis com as previstas no Termo de Compromisso e no Plano de Estágio;
- IV. Apresentar instalações adequadas para o desenvolvimento do Estágio;
- V. Indicar funcionário do quadro de pessoal, com formação igual ou superior à pretendida pelo Aluno-Estagiário, bem como com experiência profissional na área de execução do Estágio, para que possa orientar e supervisionar o desenvolvimento das atividades previstas no Plano de Estágio;
- VI. Manter documentos relacionados ao Estágio e ao Aluno-Estagiário à disposição dos órgãos de fiscalização externa.

Art. 21º. São atribuições do Professor-Supervisor da Instituição Concedente de Ensino:

- I. Receber os Alunos-Estagiários, em data previamente marcada com o Professor-Orientador, fornecendo as informações necessárias para um Estágio eficiente e proveitoso;
- II. Apresentar os Alunos-Estagiários à equipe administrativa, possibilitando a integração dos envolvidos no Estágio;
- III. Designar local, a ser utilizado pelos Alunos-Estagiários, para fazer reuniões e fornecer feedback do processo;
- IV. Inteirar-se das atividades desenvolvidas no estágio, fazendo sugestões, sempre que considerar necessário;
- V. Informar ao Professor-Orientador qualquer irregularidade ou alteração no processo de Estágio, proporcionando os ajustes necessários, para que não haja solução de continuidade ao trabalho desenvolvido.

CAPÍTULO X

Do Seguro de Estágio, da Bolsa-Estágio, do Auxílio Transporte e de Outros Benefícios

Art. 22º O seguro para o aluno do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas é de responsabilidade da Instituição concedente, é elemento obrigatório para a efetivação do estágio e sua cobertura deve prever todo e qualquer acidente pessoal que venha a ocorrer

com o acadêmico durante o período de vigência do estágio, vinte e quatro horas por dia, tanto em âmbito nacional quanto internacional.

Art. 23º Quando se tratar de estágio obrigatório, realizado em Instituições públicas, alternativamente o seguro poderá ser contratado pela UNIFAP.

Art. 24º A matrícula no componente curricular estágio supervisionado no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas é condição *sine qua non* para a contratação do seguro.

Art. 25º A instituição concedente do estágio poderá, voluntariamente, oferecer aos Alunos-Estagiários outros benefícios, como alimentação, acesso ao plano de saúde, dentre outros.

CAPÍTULO XI

Das Disposições Finais

Art. 26º A jornada diária destinada ao Estágio de acordo com a resolução n 02 de 2010 – CONSU/UNIFAP Artigo 25º descrito abaixo:

§ 1º Estágio Obrigatório não deve ultrapassar 6 (seis) horas diárias e 30 (trinta) horas semanais.

§ 2º Nos períodos de férias escolares os horários e seguimento das etapas de Estágio poderão ser alterados, mediante acordo entre o Aluno-Estagiário e Professor-Orientador.

Art. 27º. A quantidade máxima de Alunos-Estagiários, por Professor-Supervisor na Instituição concedente é de no máximo 04 (quatro) acadêmicos.

Art. 28º. Não será permitida a continuação do Estágio a alunos que venham a fazer trancamento ou cancelamento do Curso, dentro do semestre letivo em que se esteja aplicando o Estágio.

Art. 29º. O estágio Não-Obrigatório poderá ser aproveitado como Atividade Complementar (AC), previstas na Resolução 024/2008, de 22/10/2008 – CONSU/UNIFAP”, Art. 27, RESOLUÇÃO N. 02/2010 – CONSU/UNIFAP e Regulamento do curso de AC.

Art. 30º. Os casos omissos na presente Regulamentação serão resolvidos pelo Colegiado do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, devidamente pautado nas determinações legais e regimentais da UNIFAP.

Art. 31º. Esta Normatização entra em vigor na data da sua aprovação, revogadas as disposições em contrário.

ANEXOS DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

ANEXO I - MODELO DE PLANO DE AÇÃO PARA O DISCENTE

1) Dados institucionais (disciplina e demais componentes curriculares e turma envolvida)

2) Temas que serão desenvolvidos:

3) Objetivo geral e específicos: *(Descreva o objetivo geral que estará ligado aos temas e os objetivos específicos: propósitos que se quer assegurar que serão atingidos).*

4) Habilidades:

5) Competências:

6) Metodologia: *(Descrição detalhada da metodologia, técnicas empregadas e articulação entre as atividades programadas e os objetivos propostos; explicitar início, meio e fim para todas as etapas do plano).*

Etapas: Considerar os objetivos de cada estágio.

Atividades de observação e diagnóstico na escola: caracterização da Instituição; corpo docente, alunos, comunidade escolar, verificação da acessibilidade;

Participação das atividades realizadas na escola nos horários da disciplina estágio supervisionado (ex: semana pedagógica, eventos, etc.); Observações em sala de aula, auxílio do professor nas aulas; planejamento de aulas e materiais que serão utilizados nestas. Ministrando aulas e auxiliá-las.

7) Recursos:

8) Avaliação: *(Apresentar os instrumentos de avaliação quantitativos e qualitativos, bem como os meios de verificação e critérios a serem utilizados).*

9) Parcerias envolvidas: *(Indicar se há articulação e envolvimento com projetos sociais, políticas públicas ou iniciativas da comunidade).*

10) Perspectivas futuras: *(Possíveis desdobramentos futuros).*

11) Conclusão: *(como será o encerramento dos trabalhos).*

12) Referências:

ANEXO II – MODELO DE RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

DISCIPLINA: ESTÁGIO SUPERVISIONADO X
(modelo a ser utilizado para os estágios I e II)

RELATÓRIO DE DIAGNÓSTICO E PARTICIPAÇÃO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO X

NOME DO ACADÊMICO

**MACAPÁ/AP
ANO**

NOME DO ACADÊMICO

RELATÓRIO DE DIAGNÓSTICO E PARTICIPAÇÃO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO X

Relatório referente ao Diagnóstico e Participação no componente Estágio Supervisionado ____ do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas.

**MACAPÁ/AP
ANO**

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DA INSTITUIÇÃO CAMPO DE ESTÁGIO:

Nome:

Endereço:

Bairro:

Cidade:

Fone:

Aspectos legais:

Ato de criação:

Portaria de autorização ou reconhecimento:

Regime de funcionamento e horários:

Níveis de ensino:

 Educação Infantil Ensino Fundamental Ensino Médio

Modalidade de ensino envolvida:

 Educação de Jovens e Adultos Educação do Campo Educação especial e inclusiva Educação quilombola**DADOS COMPLEMENTARES:**

Diretor:

fone:

Secretário Escolar:

fone:

Secretário Administrativo:

fone:

Supervisor ou orientador pedagógico:

fone:

Bibliotecária (o):

fone:

Professor Cooperador:

fone:

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO ACADÊMICO:

Acadêmico (a):

R.G.:

Telefone de contato:

E-mail:

SUMÁRIO

- 1. INTRODUÇÃO**
- 2. OBJETIVOS DO ESTÁGIO**
- 3. DIAGNÓSTICO DA ESCOLA CAMPO DE ESTÁGIO**
 - 3.1 Estrutura Física e Pedagógica da Escola Campo de Estágio
 - 3.2 Caracterização do Corpo Docente
 - 3.3 Caracterização Social, Econômica e Cultura dos Alunos
 - 3.4 Características da Comunidade ao Entorno da Escola.
 - 3.5 Caracterização da acessibilidade
- 4. DIAGNÓSTICO DE OBSERVAÇÃO EM SALA DE AULA DA ESCOLA CAMPO DE ESTÁGIO**
 - 4.1 Dados da Turma Escolhida
 - 4.2 Descrição da Sala
 - 4.3 Observação da prática docente
 - 4.4 Modalidades didáticas utilizadas na sala de aula
 - 4.5 Análise do livro didático
- 5. RELATO DE EXPERIÊNCIA**
- 6. AVALIAÇÃO**
 - 6.1 Instrumentos avaliativos utilizados para avaliar as turmas
 - 6.2 Auto-avaliação
- 7. CONCLUSÕES**
- BIBLIOGRAFIA**
- ANEXOS**
 - Ofício recebido com o carimbo do diretor da escola.
 - Ficha de frequência individual, com assinatura do acadêmico e do profissional colaborador, com a carga horária exigida de acordo com o estágio.
 - Ficha de avaliação preenchida pelo supervisor-professor da escola campo, com a assinatura do professor da escola campo.
 - 03 (três) fichas de observação da prática docente.
 - Ficha de avaliação do grupo.
 - Ficha de autoavaliação.
 - Declaração do cumprimento das 35 horas exigidas pelo estágio na escola campo, com nome de cada acadêmico, assinada e carimbada pelo diretor ou seu substituto.

SUGESTÕES (NORMAS PARA A REDAÇÃO DO CONTEÚDO)

1. INTRODUÇÃO

(Escreva um texto introdutório, informando o que é o estágio supervisionado e descreva as etapas do estágio vivenciado).

2. OBJETIVOS DO ESTÁGIO:

Utilizar verbos no infinitivo. Deve estabelecer qual o seu objetivo em relação ao estágio de Diagnóstico e Participação.

3. DIAGNÓSTICO DA ESCOLA CAMPO DE ESTÁGIO

Descrever a Escola Campo de Estágio, o procedimento para a escolha da escola que realizou o estágio. Deve descrever os dados coletados de infraestrutura e estrutura funcional.

Produzir um texto (meia ou uma lauda) generalista indicando os aspectos socioeconômicos e culturais percebidos durante o período de estágio, não incluir juízo de valor, julgamentos, comentários racistas, sexistas ou desrespeitosos.

Indicando os aspectos da Comunidade residente no entorno da Escola, percebido durante o período de estágio, não incluir juízo de valor, julgamentos, comentários racistas, sexistas ou desrespeitosos.

Para verificação da acessibilidade, aspectos da educação especial e inclusiva na escola. Descrever como ocorre o ensino e aprendizagem de alunos com deficiência, demonstrar as ações específicas para o ensino de ciências e/ou Biologia. Destacar o funcionamento do AEE, descrever a presença ou ausência de intérprete (surdos); piso tátil; banheiro acessível; rampa; corrimão; material adaptado.

4. DIAGNÓSTICO DE OBSERVAÇÃO EM SALA DE AULA

Dados da Turma Escolhida: inserir o número de alunos; dedicação e outros aspectos.

Descrição da Sala: ventilação, estado geral das cadeiras, paredes, quadro branco, funcionamento no cotidiano.

Observação da prática docente: Relatar o período de observação e participação na sala de aula da escola campo de estágio, descrever suas observações e impressões das aulas observadas, citar os temas de aula observados; caracterização da relação professor e aluno.

Modalidades didáticas utilizadas pelo professor: descrever as modalidades utilizadas pelo professor, como foram realizadas as avaliações. Limitar-se a indicar as modalidades didáticas do professor, independente de qual forma o professor utiliza em sala de aula, não se deve incluir juízo de valor, julgamentos, comentários racistas, sexistas ou desrespeitosos, porém pode utilizar alguma obra para sugerir novas metodologias.

Análise do livro didático:

Considerar a avaliação pelo Plano Nacional do Livro Didático (PNLD); presença de erros conceituais; caderno de atividades; atividades práticas e contextualização.

5. RELATO DE EXPERIÊNCIA:

Solicitar ao professor de ciências ou biologia, seu relato de experiência no magistério no ensino regular e com alunos com deficiência e/ou alunos da educação no campo.

6. AVALIAÇÃO

Explicar como é realizada a avaliação dos alunos na escola e quais foram os instrumentos avaliativos utilizados nas aulas observadas (avaliações com questões de múltipla escolha, avaliações com perguntas subjetivas, jogos, sínteses etc.).

Avaliar quanto a assiduidade, participação, interesse dos educandos durante as aulas observadas e realizar sua própria auto-avaliação.

7. CONCLUSÃO

Apresentação de opiniões pessoais da experiência vivenciada nessa fase do estágio.

BIBLIOGRAFIA

Apresentar toda a bibliografia citada no texto.

O aluno deve consultar:

- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN 9394/96);
- Diretrizes curriculares do Ensino Fundamental e médio;
- Resolução da disciplina;
- Livros didáticos utilizados no ensino de Ciências e Biologia;
- Periódicos de reconhecido prestígio nacional e internacional na área de didática de ciências;
- Sites sobre o ensino de ciências e Biologia ;
- Parâmetros Curriculares Nacionais e Base Nacional Comum Curricular.

ANEXOS

- Ofício com o recebido do diretor da escola.
- Ficha de avaliação do supervisor de cada acadêmico do grupo, com assinatura do acadêmico e do profissional colaborador.
- Ficha de frequência de atividades de cada acadêmico assinada.
- Declaração do cumprimento de 35 horas de estágio na escola campo, com nome de cada acadêmico, assinada e carimbada pelo diretor ou seu substituto.

APÊNDICES

Qualquer produção própria que foi produzida.

ANEXO II – MODELO DE RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

DISCIPLINA: ESTÁGIO SUPERVISIONADO
(modelo a ser utilizado para os estágios III, IV e V)

RELATÓRIO DE DIAGNÓSTICO E PARTICIPAÇÃO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO X

NOME DO ACADÊMICO

**MACAPÁ/AP
ANO**

NOME DO ACADÊMICO

RELATÓRIO DE DIAGNÓSTICO E PARTICIPAÇÃO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO X

Relatório referente ao Diagnóstico e Participação no Componente Estágio Supervisionado X do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas.

**MACAPÁ/AP
ANO**

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DA INSTITUIÇÃO CAMPO DE ESTÁGIO:

Nome:

Endereço:

Bairro:

Cidade:

Fone:

Aspectos legais:

Ato de criação:

Portaria de autorização ou reconhecimento:

Regime de funcionamento e horários:

Níveis de ensino:

 Educação Infantil Ensino Fundamental Ensino Médio

Modalidade de ensino envolvida:

 Educação de Jovens e Adultos Educação do Campo Educação especial e inclusiva Educação quilombola**DADOS COMPLEMENTARES:**

Diretor:

fone:

Secretário Escolar:

fone:

Secretário Administrativo:

fone:

Supervisor ou orientador pedagógico:

fone:

Bibliotecária (o):

fone:

Professor Cooperador:

fone:

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO ACADÊMICO:

Acadêmico (a):

R.G.:

Telefone de contato:

E-mail:

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO

2. OBJETIVOS DO ESTÁGIO

3. PARTICIPAÇÃO EM SALA DE AULA DA ESCOLA CAMPO DE ESTÁGIO

- a. Dados da Turma
- b. Descrição da Sala
- c. Prática docente
- d. Modalidades didáticas utilizadas na sala de aula
- e. Análise do livro didático

4. PLANEJAMENTO E DESENVOLVIMENTO DA REGÊNCIA

4.1 Plano de Ensino

4.2 Materiais didáticos produzidos pelo estagiário

4.3 Atividades Extra

4.4 Auxílio nas atividades do professor da escola campo

4.5 Regência

5. AVALIAÇÃO

5.1 Instrumentos avaliativos

5.2 Avaliação da Turma e dos Alunos

5.3 Auto-avaliação

6. CONCLUSÕES

BIBLIOGRAFIA

ANEXOS

APÊNDICES

Qualquer produção própria que foi produzida para fortalecer a regência como atividades diversas, apostilas, questões formuladas e outros.

SUGESTÕES (NORMAS PARA A REDAÇÃO DO CONTEÚDO)

1. INTRODUÇÃO

(Escreva um texto introdutório, informando o que é o estágio supervisionado e descreva as etapas do estágio vivenciado).

2. OBJETIVOS DO ESTÁGIO:

Utilizar verbos no infinitivo. Deve estabelecer qual o seu objetivo em relação ao estágio de Diagnóstico e Participação.

3. PARTICIPAÇÃO EM SALA DE AULA

Dados da Turma Escolhida: inserir o número de alunos; comportamento e outros aspectos.

Descrição da Sala: iluminação, ventilação, estado geral das cadeiras, paredes, quadro branco e funcionamento no cotidiano.

Prática docente: Relatar o período de acompanhamento e participação na sala de aula da escola campo de estágio, descrever as impressões das aulas, citar os temas trabalhados nas aulas; caracterização da relação professor e aluno.

Modalidades didáticas utilizadas pelo professor: descrever as modalidades utilizadas pelo professor, como foram realizadas as avaliações. Limitar-se a indicar as modalidades didáticas do professor, independente de qual forma o professor utiliza em sala de aula, não se deve incluir juízo de valor, julgamentos, comentários racistas, sexistas ou desrespeitosos, porém pode utilizar alguma obra para sugerir novas metodologias.

Análise do livro didático:

Considerar a avaliação pelo Plano Nacional do Livro Didático (PNLD); presença de erros conceituais; caderno de atividades; atividades práticas e contextualização.

4. PLANEJAMENTO E DESENVOLVIMENTO DA REGÊNCIA

Plano de Ensino: Descrever os procedimentos para a elaboração do plano de aula, os conteúdos ministrados com seus respectivos objetivos, metodologias, recursos e formas de avaliação dos alunos pelo estagiário, demonstrar como ocorreu a interação com estes.

Materiais didáticos desenvolvidos pelo estagiário: mostrar as habilidades e competências dos referidos materiais. Relatar quais materiais foram criados pelo acadêmico, os assuntos envolvidos no material didático e como ocorreu a implementação destes, retratar sobre a sua eficiência no aprendizado dos alunos, ressaltando suas dificuldades.

Atividades Extra realizadas: relatar quais atividades extras foram desenvolvidas ou acompanhadas na escola pelo acadêmico durante o estágio.

Auxílio nas atividades do professor da escola campo: Relatar como ocorreu o auxílio nas atividades em sala de aula do professor e descrever as atividades auxiliadas.

Regência: desenvolver planejamento de aula para cada aula e no mínimo ministrar 30 horas/aula. INDIVIDUALMENTE informar como ocorreu a regência (criar itens por acadêmico).

5. AVALIAÇÃO

Descrever como é realizada a avaliação dos alunos na escola e quais foram os instrumentos avaliativos utilizados nas aulas auxiliadas e ministradas pelos

estagiários (avaliações com questões de múltipla escolha, avaliações com perguntas subjetivas, jogos, sínteses etc.).

Avaliar quanto a assiduidade, participação, interesse dos educandos durante as aulas observadas e realizar sua própria auto-avaliação.

6.CONCLUSÃO

Apresentação de opiniões pessoais da experiência vivenciada nessa fase do estágio.

BIBLIOGRAFIA

Apresentar toda a bibliografia citada no texto.

O aluno deve consultar:

- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN 9394/96);
- Diretrizes curriculares do Ensino Fundamental e médio;
- Resolução da disciplina;
- Livros didáticos utilizados no ensino de Ciências e Biologia;
- Periódicos de reconhecido prestígio nacional e internacional na área de didática de ciências;
- Sites sobre o ensino de ciências e Biologia ;
- Parâmetros Curriculares Nacionais e Base Nacional Comum Curricular.

ANEXOS

- Ofício recebido com o carimbo do diretor da escola.
- 04 (quatro) planos de aula individuais.
- Ficha de frequência individual, com assinatura do acadêmico e do profissional colaborador, com a carga horária exigida de acordo com o estágio.
- Ficha de avaliação preenchida pelo supervisor-professor da escola campo, com a assinatura do professor da escola campo.
- 04 (quatro) fichas de acompanhamento de regência.
- 04 (quatro) fichas de observação da prática docente.
- Ficha de avaliação do grupo.
- Ficha de autoavaliação.

Declaração do cumprimento das horas exigidas pelo respectivo estágio na escola campo, com nome de cada acadêmico, assinada e carimbada pelo diretor ou seu substituto.

APÊNDICES

Qualquer produção própria que foi produzida para fortalecer a regência como atividades diversas, apostilas, questões formuladas e outros.

ANEXO III–MODELO DE ROTEIRO PARA OBSERVAÇÃO DA TURMA – Todos os Estágios**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS****ROTEIRO PARA OBSERVAÇÃO DA TURMA**

1. Dados de Identificação:
 - 1.1. Escola
 - 1.2. Professor da turma
 - 1.3. Disciplina
 - 1.4. Ano/Série
 - 1.5. Turma
 - 1.6. Sala
 - 1.7. Dia da observação

2. Comportamento adequado para a observação da sala de aula:
 - 2.1. Vestir-se adequadamente no ambiente de estágio;
 - 2.2. Chegar antes do início do período e sair no término;
 - 2.2. Combinar antes com o professor o período do estágio de Participação;
 - 2.3. Entrar discretamente em sala de aula e sentar-se à parte;
 - 2.4. Levar material para anotações, não utilizar o celular;
 - 2.5. Observar e anotar as informações importantes;
 - 2.6. Evitar conversar com alunos ou professor durante a aula;
 - 2.7. Responder sucintamente se interpelado;
 - 2.8. Acompanhar as atividades conforme a orientação do professor;
 - 2.9. Evitar perturbar ao máximo o andamento da aula.

3. Questões que orientam a observação em sala de aula:
 - 3.1. Como a sala de aula esta arrumada?
 - 3.2. Como o professor começou a aula?
 - 3.3. Como a turma reagiu às solicitações do professor?
 - 3.4. O que foi desenvolvido no dia em termos de conteúdo?
 - 3.5. De que maneira este conteúdo foi trabalhado com a turma?
 - 3.6. O livro didático foi utilizado?
 - 3.7. Algum outro recurso foi utilizado?
 - 3.8. O professor indicou alguma tarefa para casa?
 - 3.9. Houve alguma interferência durante a aula?
 - 3.10. Houve alguma situação particular com algum aluno ou grupo de alunos?

4. Escreva sua impressão a respeito da turma, depois desta observação:

ANEXO IV–FICHA DO PERFIL DO PROFESSOR DA ESCOLA CAMPO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS****PERFIL DO PROFESSOR DA ESCOLA CAMPO DE ESTÁGIO**

1. Formação acadêmica e experiência profissional:
 2. Motivos de escolha do Curso e nível de satisfação:
 3. Situação funcional:
 4. Como ingressou no mercado de trabalho?
 5. Ensina em outra escola? Sim () Não ()
Carga horária? _____
 6. Quais as metodologias que mais atraem os alunos?
 7. Qual a concepção da relação: conhecimento de ciências versus o cotidiano?
-
8. Como prepara seus alunos para adentrar no ensino superior (seja através do Enem ou vestibular) ou como estimula seus alunos a seguirem a terminalidade acadêmica?

**ANEXO V–MODELO PARA OBSERVAÇÃO E DIAGNÓSTICO DA ESCOLA
CAMPO DE ESTÁGIO**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

DIAGNÓSTICO DA ESCOLA CAMPO DE ESTÁGIO Data ___/___/___

Estrutura Funcional e Pedagógica da Escola

1. IDENTIFICAÇÃO:
 - Nome _____ da escola:_____
 - Endereço:_____
 - Diretor:_____
 - Supervisor:_____
 - Telefone:_____

2. ESTRUTURA FUNCIONAL:
 - 2.1 Número total de alunos matriculados na escola:_____
 - 2.2 Ensino fundamental:_____ Médio:_____ EJA:_____
 - 2.3 Número de alunos por turno:

Matutino: E. fundamental:_____	Médio:_____	EJA:_____
Vespertino: E. fundamental:_____	Médio:_____	EJA:_____
Noturno: E. fundamental:_____	Médio:_____	EJA:_____
 - 2.4 Número de professores da escola:

Ensino fundamental:_____	Médio:_____
Ciências:_____	Biologia:_____
 - 2.5 Indicadores pedagógicos:

Percentual de repetência no ano anterior: Geral:_____	Ciências:_____
Biologia:_____	
Faixa etária dos alunos: E. fundamental:_____	Médio:_____
EJA:_____	
 - 2.6 Possui projeto político pedagógico: Sim () Não: () Comente

3. INFRA-ESTRUTURA
 - 3.1 Número de salas de aula da escola:_____
 - 3.1.1 Estrutura presente e em condições de uso:

Sala de vídeo

Sala para professores

Sala de atendimento ao aluno

Laboratórios de ciências/biologia

Laboratório de informática

Biblioteca

Auditório

Plantão de saúde

Cantina

Bebedouros

Sala de estudos e planejamentos

Sala de xerox

Sala de estudo dirigido

Sala de artes

Parque infantil

Campo de futebol

Piscina

Almoxarifado

Oficina para manutenção escolar

Arquivos

Outros

Quadra de esportes

Ginásio coberto

Refeitório

Cozinha

3.1.2 Número de computadores que a escola dispõe _____

3.1.3 Usuários dos computadores

- Professores Alunos
- Funcionários Comunidade

3.1.3 A escola possui assinatura com algum provedor de acesso à internet?

Sim Não

Qual? _____

3.1.5 Setores da escola informatizados

- Direção Arquivo
- Supervisão Departamentos
- Coordenação Pedagógica Sala de Audiovisual
- Secretaria Laboratório
- Tesouraria Sala de Apoio ao Professor
- Biblioteca Sala de Artes
- Almoxarifado
- Outros: _____

3.1.6 Condições Materiais e Manutenção da Escola

3.1.7 Cadeiras em condições de uso e suficientes

Sim Não

3.1.8 Armários individualizados para professores

Sim Não

3.1.9 O material de Expediente (Papel – caneta – Pincel para quadro branco, etc) é disponível e acessível a funcionários e Professores?

Sim Não

- As salas de aulas recebem influências externas de barulho

Sim Não

- Estado geral das janelas, portas, paredes, pisos e telhados

Bom Regular Ruim

- Iluminação natural das salas de aula

Bom Regular Ruim

- Ventilação natural das salas

Bom Regular Ruim

- Condições de acústica das salas de aula

Bom Regular Ruim

- Estado Geral dos banheiros

Bom Regular Ruim

- Estado geral dos bebedouros

Bom Regular Ruim

3.2 Caracterização do corpo docente (ANEXO IV)

3.3 Caracterização Social, Econômica e Cultural dos Alunos.

3.4 Características da Comunidade residente no entorno da Escola.

3.5 Verificação da acessibilidade, aspectos da educação especial e inclusiva na escola.

3.5.1 Funcionamento do AEE

3.5.2 O intérprete de LIBRAS

3.5.3 Piso tátil alerta e direcional;

3.5.4 Acessibilidade arquitetônica.

4.0 DIAGNÓSTICO DE OBSERVAÇÃO EM SALA DE AULA DA ESCOLA CAMPO DE ESTÁGIO

4.1 Dados da Turma

4.2 Descrição da Sala

4.3 Observação da prática docente:

4.3.1 Modalidades didáticas utilizadas pelo professor.

4.3.2 Análise do livro didático

5. RELATO DE EXPERIÊNCIA

6. AVALIAÇÃO

6.1 Instrumentos avaliativos utilizados pelo professor.

6.2 Avaliação da Turma e dos Alunos

6.3 Auto-avaliação

7.0 CONCLUSÕES

**ANEXO V–MODELO PARA OBSERVAÇÃO E DIAGNÓSTICO DA ESCOLA
CAMPO DE ESTÁGIO**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

REGÊNCIA NA ESCOLA CAMPO DE ESTÁGIO Data ___/___/___

Estrutura Funcional e Pedagógica da Escola

1. IDENTIFICAÇÃO:
 - Nome _____ da escola:_____
 - Endereço:_____
 - Diretor:_____
 - Supervisor:_____
 - Telefone:_____

2. ESTRUTURA FUNCIONAL:
 - a. Número total de alunos matriculados na escola:_____
 - b. Ensino fundamental:_____ Médio:_____ EJA:_____
 - c. Número de alunos por turno:

Matutino: E. fundamental:_____	Médio:_____	EJA:_____
Vespertino: E. fundamental:_____	Médio:_____	EJA:_____
Noturno: E. fundamental:_____	Médio:_____	EJA:_____
 - d. Número de professores da escola:

Ensino fundamental:_____	Médio:_____
Ciências:_____	Biologia:_____

6.0 PARTICIPAÇÃO EM SALA DE AULA DA ESCOLA CAMPO DE ESTÁGIO

6.1 Dados da Turma

6.2 Descrição da Sala

6.3 Observação da prática docente:

6.3.1 Modalidades didáticas utilizadas pelo professor.

6. PLANEJAMENTO E DESENVOLVIMENTO DA REGÊNCIA

6.1 Planos de Ensino

- 6.2 Materiais didáticos desenvolvidos pelo estagiário.
- 6.3 Atividades Extra
- 6.4 Auxílio nas atividades do professor da escola campo
- 6.5 Regência

6. AVALIAÇÃO

- 6.1 Instrumentos avaliativos
- 6.2 Avaliação da Turma e dos Alunos
- 6.3 Auto-avaliação

7.0 CONCLUSÕES

ANEXO XI – FICHA DE FREQUÊNCIA DE ESTÁGIO DO DISCENTE**Aluno (a):****Turma:****Município:****Local de Estágio****Ano:**

DATA	HORA		SÉRIE/ANO	ATIVIDADES DESENVOLVIDAS	Assinatura do Responsável
	Entrada	Saída			

Carga Horária:_____
Supervisor/ Orientador Pedagógico_____
Professor da disciplina na escola

campo


ANEXO X - FICHA DE AVALIAÇÃO PELO(A) SUPERVISOR(A) DA ESCOLA CAMPO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
 COORDENAÇÃO DO CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
 ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO
FICHA DE AVALIAÇÃO PELO(A) SUPERVISOR(A) DA ESCOLA CAMPO

Instituição		Período do Estágio
Estagiário		Identificação do Estágio
Supervisor(a)		Data

ASPECTOS A CONSIDERAR	SEMPRE	ÀS VEZES	NUNCA
01. Compareceu pontualmente ao local do estágio			
02. Apresentou-se uniformizado (a) e asseado (a)			
03. Aplicou conhecimentos éticos e morais profissionais			
04. Respeitou os regulamentos da Instituição Campo de Estágio			
05. Tomou decisões adequadas às situações que se apresentaram			
06. Foi atencioso (a) com o (a) professor (a) Supervisor (a)			
07. Manteve equilíbrio emocional			
08. Apresentou contribuições para o desenvolvimento dos trabalhos			
09. Organizou plano de ensino com formulação de objetivos			
10. Desenvolveu as competências e habilidades propostas no planejamento			
11. Demonstrou desembaraço na realização do trabalho			
12. Analisou planos existentes, interpretando seus objetivos e conteúdo (quando houve)			
13. Auxiliou as atividades requeridas com presteza e domínio de conteúdo			
14. Alcançou os objetivos conforme a metodologia formulada			
15. Sugeriu metodologias adequadas a cada ano			
16. Preocupou-se com a formação educativa dos alunos			
17. Criou uma atmosfera agradável para o desenvolvimento das atividades (interação estagiário / supervisor)			
18. Comparou, comentando, seu progresso antes e após cada etapa do estágio			
19. Apresentou personalidade profissional adequada			
20. Colaborou com o professor supervisor com observações pertinentes a individualidade dos alunos ou do grupo.			
21. Avaliou as instalações do campo de estágio			
22. Comentou a respeito da organização didática, metodológica, conteúdos e forma de avaliação do professor.			

Conforme as informações prestadas acima, considero o estágio

Excelente (9 -10)		Bom (7 - 9)		Regular (5 - 7)		Insuficiente Abaixo de 5	
----------------------	--	----------------	--	--------------------	--	-----------------------------	--

Macapá-AP, ____ / ____ / ____.

Nome e Assinatura do(a) Supervisor(a) de Campo



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
 COORDENAÇÃO DO CURSO DE EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
 ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO
AVALIAÇÃO DA ORGANIZAÇÃO DO ESTÁGIO PELO(A) ORIENTADOR(A) DO ESTÁGIO

Instituição		Período do Estágio
Estagiário		Identificação do Estágio
Orientador		Data

CRITÉRIOS	PARECER		
	Sim	Não	Parcial
APRESENTAÇÃO			
Apresenta organização, clareza e esmero			
Escrita gramatical correta			
Apresenta relatório diagnóstico completo do campo de estágio			
OBJETIVOS IMEDIATOS			
Coerentes com o módulo do estágio			
Condizentes com a realidade do campo de estágio			
Em conformidade com o conteúdo da aula			
CONTEÚDO DO RELATÓRIO (ESTÁGIOS I E II)			
Forneceu integralmente as observações metodológicas			
Caracterização completa da Instituição			
Perfil docente e discente			
Identificação adequada da acessibilidade			
Possui todos os anexos que lhes são pertinentes			
IDENTIFICAÇÃO DAS INSTALAÇÕES MATERIAL E MEIOS AUXILIARES			
De acordo com as disponibilidades do estabelecimento			
CONHECIMENTOS			
Demonstra domínio de conteúdo, oratória e noções básicas sobre as teorias da educação.			
Emprega terminologia própria do Ensino de Ciências e Biologia			
PLANEJAMENTO (EXCLUSIVO PARA OS ESTÁGIOS III, IV E V)			
Houve clareza dos conteúdos nos objetivos de cada plano			
Apresenta habilidades e competências condizentes com a temática e idade cognitiva dos alunos.			
Participação efetiva na organização dos trabalhos pedagógicos			
Materiais didáticos adequados ao contexto dos alunos.			
Houve envolvimento efetivo dos alunos referente a metodologia estabelecida.			
Utilização adequada do tempo durante a regência.			
Conforme as informações acima, considera-se o estágio			
Excelente Entre 9 e 10		Bom Entre 7 e 9	
			Regular Entre 5 e 7
			Insuficiente Abaixo de 5

Macapá-AP, ___ / ___ / ___.

Nome e Assinatura do(a) Orientador(a) do Estágio



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

FICHA DE ACOMPANHAMENTO DE REGÊNCIA (PREENCHIDA PELO PROFESSOR DA ESCOLA CAMPO)
 EXCLUSIVA DOS ESTÁGIOS III, IV E V

ACADÊMICO(A): _____
PROFESSOR(A) COLABORADOR(A): _____
Nível de Ensino: _____
Turma: _____ **Turno:** _____
DATA: _____

ELEMENTOS DE ANÁLISE	E	MB	B	R
I — Plano do Estagiário				
1. Clareza nos objetivos propostos				
2. Contempla a utilização de técnicas e recursos de ensino adequados aos objetivos e aos conteúdos propostos.				
3. Existe perfeita coerência entre os elementos constituintes do plano: conteúdo, objetivo, metodologia e avaliação.				
4. Apresenta consistência teórica				
II — Desempenho na Atividade				
1. Cumprimento das atividades propostas (desenvolvidas no tempo previsto e envolvimento dos alunos).				
2. Elaboração de material didático condizente com a atividade proposta.				
3. Oralidade e domínio do conteúdo				
III — Análise dos Resultados				
3.1. Apresentar um relato geral do desempenho do aluno-estagiário, considerando os resultados obtidos após a aula ministrada pelo estagiário na escola-campo.				

Conceito: ____ Excelente (E) Muito Bom (B) Bom (B) Regular (R).
Data: ____/____/____

 Assinatura do Professor(a) Colaborador(a)
 Escola Campo de Estágio



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

FICHA DE OBSERVAÇÃO DA PRÁTICA DOCENTE

ACADÊMICO(A): _____

PROFESSOR(A) COLABORADOR(A): _____

Nível de Ensino:

Turma: _____ Turno: _____ DATA:

TÓPICOS	ELEMENTOS DA ANÁLISE
TEMA DA AULA	(Apresentado de modo criativo, ressaltando sua importância).
ATOS METODOLÓGICOS	(Coerentes com os objetivos, conteúdo e avaliação da aprendizagem, bem como o tempo de aula).
RECURSOS DIDÁTICOS	(Elaborados de acordo com a metodologia utilizada e devidamente explorados).
ORALIDADE	
MANEJO DE CLASSE	(Estimula a participação da turma. Consegue envolvimento da turma durante toda a ação pedagógica).
AVALIAÇÃO DA AULA	

ASSINATURA DO ACADÊMICO:-



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

FICHA DE AVALIAÇÃO DO GRUPO

NOME DO ACADÊMICO(A) QUE ESTÁ SENDO AVALIADO:

CRITÉRIOS	PONTUAÇÃO
1-ASSIDUIDADE EM TODOS OS ENCONTROS DO GRUPO (2,00)	
2-PONTUALIDADE EM TODAS AS AÇÕES DO GRUPO (1,00)	
3-CUMPRIMENTO COM RESPONSABILIDADE DAS TAREFAS PRÁTICAS E INTELLECTUAIS NO GRUPO (2,00)	
4-CRIATIVIDADE E CRITICIDADE NO PLANEJAMENTO DAS AÇÕES (2,00)	
5- HÀ SEMPRE PRÉ-DISPOSIÇÃO PARA REALIZAÇÃO DAS TAREFAS NO GRUPO (2,00)	
6-CONTRIBUI PARA CLIMA AGRADÁVEL E HARMONIOSO NO GRUPO (1,00)	
T O T A L	

Nível de Ensino: _____ Turma: _____ Turno: _____



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
COORDENAÇÃO DO CURSO CIÊNCIAS BIOLÓGICAS - LICENCIATURA
ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO
FICHA DE AUTOAVALIAÇÃO DO ESTAGIÁRIO NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO
(DISCENTE)

Instituição		Período do Estágio
Estagiário		Identificação do Estágio
Supervisor		Data

ASPECTOS A CONSIDERAR	SEMPRE	ÀS VEZES	NUNCA
01. Compareci pontualmente ao local do estágio			
02. Apresentei-me uniformizado (a) e asseado (a)			
03. Apliquei os conhecimentos de ética profissional adquiridos			
04. Respeitei os regulamentos da Instituição Campo de Estágio			
05. Tomei decisões adequadas às situações que se apresentaram			
06. Procurei ser atencioso (a) com o (a) professor (a) Supervisor (a)			
07. Mantive equilíbrio emocional			
08. Apresentei contribuições para o desenvolvimento dos trabalhos			
09. Organizei plano de trabalho, com formulação de objetivos			
10. Apresentei o plano de trabalho ao supervisor, definindo claramente seus objetivos			
11. Demonstrei desembaraço na realização do trabalho			
11. Analisei planos existentes, interpretando seus objetivos e conteúdos (quando houve)			
12. Avaliei as atividades observadas dentro dos princípios da			
13. Selecionei conteúdos em função dos objetivos formulados			
14. Organizei os conteúdos em função da intensidade e dificuldade			
15. Preocupe-me com a formação educativa dos alunos			
16. Criei uma atmosfera agradável para o desenvolvimento das atividades (interação estagiário / supervisor)			
17. Comparei, comentando, meu progresso antes e após cada etapa do estágio			
18. Apresentei personalidade profissional adequada			
19. Procurei colaborar com o professor supervisor com observações pertinentes a individualidade dos alunos ou do grupo.			
20. Analisei e comentei sobre as instalações do campo de estágio			
21. Comentei a respeito da organização didática, metodológica, conteúdos e forma de avaliação do professor.			

Conforme as informações prestadas acima, considero o estágio							
Excelente (9 - 10)		Bom (7 - 9)		Regular (5 - 7)		Insuficiente Abaixo de 5	
Macapá-AP, ____ / ____ / ____.							
Nome e Assinatura do(a) Estagiário(a) _____							

APÊNDICE V — REGULAMENTO DAS ATIVIDADES COMPLEMENTARES

REGULAMENTO ATIVIDADES COMPLEMENTARES DO CURSO LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS DA UNIFAP

Estabelece normas sobre as atividades complementares do Curso de Graduação em Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal do Amapá, e dá outras providências.

TÍTULO I

DAS DISPOSIÇÕES REGULAMENTARES

Capítulo I

DAS DISPOSIÇÕES PRELIMINARES

Art. 1º Este Regimento tem por finalidade normatizar as Atividades Complementares do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), indispensáveis para a integralização do curso.

Art. 2º As atividades complementares, conforme o disposto na Resolução n.º 024/2008, do Conselho Superior da Universidade Federal do Amapá (CONSU/UNIFAP), são entendidas como componente curricular obrigatório da Matriz do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da UNIFAP, sendo escolhidas e realizadas pelo discente dentre atividades de interesse do Curso conforme instituído neste Regimento.

Art. 3º As atividades complementares integrantes do currículo, fixadas em duzentos e dez horas de relógio (210h/r), 14 créditos, devem ser homologadas e registradas pelo Professor responsável a fim de serem integralizadas no Departamento de Controle e Registro Acadêmico (DERCA).

Art. 4º As Atividades Complementares devem ser desenvolvidas durante a trajetória acadêmica do aluno e só serão computadas a partir do início do semestre letivo do ano de ingresso no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da UNIFAP.

Capítulo II

DOS OBJETIVOS

Art. 5º As atividades Complementares têm os seguintes objetivos:

I - Estimular as práticas de estudos independentes, visando à progressiva autonomia intelectual do aluno;

II - Sedimentar os saberes construídos pelos acadêmicos durante o Curso de Graduação;

III - Viabilizar a relação integradora e transformadora do conhecimento produzido dentro e fora da Universidade;

IV - Articular o tripé ensino, pesquisa e extensão com as demandas sociais e culturais da população;

V - Socializar os resultados de pesquisa produzidos no âmbito da UNIFAP, ou, a partir de parceria com entidades públicas ou privadas, e;

VI - Valorizar a cultura e o conhecimento, respeitando a diversidade sociocultural dos povos.

TÍTULO II

DA ORGANIZAÇÃO

Capítulo I

DA CATEGORIZAÇÃO

Art. 6º-A categorização será sempre de sete (7) grupos, em acordo com a determinação da Resolução CONSU n. 024/2008, obedecendo esta ordem:

I - **Grupo 1 -Atividades de Ensino:** representadas na frequência, com aproveitamento às aulas de disciplinas afins ao Curso de origem do Acadêmico, ofertadas por instituições públicas ou isoladas de Ensino Superior, devidamente credenciadas; bem como, no efetivo exercício de Monitoria, e, ainda, na realização de Estágio Extracurricular, como complementação da formação acadêmico-profissional.

a) São consideradas atividades de ensino para o Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas: Cursos de Língua Estrangeira, para o qual será creditado no máximo 60h; Cursos Online; Estágio Extracurricular ou não obrigatório em Ensino de Ciências e Biologia; Disciplinas Afins de outros cursos, sendo, ainda, previstas as atividades compatíveis com o

Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas; Monitorias com limite de 120 horas de atividade complementar.

II - Grupo 2 - Atividades de Pesquisa: conjunto de atividades desenvolvidas em uma das linhas de pesquisa existentes nos Cursos de Graduação ou de Pós-Graduação da UNIFAP.

a) São consideradas atividades de pesquisa aquelas advindas de participação em Iniciação Científica e/ou tecnológica na condição de bolsista ou voluntário, contabilizando o máximo de 120 horas de atividade complementar; Publicação de comunicação científica através de artigo ou capítulo de livro, a que se atribuirá 60 horas de atividade complementar para primeiro autor e 30 horas de atividade complementar para coautor. Em relação a resumo e resumo expandido será creditado ao autor principal 20 horas de atividade complementar para o autor principal, e 10 horas para coautor.

III - Grupo 3 - Atividades de Extensão: conjunto de atividades, eventuais ou permanentes, executadas de acordo com uma das linhas de ação do Departamento de Extensão da UNIFAP e contempladas no Plano Nacional de Extensão na condição de bolsistas ou colaborador, contabilizando o máximo de 120 horas.

- a) São consideradas atividades de extensão a participação em Projetos de Extensão do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas ou de outro Curso, devidamente registrado na Pró-Reitoria de Extensão e de Ações Comunitárias (PROEAC), da UNIFAP.
- b) As Atividades Acadêmicas de Extensão, que integram a matriz do curso, não podem ser aproveitadas para creditação em ACC.

IV - Grupo 4 - Participação em eventos de natureza artística, científica ou cultural – está representada pela presença do aluno em congressos, semanas acadêmicas, seminários, feiras, fóruns, oficinas, intercâmbio cultural, teleconferências, salão de artes, dentre outros, desde que compatíveis com o Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, contabilizando o máximo de 120 horas para presenciais e 60 horas para eventos online.

V - Grupo 5 - Produções Diversas: Será contemplada a criatividade do aluno, materializada por meio de *portfólio*, de projeto ou de plano técnico, de criação ou de exposição de arte, de vídeo, de filme, de protótipo, de material educativo, científico e cultural, de sítios na *internet*, de invento e de similares, desde que na área das ciências biológicas e áreas afins, totalizando carga-horária de 60 horas de atividade complementar.

VI - Grupo 6 -Ações Comunitárias: São aquelas que ocorrem pela participação do aluno em atividades de alcance social.

a) São consideradas ações comunitárias, dentre outras, prestar serviço a associações comunitárias, de trabalhadores e organizações não governamentais, desde que a atividade tenha relação com a área das Ciências Biológicas, totalizando, no máximo, 60 horas de atividade complementar.

VII - Grupo 7 – Representação Estudantil: reporta-se ao exercício de cargo de representação estudantil em órgãos colegiados.

a) São consideradas representações estudantis a representação de Turma com a participação nas Reuniões de Colegiado, com carga horária de 30 horas, a cada semestre; a representação no Centro Acadêmico e afins, com carga horária de 60 horas, por ano de gestão; a representação nos Conselhos Superiores da UNIFAP, com carga de 60 horas, a cada ano de gestão.

Art. 7º Caberá ao acadêmico desenvolver atividades complementares em, pelo menos, dois (2) dos sete (7) Grupos descritos no artigo 6º deste Regimento.

TÍTULO III - DOS CRÉDITOS

Capítulo I

DA SOLICITAÇÃO

Art. 8º Até trinta dias antes do término de cada semestre letivo, o aluno deverá protocolizar junto ao professor responsável pela componente curricular, em fotocópia, os comprovantes de participação ou de produção das Atividades Complementares, juntamente com a Ficha de Registro de Atividades Complementares, preenchida, em anexo.

§ 1º É obrigatório, no ato do protocolo, a apresentação dos comprovantes de participação ou de produção das Atividades Complementares em sua forma original, com vistas ao reconhecimento da autenticidade dos documentos fotocopiados.

§ 2º O simples protocolo dos comprovantes de Atividades Complementares não garantem créditos automáticos ao acadêmico, sua efetivação ocorrerá com a publicação da análise procedida pelo docente do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, ficando, posteriormente, disponível para consulta e ciência na Coordenação do Curso pelo prazo, máximo, de trinta (30) dias.

§ 3º Do resultado da análise realizada pelo docente responsável pelas Atividades Complementares caberá recurso ao Colegiado de Curso, no prazo, máximo, de cinco (5) dias, contados da data da publicação do resultado da análise.

TÍTULO IV

DAS DISPOSIÇÕES FINAIS

Art. 9º Cabe ao docente responsável em conjunto com a coordenação remeterem ao DERCA/UNIFAP para registro no Histórico Escolar do Acadêmico, quando da efetiva integralização da carga horária mínima estipulada na Matriz Curricular do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, referente às Atividades Complementares.

Art. 10. A ACC do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas ficará sob responsabilidade do professor coordenador de ACC.

Art. 11. Os casos omissos neste Regimento serão resolvidos pelo Coordenador do Curso e, em via recursal, pelo Colegiado do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas.

Art. 12. Este Regimento entra em vigor na data de sua aprovação.

APÊNDICE VI — REGULAMENTO DA ATIVIDADE ACADÊMICA DE EXTENSÃO

REGULAMENTO DA ATIVIDADE ACADÊMICA DE EXTENSÃO DO CURSO LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Estabelece regulamento para a Atividade Acadêmica de Extensão do Curso Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal do Amapá.

A Coordenação do Curso Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal do Amapá, no uso de suas atribuições legais, estatutárias e regimentais, amparadas pela Resolução CNE/CP N.º. 4 de maio de 2024 torna públicas as normas que regulamentam a Atividade Acadêmica de Extensão.

CAPÍTULO I DA DEFINIÇÃO

Art. 1º. A Atividade Acadêmica de Extensão (AAE) do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas é obrigatória, componente indispensável para a integralização do currículo, deverá ser desenvolvido em Instituições de Educação Básicas de acordo com o estabelecido na Resolução CNE/CP N. 4/2024, art. 13, item III e, em conformidade com a Resolução CNE/CP N. 7/2018.

CAPÍTULO II DOS OBJETIVOS

Art. 2º. A Atividade Acadêmica de Extensão tem os seguintes objetivos:

- Analisar, adequar/propor e executar metodologias de apoio para serem desenvolvidas no âmbito escolar;
- Discutir situações de ensino e aprendizagem em diferentes ambientes educacionais formais;
- Promover indivíduos mais atuantes na educação;
- Produzir projetos científicos educacionais com relevância social.

CAPÍTULO III

DA NATUREZA DA ATIVIDADE ACADÊMICA DE EXTENSÃO

Art. 3º. As Atividades Acadêmicas de Extensão do Curso Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal do Amapá, **totalizam 330 horas, com 22 créditos**, distribuídas do segundo ao quinto semestre.

Art. 4º. O Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal do Amapá, oferece no seu período letivo, como componente específico, as Atividades Acadêmicas de Extensão. Estas correspondem a conteúdos de integralização que implicam tanto o ensino em sala de aula quanto outras atividades acadêmicas, planejadas e flexíveis, contribuindo no processo formativo da identidade do professor como educador. Também é um instrumento de iniciação à pesquisa científico-educacional.

Art. 5º. As Atividades Acadêmicas de Extensão do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, estão organizadas nos componentes Atividades Acadêmicas de Extensão I, II e III, com carga horária de 105h, 120h e 105h, respectivamente.

Parágrafo único. As AAE's do curso devem estar associadas a projetos de extensão devidamente registrados no Departamento de Extensão-DEX.

CAPÍTULO IV

DAS ETAPAS DA ATIVIDADE ACADÊMICA DE EXTENSÃO

Art. 6º. A Atividade Acadêmica de Extensão, como componente curricular do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, será composta das seguintes etapas:

- **Atividades Acadêmicas de Extensão I** – Desenvolvimento e execução de metodologias ativas e de apoio, construção de atividades pedagógicas para o auxílio das aulas do professor supervisor executadas em forma de monitoria com acompanhamento (sem regência). Promovendo à integração entre os conhecimentos teóricos adquiridos nas disciplinas pedagógicas e específicas e sua aplicação prática no contexto do ensino de ciências e biologia, a ser ofertada no segundo semestre, totalizando 105 horas.

- **Atividades Acadêmicas de Extensão II** – Realizar a inter-relação entre a diversidade biológica e a diversidade de sistemas socioculturais. Promover a integração dos discentes com o ambiente escolar, possibilitando a participação ativa. Desenvolvimento e

execução de metodologias ativas e de apoio para o auxílio das aulas do professor supervisor executadas em forma de monitoria com acompanhamento (sem regência), a ser ofertada no terceiro semestre, totalizando 120 horas.

- **Atividades Acadêmicas de Extensão III** – Desenvolver habilidades para planejamento, organização, confecção e avaliação de atividades didáticas inclusivas, contribuindo para a formação de professores críticos e reflexivos que possam atender às necessidades de diferentes perfis de estudantes, especialmente no contexto da inclusão educacional, a ser ofertada no quinto semestre, totalizando 105 horas.

Para a promoção da equidade serão estimuladas a adoção de métodos de ensino diferenciados que reconheçam as necessidades e formas de aprendizagem individuais, incluindo a adaptação de materiais de ensino e a utilização de tecnologias educacionais motivadoras para o auxílio das aulas do professor supervisor executadas em forma de monitoria com acompanhamento (sem regência). Igualmente serão desenvolvidas e executadas metodologias ativas e de apoio para o auxílio das aulas do professor supervisor realizadas em forma de monitoria com acompanhamento (sem regência).

Art. 8º. As Atividades Acadêmicas de Extensão como componente curricular do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, poderá atender as seguintes etapas:

- **Levantamento, Caracterização e Diagnóstico da escola campo** – será realizado o levantamento na escola campo do alunado para a posteriori a proposição das metodologias de apoio e atividades pedagógicas.

- **Orientação e Construção do Plano de Trabalho** – serão realizadas pesquisas bibliográficas com atividades pedagógicas para a proposição de metodologias ativas e de apoio para a elaboração do Plano de Trabalho. Apresentação das propostas ao professor do componente.

- **Construção e execução** – confecção de atividades, dinâmicas e experimentos. Execução na escola campo das metodologias e atividades pedagógicas propostas no Plano de Trabalho. Com registro detalhado das atividades.

- **Socialização dos Resultados Avaliação e Autoavaliação** – entrega de relatório de atividades ao professor da Atividade Acadêmica de Extensão com apresentação dos resultados, avaliação e autoavaliação.

§ 1º A seleção da escola campo para a execução da Atividade Acadêmica de Extensão será realizada a partir da lista de entidades indicadas pela DCRAE/UNIFAP para compor o Banco de Instituições com potencial para o desenvolvimento das atividades.

CAPÍTULO V

DO ACOMPANHAMENTO E DA AVALIAÇÃO DA ATIVIDADE ACADÊMICA DE EXTENSÃO

Art. 9º. A Atividade Acadêmica de Extensão deve ser acompanhada por 01 (um) docente, indicado pela Coordenação do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, intitulado de professor coordenador.

§ 1º O acompanhamento da Atividade Acadêmica de Extensão deve ser contínuo, recaindo sobre todas as etapas de que trata o Capítulo IV deste regulamento, sempre na observância do cronograma de execução das atividades.

§ 2º A critério do professor coordenador da Atividade Acadêmica de Extensão, poderá ser convidado docentes do curso para colaborarem com a execução.

Art. 10º. A avaliação da Atividade Acadêmica de Extensão deve obedecer aos critérios a serem considerados pelo Curso tais como:

- Entrega da Ficha de Levantamento, Caracterização e Diagnóstico da Escola campo;
- Entrega do Plano de Trabalho;
- Entrega de Relatórios com resultados e avaliação.
- No desfecho das AAE ocorrerá a socialização das atividades desenvolvidas na escola, o professor coordenador poderá convidar outros docentes para participar da socialização e avaliação.
- Frequência integral na realização das atividades desenvolvidas na escola campo com a entrega de declaração com o cumprimento da carga horária estabelecida pelo professor coordenador.

CAPÍTULO VI

DOCUMENTAÇÃO DA ATIVIDADE ACADÊMICA DE EXTENSÃO

Art. 11. Os componentes curriculares da AAE será regido pelos seguintes documentos:

a) Ofício endereçado à escola: documento que informa a escola, quais discentes ou grupo de alunos envolvidos na AAE.

b) Ficha de Levantamento, Caracterização e Diagnóstico: documento que detalha as características do alunado para ser realizado o planejamento das atividades ou ações de extensão a serem aplicadas.

c) Modelo de Construção e formatação do Plano de Trabalho que será aplicado na escola campo.

d) Modelo de declaração com o cumprimento da carga horária estabelecida pelo professor coordenador do componente emitida e assinada pelo diretor da escola.

e) Modelo de relatório com o detalhamento dos resultados, avaliação e autoavaliação da execução das metodologias de apoio e atividades pedagógicas aplicadas na escola campo.

CAPÍTULO VII

DAS ATRIBUIÇÕES DOS ENVOLVIDOS NA ATIVIDADE ACADÊMICA DE EXTENSÃO

Art. 12. São atribuições da Coordenação do Curso Licenciatura em Ciências Biológicas:

- Gerenciar em nível macro as ações relacionadas a AAE, no seio do Curso;
- Indicar o professor supervisor responsável pela AAE;
- Deliberar sobre situações-problema que venham a ser formalmente apresentadas pelo professor supervisor;

Art. 13. São atribuições do professor coordenador:

- Elaborar documentos de Referência, disciplinador da AAE no âmbito do Curso, observando as peculiaridades do itinerário formativo;
- Coordenar e avaliar, em nível macro, o desenvolvimento da AAE prevista para o semestre letivo;
- Formalizar ao Colegiado de Curso toda e qualquer situação-problema configurada durante a execução da AAE e que esteja fora de sua competência, visando à correção de rumos;
- Participar, juntamente com a Coordenação do Curso, das avaliações periódicas sobre a AAE;
- Elaborar Plano de Curso para o desenvolvimento do componente AAE, fundamentado na Resolução n.º. 4/2024 CNE/CP;
- Apresentar e encaminhar, oficialmente, os acadêmicos para as escolas campo onde será executado o Plano de Trabalho;
- Orientar, auxiliar no planejamento das metodologias de apoio, conduzir a construção das atividades pedagógicas e avaliar, pontualmente, o desenvolvimento da AAE que esteja sob sua responsabilidade dentro do semestre letivo;

- Encaminhar, semestralmente, à Coordenação do Curso, os Relatórios Consolidados das ações desenvolvidas pelos discentes na AAE para arquivamento em um banco de dados;

Art. 14. São atribuições do Discente:

- Cumprir as AAE em todas as suas etapas constitutivas;
- Demonstrar responsabilidade e organização no desenvolvimento da AAE;
- Atender às normas da escola campo de AAE;
- Participar das avaliações de desempenho individual e coletivo, sempre que solicitado;
- Manter atitude ético-profissional no desempenho de todas as atividades da AAE.

CAPÍTULO VIII

DO SEGURO, DO AUXÍLIO TRANSPORTE E DE OUTROS BENEFÍCIOS

Art. 15. Quando se tratar de AAE realizada em instituições públicas, alternativamente o seguro poderá ser contratado pela UNIFAP.

CAPÍTULO IX

DAS DISPOSIÇÕES FINAIS

Art. 16. A jornada diária destinada a AAE será definida de comum acordo entre a escola campo e/ou professor coordenador, devendo ser compatível com as atividades acadêmicas do discente.

Art. 17. Os casos omissos na presente Regulamentação serão resolvidos pelo colegiado do Curso de Ciências Biológicas, devidamente calcada nas determinações emanadas dos Órgãos Colegiados da UNIFAP.

Art. 18. Esta Normatização entra em vigor na data da sua aprovação, revogadas as disposições em contrário.

ANEXOS DAS ATIVIDADES ACADÊMICAS DE EXTENSÃO

ANEXO I - MODELO DA FICHA DE LEVANTAMENTO, CARACTERIZAÇÃO E DIAGNÓSTICO DA ESCOLA CAMPO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

FICHA DE LEVANTAMENTO, CARACTERIZAÇÃO E DIAGNÓSTICO DA ESCOLA

MACAPÁ-AP

ANO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

FICHA DO DISCENTE

IDENTIFICAÇÃO DO (A) DISCENTE

RG:

ESCOLA:

PROF. (A) COORDENADOR (A):

PROF. (A) COOPERADOR (A):

FICHA DE LEVANTAMENTO, CARACTERIZAÇÃO E DIAGNÓSTICO DA ESCOLA

Identificação da Escola Campo:

- 1.1. Nome:
- 1.2. Endereço:
- 1.3. Fone:
- 1.4. Aspectos legais:
 - 1.4.1. Ato de criação:
 - 1.4.2. Portaria de autorização ou reconhecimento:
- 1.5. Condições materiais da escola (localização, instalação, equipamento, iluminação);
- 1.6. Regime de funcionamento e horários:
- 1.7. Níveis e modalidade de ensino:
 - () Ensino fundamental anos iniciais
 - () Ensino fundamental anos finais
 - () Ensino médio
 - () Regular () EJA

Outros dados:

- 2.1. Diretor: Telefone:
- 2.2. Secretário Escolar: Telefone:
- 2.3. Secretário Administrativo:
- 2.4. Supervisor Pedagógico:
- 2.5 Orientador Educacional:
- 2.6. Bibliotecária (o):
- 2.7. Professor Cooperador:

Proposta Pedagógica da Escola:

- 3.1. A escola possui um projeto de trabalho? SIM () NÃO ()

COMENTE:

- 3.2. A escola desenvolve alguma atividade junto à família do educando? Em caso afirmativo, descreva:

3.3. Funcionamento de Grêmio Estudantil (especificar o funcionamento):

3.4. Assistência alimentar – merenda (descrever como, por quem, quando é realizada e a origem dos recursos):

3.5. Outras atividades desenvolvidas pela escola.

3.6. Calendário cívico escolar (datas que a escola comemora).

3.7. Currículo escolar (áreas e componentes curriculares oferecidos pela escola, inclusive atividades extraclases).

Dados Da Secretaria:

4.1. Condições gerais da secretaria (infraestrutura, mobiliário e organizacional do arquivamento de documentação - banco de dados):

4.2. Funcionários pertencentes à secretaria:

4.3. O grau de escolaridade dos funcionários?

4.4. Descrever as atividades realizadas pela secretaria.

PARA A ATIVIDADE ACADÊMICA DE EXTENSÃO I

Observação em sala de aula:

5.1. Classe observada (como é o mobiliário, a iluminação, o espaço, a conservação).

5.2. Números de estudantes da classe observada:

5.3. Assuntos das aulas observadas

5.4. Atuação do professor (métodos, técnicas, material didático, relacionamento com os estudantes, atendimento aos estudantes com dificuldades de aprendizagem, tipo de linguagem, tipo de liderança).

5.5. Procedimento de avaliação

5.6. Características dos estudantes (como é a disciplina, a participação)

5.7. Os estudantes demonstram interesse nas aulas?

5.8. Outras observações.

Caracterização do laboratório:

RESPONSÁVEL PELO LABORATÓRIO: _____

TIPO DE LABORATÓRIO QUE A ESCOLA POSSUI:

() Laboratório Multidisciplinar

() Laboratório de Ciências

() Laboratório de Informática

OBS: Descrever todos os laboratórios existentes na escola campo.

6.1. Quais as condições gerais do laboratório (descrever):

Instalação:

Equipamentos:

Iluminação:

6.2. Descrever os equipamentos que estão funcionando:

6.3. Possui material de consumo necessário?

6.4. Existe funcionário exclusivo do laboratório?

6.5. Descrever a clientela atendida pelo laboratório:

6.6. Descrever as atividades práticas realizadas (títulos) no laboratório:

Caracterização da biblioteca:

7.1. Descrever as instalações e a proposta da biblioteca:

7.2. Faça um relato de sua atuação na biblioteca (levantamento da literatura específica, livros didáticos, paradidáticos, literatura clássica nacional).

7.3. Há sala de leitura? Descreva o seu funcionamento.

7.4. O acervo bibliográfico atende bem a comunidade escolar?

7.5. Como o trabalho da biblioteca contribui para o desenvolvimento das atividades na escola?

PARA A ATIVIDADE ACADÊMICA DE EXTENSÃO II

Realizar levantamento dos projetos realizados na escola sobre biodiversidade

Realizar observação em sala de aula do uso da temática biodiversidade:

Entrevistar o professor sobre o uso da temática biodiversidade na disciplina de ciências/biologia.

5.3. Descrever as atividades e/ou projetos em que a escola desenvolve a relação entre a diversidade biológica, os sistemas agrícolas tradicionais

(agrobiodiversidade) e o uso e manejo destes recursos junto com o conhecimento e cultura das populações tradicionais e/ou agricultores familiares.

5.4. Outras observações.

6. Espaço verde

6.1. A escola possui uma horta ou jardim? Caso contrário há espaço para a construção?

6.2. Descreva as condições gerais do espaço disponível

6.3. A escola possui recurso humano para o desenvolvimento de atividades agrícolas?

6.4. Possui recurso financeiro para a manutenção dessas atividades?

PARA A ATIVIDADE ACADÊMICA DE EXTENSÃO III

Levantamento dos estudantes com deficiência matriculados na escola

Quantitativo de estudantes com deficiência que possuem laudo.

Elencar os tipos de deficiência mais comuns na escola.

A escola realiza algum auxílio pedagógico à família de estudantes que apresentam alguma deficiência?

A escola participa na identificação de estudantes que apresentam alguma deficiência? Como?

A escola auxilia no encaminhamento de estudantes que apresentam dificuldade no desempenho escolar para um eventual diagnóstico? Como?

Descreva as atividades e/ou projetos que a escola desenvolve para realizar a inclusão escolar de estudantes com deficiência.

Outras observações:

6. Sala de Atendimento Educacional Especializado

6.1. Descreva se há sala para atendimento educacional especializado, caso positivo descreva o seu funcionamento

6.2. Descreva as condições gerais do espaço disponível (infraestrutura e mobiliário).

7. Sala de Aula Comum

7.1. Descreva como ocorre a inclusão de estudantes com deficiência na sala de aula.

7.2. Descreva quais metodologias de apoio o professor de ciências/biologia utiliza para realizar a inclusão.

7.3. Descreva quais atividades pedagógicas o professor usa e em quais conteúdos são aplicados para atender as especificidades do estudante com deficiência.

7.4. Outras observações:

ANEXAR

PLANO DE ENSINO DA ESCOLA

DATA:

ESCOLA:

DISCIPLINA:

ASSUNTOS:

ANOS:

TURMA:

DURAÇÃO:

OBJETIVOS:

GERAIS:

ESPECÍFICOS:

CONHECIMENTOS:

ESTRATÉGIAS (motivação, métodos ou técnicas de ensino, recursos materiais e humanos):

AVALIAÇÃO:

ANEXO II-DECLARAÇÃO DE HORAS DA ATIVIDADE ACADÊMICA DE EXTENSÃO

DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins que o (a) acadêmico (a) _____, matricula _____, frequentou regularmente, desenvolveu e desempenhou as atividades referentes à disciplina Atividade Acadêmica de Extensão ___ nesta instituição, cumprindo carga horária de XX horas.

Macapá-AP, _____ / _____ / _____

Diretor da Escola (nome completo da escola)

ANEXO III– MODELO DE PLANO DE TRABALHO



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

(TÍTULO)

MACAPÁ/AP

ANO

NOME DO ACADÊMICO

(TÍTULO)

Plano de Trabalho apresentado
ao colegiado de Ciências Biológicas
como avaliação para AAE__.

MACAPÁ/AP

ANO

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

JUSTIFICATIVA

OBJETIVOS

3.1 Objetivo Geral

3.2 Objetivos Específicos

MATERIAL E MÉTODOS

4.1 Caracterização da Área de Estudo

4.2 Caracterização da sala de aula

4.3 Caracterização do público-alvo

4.4 Conteúdos selecionados para aplicação de material de apoio

4.5 Atividades pedagógicas

RESULTADOS DA APLICAÇÃO DO MATERIAL DE APOIO E ATIVIDADES
PEDAGÓGICAS

AVALIAÇÃO E AUTOAVALIAÇÃO DO MATERIAL DE APOIO E ATIVIDADES
PEDAGÓGICAS

BIBLIOGRAFIA

ANEXOS

INTRODUÇÃO

Apresentação referente ao tema da AAE que será trabalhado na escola campo. Deve ser referenciado.

JUSTIFICATIVA

Justificativa, Considerações Gerais sobre o tema da AAE, detalhar aspectos importantes a partir da leitura de outros trabalhos.

Pode ser referenciado.

OBJETIVOS

Utilizar verbos no infinitivo. Deve ser dividido em **Geral** e **Específicos**.

O objetivo geral está relacionado ao foco central do trabalho com uma abordagem ampla.

Os objetivos específicos deverão detalhar tudo que se pretende alcançar com a implantação do plano de trabalho.

MATERIAL E MÉTODOS

A caracterização da área de estudo são dados pertinentes a escola campo, como localização, portaria de criação e regulamentação, horários de funcionamento, níveis e modalidade de ensino.

Além desse subtópico deverão conter outros detalhando as fases do plano de trabalho, materiais de apoio e atividades pedagógicas que serão desenvolvidas na escola campo.

RESULTADOS DA APLICAÇÃO DO MATERIAL DE APOIO E ATIVIDADES PEDAGÓGICAS

Descrever como foi a aplicação do material planejado na escola campo a aceitação pelos estudantes e professor cooperador.

AVALIAÇÃO E AUTOAVALIAÇÃO DO MATERIAL DE APOIO E ATIVIDADES PEDAGÓGICAS

Realizar uma avaliação crítica com base na literatura sobre o desenvolvimento das atividades e a aceitação dos estudantes.

Realizar uma autoavaliação dos aspectos positivos e negativos durante a execução de todas as fases da AAE.

Pode ser referenciado.

BIBLIOGRAFIA

Toda a Literatura pesquisada e citada para a elaboração do Plano de Trabalho deverá constar na Bibliografia.

Seguir as normas da ABNT para citações e referências.

ANEXOS (opcional)

Tudo que julgar importante incluir no trabalho.

APÊNDICES (opcional)

Tudo que julgar importante incluir no trabalho.

NORMAS DE FORMATAÇÃO

A folha de papel deve ter o formato A-4 (210 mm x 297 mm) e de cor branca, conforme exigência da NBR 6030/80.

Cada tópico deve iniciar em uma nova lauda (**Introdução, Justificativa, etc.**).

As **margens** devem respeitar as seguintes dimensões, a partir da borda do papel: superior: 2,5 cm; inferior: 2,5 cm (ela poderá ficar acima desta medida, mas nunca abaixo); esquerda: 3,5 cm; e direita: 2,5 cm;

O texto deve ter as **margens justificadas**.

A **fonte** deve ser **Times New Roman**, em **tamanho** doze (12) e com espaçamento normal entre os caracteres.

O **espaçamento entre linhas** deve ser 1,5. Somente no item: Bibliografia e em notas de rodapé, utiliza-se fonte tamanho dez (10) e espaçamento simples entre linhas.

Os **parágrafos** devem iniciar a cinco espaços da margem, ou seja, a 1,2 centímetros definidos pela marca de tabulação. Entre o **término de um parágrafo e o início** de outro **não** é necessário **deixar espaçamento**. No entanto, os **títulos e subtítulos** devem estar **separados do texto por um espaço equivalente a duas linhas**.

A **paginação** é sequencial, a partir da folha de rosto. Os números são anotados em algarismos arábicos, a 1,5 cm da borda superior do papel e a 1,5 cm do início do texto. Os algarismos devem aparecer no centro ou à direita, sem nenhum destaque.

As páginas de rosto, de sumário e as que iniciam com título **não recebem número, mas são contadas**. Podem ser utilizados algarismos romanos minúsculos, centrados na margem inferior, para as folhas que compõem o pré-texto (folha de rosto, de agradecimentos, dedicatória, resumo, epígrafe, sumário). **Neste caso, a numeração em romano é independente da numeração em arábico**, ou seja, uma não deve continuar a outra. Desta forma, inicia-se a contagem em arábico a partir da página de introdução.

ANEXO IV – FICHA DE AAE E DIÁRIO DE FREQUÊNCIA**FICHA DE ATIVIDADE ACADÊMICA DE EXTENSÃO****Dados do Discente**

Nome:

Contatos:

Telefone:

Professor Cooperador da Atividade Acadêmica de Extensão

Nome do Professor:

Formação e ano de conclusão:

Pós-graduação:

Anos que leciona:

Disciplina que leciona:

Contato:

Escola de Atividade

Nome da Escola:

Endereço:

Contato:

Nome do Orientador e/ou Supervisor Pedagógico:

Contato:

FICHA DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS DURANTE A AAE: _____

Discente: _____

Município: _____

Nome da Escola: _____

DATA	HORA		HORAS	TURMA	ATIVIDADES DESENVOLVIDAS	Assinatura do Professor Coordenador
	Entrada	Saída				

Carga Horária: _____

Professor Colaborador

Professor Coordenador da
Disciplina

APÊNDICE VII — REGULAMENTO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

REGULAMENTO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DO CURSO LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS DA UNIFAP

Estabelece as diretrizes para
Elaboração e Apresentação do Trabalho de
Conclusão de Curso Licenciatura em Ciências
Biológicas da Universidade Federal do
Amapá.

O Colegiado Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal do Amapá, no uso de suas atribuições legais, estatutárias e regimentais, amparadas pela Resolução N°. 11/2008 – CONSU/UNIFAP, torna públicas as normas que regulamentam o Trabalho de Conclusão de Curso.

CAPÍTULO I

Da Definição

Art. 1. O Trabalho de Conclusão de Curso é uma atividade que apresenta um conjunto de conhecimentos sobre um ou mais temas de estudo, prática de ensino, pesquisa e extensão relevantes para a formação do licenciado em Ciências Biológicas. O TCC resulta de um processo de investigação científica desenvolvido pelos acadêmicos, dentro de uma das linhas de pesquisa definidas pelo Colegiado, visando ao aprofundamento de determinada temática voltada ao ensino.

Art. 2. O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) possui carga horária total de 60 horas e está dividido em:

- a) TCC1 - Disciplina de 30 horas a ser ofertada no 6º semestre, com o objetivo de permitir a qualificação dos projetos;
- b) TCC2 - Componente em Atividade Livre (módulo livre) de 30 horas, com o objetivo de defesa do projeto final.

§ 1º Tanto o TCC1 quanto o TCC2 são entendidos, nos termos deste Regulamento, como componentes obrigatórios para o curso de Licenciatura em Ciências Biológicas.

§ 2º O TCC poderá ser desenvolvido em qualquer área do conhecimento, tema ou conceito que se relacione com a docência em Ciências Biológicas.

CAPÍTULO II

Dos Objetivos

Art. 3. O TCC tem como objetivo prover iniciação em atividades de pesquisa, viabilizando a relação integradora e transformadora entre os saberes apropriados pelos acadêmicos durante a realização do Curso.

CAPÍTULO III

Das Modalidades

Art. 4. Das modalidades estabelecidas na Resolução N. 11/2008-CONSU/UNIFAP só serão aceitas as modalidades Monografia e Artigo Científico.

Parágrafo único: As diretrizes para redação do Trabalho de Conclusão de Curso estão listadas no anexo D.

CAPÍTULO IV

Do Processo de Inscrição no TCC

Art. 5. O discente deverá estar devidamente matriculado no componente curricular TCC1 ou TCC2.

Parágrafo Único: As normas do TCC1 serão definidas de acordo com o planejamento do (a) docente responsável pela disciplina ou comissão de TCC.

Art. 6. Para inscrever-se no TCC1, o discente deverá apresentar ao docente coordenador do componente, o Termo de Concordância de Orientação (Anexo A).

Art. 6. No caso de, por motivos justificáveis, haver necessidade de alteração ou mudança de projeto, o novo projeto e as justificativas deverão ser encaminhadas pelo Orientador ao Colegiado do Curso para análise.

Art. 7. Quando se fizer necessária a troca de orientador durante a disciplina, a justificativa deverá ser encaminhada ao Colegiado do Curso pelo Orientador. Neste caso, o

discente passará a ser orientado por novo orientador, conforme a área do projeto. O discente deverá apresentar ao docente Coordenador de TCC2, a carta de aceitação do novo orientador e o novo projeto (Anexo AB).

CAPÍTULO V

Do Processo de Orientação

Art. 8. A orientação do TCC deverá ser conduzida por docente efetivo da UNIFAP e dependendo da especificidade do tema, admitir-se-á a possibilidade de coorientação.

§ 1º - A orientação poderá ser feita por docente não pertencente ao quadro de pessoal da UNIFAP, desde que previamente credenciado pelo Colegiado do Curso, obedecendo os seguintes critérios:

- a) O orientador (a) deverá ser Licenciado em Ciências Biológicas, possuindo no mínimo especialização, ou Bacharelado em Ciências Biológicas ou áreas afins, possuindo no mínimo Mestrado;
- b) O orientador (a) deverá estar vinculado (vínculo empregatício) à instituição de Ensino Superior, e/ou instituição de Pesquisa quando esse (a) for externo à UNIFAP;
- c) O orientador (a) deverá atuar na mesma área de pesquisa do TCC o qual irá orientar;
- d) O Orientador(a) deverá assinar um termo de compromisso (Anexo A).

§ 2º - Mudança de orientação só poderá ocorrer com a devida autorização do (a) coordenador(a) do TCC ou Comissão de TCC, mediante solicitação formal.

§ 3º - Para admissão de coorientação, fica sobre responsabilidade do orientador a formalização da coorientação, a qual deverá ser encaminhada ao coordenador ou Comissão de TCC.

CAPÍTULO VI

Do Processo de Elaboração e Atribuições do TCC

Art.9. O (A) Docente Coordenador (a) de TCC1 conduzirá os acadêmicos nos aspectos legais (Normas, Regimentos, Resoluções).

Art. 10. O discente será responsável pela construção e desenvolvimento dos TCC1 e TCC2, seguindo as diretrizes para redação do trabalho de conclusão de curso (Anexo D).

Art. 11. O TCC1 deverá ser redigido e qualificado no formato projeto de pesquisa, obedecendo as normas da ABNT vigente.

Art. 12. O TCC2 deverá ser redigido e apresentado no formato de projeto, obedecendo as normas da ABNT vigente, na modalidade monografia. Na modalidade Artigo Científico, o TCC2 deverá obedecer às normas das revistas e modelo de apresentação definido pela Comissão de TCC.

Art. 13. O TCC2 deverá ser entregue, pelo acadêmico, para o (a) Docente Coordenador(a) deste componente, em 03 (três) vias impressas e em meio digital (no formato .PDF), na data estipulada pelo (a) Docente Coordenador(a) do TCC2. O Docente Coordenador de TCC2 encaminhará as cópias aos membros avaliadores.

CAPÍTULO VII

Do Processo de Avaliação do TCC

Art. 14 O TCC 1 seguirá a sistemática de avaliação adotada pela UNIFAP, onde o aluno deverá apresentar o pré-projeto de TCC a ser aprovado por banca avaliadora.

Art. 15 A banca avaliadora da qualificação do TCC 1 será definida pelo professor(a) responsável por este componente curricular e deverá ser composta por 3 (três) membros do colegiado. Sendo um deles, obrigatoriamente, o professor(a) responsável pelo componente.

Art 16 O TCC 2 deverá ser avaliado por 02 (dois) membros, sendo 01 (um) obrigatoriamente do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da UNIFAP-Campus Marco Zero.

Art. 17 A banca avaliadora será constituída, além do orientador-presidente, por 02 (dois) membros titulares e 01 (um) membro suplente, com a indicação dos membros pelo orientador e pelo discente orientando. Os nomes dos membros dessa banca deverão ser encaminhados no ato da entrega do TCC 2 ao Docente Coordenador do TCC 2.

§ 1º Admitir-se-á a possibilidade de avaliador externo, desde que previamente autorizado pelo Docente Coordenador de TCC 2.

§ 2º Uma vez avaliado o trabalho, os avaliadores encaminharão ao Docente Coordenador de TCC 2 as fichas de avaliação contendo a nota do discente avaliado (Anexo C).

Art. 18 A não entrega do TCC 2 para o processo de avaliação no tempo previsto implicará em reprovação.

Art. 19 Para efeito de aprovação do TCC 1 e 2, a média final deverá observar o estipulado na sistemática de avaliação adotada pela UNIFAP.

Parágrafo único: A média final do TCC 2 deverá ser o resultado da média aritmética simples extraída das notas atribuídas pelos dois avaliadores integrantes da Banca.

Art. 20 O processo de avaliação descrito neste capítulo será aplicado para todas as modalidades descritas no Art. 3 deste regimento.

Art. 21 No prazo máximo de 30 (trinta) dias corridos, a contar da data de apresentação do TCC, cabe ao(s) discente(s) encaminhar ao Orientador a versão final do trabalho, em meio digital, formato PDF, incorporando as sugestões da Banca, quando houver.

CAPÍTULO VIII

Das Disposições Finais

Art. 22 Discentes atendidos pelo NAI/UNIFAP, poderão ter prazos e critérios de avaliação adaptados, desde que devidamente solicitado pelo Orientador e aprovado pelo NDE do curso.

Art. 23 O TCC (TCC1 e TCC2) que tenha como sujeito de pesquisa seres humanos deverão ter os projetos de origem submetidos à apreciação do Comitê de Ética e Pesquisa da UNIFAP.

Art. 24 A nota final do TCC2 somente será inserida no sistema SIGAA pelo Coordenador do componente, após a entrega da versão Final à biblioteca da UNIFAP, pelo discente, para efeito de publicação.

Art. 25 Os casos omissos na presente Resolução serão resolvidos pelo Colegiado do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas.

Art. 26 Este regulamento entra em vigor na data da sua aprovação.

ANEXOS DO REGULAMENTO DO TCC

ANEXO A – FORMULÁRIO DE INSCRIÇÃO DO PROJETO DE TCC

FORMULÁRIO DE INSCRIÇÃO DO PROJETO DE TCC

Matrícula /Acadêmico):

1

Turma: _____

Título:

--

Eixo Temático/Linha de Pesquisa:

Campo Reservado ao(s) acadêmicos	Campo Reservado ao Colegiado
Nome do (s) Avaliadores (s) sugerido (s)	Nome do (s) Avaliadores (s) homologado (s)
1.	1.
2.	2.
Suplente:	Suplente:

Local de data da homologação: _____, ____/____/____

Assinatura do (a) orientador (a): _____

Assinatura do (a) Coorientador (a): _____

Assinatura do (a) Coordenador (a) do TCC: _____

ANEXO Aa- Carta Aceite do Orientador**CARTA ACEITE**

Eu, _____, comprometo-me em prestar orientação ao (s) acadêmico (s) _____, do curso de graduação de Ciências Biológicas da UNIFAP, sobre o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado _____, estando ciente das obrigações decorrentes do presente termo e de que não receberei ajuda de custo.

Macapá-AP, ____/____/____

Assinatura do Orientador

ANEXO B – FORMULÁRIO DE AVALIAÇÃO**FICHA DE AVALIAÇÃO**

Título: _____

Orientador (a):

Acadêmicos (as):

1.

ITENS EM JULGAMENTO PELO AVALIADOR

APRECIÇÃO	0-10
1. Apresentação formal ou Técnica	
2. Resumo e Abstract	
3. Introdução	
4. Material e Métodos utilizados	
5. Análise e discussão dos resultados	
6. Análise da Conclusão	
8. Organização bibliográfica	
9. Valor científico para a Educação	
Total (soma dos 9 itens divididos por 9)	

NOTA FINAL

--

Macapá-AP, _____ / _____ / _____

Avaliador

ANEXO AB

FORMULÁRIO PARA MUDANÇA DE ORIENTADOR

Eu, _____,
Matrícula _____ aluno(a) regularmente matriculado(a) no Curso de Graduação em Licenciatura
em Ciências Biológicas, sob a orientação do(a) Prof.(a)
Dr.(a) _____, venho solicitar a **mudança de orientador** para o(a) Prof.(a) Dr.(a) _____, conforme entendimentos mantidos entre os referidos professores.

Macapá, _____ de _____ de _____

.....

Assinatura do aluno

.....

Assinatura do orientador atual

.....

Assinatura do futuro orientador

APÊNDICE VIII – DIRETRIZES DE MONITORIA DO CURSO LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Regulamenta o PROGRAMA DE MONITORIA do curso de graduação em Ciências Biológicas da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP

O colegiado do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal do Amapá –UNIFAP, considerando:

Que o exercício da monitoria visa propiciar condições que favoreçam o desenvolvimento acadêmico e pessoal dos discentes de graduação, através de colaboração na organização das atividades de ensino, articuladas com as de pesquisa e extensão, resolve instituir as DIRETRIZES DE MONITORIA DO CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS conforme o Regimento da UNIFAP, artigos 211 a 214 e a Resolução nº028/1994 - CONSU/UNIFAP.

Art.1 A Monitoria consiste na colaboração prestada pelo discente ao professor, no desenvolvimento de suas atividades docentes.

Art. 2 Constituem objetivos da Monitoria:

- I – Estimular, no discente, o interesse pela atividade docente;
- II – Intensificar a cooperação entre corpo docente e o discente, nas atividades de ensino, pesquisa e extensão;
- III – contribuir para a melhoria do ensino de graduação.

Art. 3 A Monitoria poderá se desenvolver nas seguintes condições:

- I – Durante as aulas, de conformidade com a natureza do componente ou da metodologia utilizada pelo professor para o desenvolvimento de determinado conteúdo, desde que o monitor seja discente de outra série e/ou turma ou da mesma série/turma em situação excepcional;

II – Organização de atividades extraclasse orientadas pelo professor, destinadas ao aprofundamento do conteúdo, através de estudo dirigido, pesquisas, resolução de exercícios etc.

Art. 4 Para o cumprimento de suas funções, o monitor deverá:

I- Aprofundar seus estudos dos componentes(s) s que constitui(em) objeto da monitoria;

II- Auxiliar na preparação e realização das atividades desenvolvidas em sala de aula, de conformidade com o inciso I do artigo 3;

III- Auxiliar na preparação e realização das atividades extraclasse indicadas pelo professor.

Art. 5 Poderão candidatar-se à monitoria, os discentes regularmente matriculados no Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da UNIFAP.

Art. 6 O exercício da monitoria não estabelece vínculo empregatício entre os discentes monitores e a Universidade Federal do Amapá- UNIFAP.

Art. 7 Caberá ao PROFESSOR, solicitar a colaboração de um ou mais monitores por meio de requerimento dirigido ao Coordenador do respectivo curso.

Parágrafo único. No mencionado requerimento, o PROFESSOR deverá especificar a atividade a ser desenvolvida pelo monitor, bem como os objetivos, os recursos necessários, a carga horária prevista e demais informações adicionais.

Art. 8 Após o deferimento do pedido, o professor procederá à seleção do monitor após a análise de seu currículo escolar e entrevista.

Art. 9 Os horários de atendimento do monitor não poderão coincidir com o das atividades discentes das disciplinas em que ele estiver matriculado.

Art. 10 Ao final de cada atividade, o monitor deverá apresentar ao PROFESSOR, relatórios detalhados das atividades desenvolvidas e dos resultados alcançados, bem como sugestões para o aprimoramento delas.

Parágrafo único. O PROFESSOR deverá encaminhar os relatórios à Secretária da Coordenadoria do Curso, a quem caberá fazer o registro necessário e a expedição do certificado de monitoria para o aluno.

Art. 11 Ao final de cada atividade, o monitor será avaliado pelo PROFESSOR e pelos monitorados.

§ 1º O resultado da avaliação será determinante para a manutenção de sua condição de monitor.

§ 2º Em caso de uma avaliação negativa ou desistência do monitor, os excedentes do processo seletivo serão convocados.

Art. 12 A monitoria, desenvolvida de acordo com o artigo 3º desta Resolução, será computada como Atividade Complementar, mediante a apresentação do respectivo certificado.

Art. 14 Os casos omissos serão resolvidos pelo Colegiado de Curso de Ciências Biológicas.

Esta Norma atualizada entra em vigor a partir da data de sua aprovação.

ANEXOS DA MONITORIA**ANEXO I- PLANO DE ATIVIDADES DO MONITOR DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
PLANO DE ATIVIDADES DO MONITOR DE CIÊNCIAS
BIOLÓGICAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ**

Ano Do Programa Plano N°

DISCIPLINA*- () 1° Semestre; () 1° e 2°; () Anual; () só 2° Semestre;

*As datas são determinadas dependendo do período a disciplina for ministrada em conta o CALENDÁRIO DO ANO LETIVO DE ANUAL DA UNIFAP.

CURSO:	
DISCIPLINA:	CÓDIGO:
DISCIPLINA EQUIVALENTE CURSADA:	CÓDIGO:
PROF. ORIENTADOR:	N° MATRÍCULA:
MONITOR:	N° MATRÍCULA:

Objetivos do Professor Orientador:

Atividades a serem desenvolvidas pelo Monitor:

Macapá-AP, ____ / _____ / ____

ASSINATURA DO MONITOR_____
ASSINATURA DO ORIENTADOR

ANEXO II – Cadastro de Monitores**Cadastro de Monitores**

ANO DO PROGRAMA _____ PLANO N° _____

DADOS GERAIS

Setor: _____ Departamento _____

Professor orientador: _____ N° de matrícula: _____

Email: _____ Telefone _____

DADOS DO MONITOR

Nome: _____ N° de matrícula: _____

Data de Nascimento: ___/___/_____ Carteira de Identidade: _____

CPF: _____ Banco: _____ Agência: _____ C/C: _____

Endereço: _____

Cidade: _____ CEP: _____

E-mail: _____ Telefone _____

ANEXO III– Avaliação do programa pelo monitor

Avaliação do programa pelo monitor

Setor: _____ Departamento: _____

Curso: _____

Disciplina: _____ Código: _____

Monitor: _____ N° de registro: _____

Professor orientador: _____ N° de matrícula: _____

Início das atividades: __/__/____ Término das atividades: __/__/____

1. Já havia participado anteriormente de algum estágio, bolsa ou trabalho em alguma instituição?

Sim Não

2. Sentiu alguma dificuldade de entrosamento com os colegas do departamento?

Sim Não

3. Quanto ao horário, conseguiu desempenhar suas atividades sem prejuízo das atividades acadêmicas?

Sim Não

4. As atividades desenvolvidas contribuíram para o acréscimo na sua formação profissional?

Sim Não

5. Do ponto de vista econômico-financeiro, a remuneração da monitoria conseguiu atender às suas necessidades?

Sim Não

6. Quais os aspectos positivos e negativos que você vivenciou nesta experiência de monitoria?

ANEXO IV – Relatório de Atividades do Monitor**Relatório de Atividades do Monitor**

Curso: _____

Disciplina: _____ Código: _____

Monitor: _____ N° de registro: _____

Professor orientador: _____ N° de matrícula: _____

ANO: _____ Início: ___/___/___ Término: ___/___/___

Resumo:

Palavras-chaves:

Macapá-AP, _____ / _____ / _____

ASSINATURA DO MONITOR_____
ASSINATURA DO ORIENTADOR

ANEXO VI– Termo de Compromisso do Monitor

Termo de Compromisso

ANO DO PROGRAMA _____ PLANO N° _____

Eu, _____, aluno (a) do curso de _____, sob o registro n° _____ da Universidade Federal do Amapá, portador da cédula de identidade n° _____, CPF _____, residente à _____, n° _____, no bairro _____, da cidade de _____, CEP _____, comprometo-me a exercer a atividade de Monitoria, na forma da Lei n° 9394/96-LDB e da Resolução n° 09/2002-CONSU.

Para tanto, declaro estar ciente:

- a) Das referidas normas que regem o programa Monitoria, comprometendo-me a atender todas as suas determinações;
- b) Que este termo corresponde ao período constante no Plano de Atividades
- c) De que a aludida atividade não constitui em hipótese alguma, vínculo empregatício, sendo atividade realizada com e/ou sem a concessão de bolsa, de acordo com o Programa Institucional de Monitoria, fazendo jus aos benefícios somente enquanto estiver vinculado ao programa e convier à UNIFAP e estando vetado a participar de outro programa de bolsas dentro da UNIFAP neste período do Programa Monitoria.
- d) Do meu impedimento em acumular simultaneamente outro tipo de bolsa, sob pena de devolução do pagamento recebido indevidamente;
- e) De que somente com o cumprimento das atividades descritas no Plano de Atividades em anexo e entrega do relatório final, terei direito ao certificado de participação no programa.

Macapá-AP, _____ / _____ / _____

ASSINATURA DO MONITOR

APÊNDICE IX - SISTEMA DE AUTOAVALIAÇÃO DO CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS LICENCIATURA- QUESTIONÁRIOS

Sistema de Autoavaliação do Curso. O Sistema de Avaliação do curso prevê a elaboração e implementação de um sistema de avaliação das atividades desenvolvidas no Curso Licenciatura em Ciências Biológicas. A avaliação envolverá: avaliação do processo de ensino-aprendizagem dos docentes e avaliação do Curso de Ciências Biológicas.

AVALIAÇÃO DO PROFESSOR

Por favor, leia cada afirmação com atenção e responda Sim ou Não nas questões abaixo:

Nome do(s) professor(es)-

- 1) Demonstrou domínio do conteúdo ensinado.
- 2) Demonstrou didática na exposição do conteúdo.
- 3) Utilizou adequadamente os recursos didáticos (lousa, PowerPoint, materiais de laboratório).
- 4) Incentivou a participação dos alunos durante a aula.
- 5) Enriqueceu as aulas com material atualizado.
- 6) Estimulou o desenvolvimento do pensamento crítico.
- 7) Demonstrou interesse pela aprendizagem do aluno.
- 8) Compareceu assiduamente às aulas.
- 9) Cumpru os horários previstos para o início e término das aulas.
- 10) Teve postura ética.
- 11) Atendeu o aluno na sala de aula, quando solicitado.
- 12) Atendeu o aluno fora da sala de aula, quando solicitado.
- 13) Possibilitou análise e revisão de avaliações e esclarecimento de dúvidas.
- 14) Teve bom relacionamento (respeito) com a turma
- 15) Em geral, fiquei satisfeito com meu professor.

**ANEXO I- FICHA DE AVALIAÇÃO DO CURSO CIÊNCIAS BIOLÓGICAS LICENCIATURA-
DISCENTE**

Esse questionário tem por finalidade avaliar o curso de Ciências Biológicas Licenciatura e tem como objetivo contribuir para a melhoria da qualidade do curso. Não é necessário que você se identifique. Por favor, leia cada afirmação com atenção e responda Sim ou Não para as questões abaixo:

- 1) O curso oferece atividades de extensão.
- 2) O curso oferece atividades de ensino.
- 3) O curso oferece atividades de pesquisa.
- 4) O curso oferece oportunidade de flexibilização do currículo.
- 5) Os docentes estão comprometidos com a proposta do campus.
- 6) Conheço o projeto pedagógico do curso.
- 7) Considero ter feito a opção correta pelo curso de graduação.
- 8) O curso atende às minhas expectativas.
- 9) Conheço o perfil profissional proposto para o meu curso.
- 10) A estrutura do curso atende a formação do perfil profissional proposto.
- 11) Fui estimulado à participar da Iniciação Científica
- 12) É fácil conseguir estágios, bolsas e demais atividades na instituição.
- 13) É fácil conseguir estágios, bolsas e demais atividades no campus.
- 14) É fácil conseguir estágios, bolsas e demais atividades em outras instituições.
- 15) Há grande compatibilidade da formação dos docentes com a(s) disciplina(s) que ministram.

APÊNDICE X — REGIMENTO INTERNO DO NDE

REGIMENTO INTERNO DO NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

CAPÍTULO I

Da Natureza e das Finalidades

Art. 1 O presente Regimento disciplina a composição, as atribuições e o funcionamento do Núcleo Docente Estruturante – NDE – do Curso de Graduação Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal do Amapá.

Art. 2 O NDE do Curso Licenciatura em Ciências Biológicas tem por finalidade a criação, implantação, atualização periódica e consolidação do Projeto Pedagógico do Curso - PPC.

CAPÍTULO II

Das Atribuições

Art. 3 São atribuições do NDE:

- a. Discutir, elaborar, modificar e acompanhar a implantação do Projeto Pedagógico do Curso;
- b. Definir o perfil do formando egresso/profissional de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso Licenciatura em Ciências Biológicas e o Projeto Pedagógico Institucional - PPI;
- c. Estabelecer os objetivos do curso, indicando o compromisso deste em relação ao ensino, à pesquisa, à extensão e ao perfil do egresso;
- d. Promover a articulação e integração dos conteúdos disciplinares, tanto no plano horizontal como vertical;
- e. Encaminhar as propostas de reestruturação curricular ao Colegiado do Curso para aprovação;
- f. Supervisionar, analisar e atualizar a avaliação do processo de ensino-aprendizagem;
- g. Analisar os Planos de Ensino dos componentes curriculares do curso sugerindo adequações conforme o PPC;
- h. Acompanhar, atualizar, articular e adequar o PPC consoante a Comissão Própria de Avaliação - CPA, o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior – SINAES, o Exame

Nacional de Desempenho dos Estudantes – ENADE e o Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI;

- i. Emitir relatório semestral dirigido ao Colegiado do Curso.

CAPÍTULO III

Da Composição

Art. 4 O Núcleo Docente Estruturante é constituído pelo Coordenador do Curso e por no mínimo cinco (05) membros do corpo docente do Curso Licenciatura em Ciências Biológicas, conforme prevê a Resolução N° 01, de 17 de junho de 2010, da Comissão Nacional de Avaliação da Educação Superior (CONAES) e Res. 20/2018 CONSU/UNIFAP.

§ 1º O NDE é presidido pelo Coordenador do Curso Licenciatura em Ciências Biológicas, sendo que em sua ausência ou impedimento eventual, a presidência do NDE será exercida pelo vice coordenador ou um docente por ele designado.

§ 2º A indicação dos representantes docentes será feita pelo Colegiado do Curso, com mandato de dois (02) anos podendo ser prorrogado por igual período a critério do Colegiado do Curso.

§ 3º O presidente e os membros do NDE serão nomeados pelo Reitor, por meio de portaria específica.

§ 4º Todas as ausências nas reuniões do NDE devem ser justificadas.

§ 5º A ausência não justificada em duas reuniões ordinárias consecutivas ou três extraordinárias consecutivas implicará no desligamento do docente, cabendo ao colegiado do curso indicar o seu substituto.

§ 6º Caso um dos membros do NDE esteja no mandato de coordenador de curso, ele passa a acumular o cargo.

Art. 5 São requisitos necessários para atuação no NDE:

I- Titulação em nível de pós-graduação *stricto sensu*; - sendo pelo menos 50% (cinquenta por cento) de docentes com título de doutor;

II- Regime de trabalho em tempo integral (40 horas com ou sem DE);

III- Pertencer ao corpo docente do Curso Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal do Amapá.

IV- Docentes substitutos e temporários não poderão participar do NDE.

CAPÍTULO IV

Das Atribuições do Presidente

Art. 6 Ao Presidente do NDE compete:

- a. Coordenar e supervisionar os trabalhos do NDE;
- b. Organizar a pauta, convocar e presidir as reuniões do NDE;
- c. Exercer o voto de qualidade, quando ocorrer empate nas votações;
- d. Encaminhar as deliberações do NDE ao Colegiado do Curso;
- e. Designar um representante docente para secretariar e lavrar as atas;
- f. Representar o NDE sempre que assim for necessário;
- g. Promover a integração com a Instituição;
- h. Resolver questões de ordem.

CAPÍTULO V

Das Reuniões

Art. 7 O NDE reunir-se-á ordinariamente no início ou no final de cada mês e, extraordinariamente, sempre que convocado pelo Presidente ou pela maioria dos seus membros efetivos.

Art. 8 O quórum necessário para o início da reunião será de 50% (cinquenta por cento) dos membros do NDE, sendo que, passados 30 (trinta) minutos do horário estabelecido para o seu início, a mesma poderá ser realizada com um número mínimo de 03 participantes.

§ 1º As deliberações do NDE serão tomadas por maioria simples de votos.

§ 2º A reunião será presidida pelo Presidente ou pelo seu legítimo representante, na ausência deste.

CAPÍTULO VI

Das Disposições Finais

Art. 9 Os casos omissos e as dúvidas surgidas na aplicação do presente Regimento serão discutidos e resolvidos em reunião do NDE ou por órgão superior, em acordo a legislação vigente.

Art. 10 O presente Regimento entra em vigor após aprovação pelo Colegiado do Curso de Ciências Biológicas.

Esta Norma atualizada entra em vigor a partir da data de sua aprovação, revogadas as disposições em contrário.

APÊNDICE XI — ATIVIDADES DE EXTENSÃO

Professor Coordenador	Colaborador	Nome do Projeto
Andréa Soares de Araújo	Discentes do Curso	Estudo dos Padrões de Comportamento, aspectos reprodutivos e Tróficos do Peixe (acará festivo-Mesonauta festivus), do Anuro (Leptodactylus fuscus) e do Réptil (Gonatodes humeralis), no Estado do Amapá. Subprojeto: PEIXES E DINOS NAS ESCOLAS.
Carlos Eduardo Costa Campos	Discentes do Curso	Coleção Herptológica
Raimundo Nonato Picanço Souto	Discentes do Curso	A coleção didática de Arthropoda vai à escola: exposições itinerantes em escolas de ensino fundamental na cidade de Macapá
Wegliane Campelo		Intervenções Pedagógicas como Estratégias Didáticas para o Ensino de Botânica no Amapá.

APÊNDICE XII — ATIVIDADES DE PESQUISA

Docente	Projeto Cadastrado no Departamento de Pesquisa	Processo
Andrea Soares de Araújo	Coleção Didática de Ictiologia: Recurso para o ensino de Zoologia	PVS1455-2022
Alexandre Santiago	1. Caracterização da Fauna de Invertebrados Terrestres e Aquáticos em Unidades de Conservação do Estado do Amapá, Brasil. 2. Levantamento da Fauna de Invertebrados e Vertebrados da Resex Brilho de Fogo - Pedra Branca do Amapari –AP. 3. Caracterização da Fauna de Invertebrados Terrestres e Aquáticos em Ambientes do Parque Nacional Montanhas do Tumucumaque, brasil.	PIS1145-2020 PVS1455-2022 PVS1752-2023
Carlos Eduardo Campos	Herpotofauna da Amazônia Oriental: Contribuições Atuais e Perspectivas.	PV1324-2021
Cleydson Breno Rodrigues		
Dayse Sá	Estratégias Metodológicas para o Ensino de Ciências e Biologia	PIS1589-2022
Ledayane Mayana Barbosa	Construção de Coleção Didático Entomológico como Recurso para Práticas Educativas no Ensino de Ciências.	PVS1542-2021
Raimundo Nonato Picanço	1. Coleções Científicas e Didáticas de Arthropodas como Apoio ao Conhecimento da Biodiversidade no Estado do Amapá. 2. Formação, Manutenção Zoológica Científica e Didática de Grupos de Artropodas: Insecta, Crustácea, Myriapoda e Chelicerata	PVS1536-2021 PIS199
Wegliane Aparício	1. Ecologia e Sustentabilidade de Espécies Arbóreas em Florestas Ombrófilas Densas no Estado do Amapá. 2. Projeção para o Uso do Solo da Floresta Estadual do Amapá na Mudança Climática da Idade Contemporânea: Incentivos Econômicos para Projetos de Crédito de Carbono.	PVS1439-2021 PVS1412-2021

APÊNDICE XIII — LABORATÓRIOS DO CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

LABORATÓRIO	RESPONSÁVEL	ESTRUTURA PRESENTE
Artrópodes ARTHROLAB	Prof. Dr. Raimundo Nonato Picanço Souto Profa. Dra. Ledayane Mayana Costa Barbosa	Lupas binoculares; Microscópios bacteriológicos; Estufa modelo BOD; Computadores Desktop; Freezer frostfree -20°C; Refrigerador frostfree de 280L; Desumidificador; GPS; Vidraria; 02 (duas) centrais de ar; Armário de aço para acondicionar insetos em coleção; Balança de Precisão; Destilador de Água.
Biologia Molecular BIOMOL	Profa. Dra. Artemis do Socorro Nascimento Rodrigues	Centrifuga para eppendorf; Câmara de Fluxo Laminar; Cubas de eletroforese; Geladeira Duplex; Central de Ar; Bebedor de água mineral; Termociclador; Trans-iluminador; Autoclave; Forno Microondas; Pipetas automáticas; Fontes; Máquina de gelo; Banho-maria; Estantes; Vidraria.
Botânica Estrutural LABOT	Prof. Dr. Fernando Garcia; Profa. Dra. Wegliane Campelo Aparício da Silva	Bancadas para atividades; Vidrarias; Arquivo suspenso; Armário; Microscópio óptico binocular; Estantes; Armários; Duas Salas para professores com um Computador Desktop. Duas Centrais de ar no Laboratório e uma em cada Sala de Professor e Uma Estufa de secagem e esterilização.
Herbário HUFAP	Profa. Dra. Wegliane Campelo Aparício da Silva.	Bancadas específicas para microscópios; Quatro Estereomicroscópios; Dois Computadores Desktop; Dois Aparelhos de ar condicionado; Estantes; Prensas para exsiccatas; Armários; Estufa caseira de Madeira, Estufa caseira de campo, Uma Estufa de secagem e esterilização.
Histologia e Biologia Celular	Profa. Dra. Raphaelle Sousa Borges Prof. Dr. Carlos Eduardo Costa Campos	Bancadas específicas para microscópios; Microscópios ópticos binoculares; Televisão 32'' (polegadas) colorida; Microscópios Óptico Trinocular para Microfotografia e Microfilmagem com câmera filmadora e Monitor associado; Conjuntos de lâminas histológicas; Aparelho de condicionador de ar; Datashow.
Ictiologia e Limnologia LABLIMNO	Prof. Dr. Júlio César Sá de Oliveira	Bancadas específicas para microscópios e atividades; Microscópio óptico binocular; Estereoscópios; Computador c/impressora; Estufa de secagem; Aparelho de condicionador de ar; Bebedor de água mineral; Equipamentos de coleta de peixes e crustáceos; Geladeira; Freezer Vertical e Horizontal; Espectrofotômetro UV; Destilador; Deionizador; pHmetro digital p/ campo; pHmetro de bancada; Oxímetro p/campo; Oxímetro

LABORATÓRIO	RESPONSÁVEL	ESTRUTURA PRESENTE
		de bancada; Condutivímetro; Fotocolorímetro; Desumificador; Termo-Higro-anemômetro; Redes de Plâncton; GPS; Microscópio Triocular c/ câmera Fotográfica; Estereoscópio/ sistema de filmagem e monitor acoplado; Aquário; Bebedor água mineral; Turbidímetro; Estufa microbiológica; Câmara de Fluxo laminar; Estantes; Capela de exaustão de gases; Máquina fotográfica; Retroprojeter; Vidraria.
Zoologia de Invertebrados LABINVERT	Prof. Dr. Alexandre Souto Santiago	Bancadas específicas para microscópios; Estereomicroscópios; Computador; Geladeira; Centrais de ar condicionado; Vidraria; Equipamentos de captura de invertebrados terrestres e aquáticos; Terrários; Material didático natural conservado em frascos; Estantes para condicionamento de material biológico; Bibliografia especializada; Medidor portátil de pH; Medidor portátil de Oxigênio Dissolvido; Termômetro digital portátil; Termohigrômetro; Medido de pH de bancada; Medido de condutividade elétrica de banca; Microscópio binocular.
Zoologia de Vertebrados LABZOO	Prof. Dr. Carlos Eduardo Costa Campos Profa. Dra Andrea Soares de Araújo	Freezer horizontal; Lupas; Microscópio acoplado à câmara fotográfica e Filmadora com monitor; Armários e estantes; Balança Analítica de precisão 0,01 Kg; Pesolas; Armadilhas; Aquários; Terrários; Material didático natural conservado em meio líquido; Computador c/multimídia; Câmera Fotográfica; Filmadora; Binóculos; Estereoscópios; Equipamentos de captura de herpetofauna e ornitofauna; Aparelho de condicionador de ar; Bebedor água mineral; Vidraria; Barco do tipo voadeira com motor de 15 HP.
Herpetologia HERPETOLAB	Prof. Dr. Carlos Eduardo Costa Campos	Bancadas para microscópios e atividades; Computador Desktop c/impressora; Notebook; Freezer Horizontal; 04 (quatro) estantes dupla face; quadro branco; Vidrarias; Arquivo; Armário; 02 (duas) balanças de precisão; 01 (um) decibelímetro e 02 (duas) pesolas, Gravador com microfone de alta sensibilidade; Datashow; Bebedor de água mineral.
Química e Bioquímica LABQUIM	Prof. Dr. Cleydson Breno Rodrigues dos Santos Profª. Dra. Elizabeth Viana Moraes da Costa	Bancadas centrais e laterais para atividades; 03 (três) pias; 03 (três centrais de ar); 01 (um) quadro branco; 02 Computadores Desktop com estabilizador; 01 (um) roteador; 05 (cinco) mesas; 03 (três) cadeiras giratórias; 02 (duas) estantes dupla face; vidrarias diversas; materiais de laboratório diversos; materiais de expediente diversos; Destilador; Capela; pHmetro de bancada; Balança Analítica.
Paleontologia PALEOLAB	Profa. Dra. Andrea Soares de Araújo	Bancadas para atividades; 2 Centrais de ar condicionado; Computador Desktop; Notebook; Impressora; Armário; Mesas de escritório; Estante dupla face; Arquivo; Freezer horizontal; Data-show; Réplicas de

LABORATÓRIO	RESPONSÁVEL	ESTRUTURA PRESENTE
		fósseis; Fósseis; Bebedor de água mineral.
Prática de Ensino LAPE	Profa. MSc. Dayse Maria da Cunha Sá	Bancadas centrais e laterais para atividades; 04 (quatro pias); 01 (um) computador e impressora; 01 (um) Retroprojeter, televisão, materiais didáticos confeccionados por alunos; 02 armários; 01 (uma) estante dupla face; 01 (um) roteador; 02 (duas) mesas; 02 (duas) cadeiras giratórias; 02 (dois) quadros brancos; 03 (três) centrais de ar.
Modelagem e Química Computacional LMQC	Prof. Dr. Cleydson Breno Rodrigues dos Santos	Central de ar condicionado; 8 Computadores Desktop com estabilizador; 2 Mesas de escritório; Cadeiras; Data-show; Armários superiores; Bebedouro de água mineral; Software GAUSSIAN; Software DISCOVERY STUDIO.
Coleções Biológicas	Prof. Dr. Raimundo Nonato Picanço Souto	Computador Desktop; Aparelho de ar condicionado; Bebedor de água mineral; Desumidificador; Estantes; Armário Entomológico; Armário duplo para acondicionamento da Coleção Biológica.
Insetário	Profa. Dra.. Ledayane Mayana Costa Barbosa	Desumidificador; Bacias para as larvas; Gaiola para alados; Termômetro; Estantes.

**APÊNDICE XIV — NORMAS DE SEGURANÇA DOS LABORATÓRIOS DO
CURSO LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
COORDENAÇÃO DO CURSO LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**



**NORMAS BÁSICAS DE SEGURANÇA
NO LABORATÓRIO**



Normas Básicas de Biossegurança em Laboratório:

Biossegurança é um conjunto de procedimentos, ações, técnicas, metodologias, equipamentos e dispositivos capazes de eliminar ou minimizar riscos inerentes as atividades de pesquisa, produção, ensino, desenvolvimento tecnológico e prestação de serviços, que podem comprometer a saúde do homem, dos animais, do meio ambiente ou a qualidade dos trabalhos desenvolvidos. A responsabilidade da manutenção da biossegurança cabe a todos que utilizam o laboratório, professores, técnicos, estagiários, monitores e alunos.

Toda e qualquer atividade prática a ser desenvolvida dentro de um laboratório apresenta riscos e estão propensas a acidentes. Dessa forma, é importante a adoção das Boas Práticas em Laboratório, que são previstas em manuais, resoluções e em normas ou instruções normativas. Evitando assim, a contaminação do pessoal do laboratório, da limpeza, dos equipamentos, do meio ambiente através de aerossóis, além dos cuidados com o descarte dos materiais. Neste contexto, é necessário saber os procedimentos gerais recomendados em casos de acidentes. Este texto é destinado aos acadêmicos e profissionais do Curso de Ciências Biológicas e tem por finalidade conscientizá-los quanto às normas de biossegurança.

Boas Práticas de Laboratório:

1. Recomendações Gerais:

- 1.1. Lavar as mãos cuidadosamente com água e sabão neutro e/ou desinfetante adequado antes e após as atividades, após manusear material biológico e/ou animais, antes de sair do laboratório ou quando souber ou acreditar que as mãos estejam contaminadas;
- 1.2. Nunca pipete com a boca, nem mesmo água destilada. Use dispositivos de pipetagem mecânica.
- 1.3. Não coma, beba, fume, masque chiclete ou utilize cosméticos no laboratório.
- 1.4. Evite o hábito de levar as mãos à boca, nariz, olhos, rosto ou cabelo, no laboratório.
- 1.5. Objetos de uso pessoal não devem ser guardados no laboratório.

- 1.6. Utilize jalecos ou outro tipo de uniforme protetor, de algodão, apenas dentro do laboratório. Não utilize essa roupa fora do laboratório.
- 1.7. Não devem ser utilizadas sandálias ou sapatos abertos no laboratório.
- 1.8. Utilize luvas quando manusear material infeccioso.
- 1.9. Não devem ser usados jóias ou outros adornos nas mãos, porque podem impedir uma boa limpeza das mesmas.
- 1.10. Mantenha a porta do laboratório fechada. Restrinja e controle o acesso do mesmo.
- 1.11. Use cabine de segurança biológica para manusear material infeccioso ou materiais que necessitem de proteção contra contaminação.
- 1.12. Utilize dispositivos de contenção ou minimize as atividades produtoras de aerossóis, tais como operações com grandes volumes de culturas ou soluções concentradas. Essas atividades incluem: centrifugação (utilize sempre copos de segurança), misturadores tipo Vortex (use tubos com tampa), homogeneizadores (use homogeneizadores de segurança com copo metálico), sonicagem, trituração, recipientes abertos de material infeccioso, frascos contendo culturas, inoculação de animais, culturas de material infeccioso e manejo de animais.
- 1.13. Qualquer pessoa com corte recente, com lesão na pele ou com ferida aberta (mesmo uma extração de dente), deve abster-se de trabalhar com patógenos humanos.
- 1.14. Coloque as cabines de segurança biológica em áreas de pouco trânsito no laboratório, minimize as atividades que provoquem turbulência de ar dentro ou nas proximidades da cabine.
- 1.15. As cabines de segurança biológica não devem ser usadas em experimentos que envolvam produtos tóxicos ou compostos carcinogênicos. Neste caso utilizam-se capelas químicas.
- 1.16. Descontamine todas as superfícies de trabalho diariamente e quando houver
- 1.17. respingos ou derramamentos. Observe o processo de desinfecção específico para escolha e utilização do agente desinfetante adequado.

1.18. Coloque todo o material com contaminação biológica em recipientes com tampa e a prova de vazamento, antes de removê-los do laboratório para autoclavagem.

1.19. Descontamine por autoclavagem ou por desinfecção química, todo o material com contaminação biológica, como: vidraria, caixas de animais, equipamentos de laboratório etc., seguindo as recomendações para descarte desses materiais.

1.20. Descontamine todo equipamento antes de qualquer serviço de manutenção.

1.21. Seringas com agulhas ao serem descartadas devem ser depositadas em recipientes rígidos, a prova de vazamento e embalados como lixo patológico.

1.22. Vidraria quebrada e pipetas descartáveis, após descontaminação, devem ser

1.23. colocadas em caixa com paredes rígidas rotulada “vidro quebrado” e descartada como lixo geral.

1.24. Saiba a localização do lava olhos, chuveiro de segurança e extintor de incêndio. Saiba como usá-los.

1.25. Mantenha preso em local seguro todos os cilindros de gás, fora da área do laboratório e longe do fogo.

1.26. Zele pela limpeza e manutenção de seu laboratório, cumprindo o programa de limpeza e manutenção estabelecido para cada área, equipamento e superfície.

1.27. Todo novo funcionário ou estagiário deve ter treinamento e orientação específica sobre BOAS PRÁTICAS LABORATORIAIS e PRINCÍPIOS DE BIOSSEGURANÇA aplicados ao trabalho que irá desenvolver.

1.28. Qualquer acidente deve ser imediatamente comunicado à chefia do laboratório, registrado em formulário específico e encaminhado para acompanhamento junto a Comissão de Biossegurança da Instituição.

1.29. Fique atento à qualquer alteração no seu quadro de saúde e dos funcionários sob sua responsabilidade, tais como: gripes, alergias, diarreias, dores de cabeça, enxaquecas, tonturas, mal estar em geral, etc... e notifique imediatamente à chefia do laboratório.

1.30. Prender os cabelos;

1.31. Limitar o tráfego através das áreas do laboratório; não permitindo a entrada de visitas casuais e crianças antes das devidas instruções. É necessário que elas sejam acompanhadas sempre pelo responsável pelo laboratório;

1.32. Periodicamente, limpar refrigeradores. Se contiver material infectante, utilizar luvas durante a limpeza e desinfecção;

1.33. Não trabalhar com vidraria quebrada;

1.34. Usar óculos de segurança nas atividades que apresentam riscos como UV, aerossóis;

2. **Uso obrigatório de EPI e EPC (Barreiras Primárias):**

2.1. **Luva:**

- O uso de luvas não substitui a necessidade da lavagem das mãos
- Usar luvas de látex sempre que houver contato com sangue, fluídos do corpo, dejetos, trabalho com microrganismos e animais.

- Lavar instrumentos e superfícies de trabalho sempre usando luvas.
- Não usar luvas fora da área de trabalho, não abrir portas, não atender telefone.

- Não reutilizar as luvas.

2.2. **Jaleco (avental):**

- São de uso constante nos laboratórios e constituem uma proteção para o profissional.

- Devem sempre ser de mangas longas, confeccionados em algodão ou fibra sintética (não inflamável).

- Os descartáveis devem ser resistentes e impermeáveis.
- Uso de jaleco é permitido somente na área técnica e nunca fora dela.
- Jalecos não devem ser colocados no armário onde são guardados objetos pessoais.

- Devem ser descontaminados antes de serem lavados

2.3. **Outros EPI's**

- **Óculos** de Proteção e Protetor Facial (protege contra salpicos, borrifos, gotas, impacto).
- **Máscara:** devem ser usadas sempre que manipuladas substâncias químicas com alto teor de evaporação e em áreas de alta contaminação com agentes biológicos. As máscaras podem e devem ser usadas também no sentido de não contaminarmos o ambiente. Utilizar máscaras adequadas ao procedimento a ser realizado; (fibra sintética descartável, com filtro HEPA, filtros para gases, pó etc.).
 - Avental impermeável.
 - Luvas de borracha, amianto, couro, algodão e descartáveis.
 - Dispositivos de pipetagem (borracha peras, pipetadores automáticos, etc.)
- **Gorro:** Em áreas de controle biológico, utilizar gorro;

2.4. Cabines de Segurança

- As Cabines de Segurança Biológica constituem o principal meio de contenção e são usadas como barreiras primárias para evitar a fuga de aerossóis para o ambiente. Podem ser de 3 tipos: Classe I, Classe II – A, B1, B2, B3 e Classe III

2.5. Fluxo Laminar de Ar

2.6. Capela Química NB

- Cabine construída de forma aerodinâmica cujo fluxo de ar ambiental não causa turbulências e correntes, assim reduzindo o perigo de inalação e contaminação do operador e ambiente.

2.7. Chuveiro de Emergência

- Chuveiro de aproximadamente 30 cm de diâmetro, acionado por alavancas de mão, cotovelos ou joelhos. Deve estar localizado em local de fácil acesso.

2.8. Lava olhos

- Dispositivo formado por dois pequenos chuveiros de média pressão, acoplados a uma bacia metálica, cujo ângulo permite direcionamento correto do jato de água. Pode fazer parte do chuveiro de emergência ou ser do tipo frasco de lavagem ocular.

2.9. Manta ou Cobertor

- Confeccionado em lã ou algodão grosso, não podendo ter fibras sintéticas. Utilizado para abafar ou envolver vítima de incêndio.

2.10. Vaso De Areia

- Também chamado de balde de areia, é utilizado sobre derramamento de álcalis para neutralizá-lo.

2.11. Extintor de Incêndio a Base de Água

- Utiliza o CO₂ como propulsor. É usado em papel, tecido e madeira. Não usar em eletricidade, líquidos inflamáveis, metais em ignição.

2.12. Extintor de Incêndio de CO₂ em Pó

- Utiliza o CO₂ em pó como base. A força de seu jato é capaz de disseminar os materiais incendiados. É usado em líquidos e gases inflamáveis, fogo de origem elétrica. Não usar em metais alcalinos e papel.

2.13. Extintor de Incêndio de Pó Seco

- Usado em líquidos e gases inflamáveis, metais do grupo dos álcalis, fogo de origem elétrica.

2.14. Extintor de Incêndio de Espuma

- Usado para líquidos inflamáveis. Não usar para fogo causado por eletricidade.

2.15. Extintor de Incêndio de BCF

- Utiliza o bromoclorodifluorometano. É usado em líquidos inflamáveis, incêndio de origem elétrica. O ambiente precisa ser cuidadosamente ventilado após seu uso.

2.16. Mangueira de Incêndio

- Modelo padrão, comprimento e localização são fornecidos pelo Corpo de Bombeiros.

3.

Eliminação de

Resíduos, Amostras e Material Usado:

3.1. As vidrarias contaminadas devem ser autoclavadas antes de serem lavadas e reutilizadas;

3.2. Resíduos de amostras e outros materiais a serem descartados, deverão ser acondicionados em sacos plásticos apropriados, autoclavados e desprezados em lixo comum;

3.3. Utilizar Controle de Qualidade de esterilização dos materiais, através de testes biológicos e químicos;

3.4. Desinfecção com álcool a 70% nas bancadas, e em outras superfícies de trabalho no início e após qualquer atividade;

3.5. Cuidados máximos com materiais perfurocortantes (agulhas, lancetas e lâminas), descartando os mesmos dentro de recipiente de parede rígida (caixa de papelão) a prova de vazamento e de perfuração, devidamente identificado.

4. Outras Recomendações práticas:

4.1. O acesso aos laboratórios deve ser limitado ou restrito, de acordo com as definições da Coordenação do laboratório.

4.2. Deve-se ler atentamente os rótulos dos frascos dos reagentes, antes de utilizá-los, pois neles há informações importantes para a sua manipulação segura;

4.3. Procurar manter as técnicas e procedimentos utilizados em seu trabalho sempre atualizados;

4.4. Manter o controle de imunização atualizado;

4.5. Procurar se atualizar quanto às normas e práticas de biossegurança.

4.6. Prepare-se antes de tentar realizar os experimentos, com leitura e entendimento dos roteiros experimentais; consulte, para isso a literatura especializada. Em caso de dúvidas, discuta o assunto com o professor antes de tentar fazer o experimento.

4.7. Evite trabalhar sozinho no laboratório, a presença de outras pessoas será sempre uma valiosa ajuda em caso de acidentes.

4.8. Conserve sempre limpos os equipamentos, vidrarias e sua bancada de trabalho. Evite derramar líquidos, mas, se o fizer, limpe o local imediatamente.

4.9. Gavetas e portas dos armários devem ser mantidas sempre fechadas quando não estiverem sendo utilizadas.

4.10. Leia com atenção os rótulos dos frascos de reagentes químicos, para evitar pegar o frasco errado. Certifique-se de que o reagente, contido no frasco, seja exatamente o citado no roteiro experimental.

4.11. Nunca torne a colocar, no frasco, o reagente não utilizado. Não coloque objeto algum nos frascos de reagentes, exceto o conta-gotas de que alguns são providos.

4.12. Evite contato físico com qualquer tipo de reagente químico. Tenha cuidado ao manusear substâncias corrosivas como ácidos e bases use a Capela.

4.13. Para diluir ácido concentrado, adicione o ácido lentamente, com agitação constante, sobre a água. Com essa metodologia adequada, o calor gerado, no processo de mistura, será absorvido e dissipado no meio. NUNCA proceda ao contrário (água sobre o ácido).

4.14. Nunca deixe frascos contendo reagentes químicos inflamáveis próximos à chama.

4.15. Não deixe nenhuma substância sendo aquecida por longo tempo sem supervisão.

4.16. Não jogue nenhum material sólido dentro das pias ou ralos.

4.17. Não aqueça tubos de ensaio com a extremidade aberta voltada para si mesmo ou para alguém próximo. Sempre que possível o aquecimento deve ser feito na Capela.

4.18. Não deixe recipientes quentes em lugares em que possam ser pegos inadvertidamente. Lembre-se de que o vidro quente tem a mesma aparência do vidro frio.

4.19. O bico de Bunsen deve permanecer aceso somente quando estiver em uso.

4.20. Não trabalhe com material imperfeito.

4.21. Em caso de acidentes, comunique o professor imediatamente. Ele deverá decidir sobre a gravidade do acidente e tomar as atitudes necessárias.

4.22. Em caso de alguma alergia, gravidez ou, em qualquer outra situação que possa ser afetado quando exposto a determinados reagentes químicos comunique ao professor logo no primeiro dia de aula.

4.23. Comunique o professor, monitor ou técnico sempre que notar algo anormal no laboratório.

4.24. Faça apenas as experiências indicadas pelo professor. Caso deseje tentar qualquer tipo de modificação do roteiro experimental discuta com o professor antes de fazê-lo.

4.25. As brincadeiras/distrações ou conversas paralelas podem causar sérios acidentes, quando em hora inoportuna.

4.26. Não se devem acumular materiais sobre bancadas e pias. Todo material que não estiver em uso deve ser guardado limpo, em lugar apropriado.

OBS.: O não cumprimento das normas implica em risco para todos os funcionários e acadêmicos do Curso de Ciências Biológicas da UNIFAP.

“A valorização da biossegurança e da bioética como parte de uma política educacional científica, efetiva e consistente, pode estimular a formação de indivíduos com uma consciência científica e cidadã, em condições de participar das questões de natureza ética e tecnológica produzidas pela biotecnologia.” **Marcos De Bonis**